

Biossegurança e Biopolítica no Século XXI

Organização
Cleci Maraschin
Francisco Javier Tirado Serrano



ABRAPSO
Associação Brasileira de Psicologia Social

Biossegurança e biopolítica no século XXI

Organizadores

Cleci Maraschin

Francisco Javier Tirado Serrano



Porto Alegre

2016



Editores

Ana Lúcia Campos Brizola

Cleci Maraschin

Neuza Maria de Fatima Guareschi

Conselho Editorial

Ana Maria Jacó-Vilela – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Andrea Vieira Zanella - Universidade Federal de Santa Catarina

Benedito Medrado-Dantas - Universidade Federal de Pernambuco

Conceição Nogueira – Universidade do Minho, Portugal

Francisco Portugal – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lupicinio Íñiguez-Rueda – Universidad Autonoma de Barcelona, España

Maria Lúvia do Nascimento - Universidade Federal Fluminense

Pedrinho Guareschi – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Peter Spink – Fundação Getúlio Vargas

Edição de textos: Gerusa Boldan, Studio S e Tarcício Osório Ferreira

Editoração eletrônica: Rita Xavier Machado

Projeto gráfico: Studio S



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir da obra, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.



Sobre a ABRAPSO

A ABRAPSO é uma associação sem fins lucrativos, fundada durante a 32ª Reunião da SBPC, no Rio de Janeiro, em julho de 1980. Fruto de um posicionamento crítico na Psicologia Social, desde a sua criação, a ABRAPSO tem sido importante espaço para o intercâmbio entre estudantes de graduação e pós-graduação, profissionais, docentes e pesquisadores. Os Encontros Nacionais e Regionais da entidade têm atraído um número cada vez maior de profissionais da Psicologia e possibilitam visualizar os problemas sociais que a realidade brasileira tem apresentado à Psicologia Social. A revista *Psicologia & Sociedade* é o veículo de divulgação científica da entidade.

<http://www.abrapso.org.br/>

Diretoria Nacional da ABRAPSO 2016-2017

Presidente: Emerson Fernando Rasera

Primeiro Secretário: Maristela de Souza Pereira

Segundo Secretário: Dolores Galindo

Primeira Tesoureira: Marco Antônio Torres

Segunda Tesoureira: Marcos Ribeiro Mesquita

Suplente: Flavia Cristina Silveira Lemos

Primeira Presidenta: Silvia Tatiana Maurer Lane (gestão 1980-1983)

Ficha Catalográfica elaborada por Juliana Frainer CRB 14/1172

B616

Biossegurança e biopolítica no século XXI / Cleci Maraschin e Francisco Javier Tirado (Organizadores) – Porto Alegre: ABRAPSO, 2016. 300 p.

Inclui Bibliografia e Tabelas.

ISBN: 978-85-86472-30-5

1. Biossegurança. 2. Biopolítica. 3. Política Internacional. I. Maraschin, Cleci. II. Tirado, Francisco Javier. III. Título.

CDU – 577.23

CDD – 363.15

Apoio:



Sumário

Apresentação	09
Prefácio, por Swen Seebach.....	11
Introdução	18

Capítulo 1

A emergência do cérebro como dispositivo para a gestão dos riscos e da vida	29
--	-----------

Marcos Adegas de Azambuja e Neuza Maria de Fátima Guareschi

Capítulo 2

Direitos Humanos e Biopolítica: conversações entre Karl Marx, Hannah Arendt, Gilles Deleuze e Giorgio Agamben	58
--	-----------

Édio Ranieri e Cleci Maraschin

Capítulo 3

Políticas em stand-by: biogobernanza de emergencias biológicas y escenarios virtuales de bioseguridad	87
--	-----------

Jose A. Cañada

Capítulo 4

Conocimiento y riesgo en biomedicina	113
---	------------

José Luis González Quirós

Capítulo 5	
Em defesa de uma espécie em perigo: Biogovernamentalidade na Etologia Humana de Konrad Lorenz	149
<i>Arthur Arruda Leal Ferreira</i>	
Capítulo 6	
Nutrindo os vírus: a biossegurança nas fazendas e nos laboratórios ...	169
<i>Frédéric Keck</i>	
Capítulo 7	
Estado dispersivo e biopolítica contemporânea: alguns percursos genealógicos da emergência do presente	198
<i>Luis Artur Costa</i>	
Capítulo 8	
Nuevas clasificaciones de lo Bio-antropológico: la “ancestría” entre la variabilidad y la seguridad genética	222
<i>Andrés Gomez Seguel y Sergio Flores Carrasco</i>	
Capítulo 9	
El papel de la Unión Europea en las grandes crisis CBRNE	239
<i>Iñigo de Miguel Beriain y Ekain Payán Ellacuria</i>	
Capítulo 10	
¿Qué es la bioseguridad? Lo biótico y los regímenes de vitalidad	268
<i>Francisco Tirado, Enrique Baleriola, Tiago M. do A. Giordani y Pedro Torrejón</i>	
Sobre os autores	296

Apresentação

O presente livro resulta de uma parceria, iniciada em 2009, entre o Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas (NUCOGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Grupo de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (GESCIT) da Universidade Autônoma de Barcelona. Durante esses anos, estudantes de graduação e de pós-graduação realizaram estágios em Barcelona e professores das duas universidades ministraram cursos e participaram de atividades científicas em ambas instituições.

Em 2014, quando da realização do estágio de pós-doutoramento de Tiago Melgarejo do Amaral Giordani no GESCIT, nasceu a proposição da escrita de um livro em conjunto. A proposta era tratar questões atuais, vinculadas aos programas de pesquisa dos dois grupos e com pouca literatura nos países de língua latina. Biossegurança e biopoder são temas de interesse ao campo das ciências humanas pois instauram regimes de prevenção, de segurança e de exceção que avançam em diferentes escalas. Desde os blocos econômicos, passando pelas cidades, pelos domínios de conhecimento, pelas práticas jurídicas e científicas, pela conduta pessoal e pelos exercícios com seus neurônios. Um poder transversal que modula a vida humana e não-humana. Assim nasceu a problemática do livro que ora disponibilizamos aos leitores.

Apresentação

Por ser fruto de uma parceria entre grupos de pesquisa de dois países de línguas diferentes, o livro leva a marca dessa origem. Os textos são escritos em português e/ou espanhol de acordo com a nacionalidade de seus autores. Exceção feita aos autores de outras nacionalidades, cujos textos foram traduzidos para o português.

A concretização do livro se tornou possível pelo financiamento do mesmo através do Programa de Editoração e Publicação de Obras Científicas, estabelecido entre a Capes e a Fapergs e pela sua aprovação na Editora da Abrapso. Um agradecimento especial à Ana Brizola e a sua equipe que nos auxiliaram na operacionalização do livro.

Os Organizadores



Prefacio

Swen Seebach

Hace casi medio siglo, Michel Foucault describió en su famosa lectura “Hay que Defender la Sociedad” cómo la aplicación del poder y la forma de gobernar la sociedad cambió durante el siglo XIX. Mientras que, hasta entonces, el gobierno tradicional se basaba en las lógicas del “dejar vivir y hacer morir” (Foucault 2003:240) que otorgaban al soberano el derecho de decidir qué vida continuaban y qué vidas debían acabar. El siglo XIX introdujo una nueva forma de gobernanza, parcialmente construida en esas formas de poder tradicionales, pero, al mismo tiempo las reorganizó bajo una nueva estrella. El poder de gobernar, ahora, no se definía solamente por el derecho de decidir si alguien debe seguir formando parte de la sociedad, sino moldear la vida de todos aquellos en una sociedad y organizarles en el nombre de la vida en sí misma. Foucault nos habla aquí de la aparición del derecho de “hacer” vivir y “dejar” morir (Foucault 2003, p. 241) el cual debía ser entendido como el moldeamiento de la sociedad entera, mediante el desarrollo de formas para entender, conceptualizar y analizar esta “masa global” en sus procesos vitales (nacimientos, muertes, producción y enfermedad) y la consecuente intención de controlar esos factores (p. 243). Esta nueva forma de

poder es lo que Foucault llamó bio-poder o bio-gobernanza, ella puede entenderse como un “conjunto de mecanismos mediante los cuales las características biológicas básicas de la especie humana devienen el objeto de una estrategia política, de una estrategia general de poder, o, en otras palabras, cómo las sociedades tienen en cuenta el hecho biológico fundamental de que los seres humanos son especie” (Michel Foucault, 2009, p. 1).

La bio-regulación de los hombres como especie, sin embargo, solamente ha ocurrido como predijo Foucault con lo endémico, con lo que acompaña a la sociedad y marca la vida de los miembros sociales continuamente. Pero la bio-regulación también se ejecuta en forma de una vinculación de la sociedad con el mercado para que la gente se prepare y sepa cómo prepararse para hacer lo mejor (económicamente) para sus vidas. Lo que Foucault descartaba en su relevancia, lo epidémico, entendido como un momento de excepción de la vida, no ha sido útil exclusivamente para la protección y la gobernanza de la sociedad pre-moderna, lo epidémico también contribuye al desarrollo del bio-poder, y a partir del momento en el que la bio-gobernanza contemporánea se ha desplegado sobre la sociedad, el epidémico entró en una forma distinta.

Dicho de otra forma, por un lado, la gobernanza de la vida se centró en aquellos factores que no matan pero que son un riesgo económico importante para el estado y el mercado; y por el otro lado esta gobernanza introdujo al mismo tiempo las epidemias (y otros riesgos excepcionales) como una amenaza, pero no como en otros momentos históricos, en forma de hechos extraordinarios puntuales; sino como amenazas continuas, que debían ser confrontadas a largo plazo y necesitan una coordinada preparación a nivel político, social e individual.

La bio-gobernanza expresándose en la proyección de emergencias continuas, no hace al cuerpo individual desaparecer en favor de la masa o especie, como sugiere Foucault, sino que lo invoca como lugar de peligro al lado del cuerpo colectivo, que depende de este y

tiene una influencia crucial en él. De hecho, donde la bio-seguridad, centrada en el cuerpo social colectivo, se encuentra con el cuerpo individual infectado, es donde probablemente las formas tradicionales de la gobernanza por medio de la disciplina se conecten y encuentren sinergias positivas con las nuevas formas de gobernanza, que se plasmen en la regulación de la vida de los humanos como especie.

Si queremos imaginar por qué aparece una capa adicional al proyecto Foucaultiano sobre el bio-poder, podríamos argumentar que en una sociedad compuesta de individuos auto-responsables, el poder puede solo controlar y permear sus prácticas y prepararlos para todo tipo de riesgos relacionados con los seres humanos como especie; cuando estos individuos realmente se sientan bajo una amenaza en tanto individuos y especie é que se abren para la intervención de las practicas de gobernanza.

El auge de la bioseguridad como una parte central de las prácticas actuales de gobernanza está perfectamente reflejado en el incremento de las prácticas políticas institucionales en las que la terminología y las lógicas de bioseguridad aparecen como factores esenciales por el cuidado del futuro de la sociedad, lo humano y la vida individual. Como fué señalado, la política de bioseguridad no puede detenerse a un nivel social general, sino que debe entrar profundamente en la sociedad con el fin de proyectar y prevenir riesgos.

Las prácticas políticas institucionales construidas sobre la bioseguridad se han centrado especialmente en tres campos hacia los que la atención política y social debe ser dirigida con el fin de prepararse para posibles riesgos futuros y para procurar evitarlos. Estos tres campos de amenazas son: enfermedades infecciosas/epidemias, bioterrorismo y los riesgos provenientes de accidentes en laboratorios. En estos tres campos podemos ver claramente cómo los asuntos sobre bioseguridad refieren a un nivel micro y macro de observación, prevención e intervención. Instituciones, como la OMS, han desarrollado documentos estratégicos como el “Communicable disease alert and response for mass gatherings: key considerations” y

planes de prevención de riesgos en el campo de los biorriesgos (2006 y 2007). Marcos legales para el caso de las bio-emergencias han sido creados a niveles supra-nacionales y nacionales, y permiten intervenir en el cuerpo social en el caso de una bio-emergencia o ante la posibilidad de una amenaza biológica.

Estos documentos estratégicos, los marcos legales y la amplia aprobación social de adoptar medidas excepcionales en el caso de un bio-riesgo, han proporcionado poderes y capacidades para ir más allá de leyes, derechos y el orden político, a políticos y también a actores con intereses políticos no elegidos democráticamente. En este sentido, el biorriesgo y la bioseguridad son fenómenos políticos que facilitan acciones e intervenciones más allá de la esfera política legitimada desinflando su potencial. Esto no significa que los biorriesgos no son “reales”. En un mundo en el que las fuerzas tecnológicas, económicas y sociales están ampliamente extendidas y sin formas de control pautadas, las epidemias, los accidentes en laboratorios y el bioterrorismo son amenazas que potencialmente pueden aumentar, que pueden tener efectos y tener efectos más intensivos y extensivos, por lo que deberían estar controladas por las fuerzas políticas, médicas y militares tradicionales. Sin embargo, es difícil separar una realidad de otra.

El asunto se torna incluso más complicado cuando tenemos en cuenta que todos los tipos de productos culturales han ocupado el asunto de las bio-amenazas y bio-emergencias. Parcialmente basándose en o al menos jugando con las profecías de las bio-emergencias (Caduff, 2015) proyectadas en instituciones políticas y medicas, los medios complementan, promueven y cultivan discursos e imaginarios de bio-amenazas en la vida cotidiana de la gente. La presencia de bio-amenazas y bio-emergencias en los medios de comunicación de masa refleja también cómo de profundo ha calado la biopolítica de las emergencias en los imaginarios colectivos e individuales.

No debería ser una sorpresa entonces, que una amplia variedad de autores de diferentes disciplinas ha empezado a dedicar su trabajo

académico al tema de la bioseguridad. Además de la gran cantidad de investigadores que han dedicado su trabajo a refinar y mejorar la prevención y la confrontación de los biorriesgos, existe también un número de autores que, siguiendo la tradición de Foucault, han analizado los desarrollos de la bioseguridad críticamente. Braun (2007), Collier y Lakoff (2008 y 2004 con Rabinow). Dillon y Lobo-Guerrero (2008), Tirado (2011 con Cañada, y 2012 con Galvez y Castillo) y otros han centrado sus reflexiones en la relación entre biopolítica, bioseguridad y las nuevas formas de gobierno, y contribuyen así con una perspectiva crítica a este campo.

Este libro contribuye con material y pensamientos adicionales para el análisis, la reflexión crítica y la discusión de la bioseguridad. La colección de contribuciones de diferentes autores, con distintos antecedentes académicos, ayudará a escarbar más profundamente en la bioseguridad como un asunto urgente, como parte de una biogobernanza y como un campo en el cual los investigadores de distintas disciplinas pueden y deben conocerse para discutir el significado y el desarrollo de la política y de la vida entendida como bios.

Referencias

- Braun, B. (2007). Biopolitics and the molecularization of life. *Cultural Geographies*, 14(1), 6-28. Acesso em <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1474474007072817>
- Caduff, C. (2015). *The pandemic perhaps: dramatic events in a public culture of danger*. Oakland, Ca: Univ of California Press.
- Collier, S. J., Lakoff, A., & Rabinow, P. (2004). Biosecurity: towards an anthropology of the contemporary. *Anthropology Today*, 20(5), 3-7. Acesso em http://anthropos-lab.net/wp/publications/2007/01/collier_et_al_2004.pdf
- Dillon, M. & Lobo-Guerrero, L. (2008). Biopolitics of security in the 21st century: an introduction. *Review of International Studies*, 34(02), 265-292.
- Foucault, M. (2003). *Society must be defended: lectures at the collège de france*. New York: Picador.
- Foucault, M. (2007). *Security, territory, population*. New York: Palgrave Macmillan.
- Hinchliffe, S. & Bingham, N. (2008). Securing life: the emerging practices of biosecurity. *Environment and Planning A*, 40(7), 1534-1551. Acesso em <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1068/a4054>
- Lakoff, A. & Collier, S. J. (2008). *Biosecurity interventions: global health & security in question*. New York: Columbia University Press.
- Mather, C. & Marshall, A. (2011). Biosecurity's unruly spaces. *The Geographical Journal*, 177(4), 300-310. Acesso em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/geoj.2011.177.issue-4/issuetoc>

Prefácio

Tirado, F., Gálvez, A., & Castillo, J. (2012) Movimiento y regímenes de vitalidad. La nueva organización de la vida en la biomedicina. *Política y Sociedad*, 49, 571-590. Acceso em <http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/38545/39571>

Tirado, F. & Cañada, J. A. (2011) Epidemias. Un nuevo objeto sociotécnico. *Convergencia. Revista de Ciencias Sociales*, 18(56), 1405-1435. Acceso em <http://www.redalyc.org/pdf/105/10516855006.pdf>



Introdução

Biossegurança e a gestão das populações no século XXI

Francisco Tirado, Cleci Maraschin, Tiago Giordani,
Enrique Baleriola, Pedro Torrejón y Andrés Seguel

Pandemia, contágio, vírus e ataque biológico são expressões que se tornaram cada vez mais importantes em escala global nas últimas décadas. Da China à Guiné, da Europa à Austrália ou do Brasil ao Japão é difícil encontrar pessoas que nunca tenham ouvido falar dos acontecimentos na África acerca da epidemia de Ebola, que não sintam alguma preocupação em relação ao Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH), ou não possuam um parente ou conhecido que não se proteja contra a gripe a cada inverno.

A biossegurança, entendida simplesmente como todas as ações cujo objetivo seja evitar o contato de um organismo considerado patogêno ou nocivo com outro organismo considerado valioso ou provedor de proteção, está na pauta da imprensa, da publicidade, dos manuais de políticas de saúde pública e nas agendas dos governos no mundo. Certamente, tudo isso impacta e transforma nosso cotidiano.

Não estamos afirmando que o interesse pelos fenômenos de contágio seja completamente novo. Existem numerosos estudos sobre a peste negra que assolou a Europa no século XIV; sobre o aparecimento das primeiras vacinas no final do século XVIII; dispomos dos mapas elaborados por John Snow sobre a propagação do cólera em 1854. Na filosofia, encontramos autores como Michel Foucault que atribuíram um valor especialmente relevante para as epidemias como um fenômeno catalisador para o nascimento de uma medicina estatal. Argumentamos apenas que é somente após o término da Guerra Fria que a noção de biossegurança começou a ser considerada como parte da política e da gestão dos estados no intuito de se protegerem contra ataques de outros países ou de infecções generalizadas que afetassem grande parte da sua população.

Considerar a biossegurança como parte das políticas estatais de controle epidemiológico revela uma mudança na lógica dos governos. Temos testemunhado desde a transformação gradual do cálculo estatístico de riscos como uma forma de prever ou prognosticar a taxa de contágio de um vírus à criação de cenários fictícios para nos prepararmos frente a possíveis consequências de um hipotético ataque biológico ou à propagação microbiana. Como podemos imaginar, a gestão de um futuro virtual envolve uma série de atividades em diferentes esferas sociais: política, científica, tecnológica, com importantes repercussões na gestão da população, das cidades, dos territórios, das leis e da economia e até mesmo na produção de alimentos.

Na política internacional, encontramos organismos que tomam a biossegurança como elemento prioritário para pautar sua legislação e intervenção. Nesse sentido, podemos citar a declaração da União Europeia (UE) em 2002 estabelecendo três grandes áreas de risco nas quais os países integrantes deveriam estabelecer protocolos de biossegurança: a) ameaça terrorista; b) laboratórios de pesquisa e c) transmissão de vetores infecciosos. Também merecem atenção os documentos elaborados pela Organização Mundial da Saúde (OMS),

que estabelecem a possibilidade de ocorrência de riscos na segurança biológica. Da mesma forma, a Organização Mundial do Comércio (OMC) reconhece que a segurança biológica tornou-se uma questão-chave uma vez que a aceleração das transações econômicas causa um incremento na possibilidade de transmissão de doenças decorrentes do deslocamento de espécies vivas. A *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO) também tem desempenhado um papel fundamental na promoção da biossegurança, enfatizando tanto limitações que geraram uma legislação rigorosa, principalmente para os países em desenvolvimento, como a necessidade de criar estratégias globais e abrangentes de biossegurança. Paralelamente a essas instituições, pode-se citar outras relacionadas com a defesa do meio ambiente, por exemplo, a *International Union for the Conservation of Nature* (IUCN) e a *Convention on Biological Diversity* (CBD) que têm desenvolvido há anos protocolos e planos de atuação para prevenir os riscos de biossegurança em ecossistemas específicos, como rios e reservatórios.

Recentes pesquisas e trabalhos têm convergido para a criação do denominado campo dos Estudos sobre Biossegurança (Caduff, 2015; Lakoff & Collier, 2008) que é atravessado por diferentes temáticas. Entre essas, se destacam os estudos sobre governança e biopolítica (Braun, 2007; Lakoff e Collier, 2014; Cooper, 2006); análises sobre risco, incerteza e a indeterminação nas situações de ameaças biológicas (Donaldson, 2008; Hinchliffe, 2001, Fish, Austin, Christley, Haygarth, Heathwaite de 2011); estudos produção de redes, materialidade, circulação e mobilidade (Ali e Keil, 2008; Barker, 2010; Clark, 2002; Wallace, 2009); investigações sobre processos de criação de fronteiras e limites espaciais a partir de riscos bióticos (Mather e Marshall, 2011; Tomlinson e Potter, 2010) e pesquisas sobre os processos de globalização e produção de relações de desigualdade entre os países (French, 2009; Sparkle).

Outro campo no qual a biossegurança adquiriu importância é no imaginário popular. Nos últimos anos têm proliferado imagens na

mídia sobre as ameaças biológicas, a velocidade de transmissão de novos vírus e seus efeitos devastadores sobre os grupos humanos, as consequências para a vida entre diferentes espécies vivas e ameaças ambientais. Tal propaganda, tida como de utilidade pública, se soma às práticas profiláticas que várias pandemias (especialmente as de gripe) têm popularizado e à informação e campanhas educativas que grupos de ativistas ambientais têm realizado sobre alimentos geneticamente modificados, vacinas, etc. Alguns analistas têm denominado esse imaginário como uma “nova cultura do Apocalipse” (Van Loon, 2002). Para além do atrativo desse rótulo, é interessante o aparecimento de novas categorias e metáforas populares para entender: a) a natureza e nossa relação com o meio ambiente; b) as doenças infecciosas e seu impacto no grupo humano; c) a segurança e seu papel na organização da sociedade e d) as relações entre as espécies vivas.

A presente coletânea traz uma contribuição para a discussão da biossegurança. Para tal, selecionamos temáticas que cobrem aspectos pouco tratados até o momento no mencionado campo: referimo-nos às relações estabelecidas entre biossegurança e biopolítica e as transformações e efeitos que tal relacionamento traz para nossa vida cotidiana. Apostamos que a relevância das análises aqui contidas residem nos seguintes aspectos:

Em primeiro lugar, abordamos a relação entre a biossegurança e biopolítica em idiomas diferentes do inglês. Se algo foi detectado, durante o tempo em que estamos investigando, é a escassez de estudos sobre o assunto fora do mundo anglosaxão. Acreditamos que, dada a relevância global da biossegurança e suas implicações sociais, é urgente abrir caminhos para a investigação em outros idiomas, de modo que se ampliem as perguntas, os lugares, os materiais e as propostas.

Uma segunda característica deste livro, que enriquece o debate sobre biossegurança, é a diversidade de perspectivas científicas que o compõem, uma vez que os autores vêm de diferentes áreas do co-

nhcimento, bem como de diferentes países. Apresentam-se estudos sociais de ciência e tecnologia, psicologia social, análise de políticas públicas e antropologia.

Na perspectiva das análises empíricas realizadas, este livro traz uma contribuição para a compreensão de alguns fenômenos muito recentes, cuja resolução discursiva ainda está pendente. Por exemplo, a relação entre a biossegurança e subjetividade; a importância do impacto do conhecimento especializado sobre biossegurança em jogos, alheios, a princípio, ao mundo científico e o surgimento de novos mecanismos de gestão das unidades populacionais.

O ferramental teórico utilizado nos capítulos remete tanto a autores clássicos como Michel Foucault e Giorgio Agamben como também a outras teorias que não foram trabalhadas tão amplamente, incorporadas graças à heterogeneidade já mencionada, o que acrescenta grande valor reflexivo às propostas apresentadas.

No plano metodológico, este livro propõe diversos modos para investigar o binômio biossegurança - biopolítica, por isso recomendamos a sua leitura independente do particular interesse do leitor sobre assunto específico.

No primeiro capítulo, *A emergência do cérebro como dispositivo para gestão de riscos e da vida*, os autores analisam como os indivíduos são direcionados pelos métodos e técnicas da lógica cerebral e como esses procedimentos determinam formas de governar o corpo, a mente e a moral. Problematizam como a noção de cérebro passou de uma dispersão enunciativa para se estabelecer como um dispositivo contemporâneo de controle.

O segundo capítulo, *Direitos humanos e biopolítica: conversas entre Karl Marx, Hannah Arendt, Giorgio Agamben e Gilles Deleuze*, apresenta uma análise comparativa do conceito de direitos humanos na obra desses autores. O objetivo é analisar as políticas públicas a partir de uma abordagem biopolítica e, ao mesmo tempo, promover uma

mudança na noção tradicional de cidadania. Enfatiza a importância que ostenta a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, de 1948, em relação ao exercício político contemporâneo no nosso mundo globalizado, fornecendo elementos interessantes para uma reflexão crítica a esse respeito.

O terceiro capítulo, *Políticas em stand-by: biogovernança de emergências biológicas e cenários virtuais de biossegurança*, discute a propagação de vetores infecciosos que inundam a agenda política e social de nossas vidas diárias. O autor reflete sobre as relações entre o real e o virtual na definição de emergências biológicas por meio de um atualizado e sistemático percurso no campo dos estudos sobre biossegurança e das normativas e políticas de organismos supranacionais, que tendem a controlar os potenciais riscos bióticos de caráter planetário. Impele-nos a refletir sobre as consequências decorrentes da utilização maciça de cenários virtuais nas políticas de biossegurança, nas quais a imaginação e a incorporação de discursos e ficções desempenham um papel de fundamental.

O quarto capítulo, *Conocimiento y riesgo en biomedicina*, aborda como as práticas sanitárias têm se convertido em um mecanismo agenciado por poderes políticos, científicos, tecnológicos e sociais. O autor problematiza a própria legitimidade das instituições sanitárias, seu poder de definir verdades sobre as quais se edificam um conjunto preciso de procedimentos e práticas que incidem sobre a população.

O quinto capítulo, *Em defesa de uma espécie em extinção: biogovernabilidade na etologia humana de Konrad Lorenz* convida-nos a adentrar ao campo da etologia identificando formas de governar os saberes que não envolvem diretamente os seres humanos. A partir da análise dos textos de Konrad Lorenz, o autor demonstra o alerta do etólogo para a preservação da espécie humana que se daria pela conservação do que denomina de “padrões naturais”. Apenas a manutenção desses padrões poderia preservar nossa espécie contra a auto-domesticação e desumanização patológica perpetuada pela vida social.

O sexto capítulo intitulado *Nutrindo o vírus: a biossegurança em fazendas e laboratórios*, relata como as regras que delimitam as práticas de manipulação instauradas nas fazendas de criação de animais e nos laboratórios extrapolam os mesmos, incidindo nos modos de existência dos seres humanos e não-humanos. Sua etnografia analisa como os discursos oficiais se traduzem nas práticas diárias nessas fazendas e laboratórios, configurando dispositivos de biossegurança.

Estado dispersivo e biopolítica urbana: alguns percursos genealógicos da emergência do presente, sétimo capítulo, oferece uma reflexão sobre o conceito de biopolítica na cidade contemporânea. Expondo o caso da urbanização da cidade de Pelotas durante o século XIX, relata a controvérsia sobre o medo da infecção através da contaminação dos reservatórios de água. A partir dessa ilustração, o conceito de biopolítica é introduzido para explicar as medidas higienico-sanitárias realizadas na cidade. Finalmente, o caso dos miasmas chega à contemporaneidade com a concepção pandêmica das doenças.

O capítulo oitavo, *Nuevas clasificaciones de lo Bio-antropológico: la “ancestría” entre la variabilidad y la seguridad genética*, explora o campo da pesquisa sobre a variação genética, com especial atenção às controvérsias atuais sobre marcadores ancestrais. Tais marcadores são projetados para conhecer a intrincada e complexa evolução dos cruzamentos da raça humana, bem como a natureza complexa da etnia e variabilidade. Os marcadores de ancestralidade se constituírem em um rico campo de análise que permite investigar, a partir de uma abordagem biopolítica, a constituição dos conhecimentos biomédicos e o surgimento de novos sistemas de classificação. Nesse sentido, o capítulo dá especial atenção à criação de novos critérios de classificação socioantropológicos a partir da prática tecnocientífica nas áreas forenses, epidemiológicas e de políticas de identidade.

No nono capítulo, *El papel de la Unión Europea en las grandes crisis CBRNE*, encontramos uma revisão de leis e medidas relacionadas com a proteção civil em caso de catástrofes e acidentes propostas pela União Europeia. O capítulo discute o papel da União Europeia

na gestão das chamadas “CBRNE” (emergências químicas, biológicas, radiológicas, nucleares e de explosivos) mediante uma análise documental de várias leis promulgadas.

O capítulo que fecha o livro, intitulado *¿Qué es la bioseguridad? Lo biótico y los regímenes de vitalidad?* Oferece uma visão geral sobre o conceito atual de biossegurança. O foco principal do trabalho consiste na utilização do conceito de regime de vida, que, nas palavras dos próprios autores, consiste em uma estruturação da vida a partir de um conjunto de regras e normas. Após uma introdução sobre a origem do conceito nos protocolos médicos de diagnóstico, esse é vinculado à biossegurança, descrevendo algumas das suas principais características ou eixos: a relação interespécies, a vida humana no cerne do regime de vida e o autocuidado.

Apostando que os capítulos trazem importante contribuição para a discussão deste tema inquietante e contemporâneo, convidamos a sua leitura.

Referências

Ali, H. & Keil, R. (Eds.). (2008). *Networked disease: emerging infections in the global city*. West Sussex, UK; Wiley-Blackwell.

Barker, K. (2010). Biosecure citizenship: politicising symbiotic associations and the construction of biological threat. *Transactions of the Association of British Geographers*, 35, 350-63.

Braun, B. (2007). Biopolitics and the molecularization of life. *Cultural Geographies*, 14, 6-28.

Caduff, C. (2015) *The Pandemic Perhaps. Dramatic Events in a Public Culture of Danger*. Oakland: University of California Press.

Convention on Biological Diversity - CBD. United Nations Environment Programme. (2011). *Considerations for Implementing International Standards and Codes of Conduct in National Invasive Alien Species Strategies and Plans*. Montreal: Author.

Clark, N. (2002). The demon-seed: bioinvasion as the unsettling of environmental cosmopolitanism. *Theory, Culture and Society*, 19(1-2), 101-25.

Collier, S. & Lakoff, A. (2008). The problem of securing health. In A. Lakoff & S. J. Collier (Eds.), *Biosecurity interventions: global health and security in question* (pp. 7-32). New York: Columbia University Press.

Collier, S. & Lakoff, A. (2014). Vital Systems Security: Reflexive Biopolitics and the Government of Emergency. *Theory, Culture & Society*, 4(1), 1-33.

Cooper, M. (2006). Pre-empting emergence: the biological turn in the war on terror. *Theory, Culture and Society*, 23(4), 113-35.

Donaldson, A. (2008). Biosecurity after the event: risk politics and animal disease. *Environment and Planning A*, 40, 1552-67.

European Union (2002). Official Journal of the European Communities, L. 31: 1-24.

Fish, R., Austin, Z., Christley, R., Haygarth, P.M., Heathwaite, A.L., Heathwaite, L.A., Latham, S., Medd, W., Mort, M., Oliver, D.M., Pickup, R., Wastling, J.M., & Wynne, B. (2011). Uncertainties in the governance of animal disease: an interdisciplinary framework for analysis. *Philosophical Transactions Of The Royal Society Of London Series B - Biological Sciences*, 366(1573), 2023-34.

Food and Agriculture Organization of the United Nations - UNFAO. (2007). *FAO biosecurity toolkit*. Rome: Author.

French, M.A. (2009). Women of war-time fabrics: the globalization of public health surveillance. *Surveillance and Society*, 6(2), 101-15.

Hinchliffe, S. (2001). Indeterminacy in-decisions: science, policy and politics in the BSE (bovine spongiform encephalopathy) crisis. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 26, 184-204.

Hinchliffe, S. & Lavau, S. (2013). Differentiated circuits: the ecologies of knowing and securing life. *Environment and Planning D: Society and Space*, 31, 259-274.

International Union for Conservation of Nature - IUCN (2000). *Guidelines for the Prevention of Biodiversity Loss Caused by Alien Invasive Species*. Gland, Switzerland: Author.

Lakoff, A. & Collier, S. (2008). Biosecurity interventions: global health and security in question. New York: Columbia University Press.

Mather, C. & Marshall, A. (2011). Biosecurity's unruly spaces. *The Geographical Journal*, 177(4), 300-310.

Sparkle, M. (2009). On denationalization as neoliberalisation: biopolitics, class interest and the incompleteness of citizenship. *Political Power and Social Theory*, 20, 287-300.

Tomlison, I. & Potter, C. (2010). Too little, too late? Science, policy and Dutch elm disease in the UK. *Journal of Historical Geography*, 36(2), 121-31.

Urry, J. (2007). *Mobilities*. Cambridge: Polity Press.

Van Loon, J. (2002). *Risk and Technological Culture*. London: Routledge.

World Health Organization - WHO. (2008a) *International health regulations: guidance for national policy-makers and partners*. Retrieved from www.who.int/ihr/lyon/WHO_CDS_EPR_IHR_2007_2EN.pdf

World Health Organization - WHO. (2008b). *Communicable disease alert and response for mass gatherings*. Retrieved from www.who.int/ihr/lyon/WHO_HSE_EPR_2008_8c.pdf

World Trade Organization - WTO. (2008) *Understanding the WTO Agreement on Sanitary and Phytosanitary Measures*. Retrieved from www.wto.org/english/tratop_e/sps_e/spund_e.htm.

Capítulo 1

A emergência do cérebro como dispositivo para a gestão dos riscos e da vida

Marcos Adegas de Azambuja e
Neuza Maria de Fátima Guareschi

Introdução

Ao entrarmos em qualquer livraria, encontraremos, na estante dos mais vendidos ou recomendados, títulos como *Aumente o desempenho de seu cérebro: maneiras de exercitar e fortalecer a mente* (Moore, 2010), *Deixe seu cérebro em forma: exercícios especiais para melhorar a memória e aumentar a agilidade mental* (Gediman & Crinella, 2008), *O cérebro do vencedor: 8 táticas científicas para você alcançar o sucesso* (Brown, Fenske, & Neoporent, 2008), *Maximize o poder do seu cérebro: 1000 maneiras de deixar sua mente em forma* (Russel & Carter, 2010). Caso nos arrisquemos a folhar um dos referidos manuais, notaremos que as dicas para manter nosso cérebro em forma se relacionam às ações mais corriqueiras de nosso dia a dia: alimente-se bem para pensar melhor; corpo são, mente sã; leia muito e sobre tudo; saia da rotina; cuide do seu cérebro e da sua memória; cuide dos dentes; durma bem; livre-se do estresse; lembre-se: envelhecer é

natural. Considerando apenas essas poucas obras citadas e essa pequena lista para um bem viver, talvez já pudéssemos arriscar afirmar a centralidade do discurso e ciência do cérebro na contemporaneidade.

No entanto, além de considerarmos o incremento da produção discursiva do cérebro no século XXI, gostaríamos de incluir outro aspecto na discussão, relativo à reflexão de que há um modo de condução do sujeito que está em jogo. Como veremos, são regimes de verdade que levariam à formação de um sujeito que conhece a si mesmo por procedimentos e técnicas de lógica cerebral, estabelecendo, assim, uma forma de governo de seu corpo, sua mente, sua moral. A pessoa trabalha seu cérebro por meio de uma complexa rede de conduta da vida. Com o cérebro no centro, todas as instâncias da vida têm um efeito neste órgão. A qualidade dele vai refletir na nossa qualidade de vida. O modo de viver é alterado em função de um cérebro com saúde (Azambuja, 2012).

Com esta singela abertura, gostaríamos de abordar a temática da biopolítica e biossegurança relacionada ao cérebro e o campo científico que o envolve. Mais especificamente, nossa hipótese é de que o cérebro, ao longo de nossa história moderna ocidental, tenha passado de uma dispersão enunciativa para constituir-se naquilo que Michel Foucault chama de dispositivo. Nesse sentido, através de um mapeamento acerca do dispositivo do cérebro, foi possível encontrar, a partir do final do século XVIII até o século XX, ao menos três conjuntos estratégicos, que desenvolvem procedimentos e técnicas de saber e poder sobre o cérebro. Tais conjuntos não floresceram de uma só vez, mas foram tomando coesão e vigor no plano do poder e fecundidade no plano do saber, ganhando certa autonomia. Nossa intenção, neste aspecto, é interrogar ou fazer uma ontologia do presente das questões de biossegurança e biopolíticas do século XXI com referência a essa categoria do cérebro, analisando as condições de possibilidade de como chegamos a ser quem somos, mediante abordagens arqueológica e genealógica de Foucault. A emergência

do dispositivo do cérebro não se refere ao surgimento de um sentido, mas ao jogo de forças e enfrentamentos nas relações entre governo e verdade.

Diante disso, passaremos aos argumentos sobre os motivos de pensarmos o movimento da dispersão enunciativa para a constituição de um dispositivo de cerebralização, abordando conjuntamente as noções arqueológica e genealógica. Em seguida, traçaremos algumas linhas históricas do cérebro como dispositivo ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, sintetizando, ao fim, os três conjuntos estratégicos que nos foi possível mapear.

Cérebro: do enunciado ao dispositivo

Pensar o cérebro como um dispositivo seria, assim, estudar uma trama que se estabelece entre os elementos de um conjunto heterogêneo “que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (Foucault, 1979, p. 244). Tal formação constitui-se em função de uma urgência histórica, criando uma nova racionalidade, que está implicada em um jogo estratégico de controle e dominação, enfim, uma articulação das relações de força entre saberes e poderes.

Mas por que pensar o cérebro do enunciado ao dispositivo? Simplesmente porque é dessa maneira que se visibilizam os enunciados do cérebro que aos poucos se arregimentaram em dispositivo. Ao buscar as linhas de um dispositivo do cérebro, encontraram-se inevitavelmente seus enunciados em sua dispersão de acontecimentos e em sua singularidade. Importante dizer que este não é um trabalho como o que fazem os linguistas, de mapear as regras que constroem um novo enunciado. Diferente disso, a proposta foucaultiana preocupa-se em como determinados enunciados passaram a existir e outros não. Essa análise também difere do exercício de uma história do pensamento que procura nos enunciados, ou além deles, a intencio-

nalidade de um sujeito que fala, como instância fundadora. No trabalho de Foucault, não se busca uma origem, mas sim, estabelecer as relações entre enunciados, como um remete ao outro, como se correspondem ou se excluem. Esta é uma perspectiva arqueológica que mapeia um conjunto de enunciados que definem a condição de existência para um sistema de formação discursiva (Castro, 2009; Foucault, 1972). Assim, será possível acompanhar no presente texto certos deslocamentos históricos de enunciados como alma, mente e corpo, direcionando-se, por um lado, à identificação das formações discursivas do objeto neurociência, ou seja, dos diferentes enunciados na história que formam essa unicidade do objeto, conhecido como ciência do cérebro.

Entretanto, seria inevitável incluir a genealogia foucaultiana, ao abranger a questão do não discursivo, das relações de poder na análise. Como também, não se poderia deixar de pensar no dispositivo, pois se “[a] episteme é o objeto da descrição arqueológica; o dispositivo é, por sua parte, da descrição genealógica” (Castro, 2009, p. 101). Mas tomar o cérebro como dispositivo, simplesmente porque há em Michel Foucault essa mudança de abordagem, essa necessidade de ir além do discurso, ou melhor, de conseguir também aproximar-se do poder, não seria uma justificativa convincente. Entender o cérebro como enunciado que atravessa e compõe diversos discursos – clínica, psicologia, medicina, psiquiatria, pedagogia, entre outros – nos parece insuficiente, justamente porque ele se torna um aliciador nas formas de existir. Não só um atrator, mas torna-se a própria manifestação da verdade sobre o sujeito contemporâneo. O dispositivo do cérebro exprime-se pelos novos modos que passamos a falar da vida e de nós mesmos, das novas formas de experiência e conduta, somente capazes de existir quando ocorre tal variação do cérebro como o ‘marcador’ das políticas de subjetivação. Passa-se a produzir uma nova existência, uma nova rede de significações e sentidos, de maneiras de se comportar, de pensar e governar o ser humano e o mundo. Surge um novo modo

de organizar a sociedade, de tratar da economia, de constituir as leis, de discorrer sobre a vida e a morte, de cuidar da saúde e olhar para a doença.

Algo que ainda vale pontuar, e pode nos ajudar a pensar o cérebro como dispositivo, é o dispositivo da sexualidade analisado por Foucault (1988) nas sociedades ditas industriais. A sexualidade usufruiu uma posição estratégica, entre o corpo individual e a população, afetando ao mesmo tempo ambas as linhas do biopoder – das tecnologias disciplinares e das operações biopolíticas. Concordando com Paula Sibilia (2002), parece interessante considerarmos um novo diagrama de composição de nossa sociedade. Atravessada pela informação digital, pela profusão de biotecnologias, pelo investimento no código genético, enfim, pela racionalidade científica que tende a converter tudo em informação, inclusive os seres humanos, a natureza e a vida, insinua-se que o lugar de preeminência antes atribuído ao sexo não mais seria válido.

O dispositivo do cérebro parece ser o grande agregador, o enlace e a força de mudança entre esses atravessamentos em nossa sociedade, tornando-se um alvo privilegiado tanto das biopolíticas, quanto das tecnologias específicas de modelagem subjetiva. Hoje o cérebro determina ‘o que você é’. Mesmo que se busquem no código genético as respostas sobre a vida, é no cérebro que encontramos a porta da revelação. O aclarar dos segredos de todas as determinações – nos corpos, nas almas e nas populações – estava muito mais ligado às técnicas analógicas do exame e da observação nas Ciências Humanas e Sociais. Porém, o cérebro encontra seus engates na era digital, na biomedicina, na biologia molecular, na aparelhagem teleinformativa e toma conta da verdade e condução do sujeito. O que Foucault já indicava com a produção biopolítica parece se aguçar na atualidade: os avanços tecnocientíficos levam às possibilidades de se reprogramar e de se fabricar o novo. Trata-se, sem dúvida, de importantes redefinições em termos de normalidade, saúde e doença (Rose, 2007; Sibilia, 2002).

Traços da história do dispositivo do cérebro: pistas no século XVIII

Começemos, então, compartilhando um questionamento: não seriam as ciências do cérebro o ápice das tecnologias disciplinares? Na tentativa de fazer-nos entender, mencionamos um trecho do texto de Dreyfus e Rabinow (1995) sobre a disciplina:

Como isto funciona? Primeiramente, o corpo é dividido em unidades, por exemplo, as pernas e os braços. Estas unidades são tomadas separadamente e submetidas a um treinamento preciso e calculado. O objetivo é o controle e a eficiência da operação sobre as partes e sobre o todo ... A escala é um ponto crucial; o maior, mais preciso, produtivo e compreensível sistema de controle dos seres humanos será construído sobre as menores e mais precisas bases. A construção de um “micropoder”, começando pelo corpo como um objeto a ser manipulado, é a chave do poder disciplinar. (Dreyfus & Rabinow, 1995, pp. 169-170)

No final do século XVIII, há uma aproximação das tecnologias disciplinares com o cérebro, quando o médico austríaco Franz Joseph Gall (1758-1828) estuda as correlações entre a superfície do crânio com as faculdades mentais do ser humano, já que, para ele, o cérebro, conforme vai alterando sua estrutura, também altera a cavidade craniana. Cria, assim, a frenologia (de *phrenos* = mente e *logos* = estudo), sendo considerado o pioneiro do localizacionismo cerebral, uma vez que sustenta a ideia de que o cérebro, composto de muitos subórgãos particulares, é responsável pelas diversas faculdades da mente.

Através de suas pesquisas a respeito das dimensões, protusões e depressões da superfície exterior do crânio, Gall e seus colaboradores criaram um mapa topológico que identificava 37 faculdades mentais e morais do ser humano nos relevos da cabeça, os quais poderiam ser apalpadados, medidos e diagnosticados. A frenologia, por uma quantidade expressiva de críticas em relação à ética das pesquisas e às frágeis comprovações científicas aceitáveis, desapareceu nos últimos 25 anos

do século XIX, mas permitiu a emergência de muitos outros ramos científicos e pseudocientíficos baseados na análise quantitativa de características faciais e craniais, tais como a craniologia, antropometria e psicognomia, muitos dos quais sobreviveram até em épocas atuais (Bennet & Hacker, 2011; Clarke & Jacyna, 1987).

Comparando o que se disse com a citação anterior referente às tecnologias disciplinares, temos, dessa forma, o estudo de uma parte do corpo – o cérebro através do crânio – depreendendo-se daí a descrição dos traços de personalidade do indivíduo; uma classificação que o enquadra em um patamar social; a caracterização de um quadro clínico que delimita um tipo de tratamento; enfim, um encaminhamento do caso para o seu restabelecimento entendido como normal. A possibilidade de detalhamento do estudo do cérebro abrange toda a extensão do corpo, visto que se encontram ligações diretas desse órgão com o restante do organismo, tanto em um nível macro quanto em um nível molecular. Porém, o que mais chama a atenção é a condição de falar sobre a mente humana por meio desse pedaço do corpo. Teríamos aqui uma anátomo-política do cérebro. A frenologia analógica-organicista é uma modalidade de subjetivação que se constitui a partir de uma geografia de sulcos, depressões, lobos. Portanto, uma modalidade disciplinar cujas intervenções são de tipo físico, como conter, enjaular e, mais adiante cirúrgicas, como a lobotomia – que vai surgir somente em 1936 com Egas Moniz (1874-1955) –, da qual se tira a parte que atrapalha, quer dizer, aqui o corpo humano é o limite das operações disciplinares.

Poderíamos considerar a frenologia como um elemento da gênese das neurociências atuais – o apogeu do ‘micropoder’ em forma embrionária? Poderíamos pensar as neurociências como uma neofrenologia? Seria exagero pressupor um movimento de uma frenologia analógica do crânio para uma frenologia digital do cérebro no século XXI?

Para o salto do analógico ao digital, é claro, precisaremos dos computadores, mas, antes disso, saber também como fazer a ligação de

cérebros e máquinas. O italiano Luigi Galvani (1737-1798), em pesquisas com coxas de rã, descobriu que músculos e células nervosas eram capazes de produzir eletricidade. Mais adiante, este médico e professor de anatomia corroborou a origem da eletricidade nas reações químicas. A importância da bioeletricidade galvânica remete-nos ao Dr. Frankenstein e às investigações das relações entre a eletricidade e a vida. A química pode ser modulada, a eletricidade transmitida e ambas mensuradas. Assim, através da eletroquímica cerebral, as limitações disciplinares sobre o corpo humano serão rompidas.

Na frenologia digital do cérebro dos dias de hoje, as imagens coloridas dos *PET scan* fazem as vezes do crânio e do tato no mapeamento dos processos mentais, respondendo quem somos nós. “essas imagens, na lógica cultural e visual, persuadem os observadores a igualar a pessoa com o cérebro, o cérebro com o *scan* e o *scan* com o diagnóstico” (Joseph Dumit, 2003, p. 36). Publicadas em diferentes fontes de acesso, essas imagens retratam tipos de cérebros, que se referem a tipos de pessoas, a diferentes categorias, principalmente levantando a questão de ser ou não normal. As relações genéticas e os exames do fluxo sanguíneos pelos *PET scan* reforçam os aspectos biológicos da doença mental, constituindo uma inversão do sujeito com a doença. Não é o sujeito que está doente, mas sim seu cérebro. Na relação que o paciente estabelece com a anormalidade neuroquímica visualizada na tela do computador, com os medicamentos que terá de tomar e a questão orgânica que enfrentará, o indivíduo alivia-se da responsabilidade de ter adquirido a doença por contingências de sua história de vida. Como um *self* farmacológico, o indivíduo monitora a doença no cérebro que é vivida por ele, mas também contra ele.

No cérebro digital, a modalidade de subjetivação se faz pelas conexões e pelos circuitos (novos corpos, novas ligações, novas redes, cérebro-computador, cérebro-eletrodos...), portanto, uma biopolítica que investe na invenção de novas formas de viver, com o corpo humano não mais como limite. Insinua-se aqui um esboço do que

seria aquilo que tornaria possível que os indivíduos pensem em seus eus corporificados, todavia uma corporeidade aberta à incorporação, reconhecimento e modificação de sua existência orgânica. Não pensaríamos mais em um sujeito restrito a um determinado tipo de organização biológica e somática, mas em um processo de subjetivação que produz a experiência de um sujeito que se estende, se alarga, se desdobra e se desenvolve em outros corpos, objetos, artefatos e o compõe de forma indissociada, como que em continuidade com o espaço por onde circula. Assim, indicamos alguns aspectos das manobras e da instrumentalidade de uma linha que se prefigura no dispositivo.

Pistas do cérebro no século XIX

Retomando as questões históricas, o século XIX foi um período necessário para que se firmasse o conceito de localização cerebral nas ciências neurológicas. Experimentos de intervenção direta em certas partes dos cérebros de pombos, cães, macacos e humanos confirmaram correlações entre os pontos estudados e as manifestações comportamentais e psicológicas. O mapa cerebral que se construía tinha, como um dos principais pesquisadores da época, o médico francês Pierre Paul Broca (1824-1880), por ter descoberto o centro da fala ao estudar os cérebros de pacientes afásicos (a terceira circunvolução do lobo frontal, nomeada hoje por área de Broca, localizado no lado esquerdo do cérebro), (Bennet & Hacker, 2011; Clarke & Jacyna, 1987). Mais que isso, a partir dele percebeu-se que os hemisférios do cérebro tinham funções diferentes.

Na época pré-Broca, entendia-se que os ‘cérebros’ direito e esquerdo eram idênticos e que deveriam funcionar em harmonia. Os desvios de personalidade poderiam ser explicados por ações independentes entre as partes. Disso, emergem diversas publicações dos pesquisadores na área, que insistem no exercício do cérebro por meio de atividades de raciocínio e atenção para que os hemisférios mantivessem uma ação correlata, incorporando tais preceitos

na área da educação, sistema penal e manicomial. São práticas de autocontrole que acabam por fazer parte da responsabilidade moral dos indivíduos para a saúde do cérebro e a evolução do homem (Ortega, 2009).

Após as descobertas de Broca, que levaram ao entendimento de uma assimetria cerebral, há, então, programas de neuroeducação para o desenvolvimento dos hemisférios, principalmente relacionados à motricidade das mãos, o que antecipa o movimento do ambidestramento do início do século XX. Há também, na Inglaterra, a correlação entre os trabalhos frenológicos e os tratamentos morais dos alienistas. Encontrava-se, com a frenologia, o amparo científico necessário para justificar a criação de um ambiente agradável e o trabalho das virtudes correspondentes aos valores da sociedade vitoriana no treinamento, redirecionamento e fortalecimento dos órgãos mentais específicos. A importância dos exercícios físicos, os cuidados com a alimentação, as advertências na ingestão de álcool, cigarro e de outras drogas, bem como a administração do sono, achavam sua legitimidade nos estímulos positivos para o cérebro (Ortega, 2009).

Dos muitos momentos históricos do século oitocentista apresentados por Francisco Ortega (2009) em seu artigo “Elementos para uma história da neuroascese”, fica marcado o entrelaçamento do plano moral e médico, como também o reaparecimento dessas práticas em nosso cotidiano nos livros de autoajuda, com suas propostas de reprogramações de pensamentos negativos para positivos, e na ginástica para o cérebro, denominada neuróbica. Apesar das diferenças nos processos contemporâneos de subjetivação, nesse caso é possível acompanhar certa continuidade histórica. “Trata-se de processo duplo: por um lado, a ciência produz fatos que definem objetivamente quem somos; por outro, os indivíduos formam seus próprios modelos de *self* a partir dos fatos científicos” (Ortega, 2009, p. 634).

Michel Foucault faz outra relevante contribuição quando analisa a emergência de um corpo neurológico, que se situa entre a clínica

e a psiquiatria do século XIX. Esse corpo se encontra entre tais práticas, pois, mesmo não deixando de se constituir em uma lógica da localização anatomopatológica, escapa do tipo de controle que a psiquiatria opera sobre o corpo do paciente através do interrogatório, da droga e da hipnose. Além disso, esse corpo da clínica neurológica passa a funcionar por estímulos dentro de um contexto determinado de respostas e reações corporais, diferente da medicina clássica que se utiliza da racionalidade estímulo e efeito.

O século XIX está povoado de pesquisas em torno do cérebro, do sistema nervoso e de um corpo que agora pode ser estimulado por correntes elétricas. Temos o anatomista Luigi Rolando (1773-1831) no início do século usando uma corrente galvânica para estimular o córtex cerebral. Ele demonstrou a complexidade da matéria cinzenta central da medula espinhal, descrevendo a ‘substância gelatinosa’, e deduziu que as estruturas nervosas estão conectadas em uma rede de fibras nervosas ligadas por impulsos elétricos. Já no meio do século, estudos como os do fisiologista Jean Marie Pierre Flourens (1794-1867), criador da ciência experimental cerebral, e do médico neurologista François Magendie (1783-1855), animam as relações entre o cerebelo e as atividades motoras, de equilíbrio e comportamento. Poder-se-ia ainda citar muitos outros eventos históricos, mas destacamos a invenção do galvanômetro para estimular nervos, em 1850, por Emil Du Bois-Reymond (1818-1896), o primeiro tratado de cirurgia do sistema nervoso, em 1870, por Ernst von Bergmann (1836-1907), e o primeiro registro de atividades elétricas do cérebro, em 1876, por Richard Caton (1842–1926).

O corpo neurológico não é somente um corpo de órgãos e tecidos, mas um corpo com funções, desempenhos, comportamentos. Na França, Foucault dá ênfase ao trabalho de Duchenne de Bologne (1806-1875), neurologista que revitalizou as pesquisas de Galvani e avançou na ciência eletrofisiológica. Seu registro fotográfico de estimulação elétrica nas faces de seus pacientes com deficiência expressa com clareza a intenção de encontrar um meio de mapear as emoções

que supostamente surgem em nosso interior¹. Utilizando-se do estímulo de eletrodos sobre a superfície da pele, ele conseguiu isolar a resposta de um único músculo e a consequência disso só poderia ser o estudo dos reflexos e, em seguida, dos comportamentos complexos, automatismos e aprendizagem prévia.

Então, a neurologia não é um exame no sentido anatomopatológico, nem um interrogatório; é um novo dispositivo que recoloca as questões com comandos, e que através destes comandos procura obter respostas, mas respostas que não são as respostas verbais do sujeito, como no interrogatório, mas as respostas do corpo do sujeito; respostas que podem ser clinicamente decifradas no nível do corpo e que podem conseqüentemente ser submetidas a um exame diferencial sem o temor de ser logrado pelo sujeito que responde. (Foucault, 2008b, p. 304)

Foucault percebe diferenças do corpo neurológico tanto em relação à clínica médica de Bichat, quanto à psiquiatria nos seus esquemas de organização para capturar o corpo, a doença e o doente. Primeiro, na anatomia patológica clássica, a clínica médica, em seu procedimento de apreensão, vai primordialmente, pelo conhecimento advindo da autópsia, procurar as lesões nos órgãos e tecidos. Esse é um saber que procura pelos efeitos no corpo. O médico, a partir dos estímulos de apalpar, ouvir, cheirar ou ver, detecta as decorrências – o calor, a tosse, o ruído, a coloração, o odor. A lógica do estímulo-efeito não dá atenção à superfície do corpo, mas aos pontos específicos da patologia no corpo. Já a neuropatologia, dos estímulos, procura respostas e não efeitos, o que é algo bem diferente. Olha em detalhe cada movimento muscular, do simples abrir e fechar da pálpebra à ação dos membros do corpo. Foucault considera esse tipo de exame quase que de uma visão impressionista, no qual, ao invés das lesões, procura obter um sistema de sinais de respostas que apresentem disfunções – estudo das sinergias, diferentes correlações entre um e outro músculo.

¹ <http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=7205;>
http://www658_photography13-4.html.

<http://all-art.org/history>

Entretanto, o fenômeno que mereceria maior destaque são as análises que giram em torno do eixo do voluntário e do automático. Das respostas aos diferentes estímulos na análise do comportamento, é possível diferenciar funcionalmente aqueles que são simples reflexos, que são automáticos, que são espontâneos daqueles que são comportamentos produzidos por uma ordenação que vem de fora. “Consequentemente, uma captura da atitude do sujeito, do sujeito consciente, da própria vontade em seu corpo, torna-se possível” (Foucault, 2008b, p. 302).

De forma distinta da clínica médica clássica, a clínica neuropsicológica, para executar suas técnicas de exame, necessita instruir e comandar o paciente. Este precisa desempenhar ações, como andar, falar, escrever, ler. O exame neurológico passa por uma ordem do médico e, em seguida, pela vontade do paciente em responder a tal comando em forma de comportamento. A observação clínica do comportamento seria a captura da vontade do paciente.

Já a psiquiatria daquele período se utilizava de outros meios para a captura do corpo, da doença e do doente. Por meio de interrogatório, das drogas e da hipnose conseguia, de alguma maneira, apossar-se do mundo interno do paciente. O interrogatório permite as ligações entre a história de quem padece, sua hereditariedade, seus traumas e os sintomas. A insistente tentativa de relação ou mesmo de distinção entre o funcional e o orgânico se fazia através da linguagem, do espaço aberto entre aquele que conta sua história e seus segredos e o médico que ouve, porque pode examinar e esquadriñar tal narrativa em um caso clínico. Quanto às drogas, Foucault apresenta o próprio uso de drogas pelos médicos para então poderem comparar suas experiências psicotrópicas em relação aos estados psíquicos do doente mental, como se pudessem, por essa correlação, conhecer o mundo interno da loucura. Por fim, a hipnose, que serviu como trunfo para a psiquiatria apossar-se do corpo do doente, tentando reprogramá-lo.

Com esses aparatos, a psiquiatria ainda mostrava dificuldades para produzir um diagnóstico diferencial, entre uma doença or-

dinária e um problema mental. Havia toda uma problemática do diagnóstico das neuroses – doenças com componentes sensório-motores – que a psiquiatria se via incapaz de avaliar e que a clínica médica neurológica conseguia avançar. Esta última progride porque lida mais com as formas de manifestação, como é o caso da histeria convulsiva, e não tanto com as causas, no caso de doença devido a um tumor cerebral. É assim que as neuroses são patologizadas, ou melhor, aproximam-se do campo da doença mental, não tanto pela psiquiatria, mais pela neurologia, que teve condições de produzir um diagnóstico diferencial das bases orgânicas e funcionais.

Aproximar a questão das neurosciences e do corpo neurológico parece-nos conveniente para pensarmos o processo de cerebralização e as formas de inflexão do interno/externo. Chama a atenção o lugar que o corpo neurológico ocupa, entre as práticas da psiquiatria e da clínica médica clássica, emergindo procedimentos próprios de produção de verdade sobre o sujeito. Necessariamente esses dois campos terão de se rearranjar, pois é um corpo eletro-químico que se apresenta, excitável pela vontade do sujeito. A interioridade psicológica se exterioriza por meio de um circuito eletro-químico e de um esquema sensório-motor deste organismo humano. O cérebro, como aparelho de organização de cargas e descargas, é operado pelo próprio organismo em ação, por isso a particularidade das práticas neuroascéticas. São práticas que necessariamente precisam intervir no comportamento para que um efeito cerebral ocorra. Nessa política de subjetivação o sujeito conduz a si mesmo pelas respostas de seu organismo e modelação cerebral. Os processos mentais podem ser reprogramados a partir da reorientação de sua conduta, reorientação que tem um efeito no próprio organismo. Assim como o psiquismo e a conduta podem ser manejados, o cérebro também começa a se tornar uma máquina maleável associada ao psiquismo.

“Todo homem pode ser, se assim se propuser, escultor do seu próprio cérebro” (Ramón y Cajal, 1999, s/p), é o que Santiago Ramón y Cajal (1852-1934) declara em seu *Advice for Young Investigator*.

Ele, médico e histologista espanhol, que, em 1889, argumenta que as células nervosas são elementos independentes, contrariando a opinião do italiano Camillo Golgi (1843-1926), o qual falava em uma rede contínua sem interrupções entre as células, é considerado o pai da neurociência moderna. Os rastros da plasticidade neuronal começam a se identificar e não somente a perspectiva localizacionista e de estruturas rígidas reinará, mas muito mais a de um cérebro em constante desenvolvimento, mudanças e modelagem.

Pistas do cérebro no século XX

Recordemos aqui o filme de 1931, denominado *Frankenstein*, uma das mais famosas transposições do romance de Mary Shelley – Frankenstein ou o Moderno Prometeu – para as telas do cinema. Não nos preocupando com as diferenças entre o livro e a produção cinematográfica, destaquemos que o filme apresenta como essencial para o nascimento da criatura do doutor Henry Frankenstein a utilização de um cérebro humano. O comportamento animalesco do monstro deve-se à inserção de um cérebro defeituoso, que é trazido por engano pelo assistente Fritz. Melhor dizendo, é o cérebro de um assassino que é transplantado e não o de um gênio, como o doutor Frankenstein ambicionava.

O que chama a atenção nessa história é a ênfase no cérebro como princípio da vida e como essência da personalidade do ser que o carrega. O cérebro é o último órgão para a construção do monstro, peça essencial para seu funcionamento, seja uma função motora, afetiva ou intelectual. Mais que isso, é esse o órgão que carrega a identidade do novo ser. É por ele que se expressam as características do assassino e por ele que a criatura do doutor se depara com sua própria aparência corporal bisonha.

Já de início, fica claro nesse exemplo uma das características principais da produção do sujeito cerebral² em nossa cultura. Ao con-

² Sobre sujeito cerebral, compare Ehrenberg (2009), Vidal (2005).

trário de qualquer outro órgão do corpo humano, se fosse possível transplantar um cérebro para outro corpo, existe a ideia de que o doador, nesse caso, seria aquele que está oferecendo o corpo. Um cérebro pode ser retirado de um corpo e inserido em outro e a identidade de quem se manifesta no novo corpo é a do cérebro transplantado. Da mesma forma que no filme, é a personalidade do assassino que se revela em outro corpo. Como bem expressa Vidal (2005, p. 45), “tal é a fórmula lógica do sujeito cerebral. Ter o mesmo cérebro é ter o mesmo corpo – e ser a mesma pessoa”. O cérebro é o órgão do eu.

A ideia de que somos essencialmente nosso cérebro vem sendo construída, como diz Vidal (2005), pelas filosofias da matéria e da identidade pessoal desde o fim do século XVII. Entretanto, o século XX é o momento de grande relevo das neurociências, já carregando a herança dos últimos anos do século anterior, a doutrina neuronal, com destaque para o anatomista espanhol Santiago Ramón y Cajal, que comprovou, com seus trabalhos, os neurônios como sendo realmente as unidades do sistema nervoso. O crescimento neurocientífico é tamanho que, ao final destes cem anos, em 1990, temos a consagração do órgão, considerado a década do cérebro – título declarado pelo Congresso Americano dos Estados Unidos e pelo Presidente George H. Bush. O terreno que se arma nesse período é o que permite para muitos proclamarem nosso século XXI como o século deste órgão.

A noção de alma vai sendo praticamente relegada ao âmbito religioso e filosófico, e dentro da ciência ‘vai se transformando’ no conceito de mente. Nesse processo de esgotamento do conceito de alma do âmbito científico, ainda há a tentativa de “tornar a ciência da mente uma ciência do cérebro” (Teixeira, 2008, p. 11). João de Fernandes Teixeira (1994), doutor em filosofia e ciência cognitiva, inverte a lógica de movimento da alma que vai para a mente e depois para o cérebro dizendo: “Todas elas [filosofias e religiões] referem-se à mente às vezes como ‘espírito’ ou como ‘alma’ – algo que teria propriedades especiais e que continuaria subsistindo mesmo após

a nossa morte (p. 01). Na forma como está colocado, podemos ter a impressão de que o conceito de mente é anterior aos outros, que sempre existiu, ou como se mente fosse uma noção mais elaborada, pois talvez tenha mais condições de escapar de um plano da imaterialidade e imortalidade, tornando-se um conceito operador para os processos cerebrais. Contudo, a própria conceituação de mente é problemática, imprecisa, sendo privilegiado termos como consciência e cognição. Seria um processo de territorialização da mente, que deixa de se amalgamar com o espírito/alma e passa a compor com o organismo/biologia. Talvez mais complexo que isso, como veremos adiante, a mente, ou os processos de consciência e cognição, passam a manter conexões com outros organismos, com outros objetos para além dos limites do corpo humano.

De qualquer modo, a Filosofia da Mente consolida-se, no século XX, como uma investigação interdisciplinar, na qual se aliam ciência empírica e reflexão filosófica. O interesse sobre a natureza da mente, seus pensamentos, a consciência e seus estados, sua correlação com a matéria e, é claro, as ligações com o cérebro é o que caracteriza esse campo de saber. As vertentes do pensamento moderno, o dualismo e o monismo, estão no embate dessas discussões. Encontram-se os posicionamentos a favor ou contra os preceitos do materialismo ou fisicalismo clássicos, que considera a vida mental como um processo físico como os demais. Há ainda a abordagem funcionalista, que tenta simular a mente humana em outra estrutura que não o cérebro.

Curiosamente, a passagem das origens do materialismo clássico para o moderno está associada ao nível de sofisticação atingida pelo conhecimento do cérebro, especialmente na segunda metade do século XX. Os pensadores mais representativos das teorias da identidade, ou seja, a proposição de igualar os estados mentais aos cerebrais, são o filósofo e físico Herbert Feigl (1902-1988), o filósofo John Jamieson Carswell Smart (1920-2012) e o filósofo e psicólogo Ullin Place (1924-2000). Para se ter uma ideia, este último publicou, em 1956, um artigo intitulado “Será a consciência

um processo do cérebro?” (Mathews, 2007). Tentando resolver o problema do dualismo mente e cérebro, propõe a hipótese científica de que seria possível identificar a consciência com um padrão específico da atividade mental. O grande empecilho aqui assumido pelos próprios filósofos é esse hiato entre a experiência psicológica interior e as conjecturais revelações dos movimentos corporais. Ficou colocado por eles a esperança de que o futuro das pesquisas científicas resolvesse tal abismo, por exemplo, com as técnicas de neuroimagem que temos agora. Acentuamos aqui que a expectativa do avanço científico e tecnológico cumpre a função de tapar o ‘buraco’ entre o interno e o externo. Se repararmos, é nesse ‘entre’, na tentativa de costurar esse dualismo, de eliminá-lo, de desfazê-lo, que outras práticas se instauram.

Esses acontecimentos não estão afastados da passagem dos modelos mecânicos-analógicos para os digitais, lembrando, em 1946, o surgimento do famoso ENIAC (*Electrical Numerical Integrator and Calculator*), sendo em torno de mil vezes mais rápido que qualquer outra máquina que existia na época. Possuía válvulas eletrônicas e dimensões, tanto em peso quanto em tamanho correspondentes a um andar inteiro de um prédio. O ENIAC faz parte da primeira geração de computadores (1946 – 1959), mas ainda teremos mais três: a segunda (1959 – 1964), que substituiu as válvulas por transistores, diminuindo o tamanho do *hardware*, também criando-se os circuitos impressos. A terceira (1964 – 1970), que ficou conhecida pelo uso de circuitos integrados, o que comportava em uma mesma placa o armazenamento de diversos circuitos que se comunicavam com *hardwares* distintos ao mesmo tempo. Finalmente, a quarta geração, de 1970 em diante, quando chegam os microprocessadores e computadores pessoais, com a redução radical do tamanho e preço das máquinas.

Conforme essa nova ferramenta vai diminuindo em suas medidas, complexificando em detalhamento eletrônico e adentrando os ambientes de convívio e trabalho em nossa sociedade, mais vai sendo

possível pensá-la em analogia e, outras vezes, tentar equipará-la ao cérebro. É esta a tarefa funcionalista que utiliza o modelo computacional da mente. Porém, ao contrário da identidade do estado mental e físico (materialismo), o que os funcionalistas desejam – e temos em Hilary Putnam (1926 - 2016) e Jerry Fodor nascido em 1935, precursores dessa linha de pensamento – é “que programas computacionais ou neurônios artificiais possam simular os resultados da atividade eletroquímica do cérebro sem que para isso seja necessário *replicar* exatamente a composição biológica e físico-química dos elementos que compõem o tecido cerebral” (Teixeira, 2008, p. 172). A pesquisa com computadores, fazendo analogia com a mente (*software*) e o cérebro (*hardware*), põe em xeque se as máquinas também não poderiam pensar. Os funcionalistas se apoiam na ideia de que a mente é decorrência da aptidão de um organismo ou sistema em realizar certas funções. Aqui também, tal como os materialistas, esses filósofos da mente colocam suas esperanças de resolver seus problemas de pesquisas com o avanço tecnológico e científico.

Não é só o esforço de equivalência ou simulação que se assiste, mas também a conexão entre o órgão e o computador por meio da bioeletricidade cerebral. O eletroencefalograma (EEG), que começou a se difundir por volta da década de 1930, com o psiquiatra alemão Hans Berger (1873-1941), hoje já é analisado através de *softwares*, pelo EEG digital. O próprio Hans Berger foi um dos primeiros a pôr em discussão o modelo de percepção e resposta de Ivan Pavlov, pois detectou a existência de atividade elétrica constante no cérebro mesmo que não houvesse estímulos consideráveis. O raciocínio estímulo-resposta unidirecional entre meio e cérebro seria, então, questionado. Teríamos ainda que lembrar a tomografia computadorizada e o *PET scan*, que surgem na década de 1970, bem como a ressonância magnética por imagem (MRI), que revolucionam as técnicas de imageamentos da ‘mente’. Realça-se aqui a potência de comparar e de equipar, de ligar um e outro e, finalmente, de ler pelo computador o que o cérebro faz. Entre a operação

cerebral e a imagem produzida em uma tela de computador, existe uma miríade de traduções. Trata-se efetivamente de leitura e não de um ‘espelho’ de nossa mente ou de nosso cérebro (Beaulieu, 2012).

Como sabemos, a atividade elétrica provém da química cerebral, sendo um aspecto essencial no jogo de conhecermos a nós mesmos e assim nos conduzirmos. Com a descoberta dos efeitos da clorpromazina em pacientes com sofrimentos psíquicos graves, como na esquizofrenia, há uma revolução na psiquiatria e nas formas de tratamento dos chamados doentes mentais. Como os resultados eram inusitados, já que as alucinações desapareciam, os catatônicos voltavam a se comunicar, os insanos e violentos a se comportar de forma socialmente aceita, a droga – comercialmente denominada *Thorazine* – ficou conhecida pela alcunha de lobotomia química. Daí em diante, a terapia medicamentosa foi investida, principalmente com o apoio maciço da indústria farmacêutica, como um dos tratamentos mais seguros e eficazes para as pessoas (Bennet & Hacker, 2011; Clarke & Jacyna, 1987).

Para pensarmos nosso presente

Neste texto tivemos a intenção de pensar a formação de um dispositivo do cérebro na contemporaneidade, procurando delineá-lo, brevemente, do final do século XVIII até o século XX, para, com isso, encontrarmos relações com a biossegurança e a biopolítica do século XXI. Vimos, assim, nas primeiras pistas, a força de detalhamento que os investimentos de saberes e poderes sobre nossas vidas por meio do cérebro podem chegar. As tecnologias disciplinares vão entrando naquilo que Nikolas Rose (2007) denominou biopolítica molecular. Pode-se perceber uma transição das práticas clínicas, narradas por Foucault (2008a), que parte de um nível molar – na escala dos membros, órgãos, tecidos, sangue, hormônios etc. – para um nível molecular – no plano dos mecanismos moleculares, das propriedades funcionais das proteínas, da formação particular de elementos intracelulares. As técnicas de visualização associadas às

tecnologias contemporâneas, em âmbitos moleculares, redimensionam a ideia do interior do ser humano e, por consequência, da imagem de nós mesmos e as formas como nos governamos.

Nas pistas seguintes, acompanhamos a formação de um corpo neurológico e das práticas ascéticas que permeiam o órgão cerebral. Seriam regimes de verdade, “aquilo que constrange os indivíduos a um certo número de atos de verdade ... aquilo que define, que determina a forma desses atos” (Foucault, 2010, p. 67). Seriam as relações entre um governo de si consigo e a manifestação da verdade. Governo dos sujeitos que vão do investimento no corpo para o investimento na alma, ou seja, para uma normalização dos comportamentos, dos gestos, das falas – uma sociedade da normalização (Foucault, 1979). Finalmente, as últimas pistas nos remetem a essa abertura do cérebro para com as máquinas, de um possível desfazer do mundo interno e externo, ou melhor, de sua dicotomia, e, com isso, de pensarmos e interferirmos no cérebro não somente dentro de nós, mas associados com os objetos no mundo. Isso nos leva ao conhecido texto de Gilles Deleuze (1992), sobre a sociedade de controle, uma forma de governar não mais fixada nos espaços, sejam eles da geografia terrestre ou corporal, mas sim, nos tempos de vida das pessoas, diríamos mais, na lógica de uma experiência subjetiva de um cérebro que se estende no mundo (Azambuja, 2012).

Após essa retomada, gostaríamos também de apresentar uma síntese dos três conjuntos estratégicos de saber e poder que se desenvolvem neste dispositivo e que nos foi possível delinear do final do século XVIII até o século XX. Seriam eles:

Eletrificação e estimulação do cérebro: a vida é o próprio potencial dos nervos. As neuroses e os reflexos nervosos são componentes do cérebro e da medula espinhal. O cérebro atende ao modelo organicista das energias. A eletricidade permite a estimulação do corpo e as tentativas de controle das sensibilidades a partir do cérebro. As relações psicológicas, comportamentais e ambientais são estabelecidas pelos impulsos elétricos, na lógica estímulo-resposta, fazendo com que, pela

eletricidade, o cérebro entre em contato com outros objetos que troquem energia. A condução do sujeito passa pela modulação da eletricidade cerebral. As patologias, as normativas da vida, os procedimentos médicos e pedagógicos deslocam-se para a modalidade da estimulação.

Localização, performance e individuação cerebral: não somente a função original de identificar nos relevos do crânio as faculdades mentais, mas basicamente a invenção de um diagrama de moralização do sujeito. O mapeamento de determinadas formas de agir e pensar encontra ressonância com atividades cerebrais, levando à intervenção não somente em casos diagnosticados, mas também no espaço da pessoa comum. O que se come, a medicação que se toma, a qualidade do sono e do trabalho, os exercícios físicos, o lazer, as relações familiares, esse espaço infindável da micropolítica pode ser esquadrihado e justificado pelo desempenho cerebral. É um rebatimento direto entre a atividade na vida e a atividade da vida cerebral. No entanto, se um tempo atrás se pensava em uma generalização dos processos cerebrais, atualmente, com os avanços nos estudos em neuroplasticidade, produz-se um discurso de um cérebro único para cada indivíduo. Dentro de uma lógica neoliberal, cada um deve cuidar de seu próprio cérebro em sua individualidade³.

Extensão dos processos subjetivos: os avanços nas interfaces cérebro-máquina e os discursos de alguns filósofos da mente abrem a possibilidade de se pensar não em uma perspectiva reducionista ou dualista do cérebro, mas de um cérebro que se estende no mundo ao seu redor. Esta nova linha do dispositivo do cérebro é muito mais inclusiva e orgânica, provocando rupturas aos limites do corpo e ao próprio cérebro como restrito ao espaço intracraniano. O cérebro é sinônimo de conexão.

Nikolas Rose (2007) vai afirmar que, em torno dos primeiros sessenta anos do século XX, entendíamos a nós mesmos como que habitados por um profundo espaço psicológico interior. O florescer de

³ Em relação à plasticidade e individualidade do cérebro, compare Malabou (2008).

uma linguagem psicológica, dos testes de inteligência e personalidade para promoção militar, das tecnologias psicológicas de marketing e das psicoterapias, asseveram essa ideia. Todavia, na segunda metade do século, tornamo-nos indivíduos somáticos, pois passamos a compreender e a governar a nós mesmos como seres formados por nossa biologia. Nossos estados mentais passaram a ser mapeados em nosso próprio corpo, mais especificamente nosso cérebro, e este último entendido em um registro particular que Rose sugere o nome de *self* neuroquímico.

Realmente, se pensarmos que o próprio *eu* é produzido pela tecnologia biomédica, podemos verificar a intervenção química nos planos da cognição, emoção, volição, humor e desejo. Lembremos o livro *O cérebro em transformação* (Herculano-Houzel, 2005), da neurocientista Suzana Herculano Houzel, que ficou famosa com seu bloco televisivo no programa Fantástico da rede Globo. Seu site, *O cérebro nosso de cada dia*, fala acerca da obra:

Na verdade, tudo o que ocorre entre os 11 e os 18 anos é fruto de uma grande revolução química e neurológica. Daí as súbitas mudanças de humor, as inúmeras questões, a insegurança ... Seu comportamento é fruto de um cérebro adolescente, que passa por uma grande reformulação. (Herculano-Houzel, 2007, s/p)

Não é mais de um psiquismo, mas de um cérebro adolescente que se fala. Não é mais na obscuridade do interior da mente, mas na exterioridade molecular dos neurônios, das sinapses, do fervilhar eletro-químico que se captura e governa os processos psicológicos. São processos de subjetivação diferenciados que se inscrevem no modo de relação entre os indivíduos. O sujeito neuroquímico lida com seus comportamentos e sentimentos na ligação direta com o mundo orgânico dentro de sua cabeça. Intervém na sua conduta pela ingestão química e pelo monitoramento cerebral. O cérebro ganha adjetivos: infantil, jovem, adulto, idoso, violento, esquizo, etc. O cérebro contém modos de existir.

Talvez até aqui tenhamos acentuado mais o modelo computacional das neurociências, mas há também as práticas que, sem abandonar os computadores, voltam-se para um trabalho interdisciplinar entre ciências do cérebro e comportamento, dando ênfase às interações cérebro, corpo e ambiente. A neurociência cognitiva é um ramo importante desse movimento, procurando se colocar justamente no embate da criação de um quadro dos processos cognitivos e suas relações com o cérebro.

Tais esforços tentaram relacionar estudos dedicados a aspectos diversos do cérebro, e que podem ser pensados em três dimensões: (a) 'vertical': referindo-se a níveis de organização estrutural, e respectivas funções – átomos, moléculas, células, tecidos, subsistemas, redes de ampla escala; (b) 'horizontal': referindo-se a interações entre cérebro, corpo e ambiente de organismos; (c) temporal: referindo-se a processos filogenéticos e ontogenéticos que determinam estrutura e função de cérebros de organismos individuais. (Pereira, 2010, p. 510)

Nesse plano, os enunciados de hardware e software são insuficientes para os estudos do cérebro e o termo *wetware* contrapõe a perspectiva dura computacional para admitir que não há uma completa independência entre psicologia (*software*) e neurociência (*hardware*). Essa noção oriunda do *cyberpunk*, que tem em Rudy Rucker, com seu romance de ficção científica denominado *Wetware*, uma das referências do movimento. Em seu *blog*, ele explica o que seria para ele tal noção, primeiro dizendo-se desapontado por ela ter tomado o sentido de cérebro humano, no passar dos anos. Na verdade, o que ele estava tentando era ver os sistemas biológicos de um ponto de vista computacional, reforçando ainda que um organismo seria muito mais que um cérebro (Rucker, 2016).

Na neurociência cognitiva, a psicologia experimental e as neurociências procuram formas de integração, assentadas fundamentalmente no ferramental da neuroimagem. A neurociência cognitiva seria uma metodologia que “baseia-se, sobretudo, na integração de vários

tipos de estratégias que visam correlacionar os níveis psicológicos, comportamentais e neurológicos da investigação da consciência” (Teixeira, 2008, p. 168). Associar esses componentes em uma ‘rede líquida’, orgânica, ecológica, sistêmica seria um dos deslocamentos mais chamativos das práticas neurocientíficas contemporâneas.

A *Internet* e a *World Wide Web* (Rede de alcance mundial) inauguram uma nova fase das relações entre as pessoas, economia, sociedade, muito próximo no tempo em que as neurociências estão em seu auge, em 1990. Com seus *links*, hipertextos, hipermídias, essa rede digital prolifera enunciados de uma era da cibercultura. Os discursos dos sistemas biológicos e das redes informáticas encontram ressonância, especialmente nesse novo mapa neuronal de um mar de conexões e informações que o cérebro contém. Assim como o volume da internet não pára de crescer, as descobertas exponenciais na neurociência fazem com que aquilo que o cérebro contém também cresça. No emaranhado entre computação e biologia, produz-se um discurso biodigital.

Nos esforços da neuroimagem, que revela localizações específicas ou um sistema integrado, é possível encontrar alguma correspondência entre eventos cerebrais e mentais. Por enquanto somente um vislumbre de um paralelismo psicofísico se esboça, mas a expectativa de superar esse *gap* permanece insistente. Entretanto, a própria discussão girando somente em torno dos polos da mente e do cérebro tornou-se precária, criando uma prática científica muito mais complexa que engendrasse cérebro, corpo e ambiente.

A variável ‘humano’ parece sempre ser o grande problema científico. Desfazer o eu humano para fabricar um eu científico e, nesse caso, um eu biodigital torna-se um dos tipos de produções das ciências do cérebro. Na impossibilidade de garantir através do discurso científico a existência de uma interioridade ou de uma exterioridade subjetiva, observa-se um deslocamento, um deslizamento, diríamos, um traço de uma prática que produz subjetividade estendendo o que seria do campo do mental a outras instâncias como o computador,

o ambiente, enfim, outros organismos⁴. Elimina-se tal espaço entre interior e exterior por meio de práticas que ligam e conectam, que estendem o psiquismo cerebral a outras materialidades. Poderíamos razoavelmente argumentar que esse seria mais um tipo de exteriorização da subjetividade⁵, de um estado mental que se refere ao corpo, mas que agora está se remetendo ao computador ou a outros objetos. Contudo, não entendemos que seja uma prática da mesma natureza, pois estados psíquicos passam a existir em outros corpos, que não humanos, se estendendo a eles.

Como tentamos desenhar, não se trata mais de um cérebro anatómico como na frenologia e psicologia – regiões do cérebro em termos de órgãos e funções. Esse era o caso de um cérebro que habita uma condição de dentro/interno. Trata-se agora de um cérebro em conexões. O cérebro é conexão, redes que não precisam mais de limitações espaciais (interno/externo), são extensões, conexões de ações, conexões de emoções, conexões com humanos e não humanos.

O cérebro é uma agência, diríamos com Deleuze e Guattari (1976). Ele não é um dado natural, mas uma agência que remete o indivíduo à educação, como nos exercícios neurocognitivos; à justiça, como nos casos de avaliações criminais; à saúde, como no uso de psicofármacos ou tratamento de transtornos mentais; à família, que cuida dos vínculos afetivos fortalecendo, assim, as redes neurais da criança. O cérebro é uma agência que conecta o indivíduo a corpos robóticos e digitais, conecta a outras máquinas. É uma agência em rede que faz as ligações da história do indivíduo e da coletividade, da história singular e da espécie.

⁴ Sobre subjetividade estendida, compare Azambuja (2012).

⁵ Sobre exteriorização, compare Sibilia, 2004; Costa, 2005; Ortega, 2008.

Referências

- Azambuja, M. A. (2012). *Da alma para o corpo e do corpo para o cérebro: os rumos da Psicologia com as neurociências*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Beaulieu, A. (2012). Cérebros, mapas e o novo território da Psicologia. *Polis e Psique*, 2(01), 208-222.
- Bennet, M. R. & Hacker, P. M. S. (2011). *Philosophical Foundations of Neuroscience*. New Jersey: Blackwell Publishing.
- Brown, J., Fenske, M., & Neoporent, L. (2010). *O cérebro do vencedor: 8 táticas científicas para você alcançar o sucesso*. Rio de Janeiro: Campus.
- Castro, E. (2009). *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Clarke, E. & Jacyna, L. S. (1987). *Nineteenth-Century Origins of Neuroscientific Concepts*. Oakland, CA: University of California Press.
- Costa, J. F. (2005). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1976) *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dreyfus, H. & Rabinow, P. (1995). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Dumit, J. (2003). Is It Me or My Brain? Depression and Neuroscientific Facts. *Journal of Medical Humanities*, 24(1-2), 35-47.

Ehrenberg, A. (2009). O sujeito cerebral. *Psicologia Clínica*, 21(1), 187-213.

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (1972). *The Archaeology of Knowledge and the discourse on language*. New York: Pantheon Books.

Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (2008a). *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2008b). *Psychiatric Power. Lecture at the Collège de France (1973-1974)*. New York: Palgrave Macmillan.

Foucault, M. (2010). *Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980): excertos*. São Paulo: CCS-SP; Rio de Janeiro: Achiamé.

Gediman, C. L. & Crinella, F. M. (2008). *Deixe seu cérebro em forma: exercícios especiais para melhorar a memória e aumentar a agilidade mental*. Rio de Janeiro: Sextante.

Herculano-Houzel, S. (2005). *O cérebro em transformação*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Herculano-Houzel, S. (2007). *O cérebro nosso de cada dia*. Acesso em <http://www.cerebronosso.bio.br/o-crebro-em-transformao/>

Malabou, C. (2008). *What should we do with our brain?* New York: Fordham University Press.

Mathews, E. (2007). *Mente: conceitos-chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed.

Moore, G. (2010). *Aumente o desempenho de seu cérebro: maneiras de exercitar e fortalecer a mente*. São Paulo: PubliFolha.

Ortega, F. (2009). Elementos para uma história da neuroascese. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 16(3), 621-640.

A emergência do cérebro como dispositivo para a gestão dos riscos e da vida

Pereira, A. (2010). Questões epistemológicas das neurociências cognitivas. *Trabalho, educ. saúde*, 8(3), 509-520.

Ramón y Cajal, S. (1999). *Advice for Young Investigator*. Denver: Bradford books.

Rose, N. (2007). *The Politics of Life Itself: Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century*. United Kingdom: Princeton University Press.

Rucker, R. (2016). *What is Wetware?* Acesso em <http://www.rudyrucker.com/blog/2007/08/25/what-is-wetware/>

Russel, K. & Carter, P. (2010). *Maximize o poder do seu cérebro: 1000 maneiras de deixar sua mente em forma*. São Paulo: Madras.

Sibilia, P. (2002). *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Sibilia, P. (2004). Do homo psico-lógico ao homo tecno-lógico: a crise da interioridade. *Semiosfera*, 3(7). Acesso em http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera07/conteudo_mm_psibilia.htm

Teixeira, J. F. (1994). *O que é filosofia da mente?* São Paulo: Editora Brasiliense (Coleção Primeiros Passos).

Teixeira, J. F. (2008). *Mente, cérebro e cognição*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Vidal, F. (2005). Le sujet cérébral: une esquisse historique et conceptuelle. *Psychiatrie, Sciences Humaines, Neurosciences*, 3(11), 37-48.



Capítulo 2

Direitos humanos e biopolítica: conversações entre Karl Marx, Hannah Arendt, Gilles Deleuze e Giorgio Agamben

Édio Raniere e Cleci Maraschin

Introdução

Existe em todas as políticas públicas uma vocação biopolítica no modo como agenciam mecanismos de poder e de controle da população na qual incidem. Não é diferente no caso das políticas públicas para a infância e juventude, principalmente para aquela parcela que se encontra sujeita às medidas socioeducativas.

Previstas pelo artigo n. 112 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990 (Lei n. 8.069/1990), as medidas socioeducativas são aplicadas quando um ato infracional, ao qual é passível de atribuir a responsabilidade ao adolescente – 12 a 18 anos –, é comprovado. Entre os estudiosos do campo, uma tese bastante aceita é que o ECA superou os preceitos do Código de Menores, legislação que vigia anteriormente, pela garantia de direitos que passou a instituir.

Em 2012, é aprovada a Lei n. 12.594, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), estabelecendo um padrão para a execução das medidas socioeducativas em todo o território brasileiro. Como pensar que a propalada garantia de direitos do ECA possa dar lugar a mecanismos modelares de governo dessa população? Em outro texto, Maraschin e Raniere (2011), discutimos como as questões da identidade e da responsabilidade configuram essas políticas. Buscamos, neste capítulo, pensar uma questão que à primeira vista parece paradoxal: de que forma a ênfase nos direitos humanos, efetivada pelas políticas públicas, estaria relacionada com a biopolítica?

Dizendo de outra forma, se a vida nua não pode ser pensada como um estado biológico natural, o qual originalmente existiria antes de ser capturado pelos ordenamentos jurídicos que nos governam, se esse biológico é também um produto fabricado pelas máquinas de biopoder, talvez a tese de Agamben (2015) esteja correta e tenha chegado a hora de compreendermos a relação existente entre a emergência de uma biopolítica contemporânea e as declarações de direitos humanos.

Com esse intuito, procura-se cartografar em quatro grandes pensadores - Karl Marx, Hannah Arendt, Gilles Deleuze e Giorgio Agamben - variações sobre as Declarações de Direitos Humanos. Através de uma trajetória que segue uma cronologia, intenta-se demonstrar as críticas bem como as possíveis linhas de fuga apontadas por cada um dos autores. Nossa busca é a de colocar em questão o quanto as declarações de direitos humanos abrem caminho para invenção de políticas fundamentadas por um biológico humano que Hannah Arendt irá nominar vida nua. Seguindo essa cronologia, o trabalho aposta num deslocamento do conceito de cidadania; numa crítica à responsabilização individual que o direito e o estado democrático fazem incidir sobre os cidadãos; e numa espécie de profanação – no sentido apontado por Agamben – aos direitos humanos. Dessa forma, o sujeito aparece, aqui, deslocado do foco

jurídico, sendo esse lugar ocupado pelas instituições. O mapeamento proposto sobre tais análises a respeito das declarações de direitos humanos evidencia algumas das condições de possibilidade que deram emergência a dispositivos biopolíticos cujos funcionamentos aparecem acoplados a políticas públicas direcionadas à juventude. Ao mesmo tempo, procura ensinar futuras pesquisas, no sentido de se pensar o sujeito não mais como cidadão, mas sim como uma espécie de refugiado. *Die Judenfrage*, de Karl Marx, será utilizado como ponto de partida. Como todo início, este também começa pelo meio, uma vez que sempre se pode atribuir-lhe suas condições de possibilidade.

Karl Marx e os direitos humanos – entre o homem e o cidadão

Em 1843, Bruno Bauer publica *Die Judenfrage (A questão judaica)*. Karl Marx se utiliza desse ensaio para, através de um debate com o autor, enunciar seu ponto de vista sobre a temática. No artigo que publica em 1844, o qual ficará conhecido pelo mesmo título, abre sua exposição trazendo à tona os principais argumentos de Bauer para sistematicamente desconstruí-los um a um. Ao final da primeira parte, aparecem sistematizadas suas proposições principais. Assim, se Bauer acredita que a emancipação política seria conquistada pelo judeu quando esse se libertasse de sua religião, Marx sustenta que é justamente o fato de ser possível ao judeu emancipar-se politicamente sem se desligar de sua religião que faz com que a emancipação política seja algo diferente da emancipação humana. O mesmo se daria com o cristão e, por conseguinte, com qualquer outro religioso.

Partindo dessa distinção entre emancipação humana e emancipação política, Marx inicia sua análise sobre os direitos humanos. O desenvolvimento da argumentação atinge seu ápice ao problematizar a divisão entre os *droits de l'homme* e os *droits du citoyen*.

Quem é este *homme* que é diferenciado do *citoyen*? Ninguém mais ninguém menos que o *membro da sociedade burguesa*. Por que o membro da sociedade burguesa é chamado de “homem” pura e simplesmente, e por que os seus direitos são chamados de *direitos humanos*? A partir de que explicaremos este fato? A partir da relação entre o Estado político e a sociedade burguesa, a partir da essência da emancipação política. Antes de tudo constataremos o fato de que os assim chamados *direitos humanos*, os *droits de l’homme*, diferentemente dos *droits du citoyen*, nada mais são do que os direitos do membro da sociedade burguesa, do homem egoísta, do homem separado do homem e da comunidade. (Marx, 2010, p. 48)

Ou seja, a experiência individual do homem – território que desde muito vinha recebendo especial atenção das religiões – pôde, com as Declarações de Direitos Humanos¹, bem como com a Escola Clássica do Direito Penal, libertar-se de sua prisão secular e legalizar sua forma na polis, distinguindo-se da experiência política do cidadão.

Tanto a Escola clássica do Direito Penal como as Declarações de Direitos Humanos têm como base conceitual a natureza humana. Dessa suposta natureza emanam direitos e deveres. Contudo, se o livre arbítrio – capacidade humana de distinguir entre o bem e o mal – é o conceito central na Escola clássica de Direito Penal² – conceito a partir do qual se torna possível localizar, julgar e condenar as ações no sujeito – as declarações de direitos humanos estariam, segundo o autor de O Capital, girando em torno de quatro grandes eixos – liberdade, propriedade, igualdade e segurança. Estendem-se, agora, os principais argumentos expostos.

Ao tratar da liberdade, Marx (2010) afirma que as postulações de direitos humanos que a utilizam não se baseiam na relação do homem com seus semelhantes, mas, ao contrário, na separação entre

1 O tratamento no plural se refere tanto à Declaração de Independência dos Treze Estados Unidos da América como à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

2 Teoria do Crime, José Geraldo da Silva (2010).

um homem e outro. Assim, o direito à liberdade seria o direito a estar separado e ou limitado a si mesmo. Avançando sobre a problemática, encontra-se a seguinte constatação: a aplicação prática da liberdade em se tratando de direitos humanos corresponde ao direito humano à propriedade privada.

O direito à propriedade é enunciado pelo filósofo como a permissão para usufruir do mundo de forma isolada, sem levar ninguém mais em consideração. Trata-se do direito ao proveito próprio. Onde cada homem encontra no outro não a realização, mas, ao contrário, a redução de sua liberdade. O direito humano à propriedade privada proclama o direito de desfrutar individualmente de seus bens, recursos, rendas de seu trabalho e de sua indústria.

Já o direito humano à igualdade estaria aprisionado a um caráter não político, que lhe empresta sentido e significação. Aproximando o direito à igualdade ao já comentado direito humano à liberdade, Marx (2010) afirma que tais proposições permitem que cada homem, em sua singularidade, seja percebido como mônada, como que permanentemente repousando em si mesmo.

Por fim, tomando a segurança como conceito social supremo da sociedade burguesa, o filósofo em questão problematiza o que descreve como o homem egoísta. O qual estaria se utilizando daquilo que é coletivamente produzido no sentido único de garantir sua conservação individual. A segurança seria, assim, a principal maneira de assegurar o egoísmo, de fortalecer, mantê-lo em funcionamento.

Em resumo, seria possível dizer que o homem postulado pelos Direitos Humanos tornou-se a base e também o pressuposto do Estado moderno, já que tais declarações permitem a entrada do indivíduo – corpo natural –, membro até então da sociedade civil, na política de estado. É esse “corpo natural”, adormecido politicamente durante séculos, que se pode acompanhar emergindo em meio à disputa entre o homem e o cidadão. Essa suposta natureza humana irá, aos

poucos, criar condições de possibilidade para uma governabilidade biopolítica. A manutenção do poder exige agora um deslocamento que passará das mãos do soberano despótico, o qual fazia morrer e deixava viver, aos gabinetes dos democratas, que utilizarão suas políticas públicas para fazer viver e deixar morrer.

Mas esse corpo natural em devir, suspeita o autor de *O Capital*, não estabelece um movimento emancipatório, já que a liberdade proclamada em tais tratados tende a legitimar elementos tradicionalmente arraigados pela cultura. Assim, “o homem não foi libertado da religião. Ele ganhou a liberdade de religião. Ele não foi libertado da propriedade. Ele ganhou a liberdade de propriedade. Ele não foi libertado do egoísmo do comércio. Ele ganhou a liberdade de comércio” (Marx, 2010, p. 53).

Marx finaliza o ensaio argumentando que os tratados de direitos humanos não conseguiram promover a emancipação humana, que para isso seria preciso ao homem real/individual conquistar em si o cidadão abstrato. Ou seja, a emancipação humana, segundo análise desse autor, poderia ocorrer somente quando:

o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “forces propres” [forças próprias] como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força política. (Marx, 2010, p. 54)

No século seguinte a essa análise, pouca novidade surgiu no campo dos direitos humanos. Somente no século XX, com a luta camponesa e operária, é que novos e importantes postulados serão introduzidos na discussão. Nesse sentido, cabe ressaltar a revolução mexicana de 1910 e a revolução russa de 1917. Contudo, o momento mais importante desta segunda fase dos direitos humanos sem dúvida é 1948, ano em que a *Declaração Universal dos Direitos*

do Homem foi aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, marco histórico onde a versão contemporânea dos direitos humanos aparece consolidada.

A declaração de 1948 incide sobre circunstâncias não debatidas por Marx: o despotismo e o arbítrio do Estado. Sua maior justificativa são os horrores causados pela Segunda Guerra, em especial o holocausto principalmente do povo judeu. A Declaração Universal dos Direitos Humanos surge em meio a uma tentativa mundial de elaborar a insuportável ferida aberta na alma humana pelas atrocidades nazistas. Os campos de concentração, o sofrimento de mais de seis milhões de pessoas, a morte em série financiada, planejada e executada pelas mãos de um Estado soberano traz, ao debate internacional, a urgência de se evitar futuros massacres como esses.

Dessa forma, em meio a um grande sentimento de culpa e de compaixão, vem à tona um documento, de caráter universal, cujas principais motivações seriam promover a dignidade e defender o ser humano da opressão. Três anos mais tarde, Hannah Arendt publica *Origens do totalitarismo*, onde, entre tantas questões, irá debater a problemática dos direitos humanos. Contudo, ao contrário do que era de se esperar, em virtude da comoção da época, ao invés de uma análise entusiástica, Arendt aprofunda a crítica iniciada por Marx. Sua análise toma a distinção criticada por Marx entre cidadão e homem como ponto nevrálgico do debate.

Hannah Arendt e os Direitos Humanos – ou quando tudo se perde, exceto o direito de ser humano

Hannah Arendt, pensadora alemã de origem judaica, é testemunha da crueldade nazista. Depois de ser presa, por um breve período, em 1933, procura refúgio na França, onde, em 1937, sua nacionalidade será caçada pelo Estado alemão. Foge mais uma vez, agora para os Estados Unidos, onde será repatriada em 1951. Os horrores desencadeados pela política nacional socialista, os milhares

de corpos encontrados nos campos de concentração, as perseguições e privações de direitos vivenciados pela própria Arendt forçam seu pensamento à problemática dos direitos humanos.

O conceito de direitos humanos, baseado na suposta existência de um ser humano em si, desmoronou no mesmo instante em que aqueles que diziam acreditar nele se confrontaram pela primeira vez com seres que haviam realmente perdido todas as outras qualidades e relações específicas — exceto que ainda eram humanos. O mundo não viu nada de sagrado na abstrata nudez de ser unicamente humano. E, em vista das condições políticas objetivas, é difícil dizer como teriam ajudado a resolver o problema os conceitos do homem sobre os quais se baseiam os direitos humanos — que é criado à imagem de Deus (na fórmula americana), ou que representa a humanidade, ou que traz em si as sagradas exigências da lei natural (na fórmula francesa). (Arendt, 1989, p. 333)

O que os direitos humanos poderiam ter feito pelos seis milhões que morreram nos campos de concentração nazistas? Para esses que perderam tudo, a natureza humana, a qualidade de ser humano, pôde muito pouco. Uma vez expatriados de sua cidadania política, o que restaria ao humano em si? Contudo, o mais importante, aqui, seria perguntar se na fórmula dos direitos humanos haveria algum grande perigo, algum grande risco que seria necessário, o quanto antes, detectar com precisão para num futuro próximo investir em sua desativação.

Os sobreviventes dos campos de extermínio, os internados nos campos de concentração e de refugiados, e até os relativamente afortunados apátridas, puderam ver, ... que a nudez abstrata de serem unicamente humanos era o maior risco que corriam. Devido a ela, eram considerados inferiores e, receosos de que podiam terminar sendo considerados animais, insistiam na sua nacionalidade, o último vestígio da sua antiga cidadania, como o último laço remanescente e reconhecido que os ligaria à humanidade. Sua desconfiança em relação aos direitos naturais e sua preferência pelos direitos nacionais advêm precisamente da sua

compreensão de que os direitos naturais são concedidos até aos selvagens. Burke já havia temido que os direitos naturais “inalienáveis” somente confirmariam o “direito do selvagem nu”, e, portanto, reduziriam as nações civilizadas à condição de selvageria. (Arendt, 1989, p. 333)

Este humano nu, despido de sua cidadania, ocupa um território passível de ser inferiorizado por aqueles que possuem a cidadania como direito. Assim, apesar de defenderem causas nobres, as Declarações de Direitos Humanos, quando afastadas dos direitos de cidadania, podem também possibilitar uma espécie de racismo humanitário; ou ainda, quando apropriadas por um Estado, tal como Foucault enuncia em seu *Em defesa da sociedade*, aparecer como “racismo de Estado”.

A aposta de Arendt passa por uma aproximação entre direitos humanos e a cidadania. Nas palavras de Carmelita Felício (2009, p. 20) “Arendt insistiu no fato de que os direitos humanos são um princípio nobre, mas vazio, se eles não são ampliados com os direitos do cidadão, isto é, daquele que pode se manifestar pela palavra e pela ação na constituição de um mundo comum”. Nesse sentido, a tese de Arendt parece apontar à consolidação dos direitos do cidadão. Ou seja, de que o que poderia garantir o direito de se ter direito seria a cidadania, e não a humanidade nua, o simples pertencimento à espécie humana.

Cabe ressaltar que a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 avança justamente nesse sentido ao postular que todo ser humano tem direito ao trabalho, à cultura, ao lazer, à educação, à saúde, à moradia. Dessa forma, se as declarações anteriores dirigiam suas linhas aos direitos civis e políticos, a declaração de 1948 preocupase efetivamente em garantir a todos um mínimo de igualdade social. Assim muitos Estados-Nação se puseram à criação de várias políticas públicas numa tentativa de responder às necessidades sociais de suas populações, movimento que ao mesmo tempo intensificou os investimentos desses Estados sobre a vida. Investimentos que, por sua

vez, acabam distribuídos entre diversas categorias elaboradas a partir de características de gênero, faixa etária, classe social, função social, raça, localização geográfica (Guareschi, Lara, & Adegas, 2010). Retomando a relação entre direitos humanos e biopolítica, podemos formular a seguinte questão: estaria no agenciamento entre direitos humanos e cidadania o encaminhamento para problemática aberta por Marx e retomada por Arendt? Ou esse arranjo estaria possibilitando, a exemplo das políticas públicas direcionadas à juventude brasileira, desviar o foco de atenção de um problema ainda mais profundo e delicado? A relação entre direitos humanos e cidadania poderia estar dando guarida a políticas de controle de uma população?

Gilles Deleuze e os Direitos Humanos – da falha do contrato à ingenuidade do axioma

Em 1953, Gilles Deleuze publica sua primeira obra, *Empirisme et Subjectivité: essai sur La nature humaine selon Hume*. Como o próprio título enuncia, a tentativa do filósofo passa por uma análise do pensamento de David Hume, privilegiando a problemática da natureza humana. No segundo capítulo – O mundo da cultura e as regras gerais –, Deleuze dedica boa parte de sua atenção aos direitos naturais. Ao aceitar a tese de Hume de que haveria uma falha nas teorias contratuais, desenvolve o argumento, levando o leitor a perceber a contradição que repousa sobre os conjuntos de direitos que se pretendem preexistentes.

A falha das teorias contratuais é apresentar uma sociedade cuja essência é a lei, que só tem como objeto apenas garantir certos direitos naturais preexistentes e que não tem outra origem a não ser o contrato: o positivo é posto fora do social; o social é posto em outro lado, no negativo, na limitação, na alienação. Toda a crítica que Hume faz do estado de natureza, dos direitos naturais e do contrato equivale a mostrar que é preciso reverter o problema. Por si mesma, a lei não pode ser fonte de obrigação, porque

a obrigação da lei supõe uma utilidade. A sociedade não pode garantir direitos preexistentes: se o homem entra em sociedade, é justamente porque ele não tem direitos preexistentes. (Deleuze, 2001, p. 42)

Assim, boa parte das políticas públicas, cujas bandeiras giram em torno da “garantia de direitos”, estariam aqui colocadas em questão por Deleuze. Afinal, como seria possível garantir um conjunto de direitos, sejam eles legitimados pela natureza humana ou pela autoevidência, se esses direitos preexistirem ao nascimento de um sujeito que nasce no social? Dizendo de outra forma: para se garantir direitos preexistentes seria necessário alienar, limitar, pensar a imanência social como um mero recurso passivo, o qual poderia vir a ser, ou não, utilizável na produção de subjetividade desse sujeito. Utilizando o paradoxo apontado por Arendt, mais uma vez, percebe-se o quanto de vida nua há na preexistência dos direitos, já que é o nascimento biológico que o sustenta, e não o nascimento social – “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” (Artigo nº 1 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948). Dessa forma, a garantia de direitos preexistentes só pode ser legitimada através da vida nua.

Contudo, o que produz singularidade, as máquinas de subjetivação, operam no social, e não no sujeito. O sujeito seria praticamente irrelevante nesse contexto. Se o homem entra em sociedade é por ser parcial, por não estar egoicamente definido, o que, sem dúvida, torna a questão muito mais complexa. Se a natureza humana fosse simplesmente egoica, os contratos, as leis, os direitos bastariam. Como vimos, boa parte da crítica de Marx aos direitos humanos incide sobre esse ponto. Também a análise de Deleuze, baseada em Hume, põe em evidência a ineficácia da teoria contratual. E assim, quando as fórmulas, ovacionadas pelo direito – limitar e garantir –, se mostram insuficientes, a lei e o contrato cedem espaço à instituição.

Em 1955, Deleuze publica *Instincts et institutions*, onde continua desenvolvendo alguns dos argumentos já apresentados na obra anteriormente comentada.

A instituição se apresenta sempre como um sistema organizado de meios. É aí que está, aliás, a diferença entre a instituição e a lei: esta é uma limitação das ações, aquela, um modelo positivo de ação. Contrariamente às teorias da lei, que colocam o positivo fora do social (direitos naturais) e o social no negativo (limitação contratual), a teoria da instituição põe o negativo fora do social (necessidades) para apresentar a sociedade como essencialmente positiva, inventiva (meios originais de satisfação). Tal teoria nos dará, enfim, critérios políticos: a tirania é um regime onde há muitas leis e poucas instituições, a democracia é um regime onde há muitas instituições e muito poucas leis. **A opressão se mostra quando as leis são aplicadas diretamente sobre os homens, e não sobre as instituições prévias que garantem os homens.** (Deleuze, 2006, pp. 29-30, grifo nosso)

Quando o positivo está fora do social, o que resta é a vida nua, o corpo biológico, o indivíduo. Assim, a lei e o contrato precisam necessariamente operar sobre esse corpo individual, não existe outra saída, trata-se de uma limitação conceitual. Deleuze, contudo, diferentemente de Marx, que aponta como saída o sujeito abstrato, e também de Arendt, que aponta a cidadania, vai criar uma linha de fuga a partir da instituição. É interessante perceber o quanto o sujeito abstrato bem como a cidadania ainda repousam suas positivities fora do social, ou seja, suas ações, em última instância, continuam sendo dirigidas a um indivíduo. O que permite que a responsabilidade ainda seja pensada sobre o sujeito. Postulados que permitem que um sujeito, mesmo cidadão, possa ser individualmente responsabilizado pela Lei sempre que descumprir os acordos por ela estabelecidos. Acordos, como o da propriedade privada, garantidos pelos direitos naturais e também pelos direitos humanos. Ironicamente, sobrevive, portanto, no sujeito abstrato e na cidadania, um tanto

do sistema de limitações legais e contratuais fortemente combatidas tanto por Marx como por Arendt. As políticas públicas, de uma forma geral, sustentam suas ações em termos contratuais que possibilitam gerir coletivos justamente quando atingem, de forma contratual, a vida nua de seus indivíduos. Mas esse potencial biopolítico das políticas públicas necessita, para seu pleno funcionamento, além do corpo natural, onde fundamentam seus contratos, de um corpo cidadão, onde acreditam agir.

Nesse sentido, Rodrigo Lages Silva e Rosane Neves Silva demonstram o quanto o conceito de cidadania pode ser perverso e mesmo legitimador do sistema de limitações legais, já que, ao ser aproximado da identidade, esse conceito tende a localizar no sujeito - agora cidadão regido por uma lei -, a responsabilizá-lo individualmente por uma violência que é social.

De certa forma, a expressão máxima de uma identidade funcional, uma identidade que conduza a uma boa sociabilidade é a identidade cidadã. Conjugando-se com o conceito de identidade, a cidadania constitui polo oposto àquele onde se situariam a violência, o comportamento anti-social, a delinquência. (Silva & Silva, 2008, p. 139)

Tal aproximação permite a realização de inúmeros projetos, cuja pretensão é quase sempre “resgatar a cidadania”, “desenvolver a cidadania”, “promover a cidadania” de sujeitos em situação de risco para que assim se possa “prevenir” a violência. Tais ações se põem em movimento através de um percurso que vai do contrato realizado sobre a vida nua – visto que as justificativas desses projetos estão fundamentadas sempre na defesa dos direitos humanos – à cidadania como ponto de chegada. O sujeito, enquanto vida nua, realiza uma passagem desta condição que permite a instauração do contrato até uma posição seguinte, chamada de cidadã. Ao ser apreendida pelo sujeito, a cidadania é colocada em paradoxo com relação ao ato de nascer em determinado território. Afinal, se o nascimento confere cidadania, como seria possível resgatá-la?

Assim, ao se promover a cidadania com a intenção de prevenir a violência, tais projetos acabam por depositar sobre os ombros nus dos sujeitos a responsabilidade pela violência. A operação acontece como se tudo fosse uma questão de escolha pessoal, “cada um de vocês terá que fazer uma escolha: ser violento ou ser um cidadão”. A violência deixa de ter uma positividade social e passa a preexistir, amalgamada, individualizada, interiorizada em cada um desses sujeitos. Extirpada do social, ela somente apareceria na conduta antisocial. Um argumento semelhante, onde a cidadania aparece como tecnologia de domesticação – política pública – a determinadas juventudes, pode ser encontrado em Sposito e Carrano (2003).

Também Oriana Hadler (2010), bem como Nikolas Rose (1988), localizam no conceito de cidadania um dispositivo através do qual o controle de determinadas populações seria facilitado. Em uma análise muito próxima, ambos os pesquisadores problematizam a cidadania como um tipo de regulamentação moral que viria à tona sempre que necessário para enunciar a forma como os indivíduos devem se governar. As políticas públicas, voltadas para a juventude, tenderiam, portanto, a fazer uso da cidadania sempre que necessário fosse solicitar moralidades e habilidades pró-sociais ao jovem.

Formula-se uma nova questão: quando o Estado investe recurso público no sentido de promover a cidadania, justificando sua necessidade na defesa dos direitos humanos, o que efetivamente estaria realizando?

Seguindo a análise de Deleuze sobre as teorias do contrato, há um artigo publicado em 1972, intitulado “Hume”, onde o filósofo francês retoma a discussão iniciada nos trabalhos acima mencionados, desenvolvendo um pouco mais sobre o paradoxo entre as limitações legais e a natureza parcial do homem.

o fundo da paixão não é o egoísmo, mas, o que é ainda pior, a parcialidade: nós nos apaixonamos inicialmente por nossos pais, nossos próximos e nossos semelhantes (causalidades, contingida-

des, semelhanças restritas). E isso é mais grave do que se fôssemos governados pelo egoísmo. Os egoísmos exigiriam apenas que fossem limitados para que a sociedade fosse possível: é nesse sentido que, do século XVI ao XVIII, as célebres teorias do contrato colocaram o problema social como devendo ser o de uma limitação dos direitos naturais, ou mesmo de uma renúncia a esses direitos, donde nasceria a sociedade contratual. Mas, quando Hume diz que o homem não é naturalmente egoísta, que ele é naturalmente parcial, não se deve ver nisso uma simples nuance nas palavras, é preciso que se veja aí uma mudança radical na posição prática do problema social. O problema não é mais: como limitar os egoísmos e os direitos naturais correspondentes?, mas sim: como ultrapassar as parcialidades, como passar de uma - 'simpatia limitada' a uma - 'generosidade ampliada', como estender as paixões, dar-lhes uma extensão que elas não têm por si mesmas? A sociedade não é mais absolutamente pensada como um sistema de limitações legais e contratuais, mas como uma invenção institucional: como inventar artifícios, como criar instituições que forcem as paixões a ultrapassar sua parcialidade e que formem outros tantos sentimentos morais, jurídicos, políticos (por exemplo, o sentimento de justiça) etc (Deleuze, 2006, pp. 216-217)

Novamente a aposta de Deleuze desloca o sujeito do foco, seja esse o da punição ou da garantia de direitos, para pensar as instituições como um território aberto, em processo. O conceito de vontade, inventado por antigos sacerdotes com o intuito de culpar e castigar, considera o homem livre para agir ou não agir; a escolha de realizar ou não uma ação depende única e exclusivamente de sua consciência individual. Se uma instituição inventou esse conceito e, através dele, tornou-se possível julgar e culpabilizar milhares de pessoas ao longo da história, seria possível também ultrapassar o mito do livre-arbítrio e da consciência individual com a criação de outras instituições? Seria possível criar instituições a ponto de reorganizar as forças em voga, inclusive as forças que nos mantêm reféns de um Estado de direito, da punição individualizada? Seria possível retirar do sujeito e depositar sobre essas instituições a responsabilidade legal? Que instituições seriam essas? E mais, o que fazer com as instituições que

forçaram o aparecimento da culpa, do ressentimento, da vingança, da propriedade, do homem e todo aparato jurídico criado para lidar com essas invenções?

Em *Qu'est-ce que la philosophie?*, livro escrito em parceria com Felix Guattari, Deleuze irá problematizar diretamente, no capítulo Geo-Filosofia, a questão dos Direitos Humanos, ainda em consonância com Hume, contudo agora questionando a utilidade e até mesmo certa relação dos direitos humanos com os Estados totalitários, com o mercado, com a produção da miséria.

Os direitos do homem são axiomas: eles podem coexistir no mercado com muitos outros axiomas, especialmente na segurança da propriedade, que os ignoram ou ainda os suspendem, mais do que os contradizem: “a impura mistura ou o impuro lado a lado”, dizia Nietzsche. Quem pode manter e gerar a miséria, e a desterritorialização-reterritorialização das favelas, salvo polícias e exércitos poderosos que coexistem com as democracias? Que social-democracia não dá a ordem de atirar quando a miséria sai de seu território ou gueto? Os direitos não salvam nem os homens, nem uma filosofia que se reterritorializa sobre o Estado democrático. Os direitos do homem não nos farão abençoar o capitalismo. E é preciso muita inocência, ou safadeza, a uma filosofia da comunicação que pretende restaurar a sociedade de amigos ou mesmo de sábios, formando uma opinião universal como “consenso” capaz de moralizar as nações, os Estados e o mercado. (Deleuze & Guattari, 1992, p. 138)

Como se viu no primeiro tópico deste ensaio, a análise realizada por Marx (2010) não deixa dúvida sobre a centralidade que a propriedade privada possui nas Declarações de Direito. Um paradoxo no mínimo irônico quando se leva em conta, por exemplo, que o mesmo adolescente atualmente protegido pelas declarações de direito, e por documentos produzidos com base nelas, possa estar cumprindo medida socioeducativa de internação por furto. Ou seja, a mesma Declaração de Direitos que permite garantir ao adolescente preso alimentação, higiene, educação, cultura, bem-estar físico e

psicológico protege antes a propriedade privada que esse adolescente furtou. Contudo, a propriedade pesa mais na balança jurídica, já que é o adolescente, por desrespeitá-la, que acaba privado de sua liberdade, e nunca o contrário. Dizendo de outra forma, o que se protege de fato é a propriedade.

Ao pensar os direitos humanos como axiomas, Deleuze critica a autoevidência que fundamenta tais declarações. Essa tese foi minuciosamente investigada e debatida por Lynn Hunt em *A invenção dos direitos humanos* (2009).³ Ou seja, se um axioma é um princípio evidente e justamente por isso não necessita ser demonstrado, pensar os direitos humanos como axiomas que coexistem no mercado com outros axiomas – a exemplo da propriedade privada e de todo arsenal de segurança que a cerca – sugere, para além de uma ingenuidade conceitual que estaria na base dessas declarações, uma espécie de mascaramento da miséria, quase que sua autorização, seu aceite. Trata-se, mais uma vez, de um paradoxo: o mesmo direito que protege o oprimido torna aceitável a miséria que o oprime. Nesse sentido, agenciar conceitos e/ou, muitas vezes, fórmulas mágicas que prometem construir uma paz universal, um consenso entre todas as nações, através do qual seria possível fazer com que o mercado e o Estado respeitem todas as pessoas igualmente, parece mesmo algo inatingível.

Frente ao exposto, formulamos uma terceira questão: estaria o Estado democrático se utilizando dos direitos humanos como autorização, como aquilo que torna aceitável o capitalismo, a produção de miséria, a divisão de classes, a desigualdade social, e até mesmo a prisão de adolescentes? Sem os direitos humanos, essas “safadezas” seriam toleradas? Estaria a defesa de sujeitos/identidades oprimidos favorecendo de alguma forma um sistema que produz opressão?

3 Um dos principais argumentos de Lynn Hunt, em *A invenção dos direitos humanos*, é de que a autoevidência seria a base fundamental dos Direitos Humanos. Segundo a pesquisadora, esses direitos se sustentam em axiomas como “*isso não é mais aceitável*”, “*não se pode mais tolerar isso*”, etc. Haveria, portanto, na fundamentação dos direitos humanos, uma inegável circularidade onde somente seria possível conhecer seu significado quando uma violação dos mesmos despertaria sentimentos como indignação, compaixão, aflição.

Na letra G, de gauche (esquerda), uma das letras que compõem a série de entrevistas cedidas por Gilles Deleuze a Claire Parnet,⁴ o filósofo francês sintetiza, de forma um tanto polêmica, alguns de seus principais argumentos sobre os direitos humanos:

Claire Parnet: E o respeito aos direitos humanos que está tão em voga hoje em dia? É o contrário do devir revolucionário, não?

Gilles Deleuze: A respeito dos direitos humanos, tenho vontade de dizer um monte de coisas feias. Isso tudo faz parte deste pensamento molenga ... É puramente abstrato. O que quer dizer “direitos humanos”? É totalmente vazio. Existem determinadas situações como, por exemplo, a da Armênia. ... Os armênios se refugiam em sua República. Corrija-me se estiver errado. E aí, ocorre um terremoto. Parece uma história do Marquês de Sade. Esses pobres homens passaram pelas piores provas, vindas dos próprios homens e, mal chegam a um local protegido, é a vez da natureza entrar em ação. E aí vêm me falar de direitos humanos, é conversa para intelectuais de meia tigela, intelectuais sem ideia. Notem que essas declarações dos direitos humanos não são feitas pelas pessoas diretamente envolvidas: as sociedade e comunidade armênias. Pois para elas são o problema e não os direitos humanos ... São casos abomináveis. Pode haver casos que se assemelhem, mas é uma questão de jurisprudência ... Agir pela liberdade e tornar-se revolucionário é operar na área da jurisprudência! A justiça não existe! Direitos humanos não existem! O que importa é a jurisprudência ... Trata-se de criar e não de se fazer aplicar os direitos humanos. Trata-se de inventar as jurisprudências em que para cada caso tal coisa não será mais possível. (*O Abecedário de Gilles Deleuze*, 1988, letra G)

Ao demonstrar as falhas das teorias contratuais, seus agenciamentos com a natureza humana, Deleuze explicita a relação biopolítica dos direitos humanos com o capitalismo. Torna-se evidente, portan-

⁴ Documentário dirigido e produzido por Pierre-André Boutang, filmado em 1988 e transmitido pela primeira vez em 1996, um ano após a morte de Deleuze. O documentário ficou conhecido como *O Abecedário de Gilles Deleuze*.

to, que, ao defender os direitos humanos de forma contratual, fortalecemos e perpetuamos a responsabilização individual. Esse fortalecimento dos direitos e dos deveres fundamentados numa natureza biológica que precede a entrada do sujeito no social cria dificuldades quando se faz necessário o enfrentamento a instituições que podem, por exemplo, em nome de uma governamentalidade democrática, aprisionar jovens que vivem nas periferias das cidades brasileiras, reduzir a maioria penal, privatizar todo sistema socioeducativo, gerando lucro e benesses apenas aos empresários do ramo.

Giorgio Agamben e os Direitos Humanos – quando o cidadão reconhece o refugiado que ele mesmo é

Em *Al dilà dei diritti dell'uomo*, breve e provocativo artigo publicado em 1998, Agamben se mostra convencido da impossibilidade de evitar o desmantelamento do Estado-Nação. O Leviatã teria alcançado seu limite, esgotado suas possibilidades. O principal personagem nessa análise é o refugiado, utilizado pelo autor para demonstrar uma crise que envolveria Estado-Nação, soberania, direitos humanos.

Se o refugiado representa, no ordenamento do Estado-nação, um elemento tão inquietante, é antes de tudo porque, rompendo a identidade entre homem e cidadão, entre natividade e nacionalidade, põe em crise a ficção originária da soberania. Exceções particulares a esse princípio, naturalmente, sempre existiram: **a novidade do nosso tempo, que ameaça o Estado-nação nos seus próprios fundamentos, é que partes crescentes da humanidade não são mais representáveis no seu interior.** Por isso, na medida em que se rompe a velha trindade Estado-nação-território, o refugiado, essa figura aparentemente marginal, merece ser, pelo contrário, considerado como a figura central da nossa história. (Agamben, 2015, p. 29 – grifo nosso)

Se o funcionamento da soberania está atrelado ao mesmo tempo a um simples nascimento biológico em determinado território e às

declarações de direito, colocar o refugiado sob holofotes analíticos faz projetar em uma tela conceitual uma imagem aterradora: a real função das declarações de direito nos Estados Modernos seria transformar a vida nua no principal fundamento da soberania.

É tempo de parar de olhar para as Declarações dos Direitos de 1789 até hoje como proclamações de valores eternos metajurídicos, inclinados a vincular o legislador ao respeito a eles, e de considerá-las segundo aquela que é sua função real no Estado moderno. Os direitos do homem representam, de fato, antes de tudo, a figura originária da inscrição da vida nua natural na ordem jurídico-política do Estado-nação. Aquela vida nua (a criatura humana), que no *Ancien Régime*, pertencia a Deus e que, no mundo clássico, era claramente distinta (como *zoé*) da vida política (*bios*), entra agora em primeiro plano no cuidado do Estado e se torna, por assim dizer, seu fundamento terreno. Estado-nação significa: Estado que faz da natividade, do nascimento (isto é, da vida nua humana) o fundamento da própria soberania. (Agamben, 2015, pp. 16-17)

Dessa forma as declarações de direitos humanos estariam possibilitando a inserção da vida nua, legitimando sua presença, proporcionando ao Estado Moderno o fundamento de uma estranha soberania. Mas o que Agamben, afinal, está chamando de soberania?

Em 1995, Agamben publica *Homo Sacer. Il potere sovrano e La nuda vita*, livro polêmico que lhe rendeu inúmeras críticas, mas também uma impressionante repercussão internacional. Partindo da definição de soberania elaborada por Carl Schmitt – “soberano é aquele que decide sobre o estado de exceção” –, este que talvez tenha sido o mais importante dos juristas nazistas torna-se um irônico ponto de partida para análise do paradoxo: “o soberano está, ao mesmo tempo, dentro e fora do ordenamento jurídico”. Para Schmitt, é preciso sustentar o paradoxo, pois não se pode aplicar norma ao caos. Ou seja, inicialmente se faz necessário o estabelecimento de uma ordem: para que assim o ordenamento jurídico faça sentido. “É

preciso criar uma situação normal, e soberano é aquele que decide de modo definitivo se este estado de normalidade reina de fato.” O que demonstra que o soberano não precisa do “direito para criar o direito” e, assim, que a essência da autoridade estatal é a exceção e o monopólio da decisão.

Essa análise leva o filósofo italiano a duas importantes constatações:

- Que as declarações de direito representam um lugar de passagem: “da soberania régia de origem divina à soberania nacional”. Ou seja, que elas “asseguram a exceptio da vida na nova ordem estatal que deverá suceder à derrocada do ancien régime” (Agamben, 2010, p. 125).
- Que “O retorno do estado de exceção efetivo em que vivemos ao estado de direito não é possível, pois o que está em questão agora são os próprios conceitos de ‘estado’ e de ‘direito’” (Agamben, 2004, pp. 131-132).

Formulamos então uma quarta questão: se atualmente vivemos num estado de exceção de onde não é mais possível retornar ao estado de direito, que dispositivo seria esse que nos mantém convenientes, dia após dia, de estarmos habitando um estado democrático de direito? Que poderoso véu é esse que mantém nossos olhares ofuscados?

Para além do argumento de que a vida nua seria a peça-chave nessa reconfiguração e de que o refugiado estaria colocando em crise a invenção, ou mesmo esta reorganização da soberania, a conexão mais assombrosa enunciada por Agamben nessa obra é de que haveria uma necessária relação entre esta reterritorialização da soberania e as políticas de extrema direita.

Fascismo e nazismo são, antes de tudo, uma redefinição das relações entre o homem e o cidadão e, por mais que isto possa parecer paradoxal, eles se tornam plenamente inteligíveis somente se situados sobre o pano de fundo biopolítico inaugurado pela soberania nacional e pelas declarações dos direitos. (Agamben, 2010, pp. 126-127)

Aparentemente, tudo vem se organizando como se

a partir de um certo ponto, todo evento político decisivo tivesse sempre uma dupla face: os espaços, as liberdades e os direitos que os indivíduos adquirem no seu conflito com os poderes centrais simultaneamente preparam, a cada vez, uma tácita porém crescente inscrição de suas vidas na ordem estatal, oferecendo assim uma nova e mais temível instância ao poder soberano, do qual desejariam liberar-se. (Agamben, 2010, p. 118)

Lynn Hunt (2009), apesar de não se utilizar do método arqueológico de Agamben⁵, chega, através de uma minuciosa pesquisa historiográfica, ao mesmo paradoxo que envolve direitos humanos e nacionalismos de extrema direita.

No quinto capítulo de *A invenção dos direitos humanos – a força maleável da humanidade* –, a historiadora norte-americana problematiza as principais forças desencadeadas pelas declarações de direitos. Forças que fazem funcionar, por exemplo, o nacionalismo. Num primeiro momento, um nacionalismo de esquerda, a exemplo do utilizado por Simon Bolívar na América Latina, e, mais tarde, o nacionalismo de direita de Hitler e Mussolini.

Esse trabalho explicita como “a própria noção de direitos humanos nos abriu inadvertidamente a porta para formas mais virulentas de sexismo, racismo e antissemitismo” (Hunt, 2009, p. 188). Para a pesquisadora norte-americana, o que estaria em jogo seria uma violenta disputa entre forças liberais e conservadoras. Quando as forças liberais vencem uma primeira batalha onde se afirma a igualdade natural de toda a humanidade, as forças conservadoras reagem suscitando “asserções igualmente globais sobre a diferença natural, produzindo um novo tipo de opositor aos direitos humanos, até mais poderoso e sinistro do que os tradicionalistas”

5 Numa entrevista concedida em 2004, Giorgio Agamben é enfático: “Meu método é arqueológico e paradigmático num sentido muito próximo ao de Foucault, mas não completamente coincidente com ele” (Oliveira, 2010).

(Hunt, 2009, p. 188). O embate entre ambas as forças desenvolve estranhas doutrinas biológicas, as quais mais tarde serão utilizadas para legitimar cientificamente a superioridade ariana.

Como exemplo, a pesquisadora cita a restrição de direitos enfrentada pelos judeus do século XVIII, na França. Na época, tais restrições provavam apenas que o

hábito e os costumes exerciam grande poder, e não que tais restrições fossem autorizadas pela razão. Da mesma forma, para os abolicionistas a escravidão não demonstrava a inferioridade dos africanos negros: revelava meramente a ganância dos escravagistas e cultivadores brancos. (Hunt, 2009, p. 191)

Dessa forma, apesar dos inegáveis benefícios trazidos pelas declarações de direito, a exemplo do constitucionalismo moderno, de seu caráter emancipatório, da efetiva resistência contra os despotismos de Estado, os direitos humanos trouxeram:

na sua esteira toda uma sucessão de gêmeos malignos. A reivindicação de direitos universais, iguais e naturais estimulava o crescimento de novas e às vezes fanáticas ideologias da diferença. Alguns novos modos de ganhar compreensão empática abriram o caminho para um sensacionalismo da violência. O esforço para expulsar a crueldade de suas amarras legais, judiciais e religiosas tornava-a mais acessível como uma ferramenta diária de dominação e desumanização. Os crimes inteiramente desumanos do século XX só se tornaram concebíveis quando todos puderam afirmar serem membros iguais da família humana. (Hunt, 2009, p. 215)

Esse paradoxo, quando analisado por Osvaldo Giacoia (2008) em seu rigoroso ensaio *Direitos humanos na Era da Bio-política*, recebe o nome de “caráter bifrontal”, o qual estaria desde a Revolução Francesa participando de “todo evento político decisivo”. Para o filósofo brasileiro, esse caráter bifrontal das declarações de direito possibilita que tais declarações sejam a outra face do racismo biopolítico.

Talvez uma imagem mais acessível possa ser encontrada no filme *O Poderoso Chefão*, em especial o terceiro da série, quando Michel trava o famoso diálogo com Kay, sua esposa que o havia abandonado por medo. Os argumentos de Michel são objetivos e claros, ele diz que fez tudo o que fez para proteger a família, e com um pouco de atenção é possível perceber que realmente Michel não está interessado em grandes fortunas, em sexo ou em alimentar qualquer outro vício pessoal. O que ele realmente quer é proteger sua família.

Uma segunda imagem possível vem da velha disputa entre Islã e América do Norte. Para muitos fundamentalistas, a circuncisão (castração feminina), a obrigação de uso da burca, bem como da submissão da mulher ao homem estão relacionadas à proteção. O argumento é de que, enquanto os ocidentais prostituem suas mulheres, os muçulmanos protegem as suas.

Seriam formas equivocadas de proteção? Formas ultrapassadas para alguns, fundamentais para outros. A fórmula, contudo, parece a mesma: “Eu te protejo para que você se sujeite ao meu despotismo”. Talvez o que se proteja efetivamente, em todos os casos, seja o Poder.

Nesse contexto, cabe, por exemplo, problematizar as políticas públicas voltadas ao governo da juventude:

tendo em vista que as políticas públicas de juventude são maneiras de garantir os direitos da população juvenil, compreende-se que só se pode pensar em práticas como estratégias de governamentalidade sobre o sujeito jovem no momento em que existe um sujeito de direitos sobre o qual intervir ... Nesse contexto, os direitos humanos são vistos como estratégias de governamentalidade expondo a maneira que o Estado encontra para intervir na população. Sob um discurso de um sujeito de direitos é possível novamente gerir a vida, proteger a sociedade, manejar a circulação de indivíduos, entrar na família e nas práticas diárias e controlar sujeitos. (Hadler, 2010, p. 81)

Estaria esse estado de exceção, que supostamente habitamos, se utilizando de noções como cidadania e direitos humanos, tal qual

um poderoso chefe? Com o discurso e mais que isso, com a efetiva promoção de políticas públicas, obscurecendo, iludindo, ofuscando nossa percepção? Se a “cidadania não identifica agora simplesmente uma genérica sujeição à autoridade real ou a um determinado sistema de leis ... ela nomeia o novo estatuto da vida como origem e fundamento da soberania ... Daí a centralidade (e a ambiguidade) da noção de ‘cidadania’ no pensamento político moderno” (Agamben, 2010, pp. 125-126).

Dizendo de outra forma: não estaria justamente neste encontro entre direitos humanos e cidadania a grande estratégia de biopolítica do Estado Moderno? Nossa hipótese é de que esse encontro esteja agenciando um dos mais importantes dispositivos deste século. Dispositivo que seduz boa parte do pensamento contemporâneo a uma espécie de culto ao Estado. Dispositivo que, além de nos fazer abençoar o capitalismo – no sentido criticado por Deleuze –, embriaga nosso olhar tal qual o véu de Maia, impedindo, com camadas e mais camadas de neblina, uma percepção real sobre o estado de exceção que estamos habitando.

Em meio à escuridão de um quadro tão labiríntico, haveria também em Agamben um pouco de possível?

Nossa interpretação é de que o filósofo italiano estaria investindo em duas linhas de fuga. A primeira vai ao encontro de uma espécie de nomadismo mundial. Ao invés de pensar o refugiado como aquele que necessita ser repatriado, Agamben empresta a essa categoria um tom messiânico, dizendo que ali se encontra o povo que vem, chegando, em alguns momentos, a propor a troca do conceito de cidadania pelo de êxodo. Assim, ao invés do em-si do cidadão alemão, italiano, brasileiro, teríamos um estar-em-êxodo: “Somente numa terra na qual os espaços dos Estados tiverem sido, desse modo, perfurados e topologicamente deformados e nos quais o **cidadão terá sabido reconhecer o refugiado que ele mesmo é, é pensável hoje a sobrevivência política dos homens**” (Agamben, 2015, p. 33, grifo nosso).

Já a segunda linha de fuga, a nosso ver, seria a profanação. Em *Elogio da profanação* (2007), Agamben sustenta que a etimologia de religio está ligada a relegere – fórmulas que devem ser respeitadas ao separar o sagrado do profano –, e não a religari – aquilo que une o humano ao divino. Ou seja, religião não é propriamente aquilo que liga ou que religa o homem a deus, mas sim justamente o que separa o sagrado do profano, que delimita o limite entre o que é de uso comum daquilo que está consagrado ao uso exclusivo.

Nesse sentido, profanar seria restituir algo religioso, que fora separado a uma esfera sagrada ao uso comum.

A profanação implica, por sua vez, uma neutralização daquilo que profana. Depois de ter sido profanado, o que estava indisponível e separado perde a sua aura e acaba restituído ao uso ... desativa os dispositivos do poder e devolve ao uso comum os espaços que ele havia confiscado. (Agamben, 2007, p. 68)

Partindo da tese de Benjamin de que o contemporâneo tem por religião o capitalismo, que esse seria para além de uma continuação direta do cristianismo, sua mais plena realização, Agamben problematiza algumas das garantias dadas aos cidadãos pelo Estado de Direito, a exemplo da propriedade privada, como impossibilitadoras do uso comum. Ou seja, a religião do capital, através da posse, estaria separando, sacralizando, colocando toda e qualquer relação com o mundo num altar inviolável. Num momento onde o uso comum estaria barrado pela relação com o sagrado, a tarefa das próximas gerações, para o filósofo italiano, seria justamente encontrar meios para profanar o que hoje parece improfanável. Contudo,

profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas. A sociedade sem classes não é uma sociedade que aboliu e perdeu toda memória das diferenças de classe, mas uma sociedade que soube desativar seus dispositivos, a fim de tornar possível um novo uso, para transformá-las em meios puros. (Agamben, 2007, p. 75)

Nesse sentido, o que se procurou apresentar no presente capítulo estaria relacionado a uma profanação dos direitos humanos, a um deslocamento do conceito de cidadania para o de refugiado e a uma crítica à responsabilização individual que o direito e as políticas públicas fazem incidir sobre os sujeitos. Assim, pode-se deslocar o adolescente, dito em conflito com a lei, do foco jurídico para colocar em seu lugar as instituições; mapear nas Declarações de Direitos Humanos as condições de possibilidade que dão emergência a dispositivos de controle e também abrir a possibilidade, para futuras pesquisas, de se pensar o sujeito não mais como cidadão, mas sim como refugiado. Buscamos explicitar o quanto a articulação entre direitos humanos e cidadania se configura como uma estratégia de biopolítica do Estado Moderno.

Nossa tentativa foi a de desenhar um mapa sobre um território em movimento onde estão agenciados direitos humanos e biopolíticas. Para isto, nos utilizamos da cartografia, método inspirado pelas obras de Deleuze e Guattari, a fim de

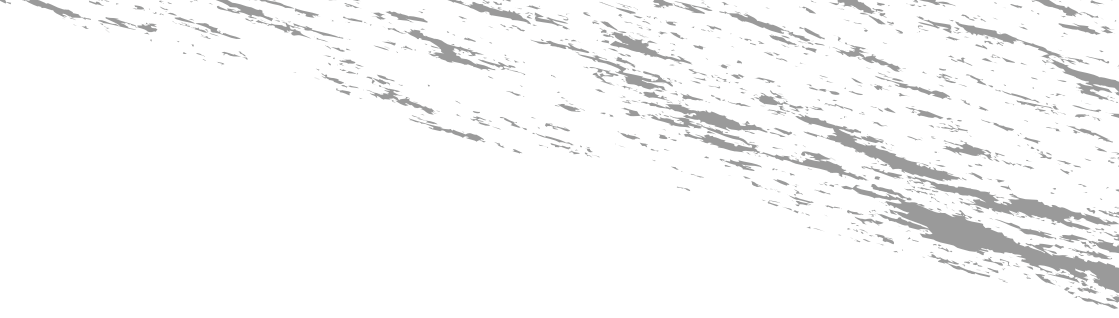
apreender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, estancando o fluxo, canalizando as instensidades, dando-lhes sentido. É que o cartógrafo sabe que não tem jeito: esse desafio permanente é o próprio motor de criação de sentido. (Rolnik, 2007, p. 67)

Ao estabelecer conversações entre quatro grandes pensadores – Marx, Arendt, Deleuze e Agamben –, a cartografia nos permitiu organizar contornos sobre o território em questão. O fluxo intempetivo e desgovernado da temática investigada toma assento provisório, aceita um sentido, sem nos obrigar a congelar o tema com instrumentos representacionais.

Referências

- Agamben, G. (1998). Al di là dei diritti dell'uomo. In *Mezzi senza fine: notte sulla politica* (pp. 20-29). Torino: Bolatti Boringhieri.
- Agamben, G. (2004). *Estado de exceção* (I. D. Poleti, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Agamben, G. (2007). *Profanações* (S. J. Assmann, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Agamben, G. (2010). *Homo-Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (H. Burigo, Trad.). Belo Horizonte: UFMG.
- Agamben, G. (2015). *Meios sem fim: notas sobre a política* (D. P. Carneiro, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Arendt, H. (1989). *Origens do totalitarismo* (R. Raposo, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Deleuze, G. (1988). *Diferença e repetição* (L. B. L. Orlandi & R. Machado, Trads.). Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, G. (2001). *Empirismo e subjetividade* (L. B. Orlandi, Trad.). São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (2006). *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia?* (B. Prado & A. A. Munhoz, Trads.). São Paulo: Editora 34.
- Felício, C. B. F. (2009). Direitos humanos, biopolítica e condições de possibilidade da resistência em 'tempos sombrios' [Trabalho completo]. In *Anais do 5º Encontro da ANDHEP (Associação Nacional de Direitos Humanos, Pesquisa e Pós- Graduação)* (pp. 06-25). Belém: ANDHEP.

- Giaccoia, O. (2008). Sobre direitos humanos na era da bio-política. *Kriterion*, 49(118), 267-308.
- Guareschi, N. M. F., Lara, L., & Adegas, M. A. (2010). Políticas públicas entre o sujeito de direitos e o homo oeconomicus. *Psico*, 41(3), 332-339.
- Hadler, O. H. (2010). *Nas trilhas de João e Maria: a produção do sujeito jovem*. Pelotas, RS: Textos.
- Hunt, L. (2009). *A invenção dos direitos humanos: uma história* (R. Eichenberg, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Lei n. 8.069, de 13 de junho de 1990. (1990). Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA]. Brasília, DF: Presidência da República.
- Maraschin, C. & Ranieri, É. (2011). Socioeducação e identidade: onde se utiliza Foucault e Varela para pensar o Sinase. *Revista Katálysis*, 14(1), 95-103.
- Marx, K. (2010). *Sobre a questão judaica* (N. Schneider, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- O Abecedário de Gilles Deleuze. (1988). *Entrevistas de Gilles Deleuze a Claire Parnet* [DVD (195 min)]. Direção: Pierre-André Boutang. Paris: Éditions Montparnasse.
- Oliveira, C. (2010). *A herança foucaultiana de Agamben*. *CULT*, 134. Acesso em 28 novembro, 2011, eodem <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-heranca-foucaultiana-de-agamben/>
- Rolnik, S. (2007). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; UFRGS.
- Rose, N. (1988). Governando a alma: a formação do eu privado. In T. T. Silva (Org.), *Liberdades reguladas* (pp. 30-45). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Silva, J. G. (2010). *Teoria do crime*. Campinas, SP: Millenium.
- Silva, R. & Silva, R. N. (2008). Paradigma preventivo e lógica identitária nas abordagens sobre o Hip Hop. *Fractal, Revista de Psicologia* [online], 20(1), 135-148. Acesso em 10 de maio, 2010, em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922008000100015&script=sci_abstract&tlng=es>
- Sposito, M. & Carrano, P. (2003). Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 16-39.



Capítulo 3

Políticas en stand-by: biogobernanza de emergencias biológicas y escenarios virtuales de bioseguridad¹

Jose A. Cañada

Bio-amenazas múltiples y soluciones discordantes

Las alertas por enfermedades infecciosas se han convertido en una constante durante los últimos diez años. La facilidad con que las alarmas advierten sobre estos sucesos les ha convertido en un tema recurrente en muchos frentes: prensa generalista, organismos políticos, academia o población general participan no solo de la discusión sino también de la implementación de medidas.

Quizá como causa, quizá como efecto, las políticas de *preparedness* se han erigido como un elemento clave en los planteamientos de bioseguridad. Ellas son armas que, además de prepararnos para un futuro incierto, nos permiten aplacar la ansiedad que crea esa misma incerteza. No obstante dichas políticas han presentado una serie de

¹ El autor quisiera expresar su agradecimiento a Jorge Castillo-Sepúlveda por sus comentarios y a la Fundación Alfred Kordelin por la financiación.

problemas que son debatidos cada vez con mayor frecuencia y protagonismo por los científicos sociales. Este artículo se centra en uno de esos problemas, a saber, la discordancia entre planificación e implementación que deben afrontar las políticas de bioseguridad frente a emergencias biológicas actuales. La compra de medicamentos y vacunas, la gobernanza de fronteras, las estrategias de bio-vigilancia, el entrenamiento de unidades especiales o la regulación de investigación con virus de potencial pandémico son algunos ejemplos de políticas que son frecuentemente llevadas a cabo o, al menos, diseñadas con anterioridad a la emergencia de un determinado virus. Este tipo de políticas son las que he denominado *políticas en stand-by*. Éstas demandan la acumulación de recursos para lograr el máximo nivel de preparación frente de una pandemia. Cabe señalar que toda medida destinada a luchar contra la emergencia de enfermedades infecciosas en un contexto de alerta debe ser avanzada hasta el punto más cercano a su potencial implementación, siendo actualizada continuamente y preparada para su uso ante una panoplia de posibles emergencias que se mueve entre la incerteza y el riesgo.

En el campo de los estudios sobre bioseguridad según proponen Bingham y Hinchliffe (2008), los significados y las prácticas asociadas a éste no están relacionadas a una definición estable del concepto de bioseguridad. Considerando esta variabilidad resulta necesario situar el núcleo de este capítulo en el enfoque de bioseguridad que comprende aquellas políticas que hacen frente a las amenazas pandémicas de la escala total, en oposición a los términos global y local (Tirado & Cañada, 2011). Por otro lado cabe agregar que las definiciones de bioseguridad se entrelazan, debiendo el investigador social tener en cuenta las diferentes perspectivas desde las cuales ciertas instituciones planifican y ejecutan dichas políticas, que por supuesto, se han visto afectadas por los continuos avances que han tenido lugar durante la última década en el campo de la bioseguridad. De esta forma resulta imperativo el desarrollo de protocolos de actuación que cubran eficientemente eventos futuros de amenaza biológi-

ca. Algunos trabajos en este sentido son efectuados por organismos como la Organización Mundial de la Salud (OMS), más en concreto su centro de Alerta y Respuesta Mundiales (GAR), y las comisiones competentes de la Unión Europea (UE).

Tales organismos tienden a agrupar las amenazas en bloques unitarios y dado que la incertidumbre es intrínseca a tales amenazas, existe la idea de que las mismas políticas podrán servir para gobernar un amplio abanico de emergencias. En un primer lugar, a nivel todavía biológico, los bloques se establecen de acuerdo a tres fuentes de amenaza diferentes: ataques bioterroristas, brotes epidémicos y accidentes en laboratorios o, en otras palabras, eventos deliberados, naturales o accidentales. Estas tres fuentes de amenaza son abordadas como una amenaza conjunta (European Commission, 2007). Más adelante, estas amenazas biológicas quedan también ligadas a un bloque unitario aun mayor junto con las amenazas de tipo químico, radiológico y nuclear (European Commission, 2009), dando lugar a lo que se conoce como amenazas CBRN. Es lo que se denomina *all-hazards approach*, enfoque por el cual se intenta desarrollar estrategias de preparación frente al desastre que cubran toda esa variedad. Esto incorpora un potente elemento de incerteza que resulta clave para el desarrollo de los mismos y que invita siempre a pensar estos eventos en términos de riesgo, miedo y amenaza.

Teniendo en cuenta dicho contexto, en este capítulo introduzco el concepto de *políticas en stand-by*, el cual he comenzado a desarrollar a través del análisis de políticas de bioseguridad de la OMS y la UE. Para ello, primero repasaré ciertos análisis efectuado en los últimos años alrededor de las políticas de seguridad. Algunos de ellos se centran en el análisis de emergencias en general, entre las cuales, aparte de emergencias biológicas, podríamos encontrar, por ejemplo, desastres medioambientales, nucleares o meteorológicos. Algunas otras aproximaciones se centran específicamente en el caso de la bioseguridad y las emergencias biológicas. Posteriormente, basándome en las ideas de Gilles Deleuze y algunas relecturas hechas por diversos

autores en términos políticos, conceptualizaré la idea de *políticas en stand-by* en base a lo virtual y lo actual. Esto, afirmo, debería dotar mi aproximación de una base ontológica definida especialmente para el contexto de los estudios de bioseguridad. Finalmente, reflexionaré sobre las consecuencias de dichas políticas en términos de gobernanza biopolítica.

Lógicas y prácticas de anticipación: del riesgo a la incerteza

Tal y como comentaba sobre las políticas de bioseguridad, dada la incerteza que puebla su objeto de gobernanza, son frecuentemente asociadas a elementos de riesgo, miedo y amenaza. En efecto se nutren de racionalidades y prácticas de anticipación de cara a diseñar protocolos que deberán afrontar las consecuencias de esa amenaza biológica, inciertas en sus cualidades aunque indudables en su existencia. En tal escenario, las emergencias, aquellas que antes eran consideradas eventos de carácter extraordinario, ahora se presentan como la nueva normalidad, convirtiéndose el miedo en componente necesario de nuestra vida diaria que persiste gracias a procesos de retroalimentación (Massumi, 2005). Nuestra sociedad vive en un constante estado de riesgo y en tales términos es que se evalúa cualquier evento de carácter incierto que pueda acaecer nuestra existencia. Es lo que Ulrich Beck ha denominado como sociedad del riesgo (Beck, 1992, 2002). Pese a la centralidad del concepto de riesgo en el campo de la seguridad, este pierde importancia enfrente de la gobernanza en bioseguridad. Tal y como nos explica Paul Rabinow en una entrevista concedida a *Public Culture* (Keck, 2014), el riesgo procede del sector de los seguros, el cual necesariamente cuenta con cálculos numéricos. Enfrente de la amplitud que caracteriza los escenarios de bioseguridad, para Rabinow, es mucho más adecuado hablar de incerteza. Aun así, el concepto de riesgo sigue presente en lógicas que hacen frente a amenazas incalculables puesto que ese sigue siendo su objetivo último: calcular el futuro.

Son estos elementos los que empujan a las políticas de seguridad a establecer una necesidad de anticipación. Este fenómeno ha sido abordado por diversos autores que han prestado especial atención a la forma en que tales políticas son construidas y bajo qué preceptos. A través de la anticipación de eventos futuros, se diseñan políticas dirigidas a cubrir eventos inciertos, desconocidos o incluso imaginarios. Es lo que se ha dado en llamar racionalidades de riesgo (Keck, 2008) o lógicas de anticipación (Anderson, 2010). Anderson (2010) las define como formas coherentes a través de las cuales se legitima, guía y actúa implementación en el presente en base al futuro, siendo su principal objetivo el ocuparse de neutralizar amenazas a una vida que posee un determinado valor y, por tanto, debe ser protegida. Éstas lógicas han evolucionado durante las últimas décadas hasta alcanzar su estado vigente (Keck, 2008). Sin embargo, es importante apuntar que esto no quiere decir que las lógicas previas hayan caído en desuso si no que unas se han ido sumando a otras, manteniendo aspectos comunes en forma de solapamientos. Si miramos a la literatura disponible en el tema, estas lógicas pueden ser categorizadas en cuatro grupos diferentes aunque, recordemos, solapantes: prevención, precaución, *preemption*, y *preparedness*.

Las lógicas de prevención en bioseguridad, de acuerdo con Keck (2008), deben ser entendidas en el contexto de las prácticas veterinarias. Estas lógicas dependen de datos de prevalencia e incidencia; son lógicas basadas en casos y zonas de propagación y conocer al enemigo significa ser capaz de luchar contra él. Así pues, bajo las lógicas de prevención, el enemigo es necesariamente visibilizado. **Precaución**, por otro lado, debe ser entendida en un sentido más amplio, aunque se solapa con el concepto anterior en diversos modos. Está inspirado por el denominado “principio de precaución” (Anderson, 2010) y emerge en la década de los setenta. Tiene dos características principales: (a) la acción se separa de los procesos sobre los que actúa y (b) actúa antes de que el objeto identificado como amenaza alcance un estado de irreversibilidad. La cuestión principal es una

cuestión de proporcionalidad: ¿Está la medida en consonancia con la amenaza? Es por esto que existe una necesidad de continua reevaluación. En contraste con prevención, precaución presta atención a las limitaciones en el conocimiento (Keck, 2008); la posibilidad de una predicción fiable se pone en duda abriendo espacio para la deliberación pública. La insuficiencia y el carácter inconcluyente de la información disponible permite a los actores llevar a cabo un acto de fe y proceder a intervenir aunque el riesgo no haya sido determinado (Caduff, 2014). La tercera de estas lógicas es la de *preemption*, la cual toma un cariz especialmente relevante en el contexto de las amenazas bioterroristas. Este tipo de acción proviene de las lógicas de guerra y, de acuerdo con Melinda Cooper (2006), se basa en contraatacar ante la evidencia de un ataque inminente. Cooper reconoce dos posturas frente a las lógicas de *preemption*: la primera, reactiva, se correspondería con el principio de precaución anteriormente mencionado. La segunda, de carácter agresivo, con el principio de la lucha contra la proliferación de armas y persigue producir aquello que resulta la fuente de amenaza (por ej. la producción de armas biológicas para contrarrestar una posible guerra biológica). Para Anderson (2010), *preemption* tiene diversas similitudes con precaución. En primer lugar, ambas enfocan su acción en eventos futuros de gran incerteza. En segundo lugar, prestan atención a amenazas emergentes en un mundo de circulaciones e interdependencias. En tercer lugar, atribuyen un rol generativo a los procesos de aprensión colectiva. Finalmente, ambas rompen con la lógica de riesgo, tal y como describía citando a Rabinow, dejando fuera posibilidad alguna de cálculo. Según Anderson, la diferencia radica en el hecho de que, mientras precaución trata de poner fin a algo antes de que alcance un punto de no retorno, *preemption*, por su parte, actúa sobre amenazas que no son todavía visibles.

La última racionalidad a la que quiero hacer referencia, y la que se ha convertido en fundamental en el campo de la bioseguridad, es la de *preparedness*. Con estas lógicas como contexto es que desarrollo

el concepto de *políticas en stand-by* que introduzco en este capítulo. Melinda Cooper (2006) encuentra en el concepto de “*alertness*” de René Dubos (1959) el origen de la conceptualización de tales lógicas. Para Cooper, el trabajo de este autor no se correspondía con las lógicas de salud pública de la época mientras que, al día de hoy, si prestamos atención a las políticas de seguridad, podemos ver como el concepto parece encajar perfectamente en las lógicas de salud pública del siglo XXI. La principal diferencia entre *preparedness* y las lógicas presentadas anteriormente es que esta se enfoca en las consecuencias de un evento dado en lugar de enfocarse en el evento mismo. Esto sucede a la vez que una diversas fuentes de amenaza: la cuestión no es si debemos prepararnos sino como prepararnos y para que (Lakoff, 2006, 2008). Así pues, las políticas de *preparedness* se enfocan en prepararse para la irrupción, las secuelas y sus efectos (Anderson, 2010), en ningún momento trata de evitar la emergencia del evento. Otro de los efectos de este enfoque es que pone en un mismo plano elementos de salud pública y elementos de seguridad nacional (Collier & Lakoff, 2008). A estos dos elementos, debemos también añadir el elemento científico. A través de estos tres elementos es que el evento futuro queda configurado pese a la dificultad de asir sus dimensiones temporal y emergente (Limor Samimian-Darash, 2009).

Si combinamos este enfoque con los elementos de incerteza, miedo y amenaza introducidos anteriormente, se vuelve necesario adoptar el anteriormente presentado *all-hazards approach*. Dada la variedad de amenazas posibles y el carácter solapante que presentaba anteriormente, todo tipo de amenazas caen bajo la misma categoría. Las fuentes presentadas en la introducción – ataques bioterroristas, brotes epidémicos y accidentes en laboratorios; ataques CBRN– se convierten en una amalgama homogénea de amenaza. Las fuentes de amenaza se caracterizan por su imprevisibilidad pero aun así son diferentes en muchos niveles. En términos de prevención, precaución y *preemption* estas tres fuentes no admiten ser caracterizadas como

idénticas. Sin embargo, en términos de *preparedness*, se convierten en una sola. Ésta y otras características distintivas de las diferentes lógicas son visibles en las Tabla 1. Las características propias y heredadas de las lógicas de *preparedness* hacen que sea necesario prepararse para actuar frente a eventos desconocidos. El evento concreto deja de ser importante, comienza a ser identificado con otros eventos, y toda la atención es desplazada hacia las secuelas. Ante tal desconocimiento, el futuro es performado socialmente a través de “prácticas de anticipación” (Adey & Anderson, 2012; Anderson, 2010) o “técnicas de *preparedness*” (Lakoff, 2007), las cuales traen potenciales futuros al presente.

Figura 1. Características cambiantes de las lógicas de anticipación

	Disponibilidad del conocimiento	Temporalidad de la acción	Caracterización de la amenaza
Prevención	Disponible	Contemporánea a la amenaza	Visible
Precaución	Limitado	Previa a un punto de irreversibilidad	Concreta pero incierta
<i>Preemption</i>	Limitado	Previa a la visibilidad de la amenaza	Concreta pero incierta
<i>Preparedness</i>	Limitado	Previa a la visibilidad de la amenaza	Variable, múltiple e incierta

En la Fig. 1 se aprecian prácticas (o técnicas) básicas para comprender cómo las lógicas de *preparedness* son empleadas. Éstas representan y manipulan eventos de cara a abordar ciertos escenarios

de bioseguridad, a la vez que dejan otros posibles eventos fuera de su foco de atención (Collier, Lakoff, & Rabinow, 2004). Los escenarios de bioseguridad son aproximaciones más o menos probables, que exhortan imaginar planes de implementación con capacidad de respuesta frente a situaciones de emergencia (Adey & Anderson, 2012). Estas técnicas conforman ciertas políticas de implementación al mismo tiempo que dan forma a futuras políticas. De acuerdo con Anderson (2010), podemos encontrar tres tipos de prácticas. El primero de estos tipos son las prácticas de cálculo, tales como el procesamiento de datos o la modelación compleja aplicada de varias formas. Se distinguen principalmente por una voluntad de medir el mundo. Generando posibles futuros, presentan un efecto en tales futuros a través de números y mapeo. Éstas, de acuerdo con las conceptualizaciones anteriores, permiten aún moverse entre lógicas de riesgo. El segundo tipo, las prácticas de imaginación o, en lenguaje de Lakoff (2007), técnicas de desarrollo de escenarios (Lakoff, 2007). Este segundo tipo se opone al cálculo al tratar de aprehender la amplitud que presenta la construcción de futuros. A través de confabulaciones creativas como, por ejemplo, la construcción de escenarios hipotéticos o prácticas de visionado, incorpora elementos afectivos a la creación de tales representaciones. Estos métodos exploratorios permiten imaginar el impacto de eventos futuros. Finalmente, el tercer tipo son las prácticas de performatividad, o ejercicios de simulación en palabras de Lakoff (2007). Éstas incluyen simulacros o *role play* y están muy conectadas con procesos intuitivos en sus premisas básicas a la vez que hacen uso de experiencias corporales inspiradas en teatro y drama que son llevadas a cabo a través de ejercicios, juegos de guerra y simulaciones. Su objetivo es generar conocimiento sobre eventos que no han tenido lugar en el pasado y capacitar la activación de respuestas de emergencia mientras conectan el futuro con materialidades presentes (Adey & Anderson, 2012). Los tres tipos de prácticas tienen un objetivo similar: hacer presentes amenazas que se sitúan en el futuro. El acceso a este

objetivo difiere en sus formas pero no en sus planteamientos básicos. Es gracias a estas prácticas que las políticas de *preparedness* son actadas y desarrolladas.

Lo virtual y lo actual: mitades desiguales dispares de lo real

Dado el contexto en que las políticas son diseñadas y performadas, e incluso implementadas; los futuros construidos tienen un efecto en el presente, por eso creo útil y necesario desarrollar un enfoque ontológico que pueda dar cuenta de estos procesos. Muchas de las aproximaciones mencionadas arriba se plantean en términos de lo actual y lo virtual, dos conceptos que ganan popularidad gracias a la filosofía de Gilles Deleuze, en la cual son centrales. Tal y como ya ha argumentado Limor Samimian-Darash (2011) mediante ejemplos de implementación de políticas de *preparedness* en el contexto israelí, un enfoque deleuziano nos permite entender como la construcción de futuros virtuales de bioseguridad a través de las técnicas y prácticas explicadas anteriormente tiene un efecto material en nuestro presente. Es a través de este enfoque que podré entonces desarrollar con una mejor base ontológica el concepto de *políticas en stand-by*.

Los conceptos de lo virtual y lo actual son introducidos por Deleuze en su crítica a la identidad titulada *Diferencia y Repetición* (Deleuze, 2012). Estos conceptos han generado gran interés a raíz de la irrupción del uso generalizado de Internet y la popularización de la idea de realidad virtual. Sin embargo, ese tipo concreto de virtualidad no deja de ser una representación y, por lo tanto, está lejos del enfoque deleuziano del concepto (Bryant, 2004). Mucho más interesante es el enfoque que le han dado ciertos autores más inclinados hacia un uso político del concepto (ver, por ejemplo, Bryant, 2004; DeLanda, 2002; Escobar & Osterweil, 2009). Para comprender como lo real toma forma de acuerdo con Deleuze y como esto tiene un efecto en la materialidad y en el presente, necesitamos abordar una serie de conceptos algo complejos y, tal y como nos acostumbra Deleuze, también crípticos. El primero de ellos es **lo virtual**. Para

Deleuze, citando a Proust, lo virtual es real sin ser actual e ideal sin ser abstracto; es decir, “simbólico sin ser ficticio” (Deleuze, 2012, p. 314). Lo virtual son las distintas potencialidades de un determinado objeto. En este caso, las potencialidades de una serie de objetos en un determinado escenario de bioseguridad. Lo virtual, es importante resaltar, se opone a lo posible en el sentido en que lo posible no es real, no tiene un efecto en lo actual mientras que lo virtual es plenamente real dado que da forma a la realidad tanto como se la da lo actual. Lo virtual está formado por una serie de individuaciones² virtuales – ‘campos vectoriales’ que dirían Escobar y Osterweil (2009). Estas individuaciones son trayectorias virtuales que forman parte de lo que percibimos como la realidad socialmente construida y, por tanto, tienen un efecto en dicha realidad. Aunque estas individuaciones no se corresponden con eventos actuales, al ser parte de la realidad, influyen fuertemente esos eventos. Lo actual entra en juego cuando prestamos atención a las individuaciones materiales. Estas individuaciones están sujetas a los aspectos físicos asociado al objeto y no pueden despegar completamente de lo actual. De esta manera, diversas multiplicidades se convierten en una. La incertidumbre, el riesgo, las individuaciones virtuales son actualizadas en una sola individuación. La actualización de lo virtual en espacio y tiempo implica la transformación de “diferencias extensivas” en “formas intensivas” (Escobar & Osterweil, 2009, p. 129) o, como lo llamaría De Landa (2002), un “todo emergente” (*emergent whole*).

Todo objeto para ser real necesita de las dimensiones virtual y actual. Aplicado al caso que nos concierne, las emergencias bioló-

2 El concepto de individuación lo adopta Deleuze del trabajo de Gilbert Simondon (Iliadis, 2013). El trabajo de Simondon señala los procesos de individuación como básicos para formular una filosofía de la diferencia y la identidad. Para Simondon, los procesos de individuación y diferenciación están en constante progreso y nunca pueden ser estabilizados. Es lo que Simondon (1992) ha denominado devenir, concepto que Deleuze también hará suyo y sobre el que profundizará junto con Félix Guattari en Mil Mesetas (Deleuze & Guattari, 2006). Estos conceptos nutren de gran manera la filosofía de Deleuze.

gicas incorporan necesariamente discursos y ficciones previas. Necesitan ser imaginadas para poder ser actualizadas. Así es como las biopolíticas virtuales terminan teniendo un efecto material en las biopolíticas actuales. Por supuesto, no todas las narrativas virtuales de bioseguridad terminan actualizándose, pero las multiplicidades virtuales son siempre inmanentes a procesos materiales (Escobar & Osterweil, 2009). Sin virus, cuerpos, animales, interacción física o espacios geofísicos tales narrativas no pueden nunca tener un efecto en lo actual, no pueden ser siquiera virtuales sino tan solo posibles. Tal y como dice Deleuze (Deleuze, 2012, p. 316), “todo objeto es doble, sin que sus dos mitades se parezcan: una es la imagen virtual; la otra, la imagen actual. Mitades desiguales dispares”. Lo virtual y lo actual, al ser las dos partes que dan forma a la realidad, son inseparables a pesar de ser “desiguales dispares”. Las *políticas en stand-by* se desarrollan con los dos ojos en las individuaciones virtuales para, al ser implementadas, tener efecto en el todo emergente, que nos decía DeLanda (2002), en lo virtual y en lo actual. Es decir, en lo real.

Políticas en *stand-by*: desajustes entre el diseño de políticas y su implementación

La formulación ontológica propuesta en los párrafos anteriores entrega herramientas para analizar el efecto de ciertas políticas de implementación que mantienen una conexión débil con la realidad, es decir, están desconectadas de lo material pero tienen un efecto en ello. Las *políticas en stand-by* ignoran esa materialidad para, con el tiempo, al ser implementadas, hacer frente a una actualidad que no habían tomado en cuenta. Esta forma de construir políticas de bioseguridad es la que puede apreciarse en muchos de los documentos de *preparedness* publicados por organismos políticos de salud tales como la OMS o algunas de las ramas de la Comisión Europea. Estas políticas son desarrolladas en contextos simbólico-virtuales. En las lógicas de bioseguridad, cualquier emergencia es necesariamente precedida por un estado de pre-emergencia (recordemos que la emergencia

constituye la nueva normalidad). En este estado se desarrollan las *políticas en stand-by* y las políticas de *preparedness* implementan un tipo de gobernanza que no está aún activa, ni siquiera terminada, pero que aun así tiene consecuencias. Esto se opone a las racionalidades de bioseguridad anteriores por las cuales las soluciones eran buscadas conforme los obstáculos o amenazas concretas, fuera en presencia o ausencia de conocimiento. Soluciones que, obviamente, podían ser más o menos efectivas. En el contexto presente las soluciones han devenido latentes. Las políticas que aquí presento son diseñadas pero no pueden ser completamente implementadas si no es enfrente de los eventos predichos. Así pues, deben mantenerse en tensión hasta entonces.

Del mismo modo que velocistas en una competición esperan para el disparo de salida, la gobernanza espera a la declaración del estado de alerta. Imaginemos instituciones gubernamentales como deportistas preparadas para una carrera. ¿Cuánto tiempo es posible mantener a una corredora esperando el disparo de salida a la vez que su nivel de alerta es suficientemente alto como para desempeñar su cometido eficientemente? Una pistola que apunta al cielo anuncia a la corredora que la carrera está a punto de comenzar. Ha estado entrenando anteriormente (a través de esas prácticas de seguridad mencionadas anteriormente: cálculo, imaginación y performatividad) pero esta ocasión es la importante, la que cuenta. Todo lo entrenado anteriormente será fútil si no se cumple el objetivo.

Un estado constante de alerta - un estado de pre-emergencia, la nueva normalidad - es como una pistola permanentemente apuntando al firmamento. Para el complejo organismo socio-técnico que aquí simboliza la corredora, ese gasto de energía tiene un vasto efecto en su funcionamiento normal. Imaginemos a la corredora manteniéndose alerta para la carrera mientras hace la compra, toma una copa o cocina para sus amigas. De este modo, el funcionamiento normal queda profundamente comprometido. Cuerpos gubernamentales necesitan desarrollar su vida diaria mientras están preparados para

cualquier amenaza, lo cual se traduce en un gran gasto de recursos. Lo virtual continuamente acaricia, toca y golpea lo actual para luego salir corriendo. La totalidad y generalidad del argumento termina siendo arrolladora, lo vemos en uno de los documentos redactados por la UE: “virtually everything that is done at the different levels to anticipate a possible defence against biological risks and bioterrorism is of relevance” (European Commission, 2007, p. 4). La línea entre gobernanza excepcional y gobernanza normal es traspasada continuamente enfrente de falsas alarmas, amenazas y evaluaciones de riesgo. Las individuaciones virtuales de implementación que atienden a individuaciones virtuales de amenaza son, así pues, cuasi actualizadas continuamente.

El concepto de *políticas en stand-by* puede resonar con algunos conceptos teóricos que se han desarrollado desde campos como la sociología de la ciencia o sociología del desastre. Dentro del primero encontramos el término *gobernanza anticipatoria* desarrollado por David H. Guston (2014). Este concepto se sitúa en el contexto de la regularización de tecnologías en desarrollo. Dentro del segundo campo encontramos el concepto de *fantasy documents*, el cual podría traducirse como “documentos fantásticos”, desarrollado por Lee Clarke (1999). Este concepto se refiere a documentos políticos de implementación que son desarrollados gracias a narrativas imaginarias de conceptos futuros.

Pese a que los dos conceptos descritos en el párrafo anterior son extremadamente relevantes para el campo de la bioseguridad, ambos dejan pasar algunos detalles que pretendo compensar con el concepto de *políticas en stand-by*. El primero se centra en biotecnologías en desarrollo, lo cual deja aparcado el elemento sorpresivo y emergente que pueda tener un agente infeccioso. El segundo, por su parte, presta atención a la construcción de futuros a través de políticas de implementación. En tal empresa, el foco está en el efecto que tales construcciones tienen en la implementación presente de políticas, es aquí donde el término *políticas en stand-by* comienza a ser relevante.

Esa relevancia es bidimensional ya que por un lado presta atención a la emergencia de nuevas amenazas – agentes infecciosos en el caso de la bioseguridad – y por otro, presta atención a cómo los futuros contruidos se voltean hacia el presente para tener un efecto en él.

De forma transversal, en las dos dimensiones antes señaladas, encontramos los efectos de un tipo de gobernanza. Lo relevante de las *políticas en stand-by* en términos de biogobernanza es que muchos de los procesos descritos en el apartado anterior transcurren ante la ausencia de una amenaza actual. Las estrategias de gobernanza biopolítica clásicas son llevadas a un nuevo contexto, en que se ejercen previamente al caso a gobernar y donde se actualizan políticas de biogobernanza acordes con escenarios virtuales de bioseguridad. Tales políticas tienen un efecto semiótico-material en ciertos organismos vivos que son expuestos a una situación de emergencia biológica previa a la aparición de la misma.

A través de prácticas discursivas que adoptan forma de implementación de estrategias de *preparedness*, escenarios futuros y significados son contruidos. Debemos entender aquí el concepto de gobernanza biopolítica como la regulación semiótico material de vidas, cuerpos, espacios y colectividades desde un enfoque Foucaultiano (Foucault, 1973, 1980, 2008). Tal y como ilustraré en los siguientes ejemplo, los efectos surgidos de las *políticas en stand-by* toman forma de regulación material y discursiva de aquellas poblaciones de actores humanos y no-humanos, así como de algunos de sus individuos, que se ven afectados por un determinado escenario de bioseguridad.

Dos claros ejemplos de efectos biopolíticos en las *políticas en stand-by* son el almacenamiento de vacunas y el entrenamiento de unidades especiales. En ambos, a través de prácticas de biogobernanza ciertas vidas son contruidas discursiva y materialmente al mismo tiempo que se les atribuye un valor y un significado. La primera de estas prácticas, el almacenamiento de vacunas, ejerce su gobernanza en dos niveles. En el primero, a través de manipulación biomédica, el virus que presenta la amenaza es domesticado, modificado, de cara

a convertirse en cura para sí mismo mediante técnicas de inoculación. En el segundo nivel, encontramos fuertes consecuencias para la economía y para las poblaciones gobernadas tal y como sucedió en el caso de la pandemia de gripe H1N1 en 2009. En tal pandemia, frente al anuncio de una emergencia mundial por parte de la OMS, numerosos países pusieron en marcha políticas que habían quedado en *stand-by*. Éstas, se tornaron acuerdos con compañías farmacéuticas, para la compra de grandes cantidades de vacunas. Este ejemplo muestra un caso de gobernanza económica y médica que, diseñada en base a términos virtuales, mostró fallos enfrente de una emergencia actualizada. En el caso de Francia, solo un 10% de las vacunas contra el H1N1 fueron utilizadas (Lakoff, 2015) mientras que en Finlandia y Suecia la implementación de un plan de vacunación enfrentó varias controversias dada la asociación entre ciertas vacunas y casos infantiles de narcolepsia, esto dado que el uso de vacunas, había sido problemático en términos de protocolos en las fases de diseño y desarrollo (algunos estudios que tratan de esclarecer los sucesos son Dauvilliers et al., 2010; Jokinen et al., 2013; Partinen et al., 2012; Underwood, 2014). En términos económicos y de producción, este ejemplo destaca, en el contexto de la bioseguridad, el rol fundamental de la relación entre el sector privado y el sector público. Así como también la necesidad de mantener la circulación normal de medidas médicas activa y eficiente (European Commission, 2008) también es necesario atender a la incorporación de terceros actores:

The development and testing of a vaccine is very expensive and time consuming. The capacity simply cannot be built up within weeks or months. Additionally, capacity building is not with Member States alone - the private sector plays an essential role in bio-research. If there is no market for it, private industry will not do it and will not keep their facilities on hold expecting a biological crisis situation to develop. (European Commission, 2009, p. 56)

En la cita se destacan las complicaciones asociadas al desarrollo de una capacidad *stand-by* de vacunación y cómo ello se torna aún más

complejo cuando se incorpora el sector industrial como un actor relevante y esencial, que a su vez se presenta como ingobernable para las autoridades públicas.

En el caso del entrenamiento de fuerzas especiales, el desajuste entre *políticas en stand-by* y su implementación procede de la temporalidad que emerge entre el proceso de entrenamiento y el uso efectivo de tales fuerzas en casos de emergencia:

The danger of making the response to biological and chemical incidents the task solely of dedicated specialized response units is that the relative infrequency of call-out could lead to the deterioration of skills. More seriously, excessive centralization may risk increasing the time taken to react. Mobilization of a specialized biological and chemical unit throughout a region can never match the 24-hour availability and general emergency-management experience of existing response and public health services. (World Health Organization, 2004, p. 57)

Como podemos leer en el extracto anterior, la problemática radica en el deterioro de las habilidades entrenadas. A ese problema se suma el hecho de que la disponibilidad continua y total de unidades especiales es vista como imposible. Una de las soluciones por parte de los organismos de gobernanza es la combinación de unidades corrientes y de unidades en *stand-by* (World Health Organization, 2004). Así pues, se recae en unidades corrientes para desempeñar tareas para las que unidades especiales han sido organizadas y entrenadas hasta que puedan estar disponibles. Es un claro ejemplo de cómo ciertos dispositivos de gobernanza de emergencias interfieren en los procesos de gobernanza cotidianos.

Efectos biopolíticos en vidas humanas y no-humanas

Tal y como ya se podía intuir en el ejemplo del almacenamiento de vacunas, las políticas de bioseguridad plantean un caso especialmente interesante en el terreno de las lógicas de seguridad: los pro-

cesos de biogobernanza no se ejercen únicamente sobre poblaciones humanas sino también sobre poblaciones no-humanas categorizadas como entidades vivientes. Bajo este tipo de racionalidad, toda vida - sea humana, animal o molecular - puede ser categorizada como amenaza o solución. Este peligro constante y difícilmente identificable es el que motiva la creación de políticas que construyan futuros para después regularlos. El efecto de tal gobernanza se observa en tres niveles: (a) en el modo en que entendemos o valoramos determinadas vidas, (b) en el modo en que esas formas de vida son gobernadas y (c) en el modo en que esas vidas son vividas.

El primero se refiere a una construcción social compartida por la cual determinadas vidas adquieren un cierto valor en relación a la red de actores que las rodean. Poblaciones humanas pueden ser evaluadas en torno al índice de riesgo que acarrear, como es el caso de, por ejemplo, poblaciones víctimas de emergencias humanitarias (World Health Organization, 2012) y de esta forma convertirse en una suerte de elemento híbrido que no está claro si se define como una colectividad de víctimas o de vectores. Si nos referimos a vida animal, tomando como ejemplo las controversias alrededor de la encefalopatía espongiforme bovina, o enfermedad de las vacas locas, una de las reflexiones más comunes afrontaba la diferencia en términos de valor entre una vacada y una vida humana (Keck, 2010). Otro ejemplo son los animales enfermos con cierto virus que pueden convertirse en 'centinelas' (Fearnley, 2013; Keck, 2013; Lakoff, 2013, 2015) y a través de ciertos signos profetizan aquellas amenazas que nos acechan. Así pues, animales que pueden tener un valor económico (diferentes tipos de ganado) o que, simplemente, conviven normalmente con poblaciones humanas sin representar ningún tipo de peligro (pájaros, roedores) se tornan una amenaza a la salud pública:

If biological agents are used to cause diseases that are not endemic in the country attacked, this may result in the disease becoming endemic, either in human populations, or in suitable vectors such

as arthropods and other non-human hosts, such as rodents, birds, equids or cattle. (World Health Organization, 2004, p. 49)

Tal y como sucede con la oveja de John Law y Annemarie Mol (2008), las distintas vidas que toman parte en los escenarios de bioseguridad son construidas y actuadas a través de complejas redes de actores en las cuales vidas no humanas adquieren agencia antes denegada. A través de esas nuevas agencias, tanto las vidas humanas como las no-humanas, adquieren un nuevo valor.

El segundo punto alude a la forma en que se construye el concepto de vida en políticas globales y como se afecta a diferentes entidades vivas a través de la implementación de *políticas en stand-by*. Obviamente, cada enfermedad infecciosa que es declarada como amenaza pandémica representa un ejemplo de gobernanza a través de políticas globales, pero algunos casos son más ilustrativos o interesantes que otros. Un caso clave es el ilustrado por el controvertido caso de la “gripe mutante” (ver Cañada, 2013; Gronvall, 2013; Lakoff, 2012). En este caso, un virus es modificado a través de técnicas de ingeniería genética y luego gobernado en base a sus nuevas características. Tal modificación persigue desarrollar artificialmente un virus que ha sido discursivamente anticipado a través de la construcción virtual de escenarios de bioseguridad. A través de esa labor tecnológica y a través de la regulación de sus peligros y beneficios por parte de la National Science Advisory Board for Biosecurity (NSABB) un virus originario del sudeste asiático es transportado a laboratorios situados en Ámsterdam, Holanda, y Madison (Wisconsin) para luego ser gobernado y regulado por agencias de bioseguridad de los EE.UU. A través de la gobernanza de investigaciones de uso dual³, un virus específico pasa de ser construido como esperanza a ser construido como amenaza.

3 Uso dual aquí se refiere al potencial uso del virus como arma biológica o como herramienta para el desarrollo de medidas de preparedness. Ver Atlas y Dando (2006) y Miller y Selgelid (2007) but this term has at least three different dimensions that pose a dilemma for modern biology and its possible misuse for hostile purposes: (1 para más información.

El virus permite observar de forma tangible aquellos futuros que se han construido virtualmente. Las trayectorias de bioseguridad virtuales han sido actualizadas siguiendo los escenarios virtuales tantas veces imaginados y las políticas globales han jugado un papel clave en identificar y caracterizar el virus.

En tercer lugar se encuentra el modo en que tales vidas son construidas a través de ciertas subjetividades. Procesos epidémicos actuales o virtuales promueven ciertas subjetivaciones entre determinadas poblaciones y sujetos, tal y como introducía anteriormente en el ejemplo de víctimas o vectores. Estas subjetivaciones tienen lugar a través de la interacción de las tecnologías de poder y las tecnologías del yo (Foucault, 1994). Al romperse la frontera entre lo sano y lo patológico (Tirado & Cañada, 2011) las subjetividades de los individuos afectados por tal ruptura se tornan frágiles y cambiantes.

El control ejercido sobre los cuerpos y su capacidad de movimiento en términos de rebasamiento de fronteras territoriales u hospitalización forzada por cuarentena, hace que tales vidas sean construidas a través de relaciones de poder subjetivadas. Tal es el caso de algunos de los afectados por el brote de Ébola que emergió en el oeste de África durante 2014. Misioneros y voluntarios eran repatriados para recibir tratamiento. En primer lugar, las vidas de aquellos repatriados son clasificadas como vidas con mayor valor que las de aquellos oriundos de África Occidental, donde tuvo lugar el brote. En segundo lugar, con la influencia frecuente de los medios, algunos de los repatriados o aquellos infectados como resultado del contacto directo con estos, podían ser subjetivados como víctimas, como el caso del doctor estadounidense Kent Brantly presentado como un héroe y a quien otorgaron uno de los premios de Persona del Año que anualmente reparte la revista *TIME* (Time Person of the Year 2014: Ebola Doctors, 2014). O, por el otro lado, como amenazas, como el caso de Teresa Romero en España, quien fue acusada de mentir (Olaya & Marcos, 2014) y de ser responsable de su propio contagio

al no haber utilizado correctamente el traje aislante (Consejero de Sanidad, 2014).

Conclusión

Las tres formas de entender los efectos biopolíticos de la gobernanza de emergencias biológicas, ponen de manifiesto el descuadre que existe entre la preparación de políticas de *preparedness* y su implementación.

El enfoque ontológico que propongo a través la conceptualización de lo virtual y lo actual de Deleuze, da sentido a la forma en que el desarrollo de escenarios de seguridad imaginarios tiene un efecto en el desarrollo e implementación de políticas vigentes, tanto a nivel discursivo como material.

Las políticas en *stand-by* son un ejemplo claro de cómo se trata de lidiar con ese desajuste. Los ejemplos de gobernanza expuestos anteriormente muestran las problemáticas que este tipo de políticas pueden ocasionar. El concepto no solo describe como se construyen ciertos futuros a través del desarrollo de ciertas potencialidades sino que sirve para describir algunos efectos muy concretos que tales futuros virtuales tienen en el presente. A través de los ejemplos usados en este capítulo se puede apreciar como la gobernanza en *stand-by* afecta no solo en cómo se construyen y se razonan ciertas estrategias de gobernanza sino también en como las vidas implicadas en procesos pandémicos son construidas, valoradas, gobernadas y subjetivadas.

Referencias

Adey, P. & Anderson, B. (2012). Anticipating emergencies: Technologies of preparedness and the matter of security. *Security Dialogue*, 43(2), 99–117. doi:10.1177/0967010612438432

Anderson, B. (2010). Preemption, precaution, preparedness: Anticipatory action and future geographies. *Progress in Human Geography*, 34(6), 777–798. doi:10.1177/0309132510362600

Atlas, R. M. & Dando, M. (2006). The dual-use dilemma for the life sciences: Perspectives, conundrums, and global solutions. *Biosecurity and Bioterrorism: Biodefense Strategy, Practice, and Science*, 4(3), 276–86. doi:10.1089/bsp.2006.4.276

Beck, U. (1992). *Risk society: Towards a new modernity*. London: Sage Publications.

Beck, U. (2002). The terrorist threat: World risk society revisited. *Theory, Culture & Society*, 19(4), 39–55. doi:10.1177/0263276402019004003

Bingham, N. & Hinchliffe, S. (2008). Mapping the multiplicities of biosecurity. In A. Lakoff & S. Collier (Eds.), *Biosecurity interventions: Global health and security in question* (pp. 173–193). New York: Columbia University Press.

Bryant, L. R. (2004). Politics of the virtual. *Psychoanalysis, Culture & Society*, 9, 333–348.

Caduff, C. (2014). Pandemic prophecy, or how to have faith in reason. *Current Anthropology*, 55(3), 296–315. doi:10.1086/676124

- Cañada, J. A. (2013). A bio-objects approach to biosecurity: The “mutant flu” controversy as a bio-objectification process. *Croatian Medical Journal*, 54(6), 592–597. doi:10.3325/cmj.2013.54.592
- Clarke, L. (1999). *Mission improbable: Using fantasy documents to tame disaster*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Collier, S. J. & Lakoff, A. (2008). The problems of securing health. In A. Lakoff & S. Collier (Eds.), *Biosecurity interventions: Global health and security in question* (pp. 7–32). New York: Columbia University Press.
- Collier, S. J., Lakoff, A., & Rabinow, P. (2004). Biosecurity towards an anthropology of the contemporary. *Anthropology Today*, 20(5), 3–7.
- Consejero de Sanidad: “No hace falta hacer un máster para ponerse el traje.” (2014, 09 de octubre). *El País*. Acceso en http://politica.elpais.com/politica/2014/10/09/actualidad/1412839223_114322.html
- Cooper, M. (2006). Pre-empting emergence: The biological turn in the war on terror. *Theory, Culture & Society*, 23(4), 113–135. doi:10.1177/0263276406065121
- Dauvilliers, Y., Montplaisir, J., Cochen, V., Desautels, A., Einen, M., Lin, L., Mignot, E. (2010). Post-H1N1 Narcolepsy-Cataplexy. *SLEEP*, 33(11), 1428–1430.
- DeLanda, M. (2002). *Intensive Science & virtual Philosophy*. London: Continuum.
- Deleuze, G. (2012). *Diferencia y repetición*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2006). *Mil Mesetas: Capitalismo y esquizofrenia*. Valencia: Pre-textos.
- Dubos, R. (1959). *Mirage of health: Utopias, progress, and biological change*. New Brunswick, NJ and London: Rutgers University Press.
- Escobar, A. & Osterweil, M. (2009). Movimientos sociales y la política de lo virtual. Estrategias Deleuzianas. *Tabula Rasa*, 10, 123–161. Acceso en <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39612022005>
- European Commission. (2007). *Green Paper on bio-preparedness*. Brussels: Author.
- European Commission. (2008). *Synthesis of the replies to the Green Paper on bio-preparedness*. Brussels: Author.

- European Commission. (2009). *Report of the CBRN Task Force*. Brussels: Author.
- Fearnley, L. (2013). The birds of Poyang Lake: Sentinels at the interface of wild and domestic. *LIMN*, 3. Acceso en <http://limn.it/the-birds-of-poyang-lake-sentinels-at-the-interface-of-wild-and-domestic/>
- Foucault, M. (1973). *The birth of the clinic: An archaeology of medical perception*. London: Tavistock Publications Limited.
- Foucault, M. (1980). *The history of sexuality, Volume I: An Introduction*. New York: Vintage Books.
- Foucault, M. (1994). *Hermenéutica del sujeto*. Madrid: Ediciones La Piqueta.
- Foucault, M. (2008). *Seguridad, territorio, población. Curso del Collège de France (1977-1978)*. Madrid: AKAL.
- Gronvall, G. K. (2013). *H5N1: A case study for dual-use research*. New York: Council on Foreign Relations Press.
- Guston, D. H. (2014). Understanding “anticipatory governance”. *Social Studies of Science*, 44, 218–242. doi:10.1177/0306312713508669
- Iliadis, A. (2013). A new individuation: Deleuze’s Simondon connection. *Media Tropes*, IV(1), 83–100. Acceso en <http://www.mediatropes.com/index.php/Mediatropes/article/view/20385>
- Jokinen, J., Nohynek, H., Honkanen, J., Vaarala, O., Partinen, M., Hublin, C., & Kilpi, T. (2013). *Pandemiarokotteen ja narkolepsian yhteys aikuisilla -varmennettuihin rekisteritietoihin perustuva kohorttitutkimus*. Tampere: Terveysten Ja Hyvinvoinnin Laitos. Acceso en http://www.julkari.fi/bitstream/handle/10024/104482/URN_ISBN_978-952-245-921-3.pdf?sequence=1
- Keck, F. (2008). From Mad Cow Disease to Bird Flu: Transformations of food safety in France. In A. Lakoff & S. Collier (Eds.), *Biosecurity interventions: Global health and security in question* (pp. 195-226). New York: Columbia University Press.
- Keck, F. (2010). *Un monde grippé*. Lonrai: Flammarion.
- Keck, F. (2013). Hong Kong as a Sentinel Post. *LIMN*, 3. Acceso en <http://limn.it/hong-kong-as-a-sentinel-post/>

- Keck, F. (2014). Paul Rabinow. *Public Culture*, 26 (3, 74), 449–467. doi:10.1215/08992363-2683630
- Lakoff, A. (2006). Techniques of preparedness. In T. Monahan (Ed.), *Surveillance and Security: Technological politics and power in everyday life* (pp. 265–273). New York: Routledge.
- Lakoff, A. (2007). Preparing for the next emergency. *Public Culture*, 19(2), 247–271. doi:10.1215/08992363-2006-035
- Lakoff, A. (2008). The generic biothreat, or, how we became unprepared. *Cultural Anthropology*, 23(3), 399–428. doi:10.1525/can.2008.23.3.399.C
- Lakoff, A. (2012). The risks of preparedness: Mutant Bird Flu. *Public Culture*, 24(3 68), 457–464. doi:10.1215/08992363-1630636
- Lakoff, A. (2013). A Dearth of Numbers: The actuary and the sentinel in global public health. *LIMN*, 3. Acceso en <http://limn.it/a-dearth-of-numbers-the-actuary-and-the-sentinel-in-global-public-health/>
- Lakoff, A. (2015). Real-time biopolitics: The actuary and the sentinel in global public health. *Economy and Society*, 44(1), 1–20. doi:10.1080/03085147.2014.983833
- Law, J. & Mol, A. (2008). The actor-enacted: Cumbrian sheep in 2001. In C. Knappett & L. Malafouris (Eds.), *Material Agency: Towards a Non-Anthropocentric Approach* (pp. 57–78). New York: Springer. Acceso en <http://oro.open.ac.uk/21387/>
- Massumi, B. (2005). Fear (The Spectrum Said). *Positions: East Asia Cultures Critique*, 13(1), 31–48. doi:10.1215/10679847-13-1-31
- Miller, S. & Selgelid, M. J. (2007). Ethical and philosophical consideration of the dual-use dilemma in the biological sciences. *Science and Engineering Ethics*, 13, 523–580. doi:10.1007/s11948-007-9043-4
- Olaya, V. G. & Marcos, J. (2014, 4 de diciembre). Destituido el consejero de Sanidad de Madrid tras volver a criticar a Romero. *El País*. Acceso en http://politica.elpais.com/politica/2014/12/04/actualidad/1417700390_991206.html
- Partinen, M., Saarenpää-Heikkilä, O., Ilveskoski, I., Hublin, C., Linna, M., Olsén, P., ... Kirjavainen, T. (2012). Increased incidence and clinical picture of

childhood narcolepsy following the 2009 H1N1 pandemic vaccination campaign in Finland. *PLoS One*, 7(3), e33723. doi:10.1371/journal.pone.0033723

Samimian-Darash, L. (2009). A pre-event configuration for biological threats: Preparedness and the constitution of biosecurity events. *American Ethnologist*, 36(3), 478–491. doi:10.1111/j.1548-1425.2009.011174.x

Samimian-Darash, L. (2011). The re-forming state: Actions and repercussions in preparing for future biological events. *Anthropological Theory*, 11(3), 283–307. doi:10.1177/1463499611416721

Simondon, G. (1992). The genesis of the individual. In J. Crary & S. Kwinter (Eds.), *Incorporations* (pp. 297–319). New York: Zone Books.

Time Person of the Year 2014: Ebola Doctors. (2014). *Time*. Acceso en <http://time.com/time-person-of-the-year-ebola-doctors/>

Tirado, F. & Cañada, J. A. (2011). Epidemias: un nuevo objeto sociotécnico. *Convergencia. Revista de Ciencias Sociales*, 18(56), 133-156. Acceso en <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10516855006>

Underwood, E. (2014). Key narcolepsy-influenza vaccine findings retracted. *Science*, 345(6196), 498. doi:10.1126/science.345.6196.498

World Health Organization. (2004). *Public health response to biological and chemical weapons - WHO guidance*. Geneva: World Health Organization.

World Health Organization. (2012). *Outbreak surveillance and response in humanitarian emergencies*. Geneva: World Health Organization.

Capítulo 4

Conocimiento y riesgo en biomedicina¹

José Luis González Quirós

La naturaleza ha establecido patrones que rigen la repetición de acontecimientos, pero sólo en la mayoría de los casos.

(Leibniz a Jacob Bernouilli en 1703²)

Que para animosas almas
Son las penas y los riesgos
(Guillén de Castro³)

El sistema sanitario constituye un lugar en que confluyen un conjunto de prácticas sociales (que alcanzan un fundamento legal

1 Este trabajo forma parte del proyecto dirigido por Xavier Echeverría PB98-0495-C08-01, Axiología y dinámica de la tecnociencia.

Publicado originalmente en *Argumentos de Razón Técnica*, No. 5 (2002), pp. 177-206. Agradecemos al editor el permiso para esta publicación.

2 Atribuido por Bernstein, Peter L. (1996), que lo toma de Keynes (1921) (motto del capítulo XXVIII).

3 *Del Rey abajo, ninguno*, versos 1631-1632. Me parece necesario resaltar la connotación positiva de riesgo en este verso. La modernidad consiste en atreverse con el riesgo, su desencanto en comprender que existían costes ocultos y riesgos imprevisibles e inevitables una vez que se inicia la aventura.

y que constituyen un subsistema de poder muy específico) que dependen de las ideas sobre la salud, la higiene, la felicidad y la seguridad⁴, y una serie de saberes de índole científica que es lo que hoy día conocemos como biomedicina, nombre que, como ha subrayado Toulmin (2001, p. 233), es corriente desde hace solo unas décadas. La interacción de ambos entornos constituye el escenario bullicioso y problemático de los sistemas de sanidad y da lugar a uno de los ámbitos de discusión en los que la presencia y el peso de la opinión pública es cada vez más determinante y en los que, consecuentemente, se libran auténticas batallas de imagen en función de los muy importantes intereses comerciales que se encuentran en juego⁵. Se trata pues de un terreno en el que se hacen muy necesarios estudios de índole axiológica.

El objetivo de este escrito es una consideración general de la clase de problemas que dependen de la forma en que se establece la relación entre la conveniencia de impulsar el progreso del conocimiento biomédico y los valores que se han de respetar en el ámbito preciso de los sistemas de salud a la hora de considerar los riesgos

4 Asuntos sobre los que se interesan multitud de saberes pero de los que ni tenemos ni podremos tener ciencia cierta en la medida en que dependen de decisiones libres de los sujetos. Como dice Lewonthin, (2001, p. 176) “La verdad sobre el alcoholismo, la violencia y el divorcio es que no conocemos la verdad.[...] Aceptar el mensaje de la ignorancia científica, y todo lo que esto implica, requiere sin duda coraje moral”.

5 Por ejemplo, recientemente el *New England Journal of Medicine* se hacía eco de la dificultad existente para encontrar referees con garantía de independencia en el ámbito de la psiquiatría. Más recientemente ha trascendido a la opinión pública el hecho de que algunos laboratorios farmacéuticos han estado pagando a ciertos científicos de prestigio para que firmasen determinados artículos. 5 Según lo ha visto Lewonthin, (2001, p. 13), “Nada ilustra mejor este cambio de prioridades que la cancelación por el Congreso de Estados Unidos del proyecto, inmensamente costoso, del supercolisionador de partículas, con el que se pretendía descubrir los últimos bloques que forman toda la materia, mientras aprobaba el Proyecto Genoma Humano, también inmensamente costoso, que pretendía describir la compleja secuencia de ADN que, según se dice, forma al ser humano”. 6 Otra manera de decirlo es la de Foucault, (1966, p. 276): “La enfermedad se desprende de la metafísica del mal con la cual, desde hacía siglos, estaba emparentada”.

específicos de las distintas acciones. No se trata, ni siquiera primordialmente, de un conjunto de problemas éticos, aunque estos no escaseen: lo que está en cuestión es el fundamento mismo del conjunto de prácticas que configuran la atención médica, es decir, se trata de poner a la luz los problemas que afectan a la legitimidad misma de las instituciones con capacidad para definir las *verdades* sobre las que se edifica ese conjunto bien preciso de procedimientos que constituye la práctica medico- sanitaria, ideas sobre cuyo fundamento es siempre bueno interrogarse.

El desarrollo de los sistemas sanitarios y de los saberes biomédicos se atiene a lógicas y ritmos distintos, pero existen influencias entre uno y otro (y en ambos sentidos). El interés especial que tiene el estudio de sus interacciones deriva de que en ellas se desenvuelve la polémica confluencia de los mayores poderes (políticos, económicos y tecnológicos: no olvidar que la biología es la ciencia del momento desde el punto de vista presupuestario⁵) con las mayores carencias y debilidades sociales y personales, y es, por tanto, un lugar en el que, inevitablemente, se asentará la frustración. Se trata, en efecto, de un escenario en el que, de las formas más intrincadas y sofisticadas, está continuamente en juego la relevancia respectiva de los poderes y de la conciencia de cada cual, un ejemplo claro, en cualquier caso, de cómo, en lo que se refiere a nuestra salud y bienestar, hemos acabado pasando, en un proceso histórico no excesivamente largo, de las manos de la caridad y la religión a las del poder anónimo del sistema sanitario, el dinero y la tecnología⁶. Sin embargo, si nos ponemos a *cuantificar* la salud, es claro que deberíamos comenzar con la constatación de Porter (1998, p. 3): tenemos más salud que nunca pero también mayores neurosis que nunca con la salud y mayores quejas que en cualquier otro momento del pasado.

El examen de la situación contemporánea de los saberes biomédicos desde el punto de vista de los riesgos inherentes a sus diagnósticos y a las terapias que implican ha de hacerse, en cualquier

caso, desde esta perspectiva de desconfianza en lo que se dice que se sabe y en lo que se asegura que se puede hacer pero, a la vez, dando por sentado que esa clase de recursos representan la sola esperanza de la mayoría: de ahí la irritación con sus fallos y el temor que nos inspira tener que sujetarnos a su arbitrio. En estos menesteres, el riesgo no se presenta ahora como el correlato de una aventura sino que aparece más bien como el precio que hemos de pagar por ponernos en mano de situaciones y procesos que no conocemos bien ni estamos seguros de poder detener ni controlar.

Vincular conocimiento y riesgo supone subrayar que, desde un cierto punto de vista, el riesgo comparece cuando se asume el saber como un progreso hacia lo desconocido, como un desvelamiento de algo que, en cierto modo, una vez al descubierto, puede vengarse o ponernos en un aprieto. El que se arriesga a saber concita de algún modo los peligros que están ocultos por el velo de la ignorancia. El *sapere aude* expresa, pues, no sólo una recomendación ilustrada sino también una verdad profunda. La valoración contemporánea de la ciencia y de la tecnología dista mucho sin embargo de ser la que surge de este análisis tan básico. Ha variado de forma muy notable el telón de fondo en el que hay que inscribir toda esta serie de cuestiones: la crisis de fiabilidad de la ciencia⁶

6 Para Queralto, (1966, pp. 19-46) “Desde hace ya algunos lustros la ciencia se ha convertido en objeto de sospecha. No parece al hombre contemporáneo que el conocimiento científico sea el camino de resolución de los problemas acuciantes de la existencia humana, como sucedía hasta hace poco tiempo. Se mira ahora con extraordinaria incredulidad aquella confianza que el hombre ilustrado y sus herederos tenían puesta en los logros de la razón científica, considerando poco más o menos que el progreso conocimiento humano desarrollado por la ciencia deba ser lineal. Las causas de esta situación son variadas (...) Por un lado, las consecuencias de la crisis de fundamentos sufrida por la que en su momento se consideró el modelo de las ciencias, esto es, la física; por otro, las aplicaciones científico-técnicas que han desembocado en la posibilidad efectiva de destrucción del planeta, sea de forma progresiva por ruina ecológica o sea por un desastre nuclear. Ambos motivos, dejando de lado otros que aquí nos interesarían menos, convergen, en la mentalidad del hombre contemporáneo, para mostrar un escepticismo -a veces incluso un rechazo- respecto de las virtualidades contenidas en el desarrollo científico a fin de conseguir el bienestar posible del hombre a lo largo de su existencia”.

por un lado y, por otro, la multiplicación casi hasta el infinito de las más variadas opiniones con un cierto aura de veracidad y de respetabilidad (lo que aunque en cierto modo se puede derivar de la crisis de credibilidad de la ciencia la acentúa a su vez) pero con el no pequeño inconveniente de resultar incompatibles unas con otras ante cualquier lógica mínimamente exigente. La lucha por la ciencia que busca supuestamente cercar o evitar la muerte, acabar con las formas de la finitud, se encuentra paradójicamente en la raíz de numerosas amenazas y miedos porque su fiabilidad es frágil al estar cuestionada tanto en su eficiencia como en la solidez de sus fundamentos.

El significado histórico de la noción de riesgo ha experimentado una serie de alteraciones que se reflejan, de algún modo, en la etimología y la historia de la propia palabra. Como se puede ver en el verso de Guillén de Castro que encabeza estas líneas, el riesgo aparece unido a la búsqueda de una ventura, de un bien, es algo, que merece la pena arrostrar o, como diríamos ahora, valioso, positivo. Esa consideración del riesgo ha desaparecido casi por completo (dejando un uso de connotaciones muy negativas para el término *riesgo*, salvo tal vez en la denominación de *deportes de riesgo*) para ser sustituida por una percepción temerosa y muy negativa, de algo que se parece más a una amenaza que a un reto.

El riesgo que suscita temor no es un riesgo activo que acompaña a una audacia insolente, sino el riesgo pasivo que nos torna víctima de los intereses de otros. En la percepción contemporánea del riesgo se trata, pues, de padecer un trance cuyas consecuencias no podemos determinar ni escoger, que no somos capaces de medir ni de calcular, el riesgo de algo que se nos escapa por completo. Ese es el punto de partida desde el que se consideran y valoran los riesgos que parecen asaltarnos en cuanto ponemos el pie en cualquiera de los amedrentadores recintos del sistema de salud.

Un mínimo examen de las cuestiones conexas con esta clase de amenazas ligadas a las prácticas biomédicas hace imprescindible la

indagación en tres escenarios teóricos distintos. En primer lugar el telón de fondo de tipo cultural, en especial las ideas al respecto de los teóricos de la *sociedad del riesgo* que subrayan cómo nos hemos ido desplazando de las sociedades industriales a sociedades definidas por la generación de nuevas incertidumbres en un escenario de individualismo creciente y de cambios básicos (que, generalmente, no son enteramente fruto de una decisión previa, sino que pueden ser considerados también en tanto efectos de los *costes ocultos* de determinadas decisiones previas). En segundo lugar, hay que dedicar una cierta atención al análisis empírico de los datos relativos a los escenarios, situaciones y motivos de riesgo, lo que nos acerca más a lo que podríamos llamar la manera anglosajona de pensar el riesgo que a la teoría de la *sociedad del riesgo* de matriz alemana. Por último, hay que llevar a cabo un análisis específico del sistema sanitario en tanto se ha convertido en un sistema fundamentalmente basado en la ciencia y en la tecnología, en dos de los motivos clave que definen nuestras sociedades como *sociedades de riesgo* según el análisis beckiano. El trato que las distintas sociedades reservan a la enfermedad y el dolor, la autoridad de que están investidos los protagonistas del saber médico, la relación entre las personas y las instituciones clínicas y terapéuticas y la propia noción de enfermedad son cuestiones que han experimentado alteraciones sustantivas que deberán ser tomadas en consideración a la hora de trazar una imagen de lo que significa específicamente el riesgo en este terreno.

Sociedad del riesgo, como caracterización de la sociedad contemporánea

Al trazar un sucinto panorama cultural de la sociedad contemporánea hay que decir que, parafraseando a Ortega, lo que nos pasa es que no sabemos qué nos pasa, que hay tantos diagnósticos (y tantas recetas) que esa misma abundancia de doctores es uno de los mejores descriptores del problema, sea cual fuere. Cabe, sin embargo,

hacer una especie de vaciado de la mayoría de esos diagnósticos sin estimaciones causales, de manera que obtengamos un cierto paisaje del caso. Cabe comenzar esa teoría de síntomas por la conciencia de extravío y pérdida, tanto de la naturaleza como respecto a la tradición: puede considerarse, adicionalmente, como el más curioso de los rasgos el hecho de que la sociedad occidental, que carece de referencias metafísicas y religiosas, haya hecho de esa falta de anclajes un motivo de consenso, cuando no un título de gloria. En cualquier caso, si se trata de una *pérdida* es una pérdida muy peculiar: ni es un abandono expreso, ni un eclipse por la presencia de dioses más poderosos (tal vez el dinero, y el narcisismo), ni en realidad nadie sabe cuando han ocurrido exactamente tales cambios (y como consecuencia, el debate de la modernidad y de sus crisis es muy espeso, sin que sepamos si esta operación de sustitución se ha llevado a cabo a manos de la filosofía y de la *ilustración* o a manos de la ciencia y de la tecnología, en la medida en que podamos distinguir ambos procesos).

Veamos ahora algunos rasgos que nos diferencian claramente de otras épocas. Tras la modernidad, se ha producido, especialmente en la práctica, una reformulación muy radical de las ideas sobre la *naturaleza* humana en la que el sentimiento ha resultado primado frente al intelecto (cosa que hay que atribuir no tanto a Heidegger como a Schopenhauer y Nietzsche y luego a los *americanos* de la *inteligencia emocional* y otros epígonos), aunque Descartes, que suele ser el blanco con el que se contrasta el nuevo énfasis, no descartaba el mundo entorno humano sino que lo describía desde lo que le parecía ser su centro epistémico⁷. Coherentemente con esta mutación, se ha privilegiado el papel del deseo y de la voluntad frente a la apuesta por la intelección de los *signos* (la idea de que la realidad

7 El darwinismo ha sido, también en esto, un elemento decisivo. Desde un punto de vista darwiniano la inteligencia no puede ser sino una capacidad de adaptación, carece enteramente de sentido que hablemos de ella con palabras que impliquen un poder o un fundamento más amplio. Y, puestos a elegir, a la hora de juzgar sobre adaptaciones mejor es un buen sentir que un mal argumento.

desvela algo trascendente a ella misma) y la aceptación de lo dado, frente al reconocimiento de las limitaciones o la adopción de estrategias de adaptación. La innovación, en todos los terrenos, como estrategia permanente ha sido la consecuencia de todo ello⁸ y, en la medida en que esta actitud se considera como una liberación frente a ataduras del pasado parece más indeseable y desconcertante la aparición de riesgos, de *ataaduras en el futuro*.

La autodeterminación frente al destino, ha privado a la muerte de cualquier sentido, la ha desconectado de la vida (por eso la muerte se oculta) y nos ha llevado a considerar que la vida nada tiene que aprender de ella. Por curioso que pueda parecer, esa liberación de ataduras se ha podido acordar mejor con ideas sobre nosotros mismos que nos presentan como un ser mecánico, fruto del azar, destronado de cualquier singularidad que como seres dotados de una precisa naturaleza más o menos inteligible. La libertad se desea y se vive como liberación, deja de ser una condición de la responsabilidad (que es como se introdujo desde el punto de vista histórico).

Por su parte, la depauperación de la tradición ha desdibujado el horizonte en el que era operativo el *límite* (un horizonte revelador) al considerarse un límite excesivo, injustificado, mítico, un obstáculo que, al menos aparentemente, deja de existir si no se acepta. El rechazo histórico de la tradición (que es fruto de la idea de cambio y del valor de progreso) arrastra consigo la idea de la naturaleza como algo dado, incluso como un libro en el que leer para pasar a ser un peldaño de la voluntad de autodefinición, de afirmación, de poder. La experiencia de lo que personalmente se comprende, el cálculo y la audacia sustituyen prácticamente a la

8 Popper ha subrayado que la innovación en el terreno de las explicaciones fue el gran invento de los griegos, lo que Ortega llamaría la tradición de la intradición, pero esa innovación era perfectamente compatible con la idea de que hay algo más allá de nuestra capacidad de innovar que es regla a la que remitir los valores de nuestro conocimiento, en último término las ideas de realidad y de verdad.

actitud de respeto a lo establecido, a lo que digan los mayores, a la tradición misma del saber.

Es interesante interrogarse por el estatuto de los conceptos vigentes respecto a lo que está en el *límite*. Cualquier clase de límite es condición de inteligibilidad de lo que limita y su manejo afecta de manera poderosa a las ideas que nos hacemos sobre aquello que, al menos aparentemente, no está bajo su jurisdicción. El caso de mayor interés es el que afecta al límite del saber como tal, al aspecto epistémico de todo límite. Entre lo que sabemos con certeza y lo que claramente ignoramos hay una zona de sombra, un terreno pantanoso y sin mapas precisos en el que se cruzan las aportaciones de la ciencia y los dictados de la autodefinición.

Ambas funciones (ciencia, autodefinición) tienen sus propios entornos de límite. El límite de la ciencia tiende a ser ignorado, mediante la imaginación y las ilusiones de saber, se sueña colocado mucho más allá de donde efectivamente se encuentra. Hay dos razones poderosas para ello: en primer lugar, la ciencia es un proceso en marcha y como ocurre en todo proceso que se pretenda controlar, su sentido viene definido por su objeto, algo que se halla más allá del espacio que efectivamente se ocupa. No decimos saber lo que efectivamente sabemos sino lo que buscamos saber porque la ciencia es un mirador y desde ella nos asomamos a lo que queremos ver y aún no vislumbramos con claridad. Ese *queremos* es, casi siempre, engañoso, pero es el motor de la esperanza, y no se entrega su control a un escéptico. La segunda razón que nos lleva a magnificar nuestros dominios es de tipo comercial y financiero: la tarea es cara y nadie pagaría para saber lo que ya sabemos o para seguir donde estamos. Como consecuencia de ello, a la ciencia le pasa también lo que a los adivinos, que es escuchada cuando pronostica y olvidada cuando el pronóstico no se cumple porque siempre hay otro nuevo que anunciar. En este contexto no estará de más anotar que la ciencia está llegando a una situación muy semejante a la de la competición atlética: es necesario organizar un

siglo de olimpiadas para que el record de los cien metros baje unas décimas de segundo⁹.

El impulso de autodeterminación tropieza con la naturaleza-antes-de-concepto, un *quid ignoti* (la *realidad*) que, en lo que a los humanos se refiere, se manifiesta en forma de ciertas limitaciones básicas: el dolor, la soledad y la incomunicación, la enfermedad y la muerte. Desde otro punto de vista, el impulso de autodeterminación también tropieza con la sociedad, con el poder que se manifiesta como voluntad de ocupar una posición, como territorio simbólico de lo *vedado* (no de lo *prohibido* que apenas existe en una sociedad permisiva¹⁰).

La noción de *sociedad reflexiva* significa, entre otras cosas, que no tiene sentido suponer (contra lo que afirma la religión) que los fines de la vida estén dados: lo único que hay es el deseo y la voluntad, que son aparentemente espontáneos e infinitamente auto-flexibles, que nunca nos llevan la contraria. No hay nada externo que merezca veneración y respeto (salvo, tal vez, el esquema tenebroso descrito por Orwell, que hace que la gran política sea un tanto incomprensible, y ese recuerdo de la benevolencia universal que se ha refugiado en lo que se llama lo *políticamente correcto*).

Una de las consecuencias de ese deseo de autodefinición y de la pretensión de implantar un orden presidido por el deseo y la ausen-

9 En el caso concreto de las cuestiones de salud, como dice García Alonso (2001,6), “da la impresión que los progresos en biomedicina comportan resultados muy modestos sobre la salud, y que no se esperan grandes cambios en los próximos 25 años. Para entender esta paradoja hay que aceptar que a finales de los años 60 asistimos a un aplanamiento en la curva que media la mejoría en la salud. El incremento del nivel de vida (en Occidente) que se produjo en aquella época y los descubrimientos como la penicilina, la vacuna de la polio o la clorpromazina, parecen irrepetibles. Los progresos en salud en los años 80 y 90 fueron debidos al desarrollo de nuevos tratamientos y enfoques de la enfermedad, más por aposición de conocimientos que por el descubrimiento abrupto de nuevos conceptos”.

10 Puede verse la digresión sobre las diferencias entre estos dos términos en D’Ors (2001).

cia o eliminación de obstáculos es una actitud de rechazo de la ambivalencia¹¹. Esto es, sin embargo, casi completamente imposible, tanto en la teoría como en la práctica. Frente a esa imposibilidad reaccionamos tratando de imponer una racionalidad sin contrapartidas en la que nada se oponga a nuestros análisis y determinaciones, lo que tampoco puede hacerse sin costes de manera que apostamos por vivir como si la contradicción lógica supusiera la eliminación de las oposiciones reales: “Vivimos en el mundo del *y* pensamos con las categorías del *o* esto *o* aquello” (Beck 1996, p. 227).

La verdadera dificultad con la que nos tropezamos en este orden de cosas reside en la contradicción que se deriva del hecho de que constituimos una sociedad de individualistas gregarios, de lo que podríamos llamar *solipsistas de masas*, una sociedad en la que todos queremos que las cosas se acomoden a nuestros deseos pero en la que nos encontramos con las casi infinitas dificultades que nos plantea el hecho de que otros miles de millones de sujetos de nuestra misma estirpe están también exigiendo un mundo a su medida. La sociedad se convierte así en el obstáculo último frente a todas las sofisticaciones y jeribeques del deseo. Frente a ese poder real, más amplio y difuso de ninguna esfera puramente política, se pide igualdad (más que libertad, una igualdad que permita ser el que se quiera) lo que supone una contradicción psicológica profunda: la igualdad anularía la emulación y el estímulo de la libertad, el sentido mismo de la diferencia¹².

11 (Bauman 1996, p. 82) “La práctica típicamente moderna, la substancia de la política moderna, del intelecto moderno, de la vida moderna, es el esfuerzo por exterminar la ambivalencia: un esfuerzo por definir precisamente —y por ahogar o eliminar algo que podría o debería ser definido. La práctica moderna no apunta a la conquista de tierras del exterior, sino a la necesidad de llenar puntos en blanco en el completa mapa mundi. La práctica moderna, no la naturaleza, es la que experimenta la no existencia del vacío”.

12 Esta oposición entre libertad e igualdad no se trae aquí a colación para justificar la posición liberal que siempre ha visto una oposición entre ambas vocaciones, sino para mostrar el carácter contradictorio que forzosamente amenaza a cualquier sociedad que se apoye únicamente en los deseos de los individuos que la componen, para mostrar el carácter paradójico de la fusión del solipsismo moral y la masificación social.

Aunque se pretenda una soberanía del deseo, no se consigue eliminar una doble fuente de miedos: en primer lugar los que se derivan de la visión de la naturaleza como un recurso escaso y como un poder que se rebela frente a la imposición de formas ajenas. Es el miedo que anida en la ecología como cosmovisión. En segundo lugar el miedo a la soledad social que se presenta como un presagio, y a la vez un *ersatz*, de la muerte. Muchos analistas han visto, siguiendo la inspiración de Nietzsche, que la estética se convierte en la salida de este laberinto conflictivo entre el deseo y la sociedad, entre la libertad y el miedo¹³.

Beck, Lash, Baumann, Luhmann, Giddens: sociedad del riesgo

El marbete de *sociedad del riesgo* ha aparecido numerosas veces en los últimos años en los análisis de los sociólogos críticos, de aquellos que han abandonado, lógicamente, las sugerencias antisistema de las escuelas de la izquierda socialista pero quieren seguir poniendo de manifiesto, como es aún más lógico, las inconsecuencias y fealdades de la sociedad capitalista contemporánea. Giddens es, de lejos, el más templado de los críticos de este tipo, el que está más cerca de las evaluaciones empíricas de la *risk theory* pero al que también interesan las críticas de los sociólogos más descontentos como muestra del profundo calado de las consecuencias de la globalización y de la insuficiencia del pensamiento político liberal clásico.

De acuerdo con la definición de *sociedad del riesgo* que da Beck (1996, p. 201), “este concepto designa una fase de desarrollo de la sociedad moderna en la que a través de la dinámica de cambio la producción de riesgos políticos, ecológicos e individuales escapa, cada vez en mayor proporción, a las instituciones de control y pro-

13 (Beck 1986, p. 49) “Después del nihilismo, no acabamos en el sentimiento de vacío, sino en el esteticismo”. (Bauman 1996, p. 109) “En el mordaz apunte de Cynthia Ozick: “La solución final dada por Alemania fue estética; se trató de un trabajo de edición, donde el artista eliminó lo amorfo, lo que no era armonioso”.

tección de la mentada sociedad industrial”. Es muy importante la contraposición entre *escapar* y *dominar*: Beck parece añorar una sociedad universalmente establecida mientras que, por el contrario, el análisis convencional de quienes gestionan los riesgos no pretende anularlos, sino preverlos, calcularlos e integrar sus efectos previsibles en un sistema de cálculo de costes. La afirmación de Luhmann (1996, p. 128) según la cual “no hay concepto alguno del riesgo que pudiera satisfacer las pretensiones científicas”, pone de manifiesto también ese mismo sentido crítico y global de sus análisis.

Puede decirse que, en general, la intención de estos críticos es la de sustraer un campo a la tecnología y devolverlo a la política, a la dialéctica de ideas. Ello supone hacerse una idea de la naturaleza de los controles políticos que se deberían arbitrar para juzgar sobre los desarrollos tecnológicos. Esta es una cuestión abierta y muy relacionada con el *corazón* de lo que venimos hablando. Toda la regulación de la sanidad está envuelta, por ejemplo, en la presunción de que, cuando se produce una catástrofe, hay, por un lado, procedimientos legales y, por otro, aparatos o circunstancias asesinas.

La mayor dificultad para encontrar una fórmula democrática de control de estos asuntos reside en que, casi por definición, quienes están en condiciones de decidir no están en condiciones de juzgar y es casi inevitable que sean, en uno u otro grado, víctimas de presunciones sin fundamento y de campañas de intereses. Lo mismo sucede con la casi totalidad de los asuntos en los que está implicada la investigación avanzada. Puede bastar el ejemplo del “genoma” para examinar el alcance del argumento general: los gigantescos fondos destinados (incluso entre nosotros) a satisfacer las demandas de los promotores de ese proyecto faraónico se dieron sobre la base (que con toda probabilidad resultará ser falsa de hecho) de que esa empresa serviría para alcanzar todo lo que fuera necesario saber para perfilar el método definitivo en la curación de cualesquiera clase de males. No cabe negar legitimidad al proyecto de discutir democráticamente las distintas opciones tecnológicas, pero hay que

ser muy conscientes de las dificultades de la empresa, para intentar controlarlas.

Aunque las posiciones de estos autores son bastante plurales, puede hacerse un cierto retrato de conjunto con las notas que predominantemente suenan en sus críticas. Entre las características señaladas comúnmente están las siguientes:

1. Nuestras sociedades son post-tradicionales, han roto las amaruras de legitimidad ligadas a la permanencia de instituciones e ideas, a la tradición. Como dice Giddens (1994, pp. 1-2) se trata de salir del agujero del pasado, de encontrar nuevos factores de estabilidad porque no nos sirven las recetas del ayer, lo que configura una posición estrictamente contraria a la de Burke. Se hace necesario subrayar que cualquier abandono de la tradición (de toda tradición) nos arroja a los riesgos de la invención, es decir, que se rechazan y abandonan instituciones más o menos inmemoriales sin que esté claro el balance favorable de las novedades que se imponen en su lugar, novedades que se lucran, precisamente, de su carácter de tales, sin que se tenga certeza de que no se habrá de pagar, por ejemplo, un alto precio en virtud de los costes ocultos de lo que se inventa.

Las causas de que pase lo que quiera que esté pasando con eso (con la intimidad, con los ideales y objetivos de autorrealización, con todas las exaltaciones del yo individual y todas las roturas del yo tradicional/religioso/colectivo, un viejo tipo de yo muy parecido al yo de los seguidores de Ibn Laden) se remontan, por lo menos, al siglo XVII y a las guerras de religión. Es evidente que, por ejemplo, las modificaciones del entorno laboral y profesional (como diría Deleuze, en el paso de la fábrica a la empresa) se lo ponen difícil a quienes quieran creer en la continuación de las formas tradicionales (Giddens insiste correctamente en que nunca son tan antiguas) de socialización. Se trata, con todo, de una dificultad añadida a la que

la difusión de las filosofías del yo (intensamente publicitadas por el romanticismo y sus infinitas secuelas estéticas de masas) ha planteado a ideas tales como, por ejemplo, la de naturaleza humana, pertenencia, deber moral, lealtad a la tradición o a ciertos códigos, etc.

Esta posición en retirada de lo tradicional provoca el fundamentalismo (Giddens (1994, p. 6) observa que es palabra que no aparece en el Oxford English Dictionary antes de 1950). La transformación de la tradición supone una ruptura con la naturaleza que pasa a depender de decisiones lo que ocurre de un modo más radical en las formas del bien social: de este modo, la social reflexivity es una fuente permanente de incertidumbre inducida (Giddens 1994, pp. 6-7)

2. La mentalidad que tiende a dominar en esas sociedades post-tradicionales es también, en cierto modo, post-racional (Beck 1996, p. 213), Hay una desestimación de la racionalidad tecnológica (idea que, en cualquier caso, goza de una enorme fuerza en el pensamiento alemán¹⁴) porque se le atribuye una responsabilidad en la inseguridad de la existencia y en la gran relevancia de los riesgos, especialmente de aquellos riesgos que al ser cómo son y venir de donde vienen no pueden combatirse precisamente con más tecnología o con nuevas tecnologías. Ni el cálculo ni las matemáticas, criaturas de la razón, gozan ya de una credibilidad especial, porque son vistos como disfraces ideológicos, como pantallas que tratan de ocultar la percepción de la realidad y el vigor de los distintos riesgos, el hecho de que en estas sociedades, el riesgo deriva de la tecnología, es un riesgo sistemático. Esta forma de ver las cosas es, obviamente, muy dualista: lo que no deriva de la tecnología no se considera riesgo, sino derecho, libertad, decisión. La tecnología aparece como lo otro, como lo que no se domina como algo anónimo, infundado e ilegítimo.

3. Esto es especialmente relevante en términos de salud, porque los fallos tecnológicos no se verán nunca como otra cosa que como fallos debidos a la ambición de las empresas, lo que da lugar a un doble efecto: retrasar la puesta en marcha de investigaciones costosas y cargar a los negocios tecnológicos de un sobrecoste, especialmente en términos de defensa jurídica frente a los posibles afectados. En cualquier caso hay conciencia de una peculiar indefensión frente a esos nuevos riesgos (Beck 1986, p. 13), de manera que el desarrollo de la tecnología exigiría una especie de tribunal político-moral (Beck 1997, p. 45 y ss.) porque sucede, en realidad, que nadie es experto en nada, o todos lo somos (Beck 1996, p. 213 y ss.), puesto que asistimos permanentemente al espectáculo de que los expertos se contradicen por especialidades.
4. En las sociedades contemporáneas las ideas relativas al conocimiento y la reflexividad de la verdad son una fuente de conflictos en la medida en que se da un auténtico proceso de autodisolución de la verdad y de su monopolio por la ciencia al decir de Beck (1997, p. 42). Desaparecen también por completo las verdades formularias (Giddens), al menos a primera vista, porque tal vez reaparecen otras, como por ejemplo las que funcionan en el uso mágico del lenguaje.
5. Son muy abundantes las consecuencias políticas de ese relativismo inducido. Como escribe Beck (1996, p. 220); quiere eso decir que se establecen mecanismos de crítica recíproca entre las racionalidades de los universos simbólicos de la sociedad y los grupos que las constituyen”. Indicaremos algunas consecuencias muy visibles de todo ello:
 - a. crisis de legitimación del parlamentarismo porque, como dice Beck (1986, p. 20), “Por una parte, con la sociedad industrial triunfan la pretensión y las formas de la democracia parlamentaria. Por otra parte, se demedia el radio de validez

de estos principios. El proceso subpolítico de renovación del “progreso” queda a cargo de la economía, la ciencia y la tecnología, en las cuales las evidencias democráticas no están en vigor”,

- b. se rompen los vínculos entre individuo y clase,
- c. hay una insatisfacción generalizada con los partidos políticos (Beck 1997, p. 58),
- d. se plantea la necesidad de un estado negociador (Beck 1997, p. 58), lo que Giddens (1994, p. 113) llama democracia dialógica,
- e. el éxito del sistema liberal implica el fracaso de la política (Beck 1986, p. 245), aunque, según reconoce Beck (1997, p. 15), se trata de un proceso inverso al previsto por Marx: “La idea de que el dinamismo de la sociedad industrial socava sus propios fundamentos recuerda la idea de Karl Marx de que el capitalismo es su propio enterrador, pero significa algo bastante diferente. En primer lugar, no son las crisis, sino repito, las victorias del capitalismo las que producen la nueva forma social”.
- f. el socialismo se vuelve conservador, del estado de bienestar, por ejemplo (Giddens 1994, p. 8)
- g. el liberalismo entra en contradicción: se legitima en la tradición pero resulta efectivamente hostil hacia ella en sus efectos y consecuencias, de modo que valores tradicionales tienen que formularse de modo fundamentalista (Giddens 1994, p. 9),
- h. se universaliza el triunfo de la democracia (Giddens 1994, p. 104), y el fracaso de los autoritarismos al no poderse legitimar.

La ambigüedad de estas conquistas (excelentes para Giddens, no tanto para otros) puede describirse por su lado más negativo:

- a. el dominio de la naturaleza se transforma en dominio sobre el sujeto (Beck 1986, p. 262)
- b. transformaciones ambiguas y diversas (exclusión / narcisismo) de la intimidad
- c. crisis de la familia tradicional (Beck, 1986, p. 141 y ss.)
- d. disolución de los límites históricamente naturales entre vida y muerte, lo que para Beck (1997, p. 66) supone una democratización de Dios.

Todo ello da lugar a una especie de contramodernidad (Beck, 1986, p. 269), porque el riesgo inducido mina la racionalidad (Lash, 1997, p. 22), y porque la forma efectiva de funcionamiento del sistema cuestiona sus pretendidos fundamentos.

La reflexividad es, por supuesto, bifronte: según Lash, la reflexividad se basa no en la confianza sino en la desconfianza en los sistemas expertos, mientras que para Giddens (1997, p. 117), por el contrario, “el conocimiento experto está abierto a la reapropiación por parte de cualquiera que tenga el tiempo y los recursos necesarios para formarse; y la prevalencia de la reflexividad institucional supone que existe un continuo filtrado de las teorías, conceptos y descubrimientos expertos a la población profana”.

En cualquier caso, la reflexividad tiene efectos sociológicos de gran calado: libera de la clase, de la familia nuclear, de la nación y de la creencia incondicional en la ciencia (Beck, 19997, p. 143). Tal vez el cambio más de fondo sea la propia globalización con una economía que ha cambiado de *esencia* (Giddens 2001, p. 44), es una economía desmaterializada dependiente de la creación de imágenes (Giddens 2001, p. 42) y en estrechísima confluencia con la digitalización y las telecomunicaciones. La gente corriente se ha convertido en agente del cambio (Giddens 2001, p. 47), en especial por la nueva posición de las mujeres.

Para finalizar con esta presentación no conviene olvidar que, como ha recordado un tanto irónicamente Luhmann (1996 a, p. 127), la función de la sociología crítica es alarmar a los burgueses y, por ello, se nos dice que la puerta hacia el paraíso se cierra con la presencia del término *riesgo* (Luhmann 1996 a, p. 139). Es evidente que la idea de seguridad que se critica es bastante indeterminada, lo mismo ocurre con la idea de salud (Luhmann 1996 a, p. 142). La frontera entre lo que es un riesgo y lo que es un peligro (Luhmann 1996 a, p. 149) es muy difusa, y además se nos advierte de lo que no podemos hacer, pero no está claro qué podemos o debemos hacer (Beck 1997, p. 23).

En la sociedad contemporánea, el riesgo es un ingrediente del sistema, una secuela colateral pero inevitable del progreso y de la complejidad de nuestras vidas. Lo subrayan casos tan diversos como el *Lipobay*, los accidentes aéreos, los fallos de la hemodiálisis o las estafas en cuentas certificadas por auditores respetables. Pese al carácter estructural del riesgo, es saludable seguir pensando que tras la supuesta fatalidad siempre existe una responsabilidad moral y penal, porque, aunque no se pueda fabricar el avión perfecto (ni la hemodiálisis sin fallo, el fármaco sin contraindicaciones o la agencia de inversiones totalmente inmune a la aparición y el ascenso de unos desaprensivos que conozcan bien el paño), debemos exigir que se extremen las garantías que se nos ofrecen para inducirnos a volar, ir al médico o invertir en la bolsa. Nadie puede estar seguro al ciento por ciento de las miles de comprobaciones que cualquiera de esas complejísimas máquinas y burocracias necesitan y siempre hay que aceptar riesgos porque el costo de la abstención es más alto. El tener que operar con información siempre insuficiente nos legitima para reclamar, para exigir mejores servicios, controles más eficientes, éticas públicas más depuradas, sistemas que incorporen la memoria de los errores para evitar los mismos accidentes en el futuro. Precisamente porque hemos depositado nuestra confianza en ciertas instituciones y tecnologías podemos exigir que no se toleren negligencias

y que se castiguen los abusos. Nadie puede evitar los casos fatales ni eliminar enteramente los riesgos, pero no deberíamos ser indulgentes con quienes aprovechan su posición para traicionar nuestra confianza saltándose las normas o haciendo aquello que no quieren que sepamos que están haciendo. La demanda de responsabilidades y transparencia puede ser ilusa en ocasiones, pero apunta en la dirección correcta.

La risk theory, esferas y dimensiones del riesgo

Frente a la teoría crítica de los autores citados, en las instituciones básicas del sistema económico subsiste un planteamiento más tradicional (es decir, originariamente *moderno*) del riesgo en lo que se conoce como *risk theory*. Como ha escrito Giddens (1996, p. 36) “la modernidad es una cultura del riesgo. Esto no significa que la vida social moderna es de suyo más arriesgada que la de sociedades precedentes; para mucha gente, desde luego, no es el caso”. Inicialmente, la modernidad ha visto en el riesgo, como ha subrayado Josexo Beriain, una secularización de la fortuna: hemos partido, pues, de una valoración positiva del riesgo³⁸ que se tradujo en tratarlo como una manera de ver cómo se pone el futuro al servicio del presente, algo que se basa en una concepción optimista de las capacidades del hombre. En palabras de Bernstein (1996, p. 1): “the revolutionary idea that defines the boundary between modern times and the past is the mastery of the risk: the notion that the future is more than a whim of the gods and that men and women are not passive before nature”. En el pasado el cambio o la revolución se dio cuando se decide hacer entrar a los números en asuntos de decisiones, en cálculos sobre escenarios del futuro: el Chevalier de la Méré le plantea el *puzzle de Paccioli* a Pascal que recurre a pedir ayuda a Fermat: comienza el desarrollo de la teoría de la probabilidad que es, para Bernstein (1996, p. 2), “the mathematical heart of the concept of risk”

El capitalismo se ve en parte así mismo como una forma de la pasión humana por el juego y, frente a la idea de riesgo no hay tanto una *teoría* (en el sentido sociológico ni filosófico) como una abundancia de estudios que parecen patrocinados por una especie de patronal de los seguros (algo que, con más razón que nunca, desde el 11 de septiembre debe considerarse con un suave escepticismo).

Las estrategias clásicas frente al riesgo son la prevención, las provisiones y la mitigación de sus efectos cuando ha sucedido lo peor.

Los datos estadísticos no debieran negarse y muchos de ellos son significativos de que no vivimos en una sociedad especialmente caracterizada por un reinado maléfico del riesgo derivado de la tecnología¹⁵. Por ejemplo, el número de muertes violentas en Israel entre 1967 y 1978 según sus causas fue el siguiente:

Accidentes de tráfico	6312
Violencia criminal	998
Accidentes laborales	1842
Terrorismo	272

Lo que indica con claridad que, aunque las muertes por el terrorismo sean claramente inaceptables, la sociedad parece aceptar con cierta parsimonia 20 veces más muertes por accidentes de tráfico (Shubik, 1991, p. 24). En el caso del transporte aéreo, ahora tan en cuestión, como ha escrito Giddens (1996, p. 62): “El riesgo de morir en un accidente aéreo es, para aerolíneas comerciales regulares, de

15 “Even vehicular travel, the largest single source of technological risk, and a real killer, is responsible for “only” one death out of forty in the United States. Apart from that, technological risk simply doesn’t find his way into the standard mortality tables”, Lewis, H. W., (1990, p. 332).

una posibilidad sobre 850.000 por vuelo –un guarismo derivado de la división del número de vuelos de pasajeros en un período dado de tiempo por el número de víctimas en accidentes aéreos durante ese período”. En esta clase de análisis más conformista se rechaza una consideración de los riesgos como algo sintomático o sistemático: es algo con lo que ya se cuenta, que todo usuario conoce y que está en trance continuo de minimización.

Un cuestión esencial y muy estudiada es la que se refiere a los costes derivados de la previa estimación y evitación de riesgos. El intento de preverlo todo sin dejar nada al azar es, además de un imposible, escasamente realista sobre todo por dos consideraciones que subraya Dyson (1994, p. 266): “Dos hechos indeclinables dificultan que las autoridades políticas lleguen a tomar decisiones juiciosas. Los dos hechos son lo impredecible de la tecnología y la inflexibilidad de las instituciones burocráticas”. Además, casi todas las estimaciones numéricas de los costes a largo plazo de las innovaciones tecnológicas son ilusorias (Dyson 1994, p. 261) sobre todo si se pretende tener en cuenta el conjunto de los costes, tanto los patentes como los ocultos. La prudencia suele ser muy costosa: como demostró el estudio de Carl Djerassi, los costes del desarrollo de nuevos agentes químicos en relación con el control de la natalidad se han hecho insuperables (en EEUU el desarrollo de un agente nuevo supone 17 años y unos 18 millones de USS \$ de 1970) tras las restricciones generadas por el caso de la talidomida (Dyson 1994, p. 260), lo que convierte en una tarea especialmente delicada la política tecnológica.

En políticas favorecedoras del desarrollo tecnológico se suele argumentar que,

1. existe una enorme distancia entre el saber técnico y la opinión común (miedo a volar). Según Shubik, (1991, p. 2): “The basic theme is that society at this time is confronted with a host of major policy problems where the gap between professional and public opinion may be large”.

2. se plantean numerosos problemas debido a las discrepancias entre técnicos de distintas especies,
3. los requerimientos de seguridad, el secreto, etc. pueden paralizar enteramente la innovación,
4. c. finalmente, es ilusorio querer evitar una radical indeterminación en el ámbito de lo que resulta razonablemente predecible.

Como escribió Blake. “Nunca sabes lo que es bastante si no sabes qué es más que bastante”, es decir, el avance comporta riesgos pero los riesgos de la paralización son siempre mayores.

De la salus animae a los sistemas de salud



Ambos paradigmas respecto al *riesgo* deben de tenerse en cuenta a la hora de valorar los riesgos de los sistemas de salud. Como ya indicamos al principio, el hecho es que vivimos en una sociedad que, al menos desde el punto de vista cuantitativo y biológico, es básicamente sana, como lo demuestra cualquier clase de análisis histórico¹⁶. Incluso Beck (1986, p. 258) reconoce que : “se puede discutir acerca de si realmente la medicina ha mejorado el bienestar de los hombres. Pero lo que es indiscutible es que ha contribuido a un incremento de la cantidad de hombres. La población del mundo se ha multiplicado casi por diez en los últimos trescientos años”. Es tan obvia esta realidad que nos plantea incluso el problema de la eugenesia y de las consecuencias negativas de la medicina¹⁷ (la medicina hace procrear a gentes que empobrecen el patrimonio genético lo que atenta contra el bien de la especie) lo que podría verse como un caso más de la correlación negativa entre aumento de la población y crecimiento económico.

En este contexto de tendencia a la mejora, habría que hacer algunas matizaciones de cierta importancia:

1. hay ciertos procesos que empeoran como consecuencia de factores muy diversos en el mundo desarrollando, por ejemplo (Porter 1998, p. 12), lo que se llama “doing better but feeling worse” syndrome, o el incremento de las enfermedades de tipo psicológico, porque, en el fondo, como dice Gadamer (2001, p. 113), “se cree saber lo que es el cuerpo, pero nadie sabe lo que es el alma”,

16 Como dice Puerta (2001, p. 407), “ Vivimos con la idea de que el mundo actual tiene muchos más peligros que el pretérito. Nada más lejos de la realidad. En el Imperio romano la esperanza de vida al nacer se situaba en 32 años, en la España de 1900 en 45 años y en la de 1992 en 78 años (25). Hoy, la mujer española tiene ya una esperanza de vida que supera los 80 años. Estos datos objetivos nos hablan de que los riesgos vividos en épocas pasadas debían ser mucho mayores”.

17 Puede verse al respecto Ayala (1980, p. 191 y ss).

2. los progresos son menores que lo que se dice en una gran variedad de campos y parecen estar detenidos en algunos casos,
3. buena parte de los progresos más efectivos no se deben a avances científicos tanto como a mejoras de la higiene¹⁸, y a factores ambientales y a cambios en la forma de vida (asociados, sin embargo, en último término, al desarrollo económico y a la tecnología).

La idea de salud ha atravesado, por otra parte, una serie de etapas fundamentales en el largo proceso de formación de nuestras instituciones y de desarrollo de las ciencias biomédicas:

1. en primer lugar, la salud aparece unida a la condición humana más básica: el enfermo es atendido por el brujo-médico o el sacerdote que posee un saber inmemorial y fundado tan sólo en tradiciones más o menos ocultas,
2. en un momento dado de la historia de la medicina en occidente, la salud es, sobre todo, la de un alma que tiene un cuerpo, a lo que corresponde al sistema hospitalario básicamente desarrollado por la Iglesia en los siglos pasados,
3. viene luego una consideración más científica en la época moderna de modo que la salud es salud de un cuerpo al que se comienza a ver como máquina,

18 Lewonthin (2001, p. 141). Como dice García Alonso (2001, p. 1): “No es discutible el impacto que sobre la salud ha supuesto el descubrimiento de los antibióticos o de las vacunas. O las posibilidades quirúrgicas que se abrieron con la aparición de los anestésicos generales. O el impacto que han tenido la insulina, los antipsicóticos o los betabloqueantes. Pero estos sorprendentes y maravillosos descubrimientos han tenido un impacto en la salud menor que otros “descubrimientos” que han pasado quizás inadvertidos: la mejoría en la nutrición y la higiene y la elevación del nivel de vida. El aumento de la expectativa de vida en Occidente, que ha pasado en menos de un siglo de 45 a 75 años, se ha debido más al progreso social que al progreso médico propiamente dicho”. Porter (1998, p. 11) subraya la misma idea: “Biomedical understandig long outstripped breakthroughs in curative medicine, and the retreat of the great diseases (diphtheria, typhoid, tuberculosis and so forth) was due, in the first instance, more to urban improvements, superior nutrition and public health than to curative medicine”.

4. con el desarrollo de una profesión médica el enfermo pasa a ser paciente, deja de ser un individuo singular y mortal para convertirse en un caso de un género en manos de la medicina científica; como ha escrito Porter (1998, p. 668): “The “sick man” [sic] is said to have disappeared from the “medical gaze” with the birth of the clinic around 1800, being reduced to a “patient”, a pathological body studded with lesions. That disappearing act continued during the next two centuries, reducing the patient in due course to an x factor in equations dominated by economics, sociology, diagnostic technology, systems analysis and multitudes of other reference frames”,
5. cuando se comienza a ver la salud y la enfermedad no sólo como una propiedad natural sino como un hábito social, se plantea el delicado problema del estatuto de la medicina, a medias entre el menester científico y la asistencia social, que puede acabar siendo en ocasiones un sustituto de la familia en las sociedades desfamiliarizadas por el progreso competitivo y el individualismo económico.

En cualquier caso, sobre esta científicación de la enfermedad gravitan una serie de sombras. La revolución científica tarda en tener efectos en medicina, tal vez porque, como ha señalado una y otra vez Dyson, los biólogos, a diferencia de los físicos y de los ingenieros, no desarrollan sus propios instrumentos¹⁹. Así pues, el desarrollo de la medicina científica ha sido mucho más lento de lo que pudiera parecer y el paso de los descubrimientos a la clínica ha sido, en general, tardío. Como ha recordado Porter (1998, p. 11), “The microscope had been in existence for two hundred years before it became part of everyday medical practice and transformed understanding”.

19 Lo que en último término nos recuerda el carácter de autoridad sagrada –y luego con tendencia a la aristocracia- del médico, un ethos que no es inicialmente el de alguien que se pone en pie de igualdad con el paciente. Farrington pone en relación el fracaso de la medicina griega con el hecho de que la anatomía se encomendase a esclavos.

Los médicos, tanto en la investigación como en la clínica, parecen especialmente expuestos al impacto de las modas (sobre todo en la medida en que el médico ha de buscar una clientela, como en la psiquiatría o la atención a la obesidad) y de los ismos (de los humores griegos a la medicina darwiniana y el genetismo)²⁰.

En la práctica hospitalaria contemporánea se lleva a cabo una *medicina atomística* que se olvida de la persona individual, que lo fía todo a los análisis instrumentales, que mediante la ritualización de la prueba se olvida del diagnóstico personal, de una doble presencia personal que se debiera traducir en un encuentro curativo, la del enfermo y la del médico. Las razones son muy variadas, pero sin duda figura entre ellas la previsión de demandas por fallos cuyos costes tratan de evitarse siguiendo una práctica sancionada por la autoridad sanitaria y civil como la adecuada para evitar en lo posible las reclamaciones y las críticas.

Aunque hay un fracaso terapéutico recurrente en todo lo que no se deja atrapar en esquemas relativamente simples²¹, la investigación no renuncia a conseguir avances espectaculares para encontrar una vía que permita acabar con los enemigos más reluctantes de la salud humana.

Desde el punto de vista de la salud de los enfermos hay una serie de consecuencias particularmente graves y que pueden considerarse

20 Como ha escrito Puerta (2001, p. 406), “Parece como si los médicos hubiésemos pasado de creer que el origen de las enfermedades reside en la mala mezcla de los humores corporales, a pensar de que detrás de cada padecimiento hay un problema genético que nos dará la clave para solucionarlo. Algo parecido está ocurriendo también con los epígonos de la medicina evolucionista o darwiniana, que pretenden explicar casi todo desde esa perspectiva”.

21 Como escribe Porter (1998, p. 595), “Nevertheless, a century which has brought the most intense concentration of attention and resources on medical research ends with many of the major killers of western society – particularly heart and vascular disease, cancer, and chronic degenerative illnesses – largely incurable and in many cases increasing in incidence. It can be argued that one reason why there has been relatively little success in eradicating them is because the strategies which earlier worked so well for tackling acute infectious diseases have proved inappropriate for dealing with chronic and degenerative conditions, and it has been hard to discard the successful “microbe hunters” formula”.

como riesgos inducidos por el sistema, como riesgos a la manera beckiana.

1. El extraordinario crecimiento de la medicalización; según Porter (1998, p. 629), el número de hospitalizaciones en Estados Unidos que era de 146.500 personas al año en 1873 ha pasado a estar por encima de los 29 millones a finales de los sesenta.
2. La aparición de lo que no hay más remedio que considerar como una “medicina de consumo”, pues, como dice Porter (1998, p. 630), “In western market societies driven by consumption and fashion, medicine was one commodity for which rising demand could not summarily be dismissed by critics of “I want it now” materialistic individualism”.
3. Los sistemas de atención hospitalaria corren el riesgo de tender a establecer distinciones entre los enfermos interesantes (capaces de proporcionar nuevos saberes y de ser útiles en la investigación que reporta fama y poder) y los enfermos residuales con los que no cabe intentar nada especialmente interesante²². Todo ello ha llevado a la necesidad de que haya surgido la especialidad de medicina paliativa para reconducir, al menos en alguna medida, los centros hospitalarios a su condición de lugar en que se atiende a personas singulares.
4. Un tremendo crecimiento de la cronificación. Beck (259) subraya que “Cada vez es más frecuente padecer mucho tiempo. Hay casi un 70% de enfermos crónicos para los 9’6 millones de alemanes occidentales que se registraron como recuperados en el microcenso de 1982. Cada vez es más excepcional la curación

22 Puerta (2001, p. 399): “De esta forma, el paciente acaba privado de los cuidados y la atención que tanto necesita en esta nueva y, con frecuencia, última etapa de su vida. Este ser humano queda desahuciado al perder “atractivo” médico y científico, ya no es un caso que despierte curiosidad: ¡“nada” se puede hacer por él! El sistema sanitario, porque así está hoy concebido, le vuelve la espalda para dedicar sus recursos y energías a otros enfermos que sí son “interesantes”, esto es, que tienen posibilidades de ser curados”.

en el sentido de la intención originaria de la medicina. Y no se trata sólo de que falle. Es precisamente en razón de su éxito que la medicina desplaza hombres a la situación de enfermos, porque es capaz diagnosticar con medios técnicos sofisticados”.

5. Crecen las secuelas de hospitalización: la cita es del doctor Rogers presidente de la AMA (American Medical Association), “Conforme nuestras intervenciones se han hecho más minuciosas, se han vuelto más costosas y peligrosas. De manera que hoy no es raro encontrar una persona mayor de salud frágil, que ingresó en el hospital [y que terminó] ligeramente confusa, deshidratada, y en malas condiciones, tras soportar tres días interminables de hospitalización, ya que sus primeras 48 horas de estancia en el hospital las pasó sufriendo una serie asombrosa y agotadora de pruebas diagnósticas en diversos laboratorios o en la sala de radiología”.
6. Se hace un uso creciente de terapias alternativas: Porter (1998, p. 688) calcula que en 1990 los norteamericanos hicieron 425 millones de visitas a sanadores diversos frente a los 388 millones de visitas a los médicos.
7. Se registra un fuerte incremento en la incidencia de los suicidios tras determinado tipo de tratamientos; Beck (1986, p. 259) cita el ejemplo de los enfermos crónicos del riñón, entre los que el porcentaje de suicidios se calcula que está unas seis veces por encima de la media.

El estatuto peculiar de la clase médica, a medio camino entre el chamán y el funcionario o el profesional de mercado, crea una evidente tensión entre su autojustificación en el saber científico y su efectivo rol social, tanto en la medicina privada como en los sistemas públicos, lo que contribuye a crear un cierto tipo de dependencia. Como dice Beck (1986, p. 266), la práctica de la medicina “*crea un inagotable deseo de medicina*. Es, pues, una

profesión que provoca una constante expansión del mercado y de servicios médicos”. Puede decirse, en cierto modo, que hay enfermedades y enfermos porque lo dicen los médicos, lo que es especialmente claro en el caso de ciertas especialidades y en el impresionante auge de los servicios médicos y quirúrgicos que se prestan con criterios de mercado. Entre las notas más características de la clase médica cabe subrayar las siguientes:

- a. es una corporación con privilegios desmesurados²³
- b. define la salud y establece un régimen de prohibiciones y mandatos que están plenamente reñidos con la autonomía personal²⁴
- c. se inmiscuye plenamente en la vida cotidiana, como en otro momento lo hacían los moralistas y confesores, con el pretexto de que la enfermedad no es un peligro ajeno al sujeto sino un rasgo de ciertos tipos de vida

Respecto a los errores médicos y a la estimación de su costo hay que partir, en cualquier caso, de que nos hallamos ante cantidades

23 Beck (1986, pp. 263-264): “De este modo surge y se mantiene a la vez un total desequilibrio entre discusiones y controles externos y el poder de definición interno de la práctica médica. La opinión pública y la política, dada su situación, están siempre y necesariamente “desinformadas”, van a remolque de los procesos, razonan en términos sociales y morales que son ajenos a la medicina”....”Sólo entonces un grupo profesional alcanza un techo organizativo en el que se cobijan investigación, formación y práctica. Esa constelación permite desarrollar y reforzar el poder de configuración por lo que al contenido se refiere, prescindiendo del consenso. El paradigma de ese “círculo de poder profesional” es la clínica. En ella se reúnen todas las fuentes de influencia de la subpolítica profesional”.

24 Beck 1986, p. 265): “Lo que socialmente se entiende por “salud” y “enfermedad”, pierde su carácter “natural”, dado, en el marco del monopolio médico, y se convierte en un criterio producido por el trabajo médico y definible desde la profesión. De ahí que “vida” y “muerte” pierdan su valor y concepto al margen de la intervención humana. Lo que se entiende socialmente por “vida” y “muerte” se convierte en algo contingente en y por el trabajo de los médicos; han de determinarse de nuevo, con todas las implicaciones imprevisibles y a partir del trasfondo y bajo el condicionamiento de la objetividad, los problemas y los criterios producidos en medicina y en biología”.

muy elevadas²⁵. Más en general, el incremento del gasto sanitario en distintos países (adaptación de Porter 1998, p. 659) es realmente espectacular:

	1970	1975	1980	1985	1990	1991	1992
España	3.7	4.8	5.6	6.7	6.6	6.5	7.0
Estados Unidos	7.4	8.4	9.2	10.5	12.4	13.4	14.0
Francia	5.8	7.0	7.6	8.5	8.9	9.1	9.4
Inglaterra	4.5	5.5	5.8	6.0	6.2	6.6	7.1

A la base de esos incrementos tan fuertes hay una mitologización del progreso, que conduce a una nueva dependencia de quienes esperan lo que no deberían esperar: ser inmortales²⁷.

25 Puerta (2001, p. 410): “El coste de los errores médicos es muy alto. Mediante dos estudios previos se pudo calcular que todos los años mueren por errores médicos, en los hospitales americanos, entre 44.000 y 98.000 pacientes, lo que supone un gasto anual comprendido entre 17.000 y 29.000 millones de dólares. Incluso utilizando la estimación más benigna, la muerte por esta causa supera a la acaecida por accidentes de circulación (43.458), cáncer de mama (42.297) o sida (16.516), y constituye la octava causa de muerte en aquel país. Los fallecimientos por errores en la administración de medicamentos, en pacientes hospitalizados y ambulatorios, pasan de 7.000 cantidad que suspera las muertes por accidentes de trabajo (6.000). El informe también denuncia que dos de cada cien ingresos hospitalarios sufren una reacción adversa a medicamentos, que podría ser evitada. Lo que traducido a unidades monetarias nos dice que el coste de cada ingreso hospitalario se ve incrementado, en término medio, en 4.700 dólares, o que un hospital universitario de 700 camas gasta de su presupuesto anual 2’8 millones de dólares, unos 500 millones de pesetas, por dicho motivo”. 27 William Haseltine, presidente de la empresa biomédica Human Genome Sciences, declaraba que “la muerte es un conjunto de enfermedades que se pueden prevenir” (New York Times, 29, VIII, 1999). 28 Lewonthin (2001, p. 162), hace notar que “Como en la clonación, el curso de la investigación del genoma humano en los últimos seis años no se puede entender al margen del contexto de los intereses comerciales”.

El sistema de la investigación biomédica, como el de la *big science* en general, está sometido a tensiones de todo tipo, desde las presiones de auténticos *lobbys*²⁸ hasta toda clase de estrategias de marketing y de imagen.

Para concluir este breve análisis de algunas de las relaciones entre salud y tecnología y su caracterización como un riesgo específico es necesario dedicar una reflexión final a la idea de salud. Se trata, obviamente, de una *construcción* social o ideológica que es recibida culturalmente y que se adecua estrechamente a algunos de los rasgos de la sociedades en que se hace vigente. La idea actual de salud se adapta muy bien a la idea de la *vida como biografía* frente a la de *vida como proceso natural* lo que implica un rediseño del cuerpo y una reconstrucción permanente de lo que está sometido a un deterioro a manos del tiempo (en el límite, el sueño de alcanzar ahora mismo la inmortalidad mediante el recurso a la criogenización). Como dice Giddens (1996, p. 41), “hay una conexión integral entre el desarrollo corporal y el estilo de vida –manifiesta, por ejemplo, en el surgimiento de regímenes específicamente corporales”. Las promesas de brick-construcción de un yo tecnológico y de mercado son características de una cultura que no parte de una primacía de lo real en cuanto algo dado, sino que se adscribe, por el contrario, al ser que cada cual siente o cree, a lo que cada uno quiere ser, y que confiere una entera prioridad al ser que uno siente ser, sobre algo que, a lo sumo, se tomaría como un mero dato biológico (elección de sexo distinto al genético, madres sin padre, etc.). Esta prioridad está hecha de una mezcla de motivos contradictorios, de ciencia y tecnología de mercado a elección y de anomia absoluta.

Hemos pasado de una definición de salud de procedencia o analogía teológica²⁶, a fijarnos en unos *marcadores de riesgo* que recuerdan a la moral casuista más extrema y denuncian el ámbito de igno-

26 La definición de salud de OMS: “salud es un estado de completo bienestar físico, psíquico y social”, nos remite a la idea de gloria celestial o a la imagen milleriana del orgasmo.

rancia de las previsiones empíricas: porque toda medicina científica está forzada a ser, en realidad, estadística y probabilista. Sin embargo, ahora estamos ante una situación que podríamos denominar *religión de la salud*. En el caso del poder médico resulta innegable la analogía con el poder salvador de la religión: hay prohibiciones, hay una amenaza de muerte / infierno, hay una subordinación de todo a la salud que expresa en buena medida las vigencias morales de la sociedad contemporánea.

Hasta aquí hemos visto dos clases de diagnósticos, el originalmente moderno y otro más pesimista, sobre el lugar del riesgo en la vida contemporánea, y hemos centrado la atención, también, en uno de los puntos de conflicto más evidentes entre lo que podíamos llamar el *ideal de la naturaleza* (pues como dice Gadamer (2001, p. 53) la medicina “siempre experimenta su propia actividad sólo como una recuperación del orden natural”) y el auge de la práctica tecnológica como es el sistema sanitario. Queda apuntado el incierto panorama en el que hemos de tomar decisiones, de asumir riesgos. Como ha escrito Rorty (1998, p. 93) la pregunta sobre *quiénes somos nosotros* no se contesta, de hecho, sino tomando decisiones y entre estas son especialmente relevantes las que hay que tomar en vista del funcionamiento de nuestros sistemas de salud. En cualquier caso, un paso previo es saber cómo actúan efectivamente ahora, sin confundir la ideología y los buenos deseos con la dinámica de un conglomerado en el que se ponen en juego intereses y valores de un altísimo rango. Y eso exige reconocer que, en efecto, tenemos un sistema en el que, pese a sernos útil, tenemos motivos suficientemente precisos para sentirnos perdidos y confusos, para tener miedo.

Referencias

- Ayala, F. J. (1980). *Origen y evolución del hombre*. Madrid: Alianza.
- Bauman, Z. (1996). Modernidad y ambivalencia. En J. Beriaín (Ed). *Las consecuencias perversas de la modernidad* (pp. 73-119). Barcelona: Anthropos.
- Beck, U. (1986). *La sociedad del riesgo*. Barcelona: Paidós.
- Beck, U. (1996). Teoría de la sociedad del riesgo. en J. Beriaín (Ed.) *Las consecuencias perversas de la modernidad*. Modernidad, contingencia y riesgo (pp. 201-222). Barcelona: Anthropos
- Beck, U., Giddens, A. y Lash, S., (1997). *Modernización Reflexiva. Política, tradición y estética en el orden moderno*. Madrid: Alianza.
- Beck, U. (1997). La reinención de la política: Hacia una teoría de la modernización reflexiva. En U. Beck, A. Giddens y L. Scott (Autores). *Modernización reflexiva Política, tradición y estética en el orden social moderno* (pp. 13-73). Madrid: Alianza.
- Beriaín, J. (Ed.), (1996). *Las consecuencias perversas de la modernidad. Modernidad, contingencia y riesgo*. Barcelona: Anthropos.
- Bernstein, P. L. (1996). *Against the gods: The remarkable story of risk*. New York: John Wiley and Sons.
- Bethell, T. (2001). *A Map to Nowhere: The genome is 'nt a code, and we can't read it*". The American Spectator. Accesible en discovery.org database.
- D'Ors, A., (2001). Prohibido prohibir. *Razón Española: Revista bimestral de pensamiento*, 109, pp. 133-141.

Dyson, F. J. (1994). *De Eros a Gaia*. Barcelona: Tusquets.

Foucault, M. (1966). *El nacimiento de la clínica*. México: Siglo XXI.

Gadamer, H-G. (2001). *El estado oculto de la salud*. Barcelona: Gedisa.

García Alonso, F. (2001). “La influencia del progreso médico y la industria farmacéutica sobre la salud”. En VV. AA. *Industria farmacéutica y progreso médico* (pp. 09-33). Barcelona: Fundació Víctor Grifols i Lucas.

Giddens, A. (1994). *Beyond Left and Right. The Future of Radical Politics*. London: Polity Press.

Giddens, A., (1996). Modernidad y autoidentidad, En J. Beriain (Ed.) Las consecuencias perversas de la modernidad (pp. 33-71). Barcelona: Anthropos.

Giddens, A., (1997). Vivir en una sociedad postradicional. En U. Beck, A. Giddens, y S. Lash (Orgs.). *Modernización reflexiva. Política, tradición y estética en el orden moderno* (pp. 75-136). Madrid: Alianza.

Giddens, A. (2000). *Un mundo desbocado, los efectos de la globalización en nuestras vidas*. Madrid: Santillana.

Giddens, A. y Hutton, W. (Eds.). (2001). *En el límite. La vida en el capitalismo global*. Barcelona: Tusquets.

Hernández-Bronchud, M. (1997). *A la búsqueda de un Dios perdido*. Madrid: Noesis.

Illich, I. (1975). *Medical Nemesis: The expropriation of health*. London: Marian Boyars.

Keynes J. M. (1921). *A treatise on Probability*. London: Macmillan.

Lash, S. (1997). La reflexividad y sus dobles: estructura, estética, comunidad. En U. Beck, A. Giddens, y S. Lash (Orgs.). *Modernización reflexiva. Política, tradición y estética en el orden moderno* (pp. 137-208). Madrid: Alianza.

Lewis, H. W. (1990). *Technological Risk*. New York: Norton & Company.

Lewonthin, R. (2001). *El sueño del Genoma Humano y otras ilusiones* Barcelona: Piados.

Luhmann, N. (1996a). El concepto de riesgo, En J. Beriain (Ed.) *Las consecuencias perversas de la modernidad: modernidad, contingencia y riesgo* (pp. 123-153). Barcelona: Anthropos.

Luhmann, N. (1996b). El futuro como riesgo, En J. Beriain (Ed.) *Las consecuencias perversas de la modernidad: modernidad, contingencia y riesgo* (pp. 155-172). Barcelona: Anthropos.

Luhmann, N. (1996c). La contingencia como atributo de la sociedad moderna. En J. Beriain (Ed.) *Las consecuencias perversas de la modernidad: modernidad, contingencia y riesgo* (pp. 173-197). Barcelona: Anthropos.

Mckeown, T. (1979). *The role of medicine: Dream, Mirage, or Nemesis*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

Mckeown, T. (1988). *The origins of human disease*. New York: Basil Blackwell & Co.

Porter, R. (1998). *The Greatest Benefit To Mankind*. New York: Norton & Company.

Puerta, J. L. (2001). *El sentido de la enfermedad y la muerte en los tiempos del imperativo tecnológico. Lecciones para la nueva geriatría. Envejecimiento Cerebral y Enfermedad*. Madrid: Triacastela.

Queraltó, R., Tagle, R., García Barreno, P., Gómez Camacho, F., Tornos, A. (1996). *Evaluación social de la ciencia y de la técnica, análisis de tendencias*. Madrid: Publicaciones de la Universidad Pontificia de Comillas.

Rorty, R. (1998). ¿Quiénes somos? Universalismo moral y selección económica. *Revista de Occidente*, 210, 93-107.

Scruton, R. (2001). *Cultura para dos personas inteligentes*. Barcelona: Península HCS.

Shubik, M. (1991). *Risk, Society, Politicians, Scientist, and People, Risk, Organizations and Society*. Boston: Kluwer Academic Publishers.

Toulmin, S. (2001). *Cosmópolis. El Transfondo de la Modernidad*. Barcelona: Península.

Weatherall, D. (1995). *Science and the quiet art: the role of medical research in health care*. New York: Norton & Company.



Capítulo 5

Em defesa de uma espécie em perigo: biogovernamentalidade na etologia humana de Konrad Lorenz

Arthur Arruda Leal Ferreira

Introdução

Quando pensamos nos modos de gestão exercidos pelas disciplinas, dispositivos, técnicas e práticas biocientíficas, imaginamos alguns saberes como privilegiados: genética, psiquiatria, neurociências e psicologia evolutiva. Mas é possível encontrar enunciados sobre modos de governo mesmo em saberes que originalmente não se devotam privilegiadamente aos seres humanos. De maneira mais detalhada, buscarei apontar para a existência desses enunciados na etologia, notadamente na minoritária etologia humana.

No montante dos discursos etológicos, seguirei as transformações nos textos de Konrad Lorenz quanto a sua concepção da singularidade humana no contraste com as demais espécies. Em geral, seus textos, publicados desde os anos 1950, são muito distintos dos publicados por outros etólogos como Eibl-Eibesfeldt (1979), que buscam padrões universais do comportamento humano em

reações emocionais expressivas e em estímulos-sinais. Ainda que Lorenz trabalhe com categorias etológicas, é possível encontrar um entendimento dos seres humanos a partir das categorias de perda e perigo, suscitando modos específicos de manejo. Isto tanto em textos de maior exortação popular (Lorenz, 1974) quanto em artigos mais voltados para a comunidade acadêmica (Lorenz, 1975a, 1975b, 1976). Para este trabalho a análise dos modos de manejo propostos nos textos de Lorenz tomará como referência os estudos acerca da governamentalidade propostos por Foucault (2006 - 2007) e Rose (2011).

Definições iniciais

De modo tradicional, a etologia busca se distinguir de outras abordagens do comportamento animal (como as das psicologias animais behaviorista e vitalista), pelo seu enfoque radicalmente biológico (Eibl-Eibesfeldt, 1979; Tinbergen, 1964). Como ramo da biologia, a etologia pretende abordar o comportamento animal a partir de quatro questões básicas: a causalidade imediata (aspectos motivacionais atuantes em um dado momento), a ontogênese (os fatores de desenvolvimento atuantes no indivíduo), a filogênese (as origens evolutivas da espécie) e a adaptativa (o sentido funcional da conduta para a espécie). Pela abordagem das duas últimas questões (filogênese e adaptação), os etólogos buscam tratar os atos dos animais como produtos singulares de espécies em ambientes determinados, diferente, pois, das diversas psicologias animais que existiam em meados do século XX, mais focadas no exame de aspectos motivacionais e ontogenéticos na comparação com seres humanos ou na extração de leis gerais que instruem o manejo destes. Por não estarem voltados para questões condizentes com a singularidade das espécies, os psicólogos do referido período estudavam os animais em situações laboratoriais (labirintos, caixas-problemas, etc) sem qualquer preocupação em correlacionar a conduta dos animais a seus supostos nichos ecológicos.

A etologia tentou, portanto, demarcar um caminho diverso das abordagens em psicologia animal por meio de uma série de contrastes. Enquanto as psicologias animais tomariam previamente as espécies com base no parentesco com o ser humano visando ao conhecimento predominante deste, a etologia partiria da singularidade de tais espécies para chegar à espécie humana. Para as psicologias animais da época, o homem seria o termo básico e a finalidade do recurso à cadeia filogenética, ao passo que, para a etologia, o ser humano seria apenas uma singularidade nessa cadeia. Enquanto para as psicologias animais, a suposição da cadeia filogenética é uma justificativa para o recurso metodológico ao animal, para a etologia o estabelecimento desta cadeia por meio de suas variantes comportamentais é a própria finalidade da pesquisa.

Distinto das versões da psicologia animal de meados do século XX, para a etologia, o estudo do ser humano não se coloca como uma finalidade inicial; pelo contrário, é um tema que exige grande prudência. Tinbergen (1964 - 1968), por exemplo, ressalta o caráter extremamente conjectural das afirmações etológicas sobre o homem. Este cuidado leva a que os primeiros trabalhos a respeito do tema surjam na esteira da estabilização e do reconhecimento da etologia como saber, presentes, após a segunda guerra mundial¹. Contudo, esta prudência não evitou que o tema viesse a se tornar importante e que tomasse inúmeras variações, especialmente nos escritos de Lorenz. São estes modos singulares de abordagem do ser humano que buscaremos detectar, articulando-os a certos modos políticos e governamentais.

1 Em trabalho anterior (*A história do conceito de instinto*. Monografia de Conclusão de Curso. Departamento de Psicologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989), tentei estabelecer uma periodização dos trabalhos etológicos em três períodos: o pré-demarcatório envolvendo alguns trabalhos não sistematizados da descrição biológica do comportamento animal, como os de O. Heinroth; um período demarcatório, ao longo dos anos 1930, como estabelecimento do cabedal conceitual deste saber; e um período pós-demarcatório, após a segunda guerra mundial. Porém, Lorenz (1971) já fazia algumas referências a “velhas estruturas disteleológicas” do homem em textos do período demarcatório.

O Homo ethologicus

A concepção dos seres humanos por parte da etologia pode ser abordada inicialmente de uma forma extremamente simples: eles fazem parte de uma espécie animal. Conhecê-los implica em apontar as suas marcas singulares enquanto espécie, sem torná-los previamente mais singulares que as demais espécies. Isto nos conduziria a uma singularidade e uma conexão: singularidade quanto a seu estatuto específico de espécie; conexão com relação à cadeia filogenética. Pensar então o ser humano é tomar suas singularidades e suas conexões. Como, para os etólogos, a evolução não se processa por saltos, as diferenças entre espécies não seriam radicais. De acordo com Tinbergen (1964), por exemplo, nenhum passo evolutivo produziu nada realmente novo; apenas mudança em algo que já existia.

Privilegiando o caráter continuísta da evolução, o homem, como espécie, seria caracterizado por suas raízes animais e vinculações com dados de outras espécies. Somente uma concepção descontinuísta da evolução poderia favorecer uma antropologia autônoma. Por tal motivo, Lorenz, ao longo de suas obras (1975a, 1975b, 1976, 1974), aborda o homem por diferentes atributos, embora todos estejam presentes em outras espécies ou em combinações destas. Portanto, o que há de singular no homem é um conjunto de elementos, cada um dos quais compartilhados com outras espécies na cadeia evolutiva. É desta forma que tudo que poderia distinguir o homem como espécie, como o uso de símbolos, a cultura, os valores, o pensamento conceitual e a ciência são vistos como efeitos combinatórios de outros atributos compartilhados com outras espécies. Por tais razões, demarca-se o princípio de permanência, tomando a singularidade humana como uma recombinação e redistribuição diversa de traços filogenéticos.

Se os animais são analisados segundo os conceitos-chaves da etologia, como os atos instintivos, mecanismos desencadeadores inatos,

estímulos sinais e uma sociologia e um ambiente próprios, o estudo do ser humano nos textos de Lorenz também deveria seguir esse caminho. Todavia, os estudos sobre a espécie humana não se adequam a tal descrição: seus atos instintivos e mecanismos desencadeadores inatos estão desregulados, além de esta ter perdido sua sociologia e sua ecologia naturais. Ora, se o ser humano possui uma natureza, como pode ele ter saído dela, senão pela patologia? Esta é a conclusão que Lorenz (1974) chega sobre a nossa espécie: ela está em perigo. Seria na queda em relação à natureza que viria a se afirmar a singularidade da espécie humana: como perda, como falta, como negação e ameaça à própria vida. O etólogo austríaco, em seus artigos, encena de diferentes modos essa queda humana. Desde logo, adianta que a moral racional e a própria razão não são capazes de recompor o equilíbrio original da espécie humana. Até as tradições culturais poderiam (Lorenz, 1976), mas uma suposta razão jamais. A moral racional será sempre inferior à moral natural, caracterizada pelos atos instintivos, mecanismos desencadeadores inatos e estímulos sinais. Sigamos as variedades deste discurso sobre a queda humana.

Em *O todo e a parte na sociedade humana* (1975a), Lorenz destaca que o homem é um ser domesticado, sendo este processo responsável por suas principais características, como a liberdade, a abertura para o mundo, além de uma série de desequilíbrios em suas relações sociais. As duas primeiras características citadas são oriundas de outros dois produtos da domesticação: a “especialização na não especialização” e a “neotenia”. Por especialista na não especialização, Lorenz entende aquelas espécies que, anatomicamente ou comportamentalmente, não estão presas a um determinado meio ambiente. Comportamentalmente, isto se manifesta na redução dos atos instintivos e mecanismos desencadeadores inatos, ao mesmo tempo que viria a se ampliar a “curiosidade” da espécie. É essa curiosidade oriunda da fragmentação dos instintos que favoreceria tanto a liberdade como a abertura para o mundo, próprias da espécie humana. Entretanto, lembra Lorenz que a curiosidade nos demais “especialistas na não

especialização” não se limitaria a uma fase inicial do desenvolvimento. Os indivíduos mais velhos revelar-se-iam mais rígidos. Portanto, para explicar a constante abertura do homem para o mundo, recorre a um conceito sugerido por Bolk: a “neotenia” ou fetalização. Entender o homem como ser neotênico é afirmar que ele mantém, ao longo de sua vida, características comportamentais e morfológicas pouco desenvolvidas ontogeneticamente em comparação com as espécies mais próximas.

Contudo, a plasticidade que o homem ganha na sua relação com o mundo é compensada por um prejuízo na sua relação com os congêneres. Dos mecanismos instintivos que são perdidos na domesticação, Lorenz assinala que os mais comprometidos são os mais finos, os mais recentes na história filogenética. Tais mecanismos se referem a uma série de regulações no comportamento entre congêneres, como os “inibidores de agressividade”. Essas regulações, ligadas aos mecanismos desencadeadores inatos, são tidas como analógicas à suposta moral racional da espécie humana. Lorenz não sugere nesse texto a existência de valores inatos, mas de mecanismos de regulação analógicos à moral racional. O etólogo austríaco procura demonstrar a correlação negativa entre esta moral natural e a domesticação, pelos julgamentos desfavoráveis, tanto éticos quanto estéticos sobre os tipos domesticados². Ainda quanto aos valores, Lorenz não produz uma distinção entre valores éticos e estéticos, uma vez que ambos estariam embasados nos mecanismos desencadeadores inatos. Na verdade, a dualidade que estabelece se encontra entre os valores racionais, de aspecto ideal, e os valores naturais, embasados em mecanismos desencadeadores inatos e analógicos aos racionais. Logo, o critério que recorre para dividir os valores não é quanto ao tipo de juízo, mas quanto ao tipo de mecanismo biológico envolvido no juízo.

Mas, paralelamente à perda dos valores naturais na domesticação, os mecanismos instintivos mais primitivos, como os ligados à

2 É bastante interessante a comparação entre tipos domesticados desviantes em relação a supostos padrões estéticos da espécie, como os cães buldogues e o filósofo Sócrates.

agressividade e aos comportamentos sexuais, permanecem. E para o controle destes, nem sempre a moral racional seria suficiente. Tal impossibilidade de controle, na verdade, se manifesta como propriedade de alguns indivíduos. Conforme Lorenz, a domesticação favorece uma enorme proliferação de tipos, alguns dos quais são incapazes de equilibrar as exigências sociais com os automatismos endógenos. É, portanto, nestes indivíduos, que os perigos da domesticação se manifestariam, favorecendo um tipo de comportamento patológico, de tipo psicopático. Além desta patologia diferencial inata favorecida pela domesticação, Lorenz cita outra fonte de desequilíbrio no comportamento social humano: a nossa convivência com uma sociologia e uma ecologia inadequadas a nossa espécie. Assim, ao convivermos em ambientes superpovoados, os nossos inibidores morais inatos seriam saturados, favorecendo a liberação dos instintos inferiores, como a agressividade.

Prosseguindo na abordagem dos escritos de Lorenz, o seu texto *Psicologia e filogênese* atribui ao homem as mesmas propriedades referidas no texto anterior. Apenas acrescenta, dentre as condições que teriam antecedido ao aparecimento do homem, uma nova, além da domesticação: a conjunção entre a representação espacial da visão e a mão preênsil. É desta conjunção entre uma representação central do espaço visual presente apenas em espécies que vivem em meios naturais repletos de acidentes e a possibilidade de manipulação, mesmo que virtual, que se fundaria o pensamento, ou o que Karl Bühler designaria por “experiência do Ah!”. Neste texto podemos encontrar um maior flerte de Lorenz com o pensamento kantiano, buscando em condições filogenéticas as possibilidades do pensamento humano.

Modificações significativas na etologia humana lorenziana só vieram a ocorrer na década de 1960. O texto que será tomado como referência é *As bases inatas da aprendizagem* (Lorenz, 1976). Em tal texto, o etólogo sustenta que, em um determinado sistema biológico, o surgimento de novas propriedades se deva à integração funcional de subsistemas pré-existentes. É desta maneira que a única característica

genuinamente humana: a autoexploração é explicada como produto da extrema diferenciação do homem como “especialista na não especialização” e o desenvolvimento concomitante de seu impulso exploratório (Lorenz, 1976). Seria assim que o ser humano descobriria a si como objeto de exploração. Para este autor, a consciência que o homem tem de sua própria subjetividade leva-o às suas realizações mais específicas, como o pensamento social e a consciência moral.

Porém, Lorenz, nesse texto, dedica-se ao exame de outra propriedade de que, apesar de não específica do homem, passa a ter um destaque semelhante aos mecanismos instintivos nas formulações anteriores: trata-se das tradições. Segundo o etólogo austríaco, outros animais a possuiriam. O que as caracterizaria de modo específico no homem seria a junção da tradição com a via simbólica, de resto ausente nos demais animais possuidores de tradição. Nesses, como os macacos superiores, a tradição só viria a se estabelecer na presença da referência sobre a qual um conhecimento seria transmitido. Por outro lado, o simbolismo é próprio de animais sem tradição, como as abelhas em seu uso da dança para a comunicação de fontes de alimento.

A importância da tradição no homem é manifesta nas analogias realizadas com o código genético e os atos instintivos. Com relação ao código genético, a analogia se dá na medida em que a tradição propicia a transmissão de geração a geração de um conjunto de conhecimentos compartilhados por um grupo de indivíduos. A única diferença seria a de que o código genético possuiria um papel seletivo, enquanto a tradição seria pura fonte de informação. Quanto aos atos instintivos, especificamente os ligados às condutas sociais, esses são análogos às normas e aos ritos sociais veiculados pelas tradições, uma vez que regulam as relações entre indivíduos, inibindo a possível agressividade entre eles. Esta só não seria inibida caso fosse dirigida a indivíduos com ritos sociais distintos, como ocorre no intercâmbio com animais de espécies diferentes. É neste sentido que Lorenz fala em uma pseudoespeciação entre culturas humanas. Desta forma, o autor aqui estabelece um mecanismo substitutivo ao desaparecimen-

to dos ditos valores morais inatos no processo de domesticação. Todavia, permanece descartado qualquer papel regulador dos supostos processos cognitivos superiores, visto que a razoabilidade de uma tradição já seria dada em sua origem. A sua transmissão e assimilação pelas gerações posteriores manifestar-se-iam na forma de um hábito. Ao destacar a importância das tradições, Lorenz ressalta uma vez mais uma orientação passadista na explicação das ações humanas, da mesma maneira que fazia em textos anteriores supondo velhos mecanismos instintivos em ação.

Ainda nesse texto, Lorenz caracteriza como patologia a perda pelos organismos tanto de informação, quanto de energia, sendo a primeira mais essencial. No que tange à cultura, essa possuiria uma capacidade de perda de informação maior que a do código genético. Como as informações culturais seriam mais essenciais para a espécie humana, Lorenz denomina “desumanização” ao processo de aniquilação destas informações. É assim, pois, que o etólogo caracterizaria a espécie humana nos dias de hoje: como imersa na patologia e paradoxalmente desumanizada. Encontra-se, pois, em perigo, em estado de queda. Mas não apenas pela perda dos mecanismos morais inatos, mas pela perda eminente dos mecanismos morais aprendidos, as tradições. Estabelece-se, então, o risco de uma segunda decadência: uma vez perdidos os valores naturais, o homem encontra-se em processo de perda de seus valores culturais. Após a desanimalização, segue-se a desumanização.

Lorenz vê tal fenômeno de desumanização como uma enfermidade generalizada da nossa cultura, manifesta inclusive nas ciências, especialmente em suas formas reducionistas. Como causas etológicas deste fenômeno, estabelece a superpopulação e a deterioração nos mecanismos de transmissão da tradição entre as gerações. A deterioração, por sua vez, seria tributária de alguns fatores como a diminuição de contato entre pais e filhos e a influência de uma psicologia ambientalista e reducionista, ao estabelecer a autoridade paterna como prejudicial na medida em que eliciaria a frustração.

O último texto de Lorenz em exame é *Civilização e pecado* (1974). O referido texto, de caráter mais de difusão, opera uma síntese entre os trabalhos das décadas de 1950 e 1960. Aqui se afirma a ideia da dupla degradação humana: a genética e a cultural e dos riscos delas para o homem. Não se preocupa tanto com a definição deste; apenas remodela sua concepção quanto a sua relação com os instintos. Em 1950, o homem é concebido como um ser de instintos reduzidos em função da domesticação. Em 1973, o mesmo processo leva não a uma redução, mas a uma fragmentação dos instintos. A consequência é que o ser humano passa a possuir mais instintos que qualquer outra espécie animal. Deste modo, Lorenz retoma a postura dos antigos teóricos da psicologia animal vitalista, dentre eles Mac Dougall, para os quais o homem possuiria mais instintos que os demais animais.

Para compreender os perigos que cercam o homem, torna-se mais uma vez necessário postular uma determinada concepção de patologia. Neste texto, ela é vista como o estabelecimento de circuitos de feedback positivo. Por outro lado, os processos de feedback negativos são considerados básicos à própria vida. Logo, qualquer ruptura neste tipo de circuito favorece um feedback positivo, e, portanto, a patologia. Os pecados capitais humanos listados no texto são caracterizados como favorecedores de um rompimento dos circuitos negativos. É assim que as patologias citadas nos textos anteriores são entendidas: a superpopulação, o rompimento das tradições, a destruição do meio ambiente e a degradação genética, oriunda da domesticação. O risco das armas nucleares, bem como dos demais armamentos que agem a distância, são também lembrados aqui, como de resto em textos anteriores (Lorenz, 1975a). O problema de tais armamentos a distância é que eles impediriam a ação dos sinais inibidores da vítima, que agiriam sobre os nossos mecanismos desencadeadores morais.

Entretanto, Lorenz (1974) sugere outras patologias do homem moderno, todas, de algum modo, ligadas ao *modus vivendi* atual.

Desta forma é que Lorenz ergue-se contra a corrida contra si mesmo, a tepidez e a doutrinação. Na corrida contra si mesmo, o etólogo alerta sobre os riscos de uma competitividade social exacerbada. Se na natureza a seleção dada na competição entre as espécies mostra-se valorosa, a intraespecífica reduz as possibilidades da sobrevivência. No caso do homem, a competitividade leva a duas consequências diretas. Em primeiro lugar, favorece uma inversão de valores: o homem, ao estabelecer o sucesso como um valor em si, conduziria a uma competição que acabaria por anular os valores naturais. Em segundo lugar, a competitividade levaria a um estado de angústia, que acarretaria uma desumanização, posto que impediria a autoexploração.

A tepidez é consequência da interação de nosso sistema de prazer-desagrado com o *modus vivendi* contemporâneo. Inicialmente este sistema prazer-desagrado possuiria propriedades que permitem uma adaptação do comportamento às condições mutáveis do mercado ambiental. De acordo com Lorenz, assim atuariam estas as propriedades:

Toda combinação de estímulos de excitação, agindo de forma repetida, perde gradativamente a sua eficácia, sem que (e isso é o importante) o início das reações seja modificado, em caso de estímulos análogos; e em segundo lugar, o mecanismo ao qual nos referimos é dotado de uma propriedade igualmente comum, a inércia à reação. (Lorenz, 1974, p. 73)

A inércia à reação baseia-se na propriedade de um estímulo: o prazer ou o desprazer intenso, uma vez cessados, não levam a um estado de indiferença, mas a uma reação oposta. Para Lorenz, tais propriedades úteis para o nosso estado original tornam-se drásticas para o ser humano moderno, na medida em que este passa a dominar o meio-ambiente. O homem, sem mais perigos a enfrentar, tem seu sistema prazer-desprazer voltado para um ponto de equilíbrio em que há uma hipersensibilidade à dor e uma indiferença ao prazer. Conforme Lo-

renz, dentro de uma sociedade consumista, este ponto de equilíbrio tende a se deslocar a graus mais extremos.

A doutrinação é o último dos erros capitais do ser humano moderno. Deve-se destacar de início a dificuldade de distingui-la das tradições, consideradas relevantes para Lorenz. Segundo o autor, as condições para o estabelecimento de uma doutrina são: a presença de um professor genial, uma teoria maleável e à prova de refutações, e, finalmente, um número excessivo de adeptos. A partir daí a doutrina nutre-se dos mesmos mecanismos que servem à manutenção das tradições. Ora, se uma doutrina compartilha com as tradições, inclusive dos seus mecanismos de manutenção, retorna a questão: em que estas se diferem? A postulação das doutrinas, para Lorenz, serve a um objetivo, que é o ataque à teoria behaviorista do condicionamento. Esta seria a doutrina por excelência, inclusive por fomentar a própria doutrinação pela via do condicionamento. Como Lorenz dá a entender na caracterização das doutrinas, elas são geradas no âmbito do conhecimento acadêmico. Não são como as tradições que se referem às crenças gerais geradas na vida corrente. Mas, como uma teoria ou uma doutrina pode implicar em um perigo para a espécie humana? Em *As bases inatas da aprendizagem*, Lorenz (1976) enfatiza que uma ciência de cunho reducionista, que não releve a especificidade da biologia, implicaria em uma desumanização. Seria, do resto, um processo paralelo a uma degradação cultural mais ampla.

No texto em questão (Lorenz, 1974), os perigos da doutrinação do condicionamento manifestam-se no seu favorecimento de uma pseudodemocracia. Por pseudodemocracia o autor entende uma situação social em que se manifesta a ilusão da igualdade entre os indivíduos. Como sustenta Lorenz (1974, p. 117): “É uma verdade ética incontestável: que todos os homens têm direito às mesmas possibilidades de desenvolvimento. Mas frequentemente comete-se o erro de falsificar esta verdade, dizendo que todos os homens são virtualmente iguais”. A esta igualdade sobrepõe-se tanto uma recusa

às estruturas biológicas inatas, quanto à noção de que o condicionamento seria a base de todo e qualquer comportamento. Ao alienar o homem de sua suposta real natureza, preenche de instintos manifestos, e de favorecer a manipulação incontrolável, é que a doutrina do condicionamento se caracteriza como patologia.

Considerações finais: um governo natural?

Como avaliar as transformações na etologia humana de Lorenz? Elas poderiam ser analisadas pela perspectiva dos contrastes entre os modelos antropológicos deste autor (Penna, 1990). Assim, seria possível discutir o aprofundamento da hipótese sobre a queda da espécie humana em relação às demais, gerando, nas últimas abordagens de Lorenz (1974), um acentuado tempero apocalíptico. Igualmente poderia ser vista a troca de ferramentas conceituais: de um sutil tempero kantiano dos primeiros textos (1975a, 1975b) a uma abordagem sócio-sistêmica da década seguinte (1966). Contudo, é fundamental que uma história dos saberes não se encastele no território solipsista da história das ideias. Desta maneira, poderíamos articular tais transformações a certos modos políticos, como, por exemplo, o conceito de biopoder sugerido por Foucault (1977). Ainda que o homem seja visto em decadência com relação aos padrões naturais, justamente esses padrões é que são invocados por meio de atos instintivos, mecanismos desencadeadores inatos, ecologias e sociologias naturais, além das tradições. Somente os padrões naturais poderiam nos regular diante da autodomesticação e desumanização patológicas perpetuadas pela espécie humana (e amplificadas por outros perigos).

No entanto, a correlação com o biopoder não explica a singularidade dos modos políticos de manejo suscitados pela etologia com relação a outras abordagens biopolíticas, como o behaviorismo, claramente uma abordagem antagonista para Lorenz. Uma alternativa poderia ser buscada no conceito de governamentalidade, patrocinado pelo próprio Foucault (2006 - 2007) e complementado por

Rose (2011). De modo mais específico, o conceito de governamentalidade é entendido como o exercício estratégico de controle da livre conduta alheia. Este seria “o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer esta forma específica, mesmo que muito complexa de poder, que têm por objetivo a população” (Foucault, 2006, p. 136).

Para detalhar as transformações nas formas de governamentalidade, devemos penetrar brevemente em uma análise genealógica e descrever os modos de exercício do governo desde o século XVI. Segundo Foucault (2006), um momento decisivo na história das artes de governo se situa no século XVI, quando surgem os chamados Manuais de Governo. Os autores dos referidos manuais (por exemplo, La Perrière na França, Mayenne na Holanda, Huhental na Alemanha) são em geral completamente desconhecidos para nossa reflexão política atual. Tais manuais possuíam uma série de dispositivos pelos quais o Estado deveria administrar não somente o fluxo de mercadorias, mas também os populacionais, que assim se torna um assunto de governo. Preocupações deste tipo aumentavam conforme se evidenciava uma urbanização acelerada produzida pela migração rural e o descenso da taxa de mortalidade. Gradualmente a noção de população vai definindo seus contornos, passando a ser vista como uma entidade capaz de gerar riqueza e poderio econômico. Esses manuais surgiram ao mesmo tempo que apareceram novas doutrinas e dispositivos relativos aos Estados. A doutrina em questão, a Razão de Estado, reúne os princípios que implicam o reforço do poder do Estado e o equilíbrio diplomático entre as nações. Os dispositivos se agrupam no Estado de Polícia que inclui recursos para registrar e corrigir as ações dos indivíduos. Os métodos disciplinares haviam sido uma marca presente nos séculos XVI e XVII, atuando na vigilância contínua e no controle dos corpos e atos em instituições como escolas e casernas. Agora tais modos são incorporados pelo próprio Estado em sua forma policial.

Em meados do século XVIII, o movimento fisiocrata postula a necessidade de estabelecer limites quanto à atuação deste Estado de Polícia sobre os mercados. Isto devido à suposição de que os fenômenos do mercado obedeceriam a uma ordem natural e a leis inerentes a ela. Este é o deslocamento básico com que os governos liberais operam em relação aos dispositivos disciplinares do Estado de Polícia. Entretanto, a tal transformação se segue outra mais fundamental no interior das próprias estratégias liberais a partir dos séculos XIX e XX: se no século XVIII o liberalismo se afirmava como uma crítica do Estado, a partir do século XIX e especialmente do XX, ele passa a oferecer técnicas positivas de governo, como o ordoliberalismo alemão e neo-liberalismo norte-americano. Foucault (2006 - 2007) e Rose (2011) sugerem que o surgimento do liberalismo coloca o domínio da população como nova preocupação do governo, que necessitaria descobrir meios para dirigi-la, respeitando seus códigos naturais de funcionamento. Portanto, se tornaria absolutamente necessário o conhecimento de seus padrões de ação, de suas regularidades, a fim de conduzir os indivíduos como sujeitos responsáveis. É neste contexto que a psicologia encontra as condições de seu desenvolvimento: como saber legitimado sob a promessa de revelação de nossas verdades naturais e pela livre condução da conduta alheia.

Para Rose (2011, capítulo IV), a história dos saberes psi está ligada à história do governo de uma dupla forma: (a) mediante as técnicas de inscrição que permitem que as subjetividades se tornem permeáveis às técnicas de governo; e (b) mediante a constituição de políticas múltiplas que pretendem conduzir a conduta dos indivíduos, ainda que não somente através da disciplina, mas principalmente através da liberdade e da atividade deles. O que podemos extrair dos textos de Lorenz (sobretudo o de 1974) são algumas pistas do que seria um manejo natural dos homens em estado de perigo enquanto espécie. Ou, ao menos, do que seria um governo menos catastrófico em relação aos demais.

Poderia ser dito de uma forma muito direta que toda exortação política da etologia está na revelação do estado patológico da espécie humana. Estando o homem imerso em um estado patológico, toda atuação política se daria no sentido de uma terapia, de uma correção. Como em algumas terapias, o que se objetiva nas exortações etológicas de Lorenz é que o homem tome consciência de sua natureza e aja de acordo com ela. Aqui, a espécie humana estaria alienada de sua própria natureza pela domesticação e a desumanização, ou seja, as duas quedas do homem. Todavia, este obscurecimento da natureza no homem não é total, pois permaneceriam mecanismos instintivos primitivos, como os atos agressivos. Nesse sentido, a atuação política dar-se-ia na reconstituição de uma moral natural e de modos de tradição atinentes a ela. No caso, a reconstituição que se busca não é apenas do homem e da sociedade, mas igualmente do meio natural da nossa espécie, altamente devastado. Portanto, a reconstrução não seria apenas a da nossa natureza, mas da própria natureza à qual estaríamos adaptados em nossos tempos de origem.

Que modos políticos estariam adequados a esse esforço reconstrucionista e desalienante da etologia lorenziana? Com relação aos sistemas econômico-políticos dominantes, Lorenz (1974) rejeita tanto o capitalismo como o comunismo, e, em especial, o primeiro. A sua rejeição baseia-se no fato de que tais sistemas impedem a realização plena da natureza humana. Assim, o capitalismo é recusado por fomentar a competitividade, a destruição da natureza, o desperdício, a tepidez e a doutrinação. Ao comunismo restaria uma crítica mais branda, ou seja, o seu pecado mais mortal seria a doutrinação. Lorenz também dirige críticas ao que ele denomina por “pseudodemocracia”, ou a excessiva crença na igualdade factual entre os indivíduos, vinculada à suposição de que todas as diferenças seriam oriundas do condicionamento. A rejeição a tal postura baseia-se na alienação que esta viria a produzir quanto ao conhecimento da nossa natureza instintiva e ao caráter diferencial de nossa base genética.

Após a rejeição destas grandes formas políticas, surge uma questão: qual o sistema político considerado ideal? Em uma passagem, Lorenz (1974) deixa entrever sua escolha. Após criticar a “pseudodemocracia”, ele caracteriza o nazismo como seu sistema oposto. Em seguida, afirma:

É preciso sermos clarividentes e saber que de um lado e de outro se encontram valores autênticos. Que são: o livre desenvolvimento do indivíduo do lado esquerdo e o bom equilíbrio sociocultural do lado direito. Os atos desumanos provêm dos excessos cometidos em uma ou outra direção ... Pior ainda: não só o movimento dessas oscilações ideológicas continua sem freio, como elas correm uma perigosa tendência a aumentar, com o risco de precipitar e de provocar um desregramento catastrófico. Tentar frear o mais depressa possível esse processo infernal é tarefa dos sábios. (p. 75)

Portanto, seria no equilíbrio justo dos valores autênticos expressos nos modos de governamentalidade disciplinares (presentes no nazismo ou no comunismo) em combinação com os liberais que estaria assegurado o justo retorno ao nosso equilíbrio natural. E a promessa de cura de nossas patologias e quedas naturais. Embora não entrem na minúcia dos valores autênticos e de como estes poderiam ser atualizados na reabilitação da queda humana, os modos de manejo sugeridos por Lorenz (1974) estariam distantes de tipos puros de governamentalidade, como os indicados por Foucault (2006 - 2007).

Contudo, resta seguir que desdobramentos tais enunciados tiveram em outros textos de Lorenz (recordemos que este é um texto de sua última década de vida), assim como na própria etologia e em outros saberes³. Contudo, mais importante que os desdobramentos em termos de enunciados, é importante buscar estudar como essas

3 É importante destacar que neste momento a etologia está dividida em, ao menos, duas escolas: uma etologia de língua inglesa inspirada pelos trabalhos de Tinbergen e uma etologia alemã capitaneada por Lorenz (conferir Ferreira, 1989).

proposições de um recente prêmio Nobel⁴ afetaram e se conectaram a práticas específicas de governo em escolas, empresas e comunidades. Em que espaços e instituições estes enunciados puderam ser traduzidos e implementados em esquemas específicos de governo? Esse é um tema que pede maior detalhamento em investigações futuras.

⁴ Lorenz, assim como Tinbergen e Von Frisch, recebe o prêmio Nobel de Medicina em 1973.

Referências

- Eibl-Eibesfeldt, I. (1979). *Etologia*. Barcelona: Omega.
- Foucault, M. (1977). *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2006). *Seguridad, territorio, población*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Foucault, M. (2007). *Nacimiento de la biopolítica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Lorenz, K. (1971). Etología comparada. In *Biología del comportamiento* (pp. 7-53) México: Siglo Veinteuno.
- Lorenz, K. (1974). *Civilização e pecado*. Rio de Janeiro: Artenova.
- Lorenz, K. (1975a). O todo e a parte na sociedade humana: um debate metodológico. In *Três ensaios sobre o comportamento animal e humano* (pp. 77-191). Lisboa: Arcádia.
- Lorenz, K. (1975b). Psicologia e filogênese. In *Três ensaios sobre o comportamento animal e humano* (pp. 193-265). Lisboa: Arcádia.
- Lorenz, K. (1976). Las bases innatas del aprendizaje. In K. Pribram (Org.), *Biología del aprendizaje* (pp. 23-94). Buenos Aires: Paidós.
- Penna, A. G. (1990). A dimensão histórico-cultural do processo de produção de Auto-Imagem do Homem. In *Filosofia da mente* (pp. 125-134). Rio de Janeiro: Imago.
- Rose, N. (2011). *Inventando nossos selfs*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Tinbergen, N. (1964). *El estudio del Instinto*. México: Siglo Veinteuno.

Tinbergen, N. (1968). Guerra y paz en los animales y en el hombre. In K. Lorenz, H. Fredrich, & A. C. Herce (Orgs.), *Hombre y animal: estudios sobre comportamiento* (pp. 118-140). Madrid: Herman Blume.

Capítulo 6

Nutrindo os vírus: a biossegurança nas fazendas e nos laboratórios¹

Frédéric Keck

Durante os últimos quinze anos, preocupações crescentes foram formuladas no que se refere à segurança do material biológico utilizado nos laboratórios. Uma demanda normativa emergiu a respeito não somente do potencial infeccioso desse material, mas também de seu uso para fins de bioterrorismo (Korn, Berche, & Binder, 2008). Essa demanda, no cruzamento de questões científicas e questões militares, é formulada sob o termo geral “biossegurança” (Collier, Lakoff, & Rabinow, 2004; Lentzos & Rose, 2009). Ela atesta a abertura dos laboratórios a problemas políticos que adquirem uma formulação particular no contexto da “guerra global contra o terrorismo”. Com efeito, o discurso normativo da biossegurança pôde ser criticado como o efeito de uma asseguuração das questões sanitárias, no momento em que o potencial terrorista dos agentes infecciosos tornou-se motivo de uma vasta reorganização dos programas científicos após o 11 de setembro de 2001 (Braun, 2007; Cooper, 2006; Dillon, 2007; Reid, 2006).

1 Publicado originalmente como « Nourrir les virus. La biosécurité dans les fermes et les laboratoires », em Réseaux, 171, pp. 21-44. Agradecemos aos Editores pela autorização para esta publicação. Tradução: Letícia Vier Machado.

Entretanto, um olhar mais atento para os dispositivos de biossegurança conduz para além da oposição entre chamados normativos e discursos de denúncia. Se a examinamos em suas “infraestruturas vitais” (Collier & Lakoff, 2008), a noção de biossegurança significa “tornar a vida mais segura” – objetivo ao mesmo tempo ambicioso e ambivalente. Ela não diz respeito somente à vida em laboratório, mas também à vida dos humanos e dos não humanos fora do laboratório. Essa extensão potencialmente infinita modifica necessariamente seu sentido (Hinchliffe & Bingham, 2008). A noção de biossegurança (*biosecurity*) vem das políticas agrícolas. Ela designa a tentativa de controlar as doenças animais e vegetais por meio das políticas combinadas de vacinação e de abate e o esforço para limitar os efeitos das “espécies invasivas” sobre a fauna e a flora indígenas. Ela parece ter pouco em comum com as normas de *biosafety* prescritas ao pessoal de laboratório para que limpem suas bancadas a fim de evitar a disseminação de um agente infeccioso, ou de considerar o uso terrorista de sua pesquisa quando publicam um artigo. Como descrever em um mesmo quadro a *biosecurity*, inscrita em um espaço natural a ser preservado, e a *biosafety*, confinada a um espaço artificial que deve ser limitado?

Este artigo propõe comparar as normas de biossegurança em uma fazenda e em um laboratório. Com efeito, esses dois espaços são atravessados por fluxos de matéria viva que apresentam ameaças potenciais. Em uma fazenda, os vírus vêm do meio ambiente de maneira acidental, pelas vias do contágio; em um laboratório, eles vêm de outros laboratórios de maneira intencional. Entretanto, a intensificação da criação industrial levou os fazendeiros a considerarem a aparição de vírus como um fenômeno cada vez mais comum (Greger, 2006) e a introduzirem medidas análogas àquelas impostas nos laboratórios. Pedilúvios, rodolúvios, máscaras, luvas, toucas devem proteger a fazenda na vida cotidiana e, em caso de foco de uma infecção, confinamento e abate devem reconduzi-la ao estado intacto - assim como o laboratorista deve destruir seu experimento se ele estiver

contaminado. Mas se as fazendas se assemelham aos laboratórios, podemos também mostrar, ao contrário, que os laboratórios se assemelham às fazendas. Um laboratório é um lugar onde cultivamos células para observar suas interações com os vírus (Landecker, 2007), de modo que as medidas de biossegurança visam menos a proteger o vivo contra o vírus do que a proteger a interação célula-vírus de outras interações que viessem a perturbá-la. É preciso então cuidar do meio constituído para a experimentação, do mesmo modo como um fazendeiro cuida de sua criação.

Um dos objetivos deste artigo é introduzir a questão do cuidado (*care*) na discussão sobre as normas de biossegurança. A “lógica do cuidado” foi formulada pelas ciências sociais para dirigir a atenção à singularidade das situações, lá onde a lógica normativa propõe oposições binárias (Laugier & Paperman, 2006; Mol, 2008). É em situações em que os vivos cuidam de outros vivos (*care for*) que eles atentam (*careful*) à sua singularidade. Enquanto o discurso da biossegurança frequentemente insiste na oposição entre o vivo e o vírus, a lógica do cuidado põe em evidência uma coevolução de homens e micróbios (Gualde, 2006). Ela permite considerar uma “biossociabilidade” que torna solidários vivos de tamanhos diferentes por ocasião de crises, colocando em questão sua coexistência (Helmreich, 2009). A expressão “nutrir os vírus”, que dá título a este artigo, é, portanto, ambivalente. Ela pode ser lida como a admissão de um fracasso: as fazendas nas quais surgem doenças infecciosas apenas “nutrem os vírus”, em vez de nutrirem os animais ou os humanos aos quais eles se destinam. Por outro lado, podemos lê-lo como o reconhecimento de uma nova ecologia: os vírus tornaram-se membros de nosso ambiente de tal forma que nós devemos nutri-los, ou seja, cuidar deles em seu meio de vida, como fazem os cientistas em seus laboratórios.

A análise se apoiará em dois campos etnográficos conduzidos simultaneamente em Hong Kong em 2008-2009 no contexto de uma pesquisa sobre a gripe aviária. Um deles se situa em um laboratório

do Centre Pasteur em Pokfulam, o outro em uma fazenda de aves em Yuen Long nos Novos Territórios. O método adotado é estritamente etnográfico: trata-se de acompanhar os atores envolvidos com normas de biossegurança para apreender como elas orientam uma atividade de cuidado. O contexto histórico dessas práticas é retomado para apreender de modo mais acurado as tensões internas a essas práticas.

Uma fazenda modelo

No dia 9 de dezembro de 2008, duzentos frangos foram mortos em uma fazenda de Yuen Long, ao norte de Hong Kong, e os testes confirmaram a presença do vírus H5N1. A fazenda foi colocada em quarentena, os trabalhadores agrícolas colocados em observação no hospital, e o nível de alerta para a gripe aviária foi elevado de “vigilância” para “grave” em todo o território. 80.000 frangos foram exterminados em uma zona de três quilômetros em torno da fazenda, e outros 10.000 no mercado central de Cheung Sha Wan. A compra de frangos vivos foi suspensa em Hong Kong durante vinte e um dias. Era a primeira vez desde fevereiro de 2003 que um foco de H5N1 aparecia em uma fazenda: a magnitude das medidas tomadas lembrava esses eventos sombrios. Em 1997, 1,3 milhão de frangos tinham sido abatidos após a descoberta dos primeiros casos de H5N1 em pássaros e 18 humanos (dos quais 6 vieram a falecer). O vírus reapareceu em maio de 2001 e novamente 1,2 milhão de frangos foram mortos. Em 2002, dois focos foram descobertos em fazendas de Yuen Long, dando início ao abate de 900.000 frangos em fevereiro e de 16.000 em dezembro. Mas o caso de 2003 tinha sido particularmente midiaticizado, pois ele havia precedido a crise da SRAS² e conduziu os especialistas microbiologistas a interpretar essa doença respiratória severa, que poderia se transmitir dentro de alguns meses ao planeta inteiro, como o sinal precursor de uma

2 SRAS ou SARS (Síndrome Respiratória Aguda Severa) (N.T.).

pandemia de H5N1 caso o vírus conseguisse passar de homem para homem (Abraham, 2007). A crise da SRAS desaparecera alguns meses depois, e o vírus H5N1 não reapareceu em Hong Kong – salvo alguns casos isolados em pássaros selvagens ou aves de mercado –, enquanto a panzootia de gripe aviária expandia-se na Ásia, na Europa e na África (Davis, 2006). Se, por um lado, ouvíamos falar mais ou menos oficialmente de focos de H5N1 nas criações chinesas, por outro, as medidas de biossegurança impostas pelo governo em Hong Kong pareciam ter conseguido conter a disseminação do vírus nesse pequeno território muito vigiado.

Ao saber da notícia pelos jornais, fui imediatamente ao mercado de Cheung Sha Wan onde deveria acontecer o abate dos frangos que chegaram na véspera. Funcionários do Departamento de Agricultura de avental branco colocavam os frangos em lixeiras plásticas e lá injetavam gás carbônico. A dose parecia insuficiente, pois após alguns minutos, quando eles abriam a tampa, os frangos tentavam escapar e eram capturados e mortos manualmente. O abate acontecia publicamente sob as lentes e as câmeras dos jornalistas. Quando eu questionava o que os funcionários faziam com os frangos mortos, os jornalistas me respondiam que eles os enterravam, já que era proibido queimar animais em Hong Kong, mas eles não souberam me dizer onde acontecia esse enterro.

A legitimidade desses grandes abates espetaculares é muito discutida em Hong Kong. A língua inglesa possui duas palavras diferentes para traduzir a palavra “abate”: *culling* e *slaughter*. Enquanto “*culling*” designa um abate calculado, à maneira dos troncos de árvores, “*slaughter*” designa um abate massivo. Kennedy Shortridge, então diretor do departamento de microbiologia da Universidade de Hong Kong, aconselhou o governo a proceder ao abate em 1997. Hoje ele reconhece: “*We did not cull, we conducted a slaughter*”³. Essa medida espetacular tinha como significado mostrar ao restante

do mundo que Hong Kong assumia a responsabilidade pelas doenças que poderiam ser transmitidas ao restante do mundo. Em uma economia fundada na livre troca, ela manifestava a superioridade dos princípios de saúde pública sobre a circulação de mercadorias. Com efeito, Shortridge foi o primeiro a mostrar que o Sul da China é o local do surgimento dos novos vírus de gripe devido a sua densidade ao mesmo tempo animal e humana, e a sua localização como ponto de partida das mercadorias que circulam pelo planeta (Shortridge, Peiris, & Guan, 2003; Shortridge & Stuart Harris, 1982). Margaret Chan era então diretora do novo governo de Tung Chee-Wah. Os habitantes de Hong Kong recordam-se que ela dizia aos jornais: “Eu como frangos todos os dias, vocês também podem fazê-lo”. Um de seus conselheiros na OMS, da qual ela é hoje diretora, relata esta conversa privada: “*Mate todos os frangos!*” – “*E se restar vírus?*” – “*Então mate todos os patos!*” – “*E se ainda restar vírus?*” – “*Então você teria que matar a mim mesma*”⁴.

Portanto, é tentador descrever o abate das aves como um sacrifício que manifesta os princípios abstratos de saúde pública e de segurança em detrimento dos interesses econômicos. Mas uma análise sociológica do sacrifício deve retrair todo o trabalho dos especialistas visando prepará-lo previamente e justificá-lo em seguida, pois um abate como esse é a ocasião de dirigir uma nova atenção às relações entre humanos e não humanos (Durkheim, 1998). Com efeito, os especialistas dizem que o abate deve prosseguir com uma vigilância reforçada: no limite, uma vigilância perfeita deveria tornar o abate inútil, embora esse venha regularmente rasgar a malha de controle dos humanos sobre os animais. Um veterinário trabalhando no departamento de Agricultura me disse: “*O abate foi decidido pelo Departamento de Saúde; esta se revelou ser a decisão correta, mas não pelas razões que eles davam. Seria preciso esperar duas semanas e controlar os frangos abatidos*”⁵.

4 Entrevista com K.C. Tang, 25 de agosto de 2008.

5 Entrevista com L. Sims, 20 de fevereiro de 2008.

O abate só tem sentido se realizado por boas razões sanitárias, embora ele seja sempre sobredeterminado por razões políticas.

De fato, após o extermínio dos 90.000 frangos, uma equipe de especialistas sob a direção de Kwok Yung Yuen, diretor do departamento de microbiologia da Universidade de Hong Kong⁶, foi enviada à fazenda de Yuen Long para pesquisar as causas da infecção. Entre as duzentas aves mortas por H5N1, metade eram “sentinelas” que não tinham recebido vacinas e a outra metade eram galinhas poedeiras vacinadas. O termo sentinela é emprestado da linguagem militar para designar animais que dão o alerta caindo nas primeiras fileiras do front sanitário⁷. Ele é também utilizado para descrever a localização do território de Hong Kong diante dos vírus pandêmicos (Keck, 2010). Várias hipóteses foram lançadas pelos especialistas. De acordo com a primeira, privilegiada pela equipe de K. Y. Yuen, a vacina produzida na Holanda estava obsoleta diante das novas mutações do vírus, o que os obrigava a comprar uma nova vacina na China, onde as formas recentes do vírus tinham se desenvolvido. Mas os jornais de Hong Kong propuseram uma nova hipótese claramente menos favorável ao vizinho chinês: o vírus teria sido trazido pelos ovos fecundados na China e cultivados na fazenda de Yuen Long, o que voltava as suspeitas para os controles sanitários na fronteira. Uma terceira hipótese foi então lançada, e finalmente retida após vários meses de pesquisa: o vírus teria sido trazido pelos pardais que teriam passado pelas telas de nylon que contornavam a fazenda. Tal hipótese era cientificamente pouco confiável, já que nenhum pardal portador do H5N1

6 K. Y. Yuen se apresenta como um militante das medidas de biossegurança, que ele considera como vetores de modernização dos mercados tradicionais (Woo, Lau, & Yuen, 2006).

7 A palavra chinesa para sentinela, *shaobingji*, significa literalmente “os pássaros-soldados-assobiadores”. O termo é empregado em toxicologia para designar animais que morrem de um agente tóxico em uma dose mais fraca que os humanos (Gramaglia & Sampaio da Silva, 2011), mas é também empregado nas pesquisas sobre o bioterrorismo (Rabinowitz et al., 2006).

foi descoberto em Hong Kong. Mas ela tinha a vantagem de atribuir o erro aos pássaros selvagens, por definição incontroláveis, e de prescrever uma medida neutra: a substituição das telas de nylon por telas de metal.

Para compreender as consequências dessas discussões entre especialistas, seria preciso ver sobre quem a carga das medidas pesava mais: o próprio fazendeiro. Por sorte, esse era presidente da Associação dos Criadores de Frangos, situada na cidade de Yuen Long. Esse sindicato, fundado em 1949, reunia na época de sua criação 145 fazendas de mais de mil frangos, e hoje contava apenas com 30 aderentes, devido ao fechamento de várias fazendas após 1997. Wang Yichuan presidia essa associação há dois anos, e conduzia uma política de transparência, comunicando-se amplamente com as mídias. Por essa razão, essas descreviam seu estabelecimento como uma “fazenda modelo” (*mofan nonchang*), e se surpreendiam que um foco de H5N1 tenha podido aparecer em sua fazenda. Como os sindicalistas recebiam os jornalistas regularmente, pude me incluir entre eles apresentando-me como antropólogo. Eu lhes perguntava o que significava o rótulo “fazenda modelo”, que estranhamente me parecia lembrar o vocabulário comunista, e se eles haviam tido ajuda do governo para lutar contra o vírus. Um deles me respondeu rindo que o Departamento de Agricultura havia dado esse nome ao senhor Wang “*porque ele se comunicava com eles como um bom aluno*”. Mas isso não significava que as vacinas lhe eram fornecidas pelo governo como contrapartida de um caderno de tarefas, nem que as medidas de biossegurança eram particularmente exemplares ali. Ao contrário, os criadores se queixavam de o governo não responder às suas demandas, e às vezes demorar um ano para lhes enviar os resultados das amostras retiradas de suas fazendas. A ausência de colaboração com o governo tornava impossível aos seus olhos a implantação de uma política de longo prazo referente à criação de aves em Hong Kong: tudo era feito para tornar a atividade mais precária e incerta.

O encontro com um sindicato permitia-me receber um discurso coletivo fortemente estruturado contra aquele dos especialistas e do governo. O grupo se apresentava como solidário a seu presidente, organizando reuniões regulares com os criadores tentados a entregarem suas licenças, e reuniões ainda mais frequentes em caso de crise.

Em nenhum lugar do mundo as pessoas reagiram como o governo de Hong Kong [diz um deles]. Todos os seres vivos têm doenças, os frangos morrem, mas eles não são necessariamente portadores do vírus. Em Hong Kong, as pessoas estão estressadas porque estão muito concentradas, elas vivem como os frangos nas gaiolas. Olhe na rua: é somente em Hong Kong que existem ônibus de dois andares!

Eles criticavam a analogia feita pelas mídias entre os humanos e os frangos para estigmatizar a sujeira das zonas rurais, mas eles a retomavam para descrever a criação industrial à imagem da concentração urbana.

O senhor Wang falava pouco nessa reunião sindical: ele se apresentava como uma vítima das medidas do governo que seus colegas defendiam ridicularizando gentilmente sua boa vontade de colaboração. Em junho, seis meses após a colocação de sua fazenda em quarentena, entrei novamente em contato com ele, e ele me recebeu diretamente em sua fazenda. Eu pedi a ele a autorização para trabalhar em sua fazenda durante uma semana e ele aceitou. A fazenda do senhor Wang estava situada sobre uma colina entre a nova cidade de Tin Shui Wai e o vilarejo de Lau Fau Shan, uma zona onde se estabeleciam os migrantes vindos da China pelo mar, e que era então largamente consagrada ao armazenamento de containers (Liu, 2008). Essa fazenda não tinha aparentemente nada de uma “fazenda modelo”. A porta era em chapas de metal ondulado, assim como os tetos da maioria das construções. Entrávamos por um tanque de água destinado à limpeza das rodas dos carros (“rodolúvio”). Dos

dois lados do tanque elevavam-se dois pequenos reservatórios destinados ao recebimento dos ovos para sua eclosão. À direita da entrada encontravam-se as construções de moradia, aquelas da família do senhor Wang primeiro, depois aquelas de seus quatro funcionários agrícolas. À esquerda situavam-se as construções de criação: primeiro os pintinhos, depois os frangos, e por último as galinhas poedeiras. Ao fundo uma grande construção vazia deveria acolher novas gaiolas, com as últimas tecnologias de manutenção⁸. A fazenda podia armazenar até cem mil aves, mas quando eu a visitei ela contava com “apenas” trinta mil – o que já é um tamanho considerável. Longe da pequena fazenda familiar, era uma verdadeira fazenda industrial, compromisso instável entre a bricolagem artesanal e as novas normas de biossegurança.

O senhor Wang havia comprado essa fazenda em 1994. Ele era então carregador de pesos pesados, mas sua mulher tinha crescido em uma fazenda de criação de aves. Enquanto ela o desaconselhava de permanecer em uma atividade tão cansativa, o senhor Wang tinha lido no jornal a história de um chinês de Singapura que havia feito fortuna criando aves.

Ele comprara então uma fazenda contendo até então porcos e pombas; o governo havia proposto comprar a fazenda para um projeto imobiliário, mas o dinheiro não veio e o proprietário cessara sua atividade. De acordo com o senhor Wang, de início as dificuldades vieram do tratamento dos dejetos devido às queixas da vizinhança; depois, após 1997, por conta da mobilização pública em torno da gripe aviária, foram as normas de biossegurança que estiveram no centro de suas preocupações. O foco de dezembro de 2009 apareceu após uma série de alertas que o haviam preparado para encarar uma crise sanitária. Ele contava todos os dias uma dezena de frangos mortos isolados, mas quando viu uma centena de frangos morrerem em uma mesma linha, soube que algo excepcio-

8

Em francês, *Technologies d'entretien* (N.T.).

nal chegaria. O medo não vinha tanto do vírus em si (“*vivemos com os frangos, temos anticorpos*”), mas das consequências das medidas de quarentena. Seus quatro funcionários foram colocados em observação no hospital, suas duas filhas foram enviadas à casa dos avós (elas puderam até continuar a frequentar a escola), enquanto que ele e sua mulher deveriam proceder ao abate das aves e à limpeza da fazenda. Os funcionários do Departamento de Agricultura vieram ajudá-los a abater em dois dias os 70.000 frangos com gás carbônico e a enterrar as carcaças. Mas lhes foram necessários quatro meses para limpar tudo: desinfetar as gaiolas, trocar as telas, repintar as construções. “*Não sobrou uma única pluma!*” concluiu o criador com orgulho.

Quando eu perguntei ao senhor Wang se os outros fazendeiros tinham vindo ajudá-lo, ele balançou a cabeça: alguns deles o haviam apoiado moralmente, mas a maior parte o havia acusado de ter introduzido o vírus nos ovos comprados na China. Ele culpava os jornalistas de ter difundido esse rumor? Enquanto presidente do sindicato, ele estava acostumado com os jornalistas, que precisavam atrair os leitores “acrescentando sal e vinagre”. Ele havia burlado as regras do sindicato ao se comunicar com os jornalistas: os presidentes aos quais ele havia sucedido tinham levado dez ou vinte anos para vender melhor seus produtos; ele queria levar três anos e mudar as regras de funcionamento defendendo a profissão de criador junto ao público. Eu lhe perguntei então se ele havia pensado que a infecção poderia ser o feito de um criador concorrente que queria se vingar de suas novas práticas. Ele balançou a cabeça novamente: “*foram os pardais que trouxeram o vírus do rio ao lado*”. Apesar das telas de nylon, havia ainda muitos pardais que andavam pelas gaiolas.

O senhor Wang se apresentava como um criador moderno e empreendedor. O foco de gripe aviária não havia tolhido seu desejo de prosseguir com sua atividade. Ele acabara de comprar uma fazenda na China, a trezentos quilômetros da fronteira, para onde ele ia to-

dos os finais de semana e onde ele empregava quatro pessoas. Ele dizia que as condições de trabalho na China eram mais favoráveis que em Hong Kong, e sobretudo que ele se sentia ligado ao continente pelo sangue. Ele falava fluentemente mandarim e me perguntava o que eu pensava do desenvolvimento da China. Ele estava orgulhoso da presença chinesa no mundo inteiro, que ele atribuía aos antigos exércitos de Gengis Khan; de acordo com ele, os chineses poderiam ultrapassar o Ocidente porque eles ajudavam os outros países, notadamente na África, a se desenvolverem, enquanto que aquele os explorava sem retorno. Ele nunca protestava contra as normas de segurança que lhe eram impostas, e sempre insistia na necessidade de vestir um uniforme de trabalho e de lavar as mãos. Eu passei uma tarde inteira com ele e seus quatro funcionários no Ministério da Imigração para renovar suas carteiras de trabalho: o senhor Wang havia preparado todos os dossiês, acompanhava cada um de seus empregados, e lhes oferecia uma bebida na saída do Ministério. Em seu grande carro cilindrado, o celular constantemente ligado na orelha, ele conciliava paternalismo rural com espírito empreendedor. A única vez que o vi verdadeiramente inquieto foi um dia de tempestade em que ele se preocupava com a possibilidade de eu chegar à minha ilha de barco, a duas horas da fazenda: ele havia feito o *download* e imprimido os horários dos barcos, e me aconselhou a voltar para casa mais cedo do que o normal.

Entretanto, eu nunca o vi trabalhar na fazenda. No primeiro dia da semana em que eu passei em sua fazenda, ele me confiou a um de seus funcionários e eu só o via novamente à noite quando ele me acompanhava até o metrô. Esse funcionário, chamado Li Quigui, encarregava-se de alimentar os frangos e de limpar seus dejetos. O trabalho em sua companhia seguia uma ordem imutável que ele respeitava com muita calma. De manhã, era preciso buscar a farinha de grãos em um silo e a distribuir nos comedouros: passávamos do silo aos comedouros por um tanque de água, onde Liu raramente se preocupava em limpar suas botas ou seu carrinho de mão. As gaiolas

eram amontoadas umas sobre as outras na escada, o que permitia ao encarregado da alimentação seguir uma ordem descendente, mas também às aves de defecar no espaço vazio na borda da gaiola inferior. À tarde, era preciso recolher a enorme quantidade de matéria fecal trazida para a extremidade da fila de gaiolas por uma pá mecânica. Com a ajuda de uma pá manual, jogávamos essa matéria nos sacos plásticos, os quais caminhões cisternas vinham recolher a cada dois dias. Passávamos assim duas vezes por dia de uma fila à outra, ao som de enormes ventiladores que encobriam os gritos dos frangos e atenuavam o calor do verão.

Meus companheiros tinham dificuldade para entender as razões de minha presença entre eles. Nas pausas de trabalho, Quigui me perguntava com insistência o que eu fazia, quanto eu ganhava, quanto custava tal ou qual objeto no meu país. Ele tinha trinta anos e trabalhava na fazenda há três meses; ele havia deixado sua mulher e sua filha em Cantão para ganhar um pouco de dinheiro lá – o senhor Wang pagava-lhe duzentos dólares por mês (aproximadamente vinte euros). As pausas do almoço eram a ocasião de discutir com o restante dos funcionários. Um segundo Li tinha trinta e cinco anos e sua família vivia em Shenzhen; ele trabalhava com outro funcionário na construção de um edifício que, dizia ele, serviria para fabricar sabão, mas eu nunca soube se era uma brincadeira ou uma real estratégia de conversão econômica. Os dois trabalhavam na fazenda há um ano e haviam sido hospitalizados em dezembro, mas eles se recusavam a falar sobre isso. A refeição era preparada por Yan Yuren, uma mulher de aproximadamente cinquenta anos, cuja família, marido e quatro filhos, tinha ficado no Fujian. Como eu me surpreendia por não comermos nunca frango, mas somente porco e peixe acompanhados de legumes e arroz, Yuren me propôs preparar um frango, e pediu à senhora Wang para que lhe desse um – ela os matava regularmente “para amigos”, dizia ela. Ela o serviu durante a noite, quando tínhamos retirado nossos uniformes, como se comer frango tivesse sido impossível por tanto

tempo que tínhamos ainda sobre nós traços de nossa frequência das gaiolas⁹. O frango estava magro e tinha pouco gosto, mas eu achava estranho comê-lo assim tão próximo das gaiolas onde ele tinha sido criado, enquanto seus congêneres começavam a dormir. Para a ocasião, eu havia levado uma garrafa de vinho tinto francês. Meus camaradas de trabalho assistiram-me bebê-lo com espanto, e eu percebi a que ponto o vinho francês se parecia com sangue, pois os vinhos chineses são incolores; mas eles acabaram tomando após terem terminado de comer.

Quando não cozinhava, Yan Yuren se ocupava dos pintinhos, criados na entrada da fazenda. Ela lhes dava grânulos e água (os frangos adultos bebiam por um sistema de tubulação) e limpava suas gaiolas com grandes jatos d'água que os faziam chacoalhar-se piando. Ela também se encarregava das picadas (*dazheng*), as quais ela preparava após a refeição segundo um ritual um pouco misterioso. Quigui me perguntou diversas vezes o que havia nos produtos que ela fabricava, mostrando-me os vidros vazios de medicamentos. Quando eu a acompanhei, eu a vi agarrar cinco ou seis pintinhos de uma vez com uma mão experiente e picá-los rapidamente antes de recolocá-los na gaiola. Ela controlava também a qualidade dos alimentos para as aves, e me empregou uma tarde toda para triar sacos de grãos nos quais pequenas baratas (*zhong*) tinham elegido refúgio antes de jogá-los no silo onde a colheitadeira as esmagava. Um dos sacos estava muito infestado de baratas, e ela o jogara em uma lixeira antes que Quigui o recobrisse de matéria fecal aviária para dissimulá-lo à reciclagem. Enfim, era ela quem recolhia os frangos mortos: ela os jogava no lixo sem tomar o tempo de diagnosticá-los,

9 Um antropólogo que fez uma observação participante em um abatedouro de frangos no Sul dos Estados Unidos salienta que os trabalhadores mexicanos imigrantes se recusam a comer frango. Quando o supervisor lhes oferece pedaços de frangos fritos – os Chicken Mc Nuggets e Kentucky Fried Chicken estão na origem da explosão do consumo de frango nos Estados Unidos –, eles respondem: “I’m not going to eat this shit!” (Striffler, 2005, p. 123). A humilhação é aqui reforçada pelo fato de que, não tendo nada diferente para se alimentar, eles são forçados a “comer essa merda”.

pois eles tinham, sem dúvida, sucumbido ao nervosismo extremo suscitado pela proximidade das gaiolas.

A fazenda era assim regida por uma verdadeira divisão do trabalho: os homens mais velhos se ocupavam das infraestruturas, os homens mais novos da comida dos frangos adultos, as mulheres dos pintinhos e dos homens. Enquanto que trabalhando com Quigui a distância com os frangos era máxima, já que eles eram reduzidos a verdadeiras máquinas de produzir carne e excrementos sob o gesto rápido do encarregado da alimentação, trabalhar com Yuren levava-me a vê-los como seres sensíveis dos quais é preciso cuidar tal como humanos. Uma fórmula inscrita nos containers armazenados ao pé da colina e visíveis desde a fazenda me parecia resumir essa coexistência de dois pontos de vista aparentemente contraditórios: “*we carry, we care*”. A fazenda era apenas um lugar de passagem para aves vindas da China e encaminhadas após sessenta dias para os mercados de Hong Kong; mas nesse tempo intermediário produzia-se também algo como uma relação de cuidado. Talvez não possamos comparar as motivações de um criador de frangos e de uma enfermeira em um hospital – ou de um guarda de prisão, profissão com a qual a semelhança parecia-me a mais impressionante –, pois entra em jogo uma grande parte de interesse econômico nesse cuidado dirigido às aves que serão vendidas. Apesar disso, a vida cotidiana com as aves conjuga de maneira análoga um tratamento mecânico dos corpos e uma preocupação com as demandas vitais que eles expressam, em modalidades que o esclarecimento brutal trazido pela urgência sanitária não pode apreender sutilmente. Tal como a relação de cuidado no hospital pode se resumir à alternativa entre socorrer os doentes e se proteger, o que aparece nos momentos de crise sanitária, a criação de aves no cotidiano pode se resumir ao dilema entre contar os pássaros mortos ou ocupar-se deles. A crise sanitária torna visível aqui uma tensão entre duas representações do vivente que se cruzam de maneira complexa na vida cotidiana (Porcher, 2002).

Um laboratório de alta segurança

Como podemos, então, comparar a etnografia de uma fazenda àquela de um laboratório? Sem dúvida esses dois lugares têm finalidades diferentes: a fazenda visa a produzir uma matéria visível e consumível, o laboratório procura produzir um saber sobre formas invisíveis. Mas se considerarmos esses lugares como estruturados sobre uma forte oposição entre o interior e o exterior, e as normas de biossegurança como uma medida dessa oposição, então a etnografia permite comparar esses espaços e as práticas que neles ocorrem. Com efeito, a etnografia visa a acessar espaços nos quais o acesso público é muito regulamentado, de modo que a curiosidade da etnografia pela biossegurança lhe permite atravessar a separação entre o interior e o exterior que essas regras visam justamente a manter.

Quando trabalhei na fazenda do senhor Wang, eu era acolhido há um ano como “Visiting Researcher” no Centro Pasteur da Universidade de Hong Kong. Esse Centro foi criado em 1999 como um centro de ensino e pesquisa, no contexto da extensão da rede dos Institutos Pasteur na Ásia. A abertura da China havia permitido extrapolar o quadro colonial da antiga Indochina (Guenel, 1999) para implantar filiais em Hong Kong, Shangai e Seul. Após a crise da SRAS em 2003, o Centro Pasteur da Universidade de Hong Kong havia redirecionado sua atividade de pesquisa da genômica bacteriana para as doenças infecciosas emergentes. Evocávamos então a lembrança de Alexandre Yersin, médico pasteuriano estabelecido no Vietnã, quem havia descoberto o bacilo da peste em Hong Kong em 1894. Ele havia construído uma cabana sobre a colina de Pokfulam, no mesmo lugar onde foi instalado o Centro Pasteur um século mais tarde, para inocular o bacilo em cavalos e fabricar soro. Durante meu primeiro ano no Centro, assisti aos *lab meetings* todas as segundas-feiras, às reuniões do *Scientific Advisory Board*, às aulas de imunologia, de virologia e de imagem celular; mas eu nunca tinha entrado no laboratório – exceto para uma simulação de experimento para o

liceu francês de Hong Kong. Alguma coisa me impedia de entrar “no coração da ciência”, lá onde os vírus são manipulados em condições de alta segurança. Foi preciso que eu trabalhasse em uma fazenda, lá onde os vírus se multiplicam de maneira muito mais incontrolada, para ousar atravessar o limiar do laboratório.

De volta da fazenda, perguntei a Jean se eu poderia acompanhar um de seus experimentos. Jean era nascido em Hong Kong de pais asiáticos, mas ele havia feito todo o período escolar no liceu francês de Hong Kong antes de ir ao Instituto Pasteur de Paris para sua tese. Ele estava no Centro Pasteur da Universidade de Hong Kong para um pós-doutorado sobre os coronavírus, família de vírus à qual pertence a SRAS. Ele se encontrava então em uma situação singular no Centro, a meio caminho entre os pesquisadores franceses expatriados e os pesquisadores honcongueses ou chineses, dois grupos quase equivalentes em número e que tinham dificuldades em se comunicar entre eles. Para os pesquisadores franceses, a SRAS ou o H5N1 eram sobretudo uma “moda”, a ocasião de atrair financiamentos internacionais para uma pesquisa cujos impasses eram a seus olhos fundamentais: vias de passagem dos vírus nas células, reação imunitária do organismo, fabricação antiviral por *screening*.

“*Espero que a pandemia chegue esse ano, assim teremos mais soros... e mais dinheiro!*”, me dizia rindo uma das pesquisadoras. Para os pesquisadores honcongueses ou chineses, esses vírus eram “assassinos” que tinham feito seus concidadãos entrarem na linguagem científica da biomedicina como em um romance policial. Esses pesquisadores se engajavam na microbiologia com o duplo desejo de aprender as técnicas ocidentais e de resolver problemas do seu país. Os primeiros repreendiam frequentemente os segundos por fazer a pesquisa sem imaginação e de maneira rotineira, os segundos eram frequentemente paralisados pela linguagem conceitual dos primeiros. Jean podia expressar em uma linguagem científica precisa formas de engajamento político que eu sentia confusamente nas minhas entrevistas com os pesquisadores chineses. Ele manifestava todo um imaginário

político dos vírus que me parecia ausente nos seus colegas franceses, sem dúvida porque ele tinha vivido em Hong Kong e compartilhado dos medos de seus concidadãos.

Antes de entrar no laboratório, Jean me fez seguir as medidas de biossegurança, que exigem toda uma aprendizagem ao longo de vários meses de formação. Os laboratórios são classificados de acordo com níveis de biossegurança diferentes em função da periculosidade dos agentes infecciosos que eles manipulam. O mais alto nível de segurança demanda equipamentos caros (escafandro conectado a uma respiração artificial, várias câmara de arejamento, equipamentos de ducha) e só é concedido a alguns laboratórios capazes de manipular os agentes mais infecciosos, como o vírus Ebola, que mata 90% das pessoas que ele contamina. Esses níveis de biossegurança foram definidos pelo *Center of Disease Control* nos anos 1940 para as pesquisas sobre armas biológicas, e são sempre as autoridades americanas que controlam a aplicação dessas normas (Drexler, 2002; Guillemin, 2005). O nível 4 foi assim concedido ao laboratório Pasteur-Meyrieux em Lyon e a um laboratório de Wuhan na China ao término de difíceis negociações; ele é atribuído apenas a uma quarentena de laboratórios no mundo (essencialmente na América do Norte, na Europa e na Austrália). A Universidade de Hong Kong possui desde a crise da SRAS um laboratório de nível 3, que lhe permite fazer experimentos com o vírus H5N1 vivo em animais (frangos, ratos, furões), mas eu nunca pude entrar no laboratório, apesar de várias solicitações. Os pesquisadores do Centro Pasteur também não têm acesso, e devem solicitar a seus colegas para realizarem por eles experimentos nos vírus vivos. Esses experimentos são preparados no laboratório do Centro Pasteur em “pseudopartículas virais” produzidas pela injeção (“transfecção”) do RNA do vírus a ser estudado no dorso (*backbone*) do vírus da AIDS, o que permite acompanhar, por meio de proteínas fluorescentes, a entrada e a replicação do vírus na célula, sem risco de saída e conseqüentemente de infecção (Nefkens et al., 2007). Os pesquisadores do Centro Pasteur queixam-se

frequentemente de não poder conduzir seus experimentos até o fim, mas reconhecem que o uso dessas pseudopartículas (cujo custo é de aproximadamente 1000 euros por experimento) lhes permite economizar tempo e dinheiro submetendo-se ao nível 2, e não ao nível 3 de biossegurança.

Com efeito, a entrada no laboratório de nível 2 exige dez minutos de preparação, contra trinta minutos para um laboratório de nível 3 (15 minutos na entrada, 15 minutos na saída). Sendo de duas horas o tempo de experimentação por pesquisador, esse deve se inscrever em um quadro na entrada do laboratório, o que o obriga a preparar antecipadamente seu experimento para maximizar o tempo no interior do laboratório. Para entrar, ele passa por uma cabine de descontaminação onde ele veste um jaleco, um avental, uma touca na cabeça, óculos de proteção, dois pares de luvas. Enfim, ele veste sapatilhas descartáveis passando por cima de uma linha traçada no solo, de maneira que o calçado permanece em contato com a cabine de descontaminação, enquanto que a sapatilha está em contato apenas com o laboratório. Assim, ainda que nenhuma barreira os separe senão o traçado no solo, a cabine e o laboratório são dois espaços hermeticamente fechados. A pressão do laboratório é levemente inferior àquela do exterior para evitar que o ar entre, o que talvez explique também que não nos sintamos incomodados demais nesse traje espesso. Um segundo nível de segurança é constituído pelo uso de quatro câmaras de fluxo laminar no interior das quais se fazem os experimentos. Um fluxo de ar permanente – portanto também invisível – separa a câmara de fluxo laminar do ambiente exterior, e deve-se evitar passar a mão acima dos recipientes para não desviar esse fluxo e assim introduzir fungos ou esporos vindos do exterior. “É preciso imaginar o vírus no chão”, me diz Jean.

Um comentário de Jean chamou minha atenção para um novo aspecto desse dispositivo de segurança: os micróbios são atraídos pelo experimento porque “*o meio é muito nutritivo*”. Com efeito,

um “meio” é um produto rico em glucídios que permite às células se desenvolverem e assim bem reagir à infecção viral, ou seja, replicar de modo eficaz o vírus estudado. Essas células são células epiteliais de rim de macaco (células *MDCK*), conservadas a frio a fim de sincronizar seu desenvolvimento com o momento do experimento – uma técnica descoberta em laboratório nos anos 1950 e aplicada à inseminação artificial nas criações (Landecker, 2007, p. 157). As células devem estar “frescas” para reproduzir o vírus de maneira observável: células muito “velhas” reproduziriam o vírus muito lentamente e se comunicariam mal com as outras células. Então, não se deve infectá-las mais de vinte vezes cada uma para produzir bons experimentos. Jean acrescenta às células do soro fetal de vitelo, que aumenta a riqueza nutritiva, CO₂ para diminuir sua acidez, e um líquido salgado chamado PBS, para evitar um “choque osmótico” no momento em que elas são retiradas de seu frasco. Assim, a câmara está rodeada de refrigeradores e de garrafas de gás contendo esses preciosos alimentos, comparáveis aos equipamentos de um quarto de hospital.

Em seguida, as partículas virais são injetadas por uma pipeta medidora em 27 orifícios contendo células, enquanto outros 27 permanecem sem infecção para o controle negativo. *“Não sabemos qual solução contém vírus e qual outra não contém [diz Jean]. É por isso que é preciso fazer os gestos de maneira repetitiva para evitar estar muito estressado quando passamos ao vírus”*.

As células, que aderem ainda ao fundo da placa (enquanto os vírus são considerados “flutuantes”, ou seja, permanecem na superfície), produzem então um fenômeno de confluência: elas se aproximam umas das outras, e é preciso observá-las antes que elas se destruam umas às outras. Jean descreveu o movimento das células de uma maneira que me evocava a analogia feita pelos criadores entre as aves e os habitantes de Hong Kong: *“colegas, não temos mais lugar, será preciso se eliminar!”*. Mas o experimento parecia funcionar: as células pareciam “felizes”.

Após a infecção, faltava limpar o material. A maior parte (especialmente as proteções corporais) é descartada após o primeiro uso: Jean as coloca na autoclave onde elas são submetidas a uma alta temperatura de fusão. Somente as provetas e as caixas contendo as pipetas são conservadas, limpas com etanol, alvejante e Virkon. As pipetas também são limpas com alvejante antes de serem descartadas: “*Talvez seja precaução demais* [diz Jean], mas se o vírus se conserva e se combina aos outros na lixeira, ele pode sair em grande quantidade”. Jean reconhecia que essas medidas de precaução são custosas, e que um laboratório “*não é um lugar respeitoso do meio ambiente*”.

Mas o tempo que os laboratoristas limpavam eles mesmos o material de vidro lhe parecia igualmente custoso em tempo e em dinheiro. Finalmente, ele preparou seu experimento para o dia seguinte e trocou as luvas me dizendo: “*Talvez não seja necessário, mas tenho vontade de estar limpo*”.

Aí está outra analogia entre a fazenda e o laboratório: os dois produzem grande quantidade de dejetos para produzir um vivente considerado como pertinente, suscitando assim – para além do medo do contágio – um “desejo de estar limpo”.

O experimento de Jean visava a identificar as proteínas do vírus da SRAS que favorecem sua entrada na célula. Após testes em duplo-híbrido em leveduras, Jean supunha que a ezrina celular interagia com a proteína Spike do vírus, e ele testava essa hipótese em outros tipos de células. De início, ele estudou leveduras na bancada, fora de toda medida de biossegurança: “*as leveduras têm um cheiro bom*”, diz ele, “*acreditaríamos trabalhar em uma fábrica de bolos*”. Ele estudou em seguida as células dendríticas, consideradas como “sentinelas” que absorvem o vírus para apresentar seus antígenos aos linfócitos, de modo a desencadear sua reação imunitária¹⁰. Durante a experiência em outros coronavírus que não a SRAS, Jean tinha observado

10 O papel dessas células na imunidade adquirida foi descoberto por Ralph Steinmann, prêmio Nobel de medicina em 2011.

que essa família de vírus, caracterizada por uma espessa carapaça em forma de coroa, desencadeia uma forte reação das células dendríticas, que se organizam em forma de estrela para interrompê-la. Ele deduziu que o coronavírus da SRAS inibia essa reação para atacar células mais vitais, notadamente as células epiteliais situadas na superfície dos órgãos. Tal raciocínio implica colocar-se no lugar do vírus para seguir as vias através das quais ele invade o organismo, atravessando as barreiras das diferentes formas celulares. As células dendríticas aparecem então como “sentinelas” possíveis de contornar para atacar a fortaleza cercada, e assim favorecer a replicação do vírus. Aí novamente a forte analogia com a criação de aves em que as “sentinelas” – os frangos não vacinados – alertam o criador para a presença de um vírus que ameaça o conjunto do rebanho. É todo o organismo que aparece como uma criação de células ameaçada por um vírus exterior, e o cientista, como um bom pastor, deve avaliar as forças e as fraquezas de seu rebanho compreendendo sua diversidade interna.

Se os experimentos em laboratório de nível 2 permitem assim identificar as proteínas de entrada do vírus nas células, eles devem ser confirmados por experimentos em laboratório de nível 3 que mostram o comportamento do vírus vivo. Os vírus vivos exigem mais segurança que os pseudovírus, pois eles podem se reproduzir facilmente dentro e fora do laboratório¹¹. O vírus da SRAS manipulado nos laboratórios do mundo inteiro levava ainda o nome do médico italiano, Carlo Urbani, que havia alertado os especialistas internacionais quando ele tratara essa doença em Hanoi, e que morrera ao chegar a um congresso de virologistas em Bangkok: o nome em si da amostra recordava, por sinédoque com o médico europeu

11 “Desde 1933, os pesquisadores biomédicos e os especialistas em saúde pública investiram recursos consideráveis na produção e no controle de um fluxo incessante de estirpes virais não somente nas espécies, nos corpos e nos tecidos, mas também nos países, nas instituições e nas disciplinas. Foi essa inundação controlada de matéria biológica que permitiu à pesquisa sobre a gripe tornar-se independente da ocorrência sazonal de epidemias de gripe” (Caduff, 2008, p. 267).

que o havia trazido, a periculosidade do vírus. Mas a possibilidade de cultivar o vírus em laboratório atenua a ameaça. Os vírus foram primeiramente identificados nos anos 1930 em células de plantas, e as técnicas de experimentação utilizadas naquelas foram em seguida transpostas para as células animais (Creager, 2002).

Quando compartilhei com ele minha hipótese sobre o laboratório como um lugar onde “nutrimos vírus”, Jean me fez notar que essa hipótese ratificava os propósitos de Barbara Mc Clintock sobre a existência no pesquisador de um “sentimento pelo organismo” (*feeling for the organism*) que permite enxergar os movimentos internos abolindo os preconceitos do ego, de acordo com uma prática próxima ao budismo. Com efeito, Mc Clintock transformou a citogenética ao estudar a transposição dos genes nas células do milho, operando uma revolução científica comparável àquela da biologia molecular pelos estudos de Jacob e Monod sobre as bactérias *E. coli*. Seus trabalhos levam a enxergar o milho ao mesmo tempo como um conjunto de caracteres genéticos e como uma totalidade de células a cultivar (*grow* ou *breed*)¹². Passando do nível 2 ao nível 3 de segurança, passamos então da simulação à experimentação propriamente dita, ou seja, da interação à vida ela mesma.

Jean me mostrou observações no microscópio eletrônico de lâminas feitas por um de seus colegas chineses no laboratório de nível 3. Essas lâminas, conservadas a uma temperatura de 4 graus, fixavam o acontecimento da infecção da célula epitelial pelo vírus durante seis meses. O microscópio eletrônico permitia realizar “aquisições”, ou seja, imagens numéricas ressaltando por fluorescência a expressão das proteínas do vírus e da célula. Uma boa

12 “Durante anos de observação e interpretação intensa e sistemática (que ela chamava de ‘integrar o que vemos’), Mc Clintock construiu uma visão teórica, uma imagem altamente articulada do mundo no interior da célula. Quando ela olhava as plantas de milho crescer, examinava os formatos das folhas e dos grãos, olhava no microscópio sua estrutura cromossômica, ela via diretamente através desse mundo ordenado. O ‘Livro da Natureza’ deveria ser lido simultaneamente pelos olhos do corpo e por aqueles do espírito” (Fox-Keller, 1983, p. 148).

imagem era aquela na qual a fluorescência das proteínas do vírus e aquela das proteínas da célula correspondiam entre si, indicando uma colocalização, e então uma possível interação. Jean escolhia as imagens ao acaso, para evitar fotografar as células em que a infecção era visivelmente mais forte. Ele constatara com satisfação que as células estavam “em forma” e que as infecções eram “bonitas”. Em contrapartida, em uma segunda lâmina as células eram “feias”: elas tinham iniciado um processo de apoptose, o que significa que elas tinham começado a se destruir para evitar que o vírus se reproduzisse. Com efeito, víamos inchaços se formarem na superfície e braços esticarem em direção às outras células, como que para pedir ajuda. Nomeamo-las “sinapses virológicas”, pois elas permitem ao vírus passar de uma célula a outra, mas também à célula enviar a informação para lançar o alerta. A apoptose, dizia Jean, é uma “morte limpa”, pois essas vias de comunicação permitem reciclar as partes vivas da célula enquanto as partes tóxicas são mantidas em sacos chamados endossomos – podemos então falar de uma reciclagem dos dejetos. Essa “morte limpa” contrasta com a “necrose”, verdadeira explosão da célula que permite aos vírus desprovidos de membrana saírem do lugar onde eles tinham se replicado. O vírus da SRAS, ao contrário de outros vírus como o Ebola, é um “vírus limpo” que brota na membrana da célula para sair e invadir outras células. Se há tantas interações entre o vírus e a célula quanto formas de vírus e formas de células, logo a experimentação consiste na observação dessas interações em suas variações, ou seja, na diversidade de suas formas espaço-temporais.

Jean então me informou sobre a hipótese de alguns biólogos segundo a qual uma grande parte da evolução deve-se à infecção de células por vírus dos quais elas conservam o genoma em seu DNA (Forterre & Prangishvili, 2009). A fabricação da placenta seria ela mesma o resultado de uma infecção viral: um modo de dar lugar a um parasita para nutri-lo e dele cuidar. As discussões entre virologistas a respeito da relação entre o vírus e a célula recorrem fre-

quentemente à imagem da “galinha e do ovo”: não sabemos se os vírus precederam as células ou o contrário, mas podemos observar as variações de sua coevolução. Darwin concebeu os mecanismos da evolução apoiando-se nas técnicas de seleção dos criadores; do mesmo modo, os biólogos de hoje descrevem as relações entre vírus e células apoiando-se em práticas muito similares àquelas por meio das quais os criadores cuidam de suas aves.

Conclusão

Se os discursos normativos sobre a biossegurança se mantêm frequentemente no nível dos procedimentos oficiais e das questões éticas por eles levantadas (justificativa das políticas de abate das criações contaminadas, necessidade da transparência ou do sigilo na pesquisa sobre os agentes infecciosos), a pesquisa etnográfica analisa essas normas a partir das práticas que elas orientam no cotidiano. O discurso normativo visa a responder às crises sanitárias restabelecendo fronteiras nítidas; a pesquisa etnográfica permite ver como seres de contornos indefinidos estabelecem relações em práticas situadas. Com efeito, o vivente aparece menos como uma fonte potencial de perigos do que como uma ambivalência: ao mesmo tempo mercadoria, que não se deve gastar em vão, e existência, que é preciso acompanhar em suas modalidades próprias de expressão. A biossegurança significa menos a necessidade de purificar os espaços onde o vivente é cultivado do que a necessidade de se ocupar dele nos contextos em que se desenvolve. Contudo, essa passagem dos discursos oficiais às práticas cotidianas no estudo dos dispositivos de biossegurança não deve ser concebida como uma oposição frontal. Os atores aqui observados se interrogam sobre as questões morais levantadas pelos formuladores de políticas, mas eles as encontram em situações excepcionais que vêm a romper a trama contínua da vida cotidiana: quando um criador descobre um frango infectado pelo vírus H5N1 em sua fazenda, ou quando um biólogo observa as células em apoptose em seu laboratório. Esses momentos de ruptura

dão abertura a uma reflexão mais geral sobre o ciclo da vida no qual se inscreve a prática cotidiana: longe de conduzir à purificação do dispositivo de segurança, eles permitem ancorá-lo em um conjunto de interdependências.

Uma noção apareceu diversas vezes nessas duas descrições: a de sentinela. Referindo-se às aves não vacinadas ou às células que lançam o alerta em caso de infecção, essa noção opera uma divisão no interior do vivente entre graus de exposição a uma ameaça. Ela supõe uma solidariedade vital entre a sentinela e o restante dos viventes aos quais é endereçado o sinal de alerta, ou até mesmo uma forma de sacrifício. Enquanto o discurso da biossegurança implica purificar o vivente do exterior, a noção de sentinela permite analisar como a vida se torna mais segura internamente. A posição daquele que observa o vivente, criador ou biólogo, é colocada em questão: seria aquele que impõe as normas de segurança ou que se ocupa de uma população em suas regulações internas? A noção de biossegurança, quando inscrita em uma pesquisa etnográfica, toma a forma dessa questão.

Referências

- Abraham, T. (2007). *Twenty-First Century Plague. The Story of SARS, with a new Preface on Avian Flu*. Hong Kong: Hong Kong University Press.
- Braun, B. (2007). Biopolitics and the molecularization of life. *Cultural Geographies*, 14, 6-28.
- Caduff, C. (2008). Anticipations of Biosecurity. In S. Collier & A. Lakoff (Eds.), *Biosecurity interventions. Global health and security in question* (pp. 257-277). New York: SSRUniversity of Columbia Press.
- Collier, S. J. & Lakoff, A. (2008). The vulnerability of vital systems: How « Critical Infrastructure » became a security problem. In M. Dunn & K. S. Kristensen (Eds.), *The changing logics of risk and security* (pp. 17- 39). Londres: Routledge.
- Collier, S. J., Lakoff, A., & Rabinow, P. (2004). Biosecurity: Towards and anthropology of the contemporary. *Anthropology Today*, 20(5), 3-7.
- Cooper, M. (2006). Preempting Emergence: The biological turn in the war on terror. *Theory, Culture and Society*, 23(4), 113-135.
- Creager, A. N. H. (2002). *The life of a virus. Tobacco mosaic virus as an experimental model, 1930-1965*. Chicago: University of Chicago Press.
- Davis, M. (2006). *The monster at our door. The global threat of Avian Flu*. New York: Henry Holt and Company.
- Dillon, M. (2007). Governing terror: The State of Emergency of Biopolitical Emergence. *International Political Sociology*, 1, 7-28.

- Drexler, M. (2002). *Secret agents. The menace of emerging infections*. Washington: Joseph Henry Press.
- Durkheim, E. (1998). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF.
- Forterre, P. & Prangishvili, D. (2009). The origin of viruses. *Research in Microbiology*, 160(7), 466-472.
- Fox-Keller, E. (1983). *A feeling for the organism. The life and work of Barbara McClintock*. New York: W. H. Freeman and Company.
- Gramaglia, C. & Sampaio da Silva, D. (2011). Des mollusques pour 'faire parler' les rivières. In S. Houdart & O. Thiery (Orgs.), *Humains non humains. Comment repeupler les sciences sociales* (pp. 221-233). Paris: La Découverte.
- Greger, M. (2006). *Bird Flu. A virus of our own hatching*. New York: Lantern Books.
- Gualde, N. (2006). *Comprendre les épidémies. La co-évolution des microbes et des hommes*. Paris: Seuil.
- Guenel, A. (1999). The Creation of the first overseas Pasteur Institute, or the beginning of Albert Calmette's Pastorian career. *Medical History*, 43(1), 1-25.
- Guillemin, J. (2005). *Biological weapons. From the invention of State-Sponsored Programs to contemporary bioterrorism*. New York: Columbia University Press.
- Helmreich, S. (2009). *Alien Ocean. Anthropological voyages in microbial seas*. Berkeley: University of California Press.
- Hinchliffe, S. & Bingham, N. (2008). Mapping the multiplicities of biosecurity. In S. Collier & A. Lakoff (Eds.), *Biosecurity interventions. Global health and security in question* (pp. 173-193). New York: SSRC-University of Columbia Press.
- Keck, F. (2010). Une sentinelle sanitaire aux frontières du vivant. Les experts de la grippe aviaire à Hong Kong. *Terrain*, 54, 26-41.
- Korn, H., Berche, P., & Binder, P. (2008). *Les menaces biologiques. Biosécurité et responsabilité des scientifiques*. Paris: PUF.
- Landecker, H. (2007). *Culturing life. How cells became technologies*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

- Laugier, S. & Paperman, P. (2006). *Le souci des autres. Éthique et politique du care*. Paris: EHESS.
- Lentzos, F. & Rose, N. (2009). Governing insecurity. Contingency planning, protection, resilience. *Economy & Society*, 38(2), 230-254.
- Liu, T. S. (2008). Custom, taste and science. Raising chickens in the Pearl River Delta, south China. *Anthropology & Medicine*, 15(1), 7-18.
- Mol, A. M. (2008). *The logic of care. Health and the problem of patient choice*. New York: Routledge.
- Nefkens, I., Garcia J.-M., Ling, C. S., Lagarde, N., Nicholls, J., Tang, D. J., ... Altmeyer, R. (2007). Hemagglutinin pseudotyped lentiviral particles: Characterization of a new method for avian H5N1 influenza serodiagnosis. *Journal of Clinical Virology*, 39, 27-33.
- Porcher, J. (2002). *Éleveurs et animaux, réinventer le lien*. Paris: PUF/Le Monde.
- Rabinowitz, P., Gordon, Z., Chudnov, D., Wilcox, M., Odofoin, L., Liu, A., & Dein, J. (2006). Animals as sentinels of bioterrorism agents. *Emerging Infectious Diseases*, 12(4), 647-652.
- Reid, J. (2006). *The biopolitics of the war on terror*. Manchester: Manchester University Press.
- Shortridge, K. F., Peiris, J. S. M., & Guan, Y. (2003). The next influenza pandemic: Lessons from Hong Kong. *Journal of Applied Microbiology*, 94, 70-79.
- Shortridge, K. F. & Stuart-Harris, C. H. (1982). An Influenza Epicentre?. *Lancet*, 320(8302), 812-813.
- Striffler, S. (2005). *Chicken. The dangerous transformation of America's favorite food*. New Haven: Yale University Press.
- Woo, P. C. Y., Lau, S. K. P., & Yuen, K. Y. (2006). Infectious diseases emerging from Chinese wetmarkets: Zoonotic origins of Severe Respiratory Viral Infections. *Current Opinion in Infectious Diseases*, 19, 401-407.



Capítulo 7

Estado dispersivo e biopolítica urbana: alguns percursos genealógicos da emergência do presente

Luis Artur Costa

Estado e cidade: governando cotidianos

A emergência do Estado Moderno, a questão social e a modulação de uma cidade disciplinar

O disparo para a emergência do Estado Moderno se dá com uma multiplicidade de condições de possibilidade a partir das quais emerge a formação dos grandes territórios unificados por governantes que se utilizavam de estratégias políticas voltadas principalmente à manutenção da legitimidade de sua autoridade e coesão social da sua nação (Bobbio, Mantteucci, & Pasquino, 1998). O exercício do poder desses soberanos sobre seu território possuía uma modulação tautológica em que seu principal objetivo era a manutenção e estabilidade dele mesmo (Foucault, 2008). Espremidos entre os interesses dos senhores regionais com sua influência local e a ação extraterritorial da igreja católica, tais príncipes territoriais (Bobbio

et al., 1998) constituíram pouco a pouco uma diversidade de aparelhos profissionalizados os quais regulavam os fluxos das condutas e riquezas de modo a restringir os primeiros e incrementar os últimos (Foucault, 2008).

Em um primeiro momento, a mediação entre o governante soberano e a cidade se dava por um conselho de notáveis (homens de boa fama e condições econômicas favoráveis que se dedicavam a uma política não remunerada) que representavam com seu prestígio a sociedade civil e definiam com sua pressuposta boa temperança as melhores medidas para atingir o tão aclamado quanto abstrato “bem comum”. Com o incremento da extensão territorial e da complexidade dos mecanismos socioeconômicos que se desenrolam nesta, os instrumentos que possibilitam a relação entre o Estado e a sociedade civil também se estendem e complexificam: do cameralismo à fisiocracia, passando pelo mercantilismo, vemos a emergência de diferentes tecnologias de poder que se coadunam em uma ciência da administração com seus técnicos responsáveis por operar na nova máquina pública (Foucault, 2008). Neste processo se adensa e complexifica o Aparelho de Estado com a função de exercer esses novos modos de governar riquezas e cidadãos através de processos de racionalização e profissionalização da administração pública (Bobbio et al., 1998). Junto ao Aparelho surge um novo segmento societário próprio da modernidade e sua nascente tecnocracia: a burocracia.

Emerge o Estado Moderno como uma máquina de tecnologias administrativas e sociais que passam a regulamentar, segmentar, hierarquizar, opor, interditar, acelerar, promover, entre outras ações direcionadas à condução das condutas de seus cidadãos na busca de um idílico e difuso Bem-estar dos mesmos. Tais ciências do Estado se especializam e coadunam com todo um campo de disciplinas científicas nascentes: urbanismo, sanitarismo, medicina, psicologia, pedagogia, criminologia, e muitas outras. A conduta das condutas dos cidadãos ganha não apenas uma nova variedade de meios (ciências e

tecnologias de poder), mas também uma variedade de novos objetivos especializados para além do poder tautológico da soberania.

Se antes as práticas de governo se voltavam ao enriquecimento e pacificação do território e seu soberano em manifestações ritualizadas de visibilização da autoridade legitimada pela tradição e nobreza, com o Estado Moderno vemos uma profusão de pequenas rotinas canalizadas ao incremento da saúde, normalidade e consequente capacidade de produção-circulação de riquezas entre seus cidadãos. O já notório deslocamento de uma política do “deixar viver e fazer morrer”, em que o soberano pune ostensivamente os transgressores para garantir a tranquilidade da lei e de sua autoridade, para uma política do “fazer viver, deixar morrer” (Foucault, 2008), na qual a anatomopolítica e a biopolítica da modernidade industrial se agenciam para incrementar força produtiva, obediência, natalidade, ordem e higiene públicas, etc. Este “fazer viver” (Foucault, 2008) propicia aos cidadãos uma série de tecnologias de promoção da saúde e correção das patologias: hospitais medicalizados (e não mais meros espaços de caridade que acolhiam aos moribundos em seus tristes últimos momentos), hospícios, casas de correção, sanatórios, reformas urbanas higienistas, ações sanitárias promovidas pelo poder público, regulamentação das relações trabalhistas, do despejo de dejetos, da armazenagem de alimentos e das fontes de água, entre infindáveis outras medidas de normalização, esquadriçamento e classificação.

Sob os olhos desconfiados de liberais e libertários, essa instância transcendente institui uma molaridade concêntrica e hierarquizada (Deleuze & Guattari, 1996) que estria simetricamente o território e a estética existencial da modernidade europeia: dos corpos à espécie, da relação comercial ao mercado mundial, tudo passa a ser parcialmente planejado para diminuir riscos e incrementar segurança (Foucault, 2008). No entanto, o preço da segurança é o peso da tutela: o Estado, tendo sua autoridade de intervenção legitimada pelas ciências (Sanitarismo, Psicologia, Pedagogia, Psiquiatria, Me-

dicina, Urbanismo, etc.), cumpre seu papel de zelar pela vida de seus cidadãos mesmo que contra a vontade deles. A tensão entre os direitos civis e os direitos sociais produz uma série de questionamentos acerca de até que ponto aceitamos ser governados em troca da proteção estatal. Trata-se de uma tensão entre duas frentes de libertação do homem que findam por se digladiar em nosso campo político: tensão entre uma concepção de liberdade iluminista fundada no livre arbítrio racional do indivíduo que está liberto de amarras sociais (autonomia como ausência de regulação, influência, dependência, etc.), e outra concepção de liberdade como as condições mínimas de bem-estar e formação para promover um campo de possibilidades de possibilidades de ação o qual deve ser resguardado e regulamentado pelos direitos sociais (autonomia como condições de possibilidade de ação).

A concepção do poder público como fonte de autoridade legítima (legitimada por uma arguição mais laico-científica do que mágico-religiosa) e da sociedade civil como campo de intervenção do aparelho estatal em busca da promoção de proteção social cria uma série de conflitos em que ambos os termos são isolados em uma dinâmica binária de oposição (Deleuze & Guattari, 1996): de um lado, há o risco do autoritarismo de Estado pela sua sobreposição perante a sociedade civil destruindo a proteção da privacidade e autonomia dos direitos civis, e, do outro lado, há o risco da tomada do Estado pelos jogos de interesses privados presentes na sociedade que poderiam deturpar seu funcionamento e seus objetivos para longe do bem comum e do público garantidos pelos direitos sociais.

Assim, em meio às tensões que produziram polarizações entre Estado e sociedade civil, direitos civis e direitos sociais, tutela e autonomia, proteção e risco, entre outras, vimos algumas questões as quais se apresentaram como valores prementes que levam frequentemente tal metaestabilidade para o lado do Estado, da tutela e da proteção: a vida como valor inquestionável a ser preservado incondicionalmente. Vida, aqui, concebida como mera sobrevivência (fazer viver)

do indivíduo (isolar e reformar patologias, incrementar potência de ação e obediência) e da espécie (incrementar natalidade e diminuir mortalidade, eliminar morbidades regionais, sanear e ordenar territórios). A medicina, o sanitarismo, o higienismo, entre outros, se incorporaram ao aparelho de Estado para garantir a normatização da sociedade civil a partir das concepções de saúde e dos tratamentos vigentes. Os casos icônicos e já tão discutidos das reformas higienistas no Rio de Janeiro e da revolta contra a vacinação nesta mesma cidade (Sevcenko, 2010), ambas nos primeiros anos do século XX, servem como casos claros do quanto a legitimidade da proteção científica da vida pode autorizar medidas extremamente verticalizadas e truculentas do Aparelho de Estado para a sociedade civil.

O Estado Contemporâneo e Estado Mínimo, a perda da centralidade com a dispersão das ações, o questionamento da tutela estatal e a governamentalidade sutil

A igualdade entre os seres humanos serve de princípio para a isonomia das leis de não intervenção do Estado sobre a vida do indivíduo (direitos civis), mas também funciona como fim para as intervenções em busca da normalização e igualdade de condições entre os sujeitos (direitos sociais). No Brasil, assistimos à violenta restrição dos direitos civis durante as décadas de ditadura militar (1964-1985) com a intervenção estatal autoritária sobre os modos de vida da sociedade civil, além de um movimento não linear de progressiva degradação dos direitos sociais (os quais jamais alcançaram a constituição de um Estado de Bem-Estar) em anos de recessão, hiperinflação e, posteriormente, políticas neoliberais de desoneração e enxugamento da máquina estatal a partir de um modelo de Estado Mínimo (Bobbio et al., 1998). Leilões de bens e instituições estatais (privatizações), terceirizações de serviços, planejamento e execução de políticas públicas por entidades civis através de editais regulamentados pelo Estado, parcerias público-privadas, fundações que se mantêm com isenções fiscais, entre outras medidas, ilustram

um processo de pulverização das políticas de Estado em uma série de novos atores privados ou semiprivados.

Concomitantemente, no decorrer de toda segunda metade do século XX, mas em especial quando nos aproximamos da virada para o século XXI, vimos emergir propostas de embasar as concepções e políticas de direitos humanos sobre a ideia da diferença e não da igualdade. Do mesmo modo, acompanhamos, durante o período, uma série de afirmações da diferença como valor e a consequente ampliação do questionamento acerca da legitimidade do Estado e da Ciência para implementar medidas tecnocráticas hierarquizadas e violentas voltadas para a normalização e homogeneização da sociedade civil. A única baliza que se manteve inalterada foi a da economia, que passou a servir como principal legitimadora das políticas governamentais: não como uma prescritora normativa do que deve ser feito, mas como uma reguladora dos rumos das nações e suas organizações civis. Os mecanismos e objetivos da governamentalidade se pulverizam em uma miríade que mantém sua unidade pela necessidade de validação no mercado internacional e nas contas públicas¹.

A dispersão do Estado (com a decorrente fragmentação e descentralização das práticas de governo da vida) e o esgotamento das tensões entre direitos civis e sociais (pretensamente resolvidas pelo imperativo econômico como guia único da nação) são articulados pela importância do consumo e do espetáculo como tecnologias de regulação das relações sociais mais sutis do que as estratégias de governamentalidade da modernidade industrial (Baudrillard, 1995; Bauman, 2001; Debord, 1997; Deleuze, 1992; Foucault, 2008). O governo das populações, por um lado, se segmentariza em nichos identitários (Hardt & Negri, 2004) que definem alvos e táticas para

1 Por isso mesmo é que vimos sem surpresa, no ano eleitoral que passou (2014), as muitas comparações da administração pública com a administração do lar, dando especial ênfase ao fato de que as famílias não gastam mais do que recebem. Tal tomada da economia familiar como modelo de administração do Estado serve para criticar as políticas públicas voltadas aos direitos sociais e que, para tanto, devem literalmente apostar suas finanças nas possibilidades de desenvolvimento e não apenas na manutenção de um status quo.

as políticas, por outro lado, se utiliza de tecnologias menos verticalizadas de governo, mais mescladas entre Estado e sociedade civil: a saúde e assistência territoriais, os Conselhos (saúde, assistência, educação, etc), o fomento do empreendedorismo (social e empresarial), os grupos (associações, cooperativas, ONGs, Fundações, OSCIPs, etc.), as relações mediadas pela promoção do consumo e pelas imagens midiáticas, entre outras (Costa et al., 2008; Deleuze, 1992; Fonseca et al., 2008; Rose, 2011). O presente capítulo acompanhará e problematizará alguns deslocamentos vividos em nossa sociedade entre o século XIX e o XXI nas práticas disciplinares e biopolíticas em suas concretizações urbanas. Seguindo as múltiplas linhas que acompanham o surgimento e a transformação de uma fonte em uma praça da cidade brasileira de Pelotas, iremos alinhar diversos agenciamentos políticos das estratégias para o governo das condutas modernas e contemporâneas.

Uma fonte em uma praça e o governo do risco das águas: do temor dos miasmas ao deleite do espetáculo

Fonte como regulamentação disciplinar: ações biopolíticas inscrevendo geometrias centrais no urbano

A cidade de Pelotas se forma a partir de um conjunto de grandes fazendas produtoras de charque as quais se estabeleceram na região devido à profusão de arroios e rios que cruzavam sua geografia plana. Tal planície densamente vascularizada servia bem para transportar a carne seca das fazendas aos portos e destes para o mundo. Tanto dinheiro ali se produziu com as carnes produzidas por mão-de-obra escrava que logo os fazendeiros se uniram para construir uma cidade: surge o núcleo urbano de Pelotas, inscrito no território como um tabuleiro de xadrez a racionalizar a paisagem gélida do pampa. Os urbanistas planejaram um ponto central onde se localizaria a igreja e a partir daí estabeleceram uma série de quadras em linhas e colunas que definiram o corpo da cidade (Lorner, Gil, & Scheer, 2012; Müller, 2010; Soares, 2000; Souto, 1998). Pelotas vive um intenso

processo de urbanização que busca passar de um território rural a Paris em um salto:

La ciudad estaba recibiendo en estos momentos los ferrocarriles, el teléfono, la industria, casi simultáneamente a la expansión mundial de estas innovaciones, mientras que las estructuras sociales locales vivían aún tímidamente la transición de una sociedad esclavista hacia las relaciones sociales típicamente capitalistas (...) la élite local, que ha sido caracterizada como una aristocracia ilustrada y extravagante (tall aristocracy) con una base de explotación esclavista, estaba atenta a las modas e ideas mundiales e importó los conceptos higienistas para el sur de Rio Grande do Sul, una sociedad urbana aún en gestación. (Soares, 2000)

Todavía, as abundantes águas que tinham servido para o escoamento da produção e financiamento da cidade representavam um sério empecilho ao higienismo que buscava sanear este núcleo de civilidade em meio à barbárie: os arroios em profusão serviam não apenas para o transporte das pelotas (pequenas embarcações redondas em couro onde se transportava o charque), mas também para o descarte do sangue e da carcaça das rezes abatidas. Isso formava uma espessa camada de matéria orgânica nas águas e empestava a cidade com fortes odores fétidos e nuvens de insetos. Diversos relatos de viajantes do século XIX e início do XX relatam a nauseante experiência de adentrar na cidade e ser recebido por esta densa nuvem de vapores pútridos oriundos da degradação de matéria orgânica (Lorner et al., 2012; Müller, 2010; Soares, 2000).

A segurança da cidade se via ameaçada pelas águas que promoveram seu surgimento e, por isso, tais águas se tornaram um dos principais focos das ações higienistas (Soares, 2000). Isso era especialmente delicado devido ao clima extremamente úmido que até hoje impera em Pelotas e pelo fato de que nesta época não há uma articulação entre as doenças e os microrganismos que colonizam a vida provocando eventuais adoecimentos (bactérias, vírus e afins), mas sim entre patologias e vapores. A etiologia das doenças é refe-

renciada a uma série de atores distintos tornados coesos sob o conceito de miasma. Miasma é um termo derivado do teatro grego onde servia para diferenciar nas tragédias a mancha de sangue oriunda de um assassinato que fere a ordem natural e que servirá de signo do fado trágico que, doravante, acompanhará o assassino como selo da certeza de sua desventura futura (Martins et al., 1997). Assim, para a teoria miasmática, a etiologia das doenças guarda um tom dramático e pútrido: os bolores e as manchas oriundas de outras sujidades são a marca que ressalta o acúmulo dos vapores desprendidos do processo de degradação da matéria viva. Essas marcas da degradação servem de signo para outras degradações vindouras, pois são exatamente estes vapores que provocam o adoecimento em suas variadas formas: pestes, patologias, loucuras, entre outros males.

Na metade do século XIX, com um grande crescimento urbano e após uma grande epidemia de cólera em 1855 (que se alastrou pelos riachos das charqueadas para a urbe em um rastilho de pólvora), o município utilizou seu aparelho estatal para ordenar o espaço urbano com vistas a saná-lo: construíram-se hospitais (Santa Casa e Beneficência Portuguesa), centralizou-se o abate das rezes (matadouro), a distribuição dos alimentos (mercado municipal), a coleta da água (fontes) e os locais para despejo de dejetos. Nesta mesma época, enquanto se luta por sanear-ordenar o espaço urbano, são construídos pequenos refúgios dos miasmas urbanos estrategicamente dispostos no entorno da cidade: parques privados com entrada paga que prometiam passeios terapêuticos com ar e água livres dos miasmas produzidos no espaço urbano (Enke, 2012; Müller & Hallal, 2013).

Com o objetivo de controlar as pestes que se alastravam pelas águas tomadas por miasmas, o município importou, em 1873, quatro fontes forjadas em aço na França: com tal ação afirmariam sua civilidade pela ciência higiênica e pelo cultivo do bom gosto. As fontes foram dispostas em pontos estratégicos da cidade e serviriam como postos oficiais onde a coleta da água era autorizada, pois se tratava

de água potável livre dos miasmas que circulavam nos riachos da cidade. Uma destas fontes descreve em sua história uma trajetória de deslocamentos que nos permite visibilizar os diferentes sistemas de aceitabilidade da ação do Estado sobre a vida e a ordem pública: a Fonte das Nereidas na atual Praça Pedro Osório.

A fonte em questão foi instalada sobre a base de onde antes havia um pelourinho: a cidade higienizada e racionalizada sobrepunha uma límpida marca da sua civilidade à torpe mancha da brutalidade escravagista que sustentava o progresso urbano. Como sua principal função era servir de fonte higiênica de água para a população, prontamente a praça nobre da cidade foi tomada por uma série de lavadeiras e outros serviçais aos quais cabia buscar água na fonte para abastecer as residências do centro civilizado. Para evitar que a balbúrdia tomasse conta da paisagem polida dos jardins geométricos em estilo francês, a prefeitura cercou a fonte, determinou horários para o seu uso e colocou um fiscal que garantia a manutenção da ordem no local (Xavier, 2010). Evidencia-se a clara duplicidade sanitária: orgânica e social, contra miasmas e misturas em prol da limpeza e ordem simétrica. Assim, a ação do Estado (pelo Conselho Municipal) busca eliminar os riscos biológicos dos miasmas em um ambiente demasiado úmido e rodeado de matadouros, produzindo um espaço público simétrico, ordenado, centralizado pelo controle da ciência por meio da ação Estatal.

Fonte como ornamento ao footing urbano: as modulações biopolíticas se infiltram nos lares

As referidas estratégias higienistas massivas e centralizadas de ordenações-classificações do espaço público em funções únicas (mercado, matadouro, hospital, fonte), distribuídas meticulosamente por ele para controlar a produção de miasmas, logo se complexificam e sutilizam em sua capacidade de governo das condutas dos cidadãos, uma vez que apenas assim podem modular cotidianos de modo a diminuir os riscos de contaminações e epidemias. Durante as duas úl-

timas décadas do século XIX e primeiras do XX, vemos as estratégias sanitárias se intricarem e infiltrarem os espaços privados da cidade através da rede de água e esgotos e da Polícia higienista. Ao invés de buscarem enquadrar os hábitos urbanos a partir da construção de alguns esquadros molares, estáveis e visíveis no espaço público, passam a molecularizar suas intervenções em um esquema de redes centralizadas as quais adentram os espaços privados e buscam se coadunar diretamente ao cotidiano doméstico dos habitantes urbanos. Mantém-se a centralidade coerciva da defesa da vida sana, mas sua ação é sofisticada em uma rede que se infiltra nos cotidianos privados ao ser capilarizada pelo esquadro urbano.

Em 1881, o Conselho Municipal institui as chamadas “visitas higiênicas”: inspeções surpresas em que funcionários do município investigavam as condições de salubridade de residências, comércios, etc., aplicando multas quando irregularidades eram encontradas (Soares, 2000). Entre a última década do século XIX e a primeira do século XX é planejada e viabilizada a construção de uma rede subterrânea de encanamentos os quais servirão cada residência com água potável e levarão para longe os dejetos. Em 1918 é criado o Instituto Municipal de Higiene, durante a epidemia de gripe espanhola, que mata mais de três centenas de pelotenses (Soares, 2000). Este será a Base para o Instituto de Higienismo Borges de Medeiros em 1927, centro do sanitarismo gaúcho que pretende ser um equivalente ao Instituto Butantã, em São Paulo, e ao Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. A partir desta instituição, o planejamento higiênico da cidade adquire um novo patamar de cientificidade sanitária que irá regular as novas estratégias de saneamento urbano que adentram os lares: estatística, produção de soros e vacinas, campanhas de vacinação e controle de vetores do contágio, o controle higiênico dos espaços públicos e privados, são algumas das novas estratégias que se unem para sanear o urbano de modo mais profundo e complexo.

O cuidadoso saneamento dos centros populosos pelo estabelecimento de perfeitos serviços de água e esgotos e pela execução de

um plano de construção de moradas higiênicas com acesso a vias públicas amplas e cheias de ar e luz do sol. (Cypriano Barcellos, Informe apresentado ao Conselho Municipal em 1918, ver Soares, 2000, p. 6)

Se antes havia a aglomeração de matérias orgânicas (corpos, comidas e fezes) em residências mal planejadas para a dispersão dos miasmas, a implementação do sistema de encanamentos permite a livre circulação das águas potáveis e dos dejetos, sem necessidade que estes possuam seus respectivos reservatórios em cada lar (Aguiar, 2009). Das águas potáveis paradas e dos reservatórios de dejetos que eram esvaziados em carros fétidos a circular pela cidade, passamos a um sistema subterrâneo e dinâmico que produz uma geometria simétrica a qual faz as vezes de raízes da civilidade urbana (Xavier, 2010): a base da operação de purificação-ordenação higienista de separar os bons dos maus.

Desta forma, Pelotas vem sendo saneada, vitalizada, recebendo pela rede hidráulica, que é o sistema arterial das cidades, o sangue puro e vivificante para distribuí-lo por todas as partes para as diferentes necessidades domésticas e industriais, expelindo pela rede de esgotos, que é o sistema venoso das cidades, o sangue viciado e impuro que não serve para a vida da população e deve ser jogado longe. (Discurso do Engenheiro Octacilio Pereira publicado no Relatório da Intendência de 1922, citado por Soares, 2000)

A ambiguidade entre águas e gentes do higienismo sanitário-moral também avança nos ambientes domésticos com a busca de depurar o centro da cidade dos cortiços e planificar moradas higiênicas aos proletários de maneira a evitar não apenas as doenças dos corpos, mas em especial as vicissitudes da alma coletiva. Ordem social e controle sanitário estão amalgamados na planificação ordeira dos estilos de vida urbanos.

As classes pobres e laboriosas, além do mais, necessitam de habitações higiênicas, saindo de casas insalubres - ponto de partida de

todos os vícios, de todas as calamidades que afligem o seu estado social, como já disse alguém, concluindo com estas palavras: não há reforma que mereça em mais alto grau a atenção e a dedicação dos amigos da humanidade. (Relatório apresentado pelo Intendente Dr. Pedro Luís Osório em 1922. CEDOV, BPP, citado por Gill, 2006, p. 49)

A abertura da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, e da Avenida Borges de Medeiros, em Porto Alegre, foram medidas higienistas agressivas (com a demolição de muitos casarões) de grande porte que possibilitaram esquadrihar o plano urbano com uma geometria mais simétrica e, ao mesmo tempo, retirar da área central os indivíduos pauperizados que incrementavam o risco de adoecimento com seus hábitos pouco higiênicos e seu adensamento excessivo de corpos ao compartilhar os antigos casarões transformados em cortiços. Em Pelotas, a retirada das casas e das pessoas pauperizadas prescindiu destas demolições, pois se utilizou de duas estratégias de mercado mais sutis e menos centralizadas no Estado: ao invés de utilizar a mão forte do Estado para demolir e reescrever a geometria urbana, valeram-se do incremento dos impostos para as moradas no centro da cidade e da simultânea oferta de vivendas higiênicas a baixos preços na periferia. Usaram a sobretaxação de 20% dos impostos urbanos sobre as casas da zona central que por ventura alugavam quartos (adensando corpos e pobreza na área central do núcleo urbano) e o fomento da construção de loteamentos baratos, higiênicos e distantes nos arredores da cidade (Gill, 2006; Maciel, 2014). Vemos, dessa forma, que a intervenção se deu no meio urbano (vetores financeiros das áreas) e não sobre os indivíduos (casas, famílias, pessoas). Buscou incrementar a probabilidade de esvaziamento dos cortiços e consequente remissão dos miasmas do que prescrever a retirada dos casarões degradados e seus habitantes através do despejo e da demolição. Essa tecnologia do governo por intervenções probabilísticas (e não mecânico-deterministas) no meio (e não sobre os corpos) caracteriza a emergência de uma Biopolítica (Foucault, 2008) do espaço urbano

na cidade de Pelotas no início do século XX como principal estratégia para a retirada da população indesejada do centro civilizado e, então, saneado físico-químico-moralmente.

Tal agenciamento de medidas econômicas (taxação e oferta) fez as vezes da polícia e das grandes obras na jovem cidade. Os bairros operários pulularam pelas bordas da cidade, financiados por notáveis que “fidalgamente” construía residências para serem alugadas aos menos afortunados. Para tanto, recebiam isenções fiscais e garantias municipais de que o loteamento seria agraciado com as facilidades urbanas: luz, água, acesso (Gill, 2006; Maciel, 2014). A construção de tais Vilas Operárias se transformou em um grande negócio, multiplicaram-se como remendos que se sobrepunham e enfejavam o plano geométrico urbano-higienista original. Porém, apesar da nova irregularidade no plano urbanístico, essas moradas promoviam o saneamento da parte nobre da cidade e se apresentavam como a promessa de vivendas ideais para o cultivo da correção e saúde na alma proletária segundo as ideias da época.

Dentro desta dinâmica de homogeneizar a população do centro da cidade para garantir a convivência entre iguais em meio aos passeios urbanizados com paisagismo e arquitetura franceses da área central, há um grande clamor por cessar o serviço de abastecimento de água na Fonte das Nereidas. Ela estava colocada no centro da praça mais nobre da cidade, mas findava por levar serviçais, lavadeiras e escravos ao núcleo civilizado para estes se abastecerem de água potável. Com a nova trama subterrânea que ordenava os fluxos dos fluidos, finalmente a praça podia se livrar do vulgo para se tornar no local preferencial para o “footing” vespertino. O município resolveu, então, proibir definitivamente o abastecimento na fonte e realizar uma obra que realçasse os ares de ornamento do antigo chafariz: elevaram seu pedestal com mosaicos e somaram duas estátuas de cavalos marinhos em metal na sua base (Xavier, 2010). Definitivamente aquilo que havia sido uma fonte de água se transformara em ornamento para os passeios dos cidadãos de bem: a intrincada rede

capilar de regulações disciplinares e biopolíticas havia servido como condição de possibilidade para esse deslocamento nas funções da fonte: de uma sisuda intervenção disciplinar de higienismo sanitário para uma sutil ordenação social-estética do passeio público. Os encanamentos, as polícias (administrativa e sanitária), o Instituto de Higiene (e suas ações como campanhas de vacinação, enfermaria de isolamento, pavilhão de tuberculosos, entre outras), as taxações dos cortiços e ofertas de vilas operárias se atravessaram na conquista da praça para o footing como um símbolo da proximidade da “utopia da cidade perfeitamente governada” (Foucault, 1987, p. 164), ao menos para a área central de Pelotas.

Fonte degradada e revitalizada: o colapso do projeto de civilidade central e sua retomada dispersiva

As regras sanitárias vão pouco a pouco tomando códigos complexos e variados que são transformados em ações reguladoras dos cotidianos por uma variedade de sessões do aparelho de estado municipal, estadual e federal. O adensamento e a abstração dos códigos regulatórios produzem uma grande variedade de órgãos e fiscais que se diferenciam da antiga Polícia Sanitária e Polícia Administrativa para dar conta do crescimento urbano e industrial da região, do estado e do país. Polícia ambiental, vigilância sanitária, secretaria da agricultura e pecuária, secretaria de saúde, departamento de águas e esgotos, entre muitos outros, passam a conduzir de modo extremamente tecnoburocrático a regulação das relações de produção, distribuição, comércio, consumo e moradia. As águas da área central estão há muito canalizadas e os antigos riachos da cidade correm em sua maioria por galerias subterrâneas longe dos olhos dos cidadãos de Pelotas. Contudo, novos perigos apontam neste horizonte civilizado, não mais os miasmas, mas a recessão econômica, a degradação do centro da cidade e a poluição das suas águas (Vieira, 2009).

Diante dos novos riscos, os ricos da cidade buscam guarida em novos bairros e condomínios longe do centro que fora tomado por

uma população marginal (pobres, prostitutas, bêbados, moradores de rua, punguistas, traficantes, entre outros ícones do risco urbano). Grandes casas protegidas por muros e grades são erguidas em bairros verdes nas imediações do centro urbano. Clubes e galerias com seguranças privados garantem espaços de lazer e consumo segmentados do caos e degradação do centro histórico. O casario se degrada em torno da Praça Pedro Osório e a sua antiga fonte serve de lixeira enquanto emoldura as cenas noturnas de prostituição e venda de substâncias ilícitas. A prefeitura municipal e sua praça, degradadas, servem de signo do colapso do antigo sonho da cidade perfeitamente governada sobre o próprio peso.

Abandonado à ação das forças de mercado, o centro experimentou sua destruição nos últimos anos do século passado, graças à fuga das atividades de comércio, serviços, habitação e lazer para a periferia. Fuga esta motivada pelo aumento do valor da terra, do trânsito e dos custos com transportes na área central aliados a uma oferta de terrenos mais baratos e adequados nas áreas periféricas. Além disto, o aumento na mobilidade individual e mudanças na economia interna das cidades contribuíram para o movimento em direção às periferias. O resultado foi que os centros nas periferias passaram a atrair consumidores com maior possibilidade de mobilidade em função de seus rendimentos superiores. O centro tradicional ficou assim dependente de um tipo de consumidor local e mais pobre e as periferias viram surgir novos centros. Na esteira destes acontecimentos se verifica uma diminuição considerável da atividade comercial nos centros tradicionais com uma conseqüente diminuição das atividades da atração no centro. (Vieira, 2009, p. 405)

É desta cena do antigo centro tomado pela população que dele havia sido afastada que emerge um novo fôlego do antigo sonho de cidade higienizada, mas sustentada sobre novas estratégias: a revitalização e retomada da memória dos tempos áureos. A revitalização não justificará seu curso sobre o argumento miasmático ou microbial, nem mesmo apelará à epidemiologia contemporânea e suas sofisticada-

das ferramentas de cálculo estatístico. Ela partirá de um conceito de vida que não está se contrapondo ao adoecimento e que tampouco é registrado pelas plataformas biomédicas, vida aqui não se restringe à sobrevivência ou ao silêncio dos órgãos: a vida da revitalização é uma vida pautada pela atividade econômica na qual a necrose dos espaços urbanos é medida por sua descapitalização. Nestes processos de “revitalização”, uma determinada imagem de vida se impõe: a *fun morality* (Baudrillard, 1995), o espetáculo (Debord, 1997) e a ação motivadora, sedutora e imediata do Controle (Deleuze, 1992).

Assim, espaços urbanos necrosados são aqueles onde o fluxo de capital se encontra fraco: se o higienismo moderno buscava a circulação dos corpos, ar e luz, na revitalização quer-se fazer circular o consumo de bens e serviços, sobretudo os atrelados ao turismo (cidades descapitalizadas devem atrair o capital de consumo presente em outras urbes). O Poder Público e o Privado se aliam, então, ao estabelecerem uma série de estratégias (benefícios como isenção fiscal, melhorias de urbanização, financiamentos, etc.) que fomentem o investimento de capital e a decorrente transformação no perfil dos frequentadores e habitantes da região: o que, por sua vez, garantirá a permanência e capilarização dos fluxos de capital a irrigarem a região antes necrosada. Com o principiar dos investimentos no bairro decadente, inicia-se um processo denominado *gentrificação*, ou enobrecimento, o qual consiste na valorização do solo revitalizado, o que redundará em incremento nos valores dos aluguéis e das propostas de compra dos imóveis. Desse modo, seja por maiores encargos para o orçamento doméstico ou pela tentação da oferta de compra, ocorre uma migração para outras áreas da cidade: uma civilizada expulsão na qual as partes concordam com a impossibilidade de permanência. Tais deslocamentos urbanos provocados pela especulação financeira motivada por um sistema de incentivos fiscais e possibilidades de exploração comercial podem ser considerados movimentos sustentados por uma lógica higienista difusa, que não parte de uma máquina de ressonância central e estratégias macropolíticas, mas, sim, de uma

rede de micropolíticas fluídas, as quais redundam em pequenas regulações que se integram umas às outras formando a coesão que dá emergência à higienização da área urbana (Costa, 2007).

A cidade de Pelotas também foi agraciada por práticas de revitalização para irrigar seu centro decrépito com os ares de novidade do consumo e turismo. Tal projeto tem seu início em 2000, sob a orientação da UNESCO, financiado com verbas do banco Interamericano de Desenvolvimento e coordenado em seu planejamento e execução pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional. Em 2003, foi revitalizada a Praça Pedro Osório e sua Fonte das Nereidas (Xavier, 2010). Um ano após, em 2004, novas ações são realizadas no entorno da Praça e de sua fonte: edificações que formam a paisagem urbana da Pedro Osório começaram a ser revitalizadas também. O Mercado Público, o Teatro Sete de Abril, o Grande Hotel, a Prefeitura, a Biblioteca Municipal e uma série de casarões foram reformados para transformar o antigo centro civilizado da cidade na sua maior atração turística (Santos, 2014).

Assim, com a completa revitalização da Praça e das edificações no seu entorno, vemos mais um deslocamento nos usos da Fonte das Nereidas. Posta sobre a base de um pelourinho no século XIX, serviu de ponto autorizado para a coleta de água higiênica, como ornamento ao footing civilizado e como alcova para prazeres proibidos. No entanto, se passara o final do século XX cheia de lixo e envolta por moradores de rua em uma zona da cidade esquecida pelo capital, a partir de sua revitalização a fonte se torna uma nova ferramenta na promoção do espetáculo urbano: torna-se o palco de um espetáculo de águas dançantes com som e luzes. A iluminação em lâmpadas *led* coloridas em conjunto com músicas populares servem de ritmo para o novo sistema hidráulico que rege o movimento das águas na fonte segundo as variações dos andamentos musicais e luminosos.

O espetáculo da fonte dançante age modificando os vetores de ocupação do espaço público: um novo contingente de frequentadores adentra na praça pela noite, horário em que apenas michês,

prostitutas e outros infames permaneciam em seus bancos. O prefeito, os vereadores, a alta sociedade e as famílias de Pelotas formam uma pequena multidão no entorno do show de luzes recordando os tempos áureos quando a praça servia para reunir os cidadãos de bem em seus passeios vespertinos. Novos empreendimentos abrem e reformam edificações que ainda não haviam sido revitalizadas. Os infames que frequentavam a praça degradada são repelidos pelas luzes e pelo exercício do consumo da cidadania. Sua saída daquele espaço não se deu em decorrência de uma normativa, de um regramento claro que proibisse sua entrada como quando cercaram e fecharam a fonte. Mas os investimentos de revitalização e a retomada dos fluxos de capital e pessoas naquele espaço findaram por transformá-lo tornando-o menos propício aos antigos habitantes. Esta intervenção altera os vetores do meio urbano central, atraindo consumidores e turistas em busca de espetáculo que, por sua vez, com as luzes e agitação da sua presença expulsam os que buscavam sossego nas sombras da praça necrosada. De maneira similar aos fisiocratas descritos por Foucault (2008), a intervenção se deu no meio (e não sobre os corpos) e permitiu a emergência das práticas territoriais: ação sobre a rede de relações que regula os fluxos em uma zona, área, segmento, etc. Quando a quebra da tutela passa a ser considerada terapêutica, o cuidado se transforma: o contágio, a epidemia e o vírus se tornam os modelos do adoecimento e da saúde. Entre a busca de eliminação de ciclos viciosos e a promoção de ciclos virtuosos, a revitalização serve como uma das armas das práticas biopolíticas contemporâneas de saneamento do território urbano.

A noviça rebelde da biopolítica: do medo dos miasmas nas águas ao pânico pandêmico da agorafobia

O pânico das pandemias em nossa contemporaneidade urbana hiperconectada visibiliza a importância atual dos mecanismos de contágio: drogas, violência, acidentes de trânsito, patologias psiquiátricas e infecciosas, todos são articulados com a proposição da

epidemia como modo de compreensão da sua dispersão na sociedade. Costumes, cultura, mídia, novas formas de organizar o trabalho, entre outros fatores, são elencados como meio de dispersão do contágio. Todavia, ao mesmo tempo que utilizamos frequentemente o conceito de epidemia para nos articularmos com certos acontecimentos e torná-los visíveis, vemos um deslocamento na clássica curva normal que permitia um claro juízo entre o normal e o patológico: da binariedade da norma para a dispersão do patológico em uma miríade de morbidades coexistentes (da curva normal ao gráfico de dispersão). A banalização dos diagnósticos com a constante ampliação das suas fronteiras tornou mais flexível seu uso e mais extensiva a prescrição de medidas profiláticas e terapêuticas: o afundamento da normalidade em uma miríade de patologias.

Em conjunto com essa pulverização do patológico em uma nuvem de probabilidades banal que paira sobre todo e qualquer cidadão, constatamos que a doença já não é mais apenas a quebra do silêncio dos órgãos e do silêncio da autoridade (Rose, 2011), mas também cada vez mais a melhoria da performance e a continuidade do movimento: vida como incremento do consumo de experiências. Assim, passamos de uma operacionalização de bem-estar como ausência de mal-estar (agentes patógenos, dores, sofrimento) para uma operacionalização de bem-estar como incremento no consumo de experiências, de performance, de “felicidade”. A própria Psicologia Positiva e sua virada epistêmica de um paradigma centrado nas patologias para outro voltado na direção da promoção da saúde mental nos demonstram a relevância de tais transformações em nossas tecnologias de governo pautadas pelo conceito de saúde e bem-estar.

A mesma dinâmica voltada ao incremento de performance pode ser avistada na estratégia biopolítica da revitalização urbana contra a necrose de áreas da cidade. Dessa forma, por exemplo, as águas deixam de articular-se principalmente em relação a sérios agentes patógenos a serem higienizados para evitar as pestes e epidemias

(questão que passa a ser especialmente circunscrita aos pauperizados que vivem em zonas sem saneamento qualquer), para tornarem-se possíveis vetores no incremento do turismo: agente do consumo de experiências a ser cuidado em seu frágil equilíbrio para permitir sua exploração sustentável em empreendimentos de turismo. Da fonte dançante em meio ao casario revitalizado com verba pública direta ou indireta (isenção fiscal) até a despoluição do balneário do Laranjal, vemos a emergência de mais práticas sutis de controle em meio às ainda existentes práticas coercitivas disciplinares. Se a disciplina e a biopolítica moderna promoviam um “fazer viver” circunscrito por medidas de segmentação centralizada e simétrica que equivaliam a um “sobreviver”, verificamos hoje algumas políticas voltadas a uma produção de “mais valia do viver”, um “viver mais” contabilizado pelo consumo de experiências (presentes nas tabelas das secretarias de turismo) e não apenas pela longevidade da população.

A gestão dos ciclos viciosos e virtuosos para promover a saúde dos territórios urbanos se dispersa entre uma série de atores, públicos, privados, público-privados, os quais irão modular não mais uma cidade planejada centralmente, mas uma cidade negociada localmente, de modo fragmentário e específico. A injeção de capital em certas zonas será mais uma das estratégias para diminuir as probabilidades de riscos e incrementar as potências de capitalização urbana. O Estado molar da modernidade abre espaço para um Estado segmentar que se dispersa viroticamente pela sociedade guiado pela baliza da regulação econômica e do cálculo de riscos.

Em lugar do grande medo paranoico, encontramos-nos presos por mil monomaniazinhas, evidências e clarezas que jorram de cada buraco negro e que não fazem mais sistema e sim rumor e zumbido, luzes ofuscantes que dão a qualquer um a missão de um juiz, de um justiceiro, de um policial por conta própria, de um *gauleiter*, um chefe de prédio ou de casa. Vencemos o medo, abandonamos as margens da segurança, mas entramos num sistema não menos concentrado, não menos organizado, um sistema de pequenas inseguranças. (Deleuze & Guattari, 1996, p. 102)

Referências

- Aguiar, M. S. (2009). *Um olhar sobre o palimpsesto urbano: processo de formação e diferentes construções no tempo de um patrimônio arquitetônico às margens do Canal São Gonçalo (Pelotas/RS)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bobbio, N., Mantteucci, N., & Pasquino, G. (1998). *Dicionário de política*. Brasília, DF: Editora UnB.
- Costa, L. A. (2007). *Brutas cidades sutis: o espaço tempo da diferença na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Costa, L. A., Barbieri, A. R., Maraschin, C., & Tittoni, J. (2008). Estriagem e alisamento: usinando uma autogestão na fábrica. *Fractal Revista de Psicologia*, 20(2), 448-459.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações, 1972-1970*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). *Mil platôs*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Enke, R. G. (2012). Os tempos livres em um balneário gaúcho: lazer no balneário Villa Siqueira no final do século XIX [Trabalho completo]. In *Anais do XI Encontro Estadual de História* (pp. 931-937). Rio Grande, RS: Editora da FURG.
- Gill, L. A. (2006). Labirintos ao redor da cidade: as vilas operárias em Pelotas (RS) 1890-1930. *História*, 10(1), 45-52.

Fonseca, T. M. G., Thomazoni, A. R., Costa, L. A., Souza, V. L., & Lockmann, V. S. (2008). Microfascismos em nós: práticas de exceção no contemporâneo. *Psicologia Clínica*, 20(2), 31-45.

Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Foucault, M. (2008). *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes.

Hardt, M. & Negri, A. (2004). *Império*. Rio de Janeiro: Record.

Lorner, B. A., Gil, L. A., & Scheer, M. I. (2012). Enfermidade e morte: os escravos na cidade de Pelotas, 1870-1880. *História, Ciência e Saúde*, 19(Supl.), 133-152.

Maciel, L. N. (2014). A problemática dos cortiços pelotenses entre os séculos XIX e XX. *Cadernos do Lepaarq*, 11(22), 40-51.

Martins, R. A., Martins, L. Al-Chueyr P., Ferreira, R. R., & Toledo, M. C. F. (1997). *Contágio: história das doenças transmissíveis*. São Paulo: Moderna.

Müller, D. (2010). *“Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza”: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História da Unisinos. São Leopoldo, RS.

Müller, D. & Hallal, D. (2013). Passeios e viagens em busca da natureza: novas sociabilidades da elite pelotense no século XIX [Trabalho completo]. In *Anais do XVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social* (pp. 534-546). Natal: Editora da UFRN.

Rose, N. (2011). *Inventando nossos selfs*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Santos, N. (2014). O Programa Monumenta em Pelotas e outras notícias da política de preservação das cidades históricas brasileiras. *Geocritiq*. Acesso em 03 de março, 2014, em <http://www.geocritiq.com/2014/03/o-programa-monumenta-em-pelotas-e-outras-noticias-da-politica-de-preservacao-das-cidades-historicas-brasileiras/>

Sevcenko, N. (2010). *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify.

Soares, P. R. R. (2000). La difusión del higienismo en Brasil y el saneamiento de Pelotas (1888-1930). *Scripta - Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, v. 69 (n. 38). Acesso em 19 de fevereiro, 2014, em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-38.htm>

Souto, A. P. G. (1998). Uma estética do positivismo [Trabalho completo]. In *Anais do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Campinas: PUCCamp. Acesso em 03 de março, 2014, em <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/576>

Vieira, S. G. (2009). Requalificação de área urbana central: o caso de Pelotas, RS. [Trabalho completo]. In *Anales del XII encuentro de geógrafos de América Latina (XII EGAL): caminando en una América Latina en transformación*. Montevideo: Universidad de la República. Acesso em 03 de março, 2014, em <http://docplayer.com.br/7284435-Requalificacao-de-area-urbana-central-o-caso-de-pelotas-rs.html>

Xavier, J. S. (2010). *Saneamento de Pelotas (1871-1915): o patrimônio sob o signo da modernidade e progresso*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, RS.



Capítulo 8

Nuevas clasificaciones de lo bioantropológico: la “ancestría” entre la variabilidad y la seguridad genética

Andrés Gomez Seguel y Sergio Flores Carrasco

Introducción

El estudio de la variabilidad genética está experimentando una revolución sin precedentes por efecto de ciertos hitos tecnológicos, como el desarrollo de las nuevas técnicas de secuenciación del genoma (*new generation sequencing*) y la aparición de tecnologías cada vez menos costosas y más eficientes para destacar información sobre variantes genéticas de forma masiva.

De la mano de los avances tecnológicos, en la antropología la pregunta por el origen y la micro evolución ha recobrado interés científico y se ha abierto un campo de controversias científicas acerca de la correcta forma de obtener, e interpretar, información genealógica de las poblaciones (Shiao, Bode, Beyer, & Selvig, 2012). En este sentido, el ejemplo que convocan los “marcadores de ancestría” que están dirigidos a conocer la intrincada y compleja evolución de las divergencias y mestizajes que ha experimentado el linaje humano, así como la compleja naturaleza de la etnicidad y la variabilidad, con-

forman un aspecto angular de las controversias (Hunt & Megyesi, 2008; Shim, Ackerman, Darling, Hiatt, & Lee, 2014).

Intentaremos desarrollar en este artículo un análisis crítico sobre dichas controversias, considerando las clasificaciones sociales y los estudios en ciencia, tecnología y sociedad, que han incidido específicamente en los “marcadores de ancestría” y su repercusión en términos de control y bio-poder en la constitución de los conocimientos en: las ciencias forenses, el desarrollo de la biomedicina poblacional y el campo de la modulación cultural (Gannett, 2001). Tres ámbitos en los que la búsqueda por fidelidad y seguridad de sistemas clasificatorios, activa dispositivos de control poblacional, genético y de identidad que devienen nuevas políticas del “Bios”.

Información genética y clasificaciones del “Bios”

La clasificación de las poblaciones humanas ha sido una preocupación constante para la antropología, en sus diferentes líneas disciplinarias (Caspari, 2009; Edgar & Hunley, 2009). Las transiciones entre los diferentes enfoques aplicados en estas clasificaciones no pueden ser explicadas como el resultado de la suma de “factores” teóricos y metodológicos, sino más bien como un fenómeno en interacción recíproca entre teoría, metodología e ideología (Gravlee, 2009; Williams, 2011). Aún más, como nos indican algunos estudios en CTS sobre otros campos científicos (Knorr-Cetina, 2005; Latour, 2001) es probable que la propia configuración de las poblaciones humanas sea una consecuencia de los anteriores factores, es decir, del esfuerzo científico por establecer un sistema clasificatorio que, como ocurre con la sistemática filogenética, en el campo de la biología logra identificar una forma concreta de clasificar –y por lo tanto agrupar y dividir– a los grupos humanos en base a variables históricas y reproductivas (genealogía).

El enfoque descrito en el párrafo anterior ha sido considerado en las reflexiones de otros autores desde una perspectiva evolutiva y

dialéctica según lo expondremos a continuación, refiriéndonos a los escenarios científico y político, así como a sus repercusiones en la Antropología.

El escenario actual se caracteriza por notables avances tecnológicos y teóricos que, desde la genética, ejercen una sujeción y control biopolítico, abriendo nuevamente preguntas relativas al impulso clasificatorio basado en evidencia genealógica y los límites del “Bios”.

Los grandes programas de investigación genética y el advenimiento de nuevas tecnologías informáticas, biotecnológicas y más recientemente, desde la nanotecnología, permiten hoy en día la adquisición de datos genómicos a gran escala, con una inversión económica cada vez más reducida (Zhang, Chiodini, Badr, & Zhang, 2011). Estos progresos dejan evidencia los esfuerzos científicos por realizar clasificaciones de lo “Bio” a través de la información genética. Pero ¿cómo se realiza tal procedimiento y qué implicancia tiene para el campo de las clasificaciones sociales más complejas?

Hoy en día, es posible obtener información del genoma humano, incluso de prácticamente el total de los polimorfismos genéticos –es decir aquellos lugares del genoma que han demostrado ser variables– de una sola persona en poco tiempo, con un costo relativamente bajo y con la participación de un solo laboratorio que cuente con el equipamiento necesario. Así, las posibilidades de realizar estudios sobre la asociación entre fenotipos complejos y el genoma, con muchas patologías y otras características de interés biomédico, abren un interesante espectro de investigación.

Por su parte, en el ámbito del estudio de las genealogías de los individuos, hoy es posible cuantificar el aporte de diferentes poblaciones ancestrales sobre el genoma de un solo individuo. Surge, por ejemplo, la posibilidad de inferir a partir de la información genética de un solo individuo (viviente o extinto) –y usando un enfoque inverso al usual– diferentes propiedades de las poblaciones en las que este individuo existe o existió. Es decir, nos es posible realizar este

estudio con las nuevas tecnologías genómicas, por una parte, y con el supuesto clasificatorio de las poblaciones, por otra. Lo cual por cierto resuena al complejo problema de la raza, una de las controversias fundamentales en la historia de la antropología del siglo XX (Jones & Whitmarsh, 2010).

Es bien conocida la refutación del concepto de razas humanas realizado desde la bioantropología. A este respecto cabe considerar el trabajo fundador de Richard Lewontin (1972) sobre la variabilidad del grupo sanguíneo ABO en diferentes poblaciones humanas. Refutar la existencia de razas abrió la posibilidad de contrastar, desde un enfoque metodológico y teórico concreto, la aplicación de este concepto y de otras formas de clasificar genealógicamente a los individuos. Esta original perspectiva se basó en el análisis de un solo fenotipo, con un enfoque estadístico que es superado por el desarrollo de la informática —y la bioinformática, más recientemente—.

Consideramos que dicho aporte científico no ha sido suficiente y por ello cuestionamos nuestra visión de los sistemas clasificatorios, preguntándonos; ¿qué transformaciones se están experimentando hoy en el ámbito del estudio de la variabilidad genética? La respuesta es desalentadora y desafiante a la vez; los avances biotecnológicos, bioinformáticos y de la teoría de genética de poblaciones (i.e. la teoría de coalescencia) no están acompañadas de una reflexión sobre un tema supuestamente superado en la década de 1970 por Lewontin y otros investigadores. Utilizaremos un aspecto de la “Bios” central para ilustrar esta paradoja: los análisis de ancestría *per se*; y la aplicación de los anteriores análisis en otros tres planos: las ciencias forenses, la biomedicina poblacional y la modulación cultural.

Antes de profundizar en los aspectos mencionado, detengámonos un momento en lo que parece ser el concepto central en estas operatorias y controles científicos sobre el “Bios”. Nos referiremos a la idea de la ancestría.

Marcadores de ancestría

En macroevolución, el concepto de ancestría tiene una definición precisa, que refiere a un hipotético ancestro a partir del cual una y usualmente dos- especies aparecieron. Este concepto, si bien presenta límites bien definidos, no hace referencia a un ser vivo concreto, sino a una abstracción de carácter poblacional. La “Eva Negra”, especie ancestral inferida a través del análisis del ADN mitocondrial, no corresponde a una mujer concreta, sino a un hipotético grupo de mujeres en donde se desarrollaron procesos evolutivos dinámicos y complejos que dieron como resultado la aparición de un linaje mitocondrial humano. La “Eva Negra” es una hipótesis, hasta hoy respaldada por la evidencia y por el sistema de teorías vigente.

En microevolución, en cambio, se da una situación inversa a la descrita anteriormente. El concepto de ancestría carece de una definición con límites precisos, pues en definitiva existe un continuo de ancestros; desde nuestros padres, hasta los primeros humanos. En general, el uso de este concepto hace referencia a aquellos ancestros pertenecientes a poblaciones que en el imaginario científico, constituyen grupos humanos diferenciados genealógicamente. Dicha diferenciación genealógica estaría definida por eventos delimitadores, como la ausencia de mestizaje y, por tanto, de migración entre los así llamados “grupos humanos mayores”. Es esa última fórmula la que llama la atención en los términos que aquí proponemos.

El consorcio científico de *23andme* (“23 cromosomas y yo”) que se dedica al análisis Genómico-Poblacional ofrece un reporte cuantitativo de la contribución de tales grupos ancestrales al genoma de cada individuo que contrate dicho servicio. Para ello *23andme* ha definido, a modo de hito histórico, la ausencia de los masivos medios de transporte marítimo, que inician su auge hace más o menos 500 años atrás.

Esta delimitación clasificatoria adiciona un componente polémico; el limitar el número de poblaciones ancestrales a 32 grupos huma-

nos. Hoy en día estas definiciones han sido objeto de intenso debate (Long, Li, & Healy, 2009). La crítica se ha centrado, obviamente, en la relativización de estas delimitaciones. El análisis básico de este panorama, desde la realidad Latinoamericana, es también crítico. Los reportes genómico-poblacionales no permiten, por ejemplo, discriminar entre las diferentes poblaciones (biológicas) “amerindias”. La necesidad comprensible, de un mayor poder discriminador, se ve opacada por las limitaciones técnicas, o tal vez ideológicas.

Lo que está en entredicho no es la capacidad demarcatoria de la genómica poblacional, porque en definitiva es un hecho que la actual teoría y enfoques metodológicos, pueden abarcar cualquier límite genealógico. Lo que se cuestiona son las prioridades científicas, sociales, y políticas, acerca del nivel clasificatorio que, potencialmente, puede activar nuevas condiciones de clasificaciones sociales a partir de la puesta en práctica de procesos forenses, epidemiológicos y de políticas de identidad.

El campo de las ciencias forenses

Las ciencias forenses han desarrollado un conjunto de técnicas y metodología basadas en un enfoque clasificatorio (Ousley, Jantz, & Freid, 2009). Usualmente, un caso forense involucra evidencia (biológica, por ejemplo) y un universo poblacional dentro del cual se encuentra el objetivo (el individuo responsable). Por lo que los investigadores forenses deben clasificar la población humana en dos categorías; aquellos cuyas características no coinciden con la evidencia y aquellos que sí. Como la evidencia entrega información de diferente naturaleza, entonces entran en juego diferentes niveles clasificatorios.

En los distintos niveles clasificatorios las características físicas (rasgos faciales, estatura, contextura) irremediablemente impulsan la comparación de rasgos hacia diferentes tipologías socialmente construidas -en Chile, y por razones históricas, la gente de campo

denomina “Turcos” a un grupo que no corresponde a la población de Turquía-. De esta manera, a través de la integración de diferentes atributos inferidos desde la evidencia, el forense “cierra el círculo”, remitiéndolo a cierta combinación de variables tipológicas (i.e. hombre joven, bajo, contextura media, pelo negro, piel clara, ojos café, mestizo).

En “el círculo” se demarcan las categorías tipológicas de referencia, de manera tal de constituir una ciencia globalizada (Relethford, 2009) lo cual deviene la necesidad de limitar el número de categorías a un conjunto definido por la capacidad metodológica que coincide, más a menos, con las categorías raciales “pre-Lewontin” (Konigsberg, Algee-Hewitt, & Steadman, 2009). A modo de ejemplo cabe citar parte del texto de un informe técnico del FBI sobre el particular (Oien, 2009):

A human hair can be classified into one of three racial groups: Caucasian, Negroid, or Mongoloid ... If a hair or a hair sample cannot be easily associated with a particular racial designation, these hairs may be described as either exhibiting mixed racial characteristics or as not classifiable to one of the three groups.

En un plano diferente al que se ha señalado en la cita, el análisis de la variabilidad genética abre posibilidades hasta ahora insuperables en las ciencias forenses. Si se cuenta con evidencia biológica y un conjunto de sujetos sospechosos, el análisis genético -de microsatélites, generalmente; una de las categorías componentes del genomas básicamente irrefutable respecto a la efectividad que pueda tener detectar el origen de la evidencia bajo un enfoque refutacionista; el análisis genético descarta individuos como culpables, siendo finalmente acusados -bajo un enfoque probabilístico- aquellos que no pueden ser descartados por dicha evidencia.

Distinta es la situación cuando se dispone de evidencia biológica, pero no de un conjunto de sospechosos concretos. En este escenario, lo que se espera de la genética, es la predicción de las

características del individuo responsable, como su ancestría, (entendiendo con ello a un número limitado de poblaciones de la historia humana) tras recurrir a, más o menos, las mismas categorías raciales de antaño.

En el ámbito descrito un nuevo enfoque ha emergido recientemente, con la “genética predictiva” aplicada a las ciencias forenses. En síntesis, esta última herramienta permitiría inferir características físicas del culpable a partir del análisis de un conjunto de genes. Lo cual hoy en día se usa para determinar el color de ojos (Walsh et al., 2011), pero la experiencia indica que pronto podríamos enfrentar la complejidad de inferir más características físicas (Frudakis, 2008; Valenzuela et al., 2010) de “ancestría” (Daniel et al., 2009; Klimentidis & Shriver, 2009) y analizarlas, por ejemplo, a partir de muestras de pelo.

El enfoque Biomédico-poblacional

Con el advenimiento de la genómica se abre, desde hace más o menos una década, la posibilidad de un diseño farmacológico enfocado a la variabilidad genética de la población. Ya se ha reconocido, desde la epidemiología de los tratamientos farmacológicos, la existencia de patrones que indican que los tratamientos no son homogéneamente exitosos entre diferentes grupos humanos (Fujimura, Duster, & Rajagopalan, 2008). Una misma quimioterapia puede resultar relativamente efectiva en población europea pero no, por ejemplo, en población asiática. Así, surge la necesidad de delimitar nuevas categorías taxonómico-poblacionales que permitan dirigir los tratamientos considerando las diferencias biológicas entre los grupos (Gower, Fernández, Beasley, Shriver, & Goran, 2003).

Nuevamente la pregunta es ¿cuáles son dichas unidades?. Al parecer, la instalación de categorías de clasificación de uso global ahorra esfuerzo para responder esta pregunta. La identificación de las unidades poblacionales es transferida al sistema de clasificación global.

Surge así el principal dilema que se presenta también en las ciencias forenses; avanzar hacia una disciplina que reconozca la variabilidad o, para evitar el riesgo de adoptar enfoques racistas, desconocer dicha variabilidad.

Uno de los enfoques más usados actualmente para analizar las diferencias genético-poblacionales en las ciencias biomédicas, es el conocido como *Genome Wide Association Studies* (GWAS; estudios amplios de asociación con el genoma). Este enfoque se basa en identificar las variaciones genéticas asociadas a fenotipos que, en el caso de la biomedicina, corresponden a patologías y a tratamientos, generalmente farmacológicos.

Dos problemas enfrenta el enfoque GWAS; uno de carácter limítrofe (como ocurre en las ciencias forenses) y otro de carácter político. El primero ya lo hemos descrito; si bien es cierto que existen poblaciones biológicas (*demes*, para la genética de poblaciones) la delimitación en un número de grupos obedece, más bien, a criterios prácticos que a una segregación fina de dichos grupos (Fujimura & Rajagopalan, 2011); los nativos americanos, si bien pueden ser considerados como una unidad histórica y reproductiva a cierto nivel, incluyen a muchas otras unidades.

En segundo lugar, el problema de carácter político, dice relación con la diferencia en la capacidad científica que tienen dichos grupos. Usando los mismos criterios clasificatorios que son objeto de crítica, los europeos (categoría que incluye a países de Norte América) y los asiáticos (categoría que excluye a los descendientes) amerindios definen tanto las categorías poblacionales como, también, enfatizan los estudios de GWAS en determinadas poblaciones.

Si bien se debe reconocer el gran avance que dichos estudios han posibilitado, para entender las patologías y sus tratamientos, las categorías subalternas quedan más bien marginadas de este progreso... y de sus beneficios. Y más importante, las conceptualizaciones sobre la salud y la enfermedad se comprimen limitando aún más la insta-

lación de una fármaco genética poblacional que verdaderamente se centre en la diversidad.

Clasificaciones sociales y control biopolítico

Como ya habíamos indicado, por una parte consideramos hasta aquí el problema de la clasificación de poblaciones de la antropología debido a esquemas científicos propios del siglo XIX y XX, lo que en un desarrollo más recientemente permite considerar un enfoque genético de fácil accesibilidad a la información de marcadores genéticos de la humanidad. En esta operatoria hemos reconocido que se perpetua la identificación poblacional, acción retrospectiva que privilegia el marcador-información por sobre el programa genético, véase las nuevas discusiones sobre la epigenética (Atlan, 1999; Pàldi, 2009).

Tal operatoria científica, sería depositaria de un conjunto de categorías basadas en la variabilidad genética, referencia que permiten corroborar grupos poblacionales y perpetuarlos a futuro. Es a partir de estas prácticas tecno-científicas que nos llama la atención la activación de nuevas condiciones de posibilidad para las clasificaciones sociales.

Si consideramos las propuestas de los estudios en Ciencia, Tecnología y Sociedad (CTS) que nos señalan que el límite entre ciencia y sociedad, dado por supuesto por muchos años, es un límite cada vez más poroso y con vínculos en ambas direcciones, lo que se nos plantea es todo lo social que pueda tener la producción científica y todo lo reflexivamente científico que tiene la sociedad.

Complementando la referencia del párrafo anterior, diremos que a la dinámica de las clasificaciones sociales que activan los procesos tecno-científicos, le sigue un conjunto de interrogantes e inquietudes. Si nos basamos en la tradición durkhemiana y maussiana se podemos considerar que la trama de “clasificaciones sociales” son guías para la acción (es decir tienen un efecto normativo) que ante todo se deben a la relaciones sociales entre las personas. De lo cual suben-

tendemos que la cultura es un esquema de clasificación ensayado por los individuos que da significados a los símbolos utilizados. Así cualquier idea, polución, riesgo, suciedad como señala Mery Douglas (1998) tienen su significado en un entramado clasificatorio que le es pertinente y que muestra un dentro y fuera clasificatorio de los grupos sociales que le utilizan.

Las categorías científicas por ello deben mucho a las relaciones sociales de las que son parte, como lo dejan en claro los CTS (Knorr-Cetina, 2005) son su condición de posibilidad. Pero las categorías que surgen del trabajo científico no son cosas, sino posiciones que permiten comprender otras situaciones, por ello el uso que hace un campo científico de los sistemas de clasificación depende de su posición en determinado sistema social.

La posición social de un campo científico implica que se enfatizan algunas partes en desmedro de otras que suelen quedar ocultas. En esta lógica de distinciones lo que se va dibujando es un verdadero lenguaje o gramática de comprensiones mutuas. Un ejemplo que proponen Rabinow y Rose (2006) es el concepto de raza, que habría transitado una biologización extrema en el siglo XIX con sus repercusiones en el siglo XX, hacia una des-biologización de la categoría después de la segunda guerra mundial.

No obstante, como ya señalamos muchos biólogos desarrollan indistintamente formulas científica a través de la identificación de “prevalencias” de específicas enfermedades en diferentes “regiones del mundo”, midiendo la eficacia de diferentes medicinas en poblaciones nacionales. El mismo cálculo opera en ciertas políticas públicas que correlacionan *calidades humanas y capacidades biológicas diferenciales*, despertando controversias dada su aplicación en el campo de la criminología.

Como podemos observar, sobre la base de clasificaciones tecnocientíficas se constituyen un conjunto de campos susceptibles de desarrollar algún tipo de control sobre el “Bios”. Un ejemplo de cómo

estas fórmulas socio-técnicas definen campos de control biopolítico y esquemas clasificatorios lo podemos encontrar en el artículo (Klimentidis & Shriver, 2009) en que se ensaya una estimación de concordancia entre marcadores genéticos y fenotipos faciales y su posterior efecto performador en la autopercepción y la conducta con otras razas percibidas. En definitiva, la diferencia entre observador y marcador genético deriva en ambos casos de tales clasificaciones, una referida a la raza socialmente percibida y otra más actual de escala molecular.

Discordancia y concordancia son la cara de una misma operatoria socio-científica, pero que denota un cambio en los esquemas clasificatorios aceptados y los que vendrán por normarse. Así aunque esta hipótesis se aplica al reconocimiento facial de la propia raza frente a las personas de otra raza, también tiene repercusiones en otros ámbitos, como por ejemplo el campo de la medicina. En este ámbito la raza puede jugar un papel importante en cómo se evalúa el riesgo de la enfermedad, por tanto un registro exacto de marcadores étnicos son importantes para comprender con precisión las diferencias de población con respecto a los fenotipos relacionados con la salud.

Por su parte la referencia a lo social tiene un correlato en la metáfora poblacional y queda de manifiesto en las conclusiones (Klimentidis & Shriver, 2009). Pues aun cuando se plantea la distancia entre raza y etnia lo que se propone es un contexto específico de investigación dado que la autopercepción y la percepción de las otras razas produciría ciertos puentes entre una y otra categoría. Unido a lo que directamente se denomina como “marcadores culturales” que influirían como señales externas del medio como la lengua, formas de vida, apariencia.

Como bien indica la controversia sobre genes y grandes grupos raciales (Jobling, 2014), cuando se efectúan las interpretaciones sobre comportamientos o formulas sociales más complejas, como es el vínculo entre marcadores genéticos, heredabilidad y poblaciones, esas

interpretaciones suelen resultar un tanto absurdas. Por ejemplo puede arraigarse la idea de que la adaptación genética implica comportamientos sociales complejos, grupos poblacionales que dada ciertas condiciones generan adaptabilidad genética al tribalismo y que por ello cualquier vínculo con otras fórmulas sociales de organización no son eficaces en pos de una ayuda social.

Por una parte la explicación de corte claramente racista de que las características de heredabilidad están en los genes, es simplista y poco profunda en términos de variabilidad. Pero por otra parte, el conjunto de tecnologías que afinan este campo de heredabilidad y diferenciación de poblaciones están teniendo su efecto sobre nuevas categorizaciones identitarias y sociales.

No se trata tanto de características biológicas que diferencian “*per se*” a grupos poblacionales con la consiguiente posibilidad de valorar a unos por sobre otros. Se trata también de la aplicación pretendidamente aséptica y neutral de técnicas genéticas que bajo la noción de marcador generan, por un lado, explicaciones simples a procesos sociales complejos y por otro activan nuevas poblaciones que van demarcando su “ancestría” e identidad, como lo indica Jobling (2014, p. 2): “Los psicólogos sociales han observado un aumento significativo en la creencia en las diferencias esenciales entre los blancos y los negros, como resultado de la ascendencia genética de pruebas”.

En el último tiempo la genetización del “Bios” ha ido desplazándose a características medioambientales o de estilos de vida definiendo grupos poblacionales derivados de afectaciones colectivas en una clara dirección a un enfoque epigenético. No obstante, la operatoria tecno-científica de una genética simplista basada en la “ancestría” sumado a la noción de marcadores culturales puede generar biocuidados centrados en su genética.

Las nuevas propuestas, antes señaladas, implican un problemático vínculo entre procesos de control y normativización de identidades, esto es nuevas condicionantes biopolíticas basadas en la modificación e instauración de los límites del “Bios”.

Conclusiones

El recorrido trazado en este texto pretende, a través de tres espacios de controversias en la Antropología, realizar un análisis crítico de las nuevas formas de clasificación social derivadas de las prácticas socio-técnicas. El concepto de “ancestría” y su práctica tecno-científica a través de los marcadores: genético, poblacional y cultural; nos han llevado a nuevas fórmulas y dispositivos de la genética poblacional, biomédica, forense y su repercusión social en términos de biopolítica y control.

Si bien el nuevo escenario científico se caracteriza por evidentes avances tecnológicos y teóricos, basados en la genética y en la accesibilidad a esta información, se detectan debido a las mismas cualidades, espacios emergentes de sujeción y control biopolítico. Se reabren de esta forma viejas preguntas en relación al concepto de raza y nuevas preguntas relativas al impulso clasificatorio, basado en evidencia genealógica y los límites del “Bios”.

La indicación de una biopolítica en el espacio antropológico contemporáneo implica el vínculo entre lo biológico lo demográfico y lo cultural, sobre la base de los avances genéticos. A este respecto consideramos que la atención debe estar puesta en los riesgos genéticos y lo susceptible de algunas poblaciones, así como también en las categorías poblacionales emergentes, es decir colectivos organizados sobre la base de esquemas genéticos.

En ningún caso ponemos en entredicho la capacidad demarcatoria de la genómica poblacional, pero si creemos necesario realizar comprensiones cautelosas sobre la activación de nuevas condiciones de clasificaciones sociales a partir de la puesta en escena social de procesos forenses, epidemiológicos y de políticas de identidad.

Referencias

Atlan, H. (1999). *La fin du tout gènétique*. Paris: INRA Editions.

Caspari, R. (2009). 1918: Three perspectives on race and human variation. *American Journal of Physical Anthropology*, 139(1), 5–15. doi:10.1002/ajpa.20975

Daniel, R., Sanchez, J. J., Nassif, N. T., Hernandez, A., & Walsh, S. J. (2009). Partial forensic validation of a 16plex SNP assay for the inference of biogeographical ancestry. *Forensic Science International: Genetics Supplement Series*, 2(1), 477–478. doi:10.1016/j.fsigs.2009.08.054

Douglas, M. (1998). *Estilos de pensar. Ensayos criticos sobre el buen gusto*. Barcelona: Editorial Gedisa.

Edgar, H. J. H, & Hunley, K. L. (2009). Race reconciled?: How biological anthropologists view human variation. *American Journal of Physical Anthropology*, 139(1), 1–4. doi:10.1002/ajpa.20995

Frudakis, T. (2008). *Molecular Photofitting: Predicting Ancestry and Phenotype Using DNA* (Google eBook). Acceso en <http://books.google.com/books?id=9vXeydpj7Vkc&pgis=1>

Fujimura, J. H., Duster, T., & Rajagopalan, R. (2008). Race, genetics, and disease: Questions of evidence, matters of consequence. *Social Studies of Science*, 38(5), 643–656. doi:10.1177/0306312708091926

Fujimura, J. H. & Rajagopalan, R. (2011). Different differences: The use of “genetic ancestry” versus race in biomedical human genetic research. *Social Studies of Science*, 41, 5–30. doi:10.1177/0306312710379170

Gannett, L. (2001). Racism and human genome diversity research: The ethical limits of “population thinking”. *Philosophy of Science*, 63(3), S479–S492. doi:10.1086/392930

Gower, B. A., Fernández, J. R., Beasley, T. M., Shriver, M. D., & Goran, M. I. (2003). Using genetic admixture to explain racial differences in insulin-related phenotypes. *Diabetes*, 52, 1047–1051. doi:10.2337/diabetes.52.4.1047

Gravlee, C. C. (2009). How race becomes biology: Embodiment of social inequality. *American Journal of Physical Anthropology*, 139(1), 47–57. doi:10.1002/ajpa.20983

Hunt, L. M. & Megyesi, M. S. (2008). The ambiguous meanings of the racial/ethnic categories routinely used in human genetics research. *Social Science and Medicine*, 66, 349–361. doi:10.1016/j.socscimed.2007.08.034

Jobling, M. A. (2014). Trouble at the races. *Investigative Genetics*, 5(14), 1-2.

Jones, D. S. & Whitmarsh, I. (2010). *What's the use of race? Modern governance and the biology of difference*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology.

Klimentidis, Y. C. & Shriver, M. D. (2009). Estimating Genetic Ancestry Proportions from Faces. *PLoS ONE*, 4(2), e4460. doi:10.1371/journal.pone.0004460.

Knorr-Cetina, K. (2005). *La fabricación del conocimiento: Un ensayo sobre el carácter constructivista y contextual de la ciencia*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes.

Konigsberg, L. W., Algee-Hewitt, B. F. B., & Steadman, D. W. (2009). Estimation and evidence in forensic anthropology: Sex and race. *American Journal of Physical Anthropology*, 139(1), 77–90. doi:10.1002/ajpa.20934

Latour, B. (2001). *La esperanza de Pandora. Ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia*. Barcelona: Gedisa.

Lewontin, R. C. (1972). The Apportionment of Human Diversity. *Evolutionary Biology*, 6, 391-398

Long, J. C., Li, J., & Healy, M. E. (2009). Human DNA sequences: More variation and less race. *American Journal of Physical Anthropology*, 139(1), 23–34.

Oien, C. T. (2009). Forensic comparison: Background information for interpretation. *Forensic Science Communications*, 9(2). Acceso en http://www.fbi.gov/about-us/lab/forensic-science-communications/fsc/april2009/review/2009_04_review02.htm/#transfer

Ousley, S., Jantz, R., & Freid, D. (2009). Understanding race and human variation: Why forensic anthropologists are good at identifying race. *American Journal of Physical Anthropology*, 139(1), 68–76.

Páldi, A. (2009). *L'hérédité sans gènes*. Paris: Éditions Le Pommier.

Rabinow, P. & Rose, N. (2006). Biopower Today. *BioSocieties*, 1(2), 195–217. doi:10.1017/S1745855206040014, 1, 195–217

Relethford, J. H. (2009). Race and global patterns of phenotypic variation. *American Journal of Physical Anthropology*, 139(1), 16–22. doi:10.1002/ajpa.20900

Shiao, J. L., Bode, T., Beyer, A., & Selvig, D. (2012). The Genomic Challenge to the Social Construction of Race. *Sociological Theory*, 30, 67–88. doi:10.1177/0735275112448053

Shim, J. K., Ackerman, S. L., Darling, K. W., Hiatt, R. A., & Lee, S. S.-J. (2014). Race and Ancestry in the Age of Inclusion: Technique and Meaning in Post-Genomic Science. *Journal of Health and Social Behavior*, 55, 504–518. doi:10.1177/0022146514555224

Valenzuela, R. K., Henderson, M. S., Walsh, M. H., Garrison, N. A., Kelch, J. T., Cohen-Barak, O., ... Brilliant, M. H. (2010). Predicting phenotype from genotype: Normal pigmentation. *Journal of Forensic Sciences*, 55(2), 315–322. doi:10.1111/j.1556-4029.2009.01317.x

Walsh, S., Lindenbergh, A., Zuniga, S. B., Sijen, T., De Knijff, P., Kayser, M., & Ballantyne, K. N. (2011). Developmental validation of the IrisPlex system: Determination of blue and brown iris colour for forensic intelligence. *Forensic Science International: Genetics*, 5(5), 464–471.

Williams, J. E. (2011). They Say It's in the Genes: Decoding Racial Ideology in Genomics. *Journal of Contemporary Ethnography*, 40(5), 550–581. doi:10.1177/0891241611412779

Zhang, J., Chiodini, R., Badr, A., & Zhang, G. (2011). The impact of next-generation sequencing on genomics. *Journal of Genetics and Genomics*, 38(3), 95–109.

Capítulo 9

El papel de la Unión Europea en las grandes crisis CBRNE

Iñigo de Miguel Beriain y Ekain Payán Ellacuria

Introducción

A lo largo de la mayor parte de su historia, la Unión Europea (en adelante, UE) no jugó un papel relevante en materia de coordinación de la respuesta a las crisis y emergencias químicas, biológicas, radiológicas, nucleares o de explosivos (sigla en inglés CBRNE, que iremos utilizar en adelante). Sirva como ejemplo el Tratado Fundacional de la UE, es decir, el Tratado de Roma, en el que figuraba referencia alguna a una política de seguridad común o a cooperación institucional en tiempo de crisis, ni mucho menos a fórmulas de apoyo material en lo que respecta a la protección civil.

Hubo que esperar a la década de los setenta del siglo pasado para encontrar los primeros avances en esta línea, un cambio íntimamente relacionado con el acaecimiento de sendos desastres en el territorio de la entonces Comunidad Europea. El primero de ellos fue el accidente ocurrido en la planta química de Givaudan, en el municipio de Seveso, 25 km al norte de Milán, en la región

de Lombardía, Italia¹, a causa del que se aprobaron, directamente, las Directivas Seveso I y II, así como posteriormente la Directiva Seveso III, que modificó después las dos precedentes². El segundo, fue el vertido de cerca de cuatro mil toneladas de crudo en la Bretaña francesa, a resultas del hundimiento del petrolero Amoco Cádiz³, lo que trajo aparejado la Resolución del Consejo, de 26 de junio de 1978, por la que se adopta un Programa de acción de las Comunidades Europeas en materia de control y reducción de la contaminación causada por el vertido de hidrocarburos en el mar (1978)⁴.

No obstante lo anterior, fue una reunión de ministros, celebrada en Roma, en 1985, la que hizo cambiar la situación de manera realmente efectiva, ya que fue en ella donde los gobiernos de la UE decidieron coordinar sus estrategias individuales de protección civil. A estas primeras medidas les siguió la aprobación de otras iniciativas legislativas que trazaron los inicios del Mecanismo de Protección Civil de la Unión Europea que más adelante exploraremos en detalle⁵.

1 El desastre de Seveso fue un accidente industrial que ocurrió alrededor de las 12:37, el 9 de julio de 1976, en una pequeña planta química en el municipio. El accidente produjo la liberación al medio ambiente de cantidades de cantidades de la dioxina TCDD que afectó a zonas pobladas, causando diversos efectos. Véase: <http://ec.europa.eu/environment/seveso/>

2 Directiva 2012/18/UE del Parlamento Europeo y del Consejo, de 04/07/2012 relativa al control de los riesgos inherentes a los accidentes graves en los que intervengan sustancias peligrosas y por la que se modifica y ulteriormente deroga la Directiva 96/82/CE.

3 Véase: http://en.wikipedia.org/wiki/Amoco_Cadiz_oil_spill

4 Véase: [http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:31978Y0708\(01\):ES:HTML](http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:31978Y0708(01):ES:HTML)

5 Resolución del Consejo y de los representantes de los gobiernos de los Estados miembros, 25/6/1987, relativa al establecimiento de una cooperación comunitaria en materia de protección civil; Resolución del Consejo y de los representantes de los gobiernos de los Estados miembros, 13/02/1989, relativa a los nuevos progresos de la cooperación comunitaria en materia de protección civil; Resolución del Consejo y de los representantes de los gobiernos de los Estados Miembros, 23/11/1990, relativa a la cooperación comunitaria en materia de protección civil; Resolución del Consejo y de los representantes de los gobiernos de los Estados miembros, 08/7/1991, sobre la mejora de la asistencia recíproca entre Estados miembros en caso de catástrofes naturales o tecnológicas; Decisión del Consejo de 19 de diciembre de 1997 para la creación de un programa de acción comunitaria en favor de la protección civil.

Sin embargo, lo que situó a la UE como un agente político activo ante amenazas y ataques CBRNE, fueron los escalofriantes ataques terroristas que pusieron en jaque a la ciudad de Nueva York, el 11 de Septiembre de 2001⁶.

La escenificación de la nueva forma de pensar a la que este dramático acontecimiento condujo tuvo como primer efecto la redacción de un documento imprescindible, una Comunicación al Consejo y al Parlamento Europeo (COM [2001] 707 final: Communication from the Commission to the Council and the European Parliament — Civil protection — State of preventive alert against posible emergencies⁷). Su contenido comprendía un conjunto de medidas en aras a mejorar la capacidad de respuesta de la UE contra emergencias como las analizadas.

Esta primera iniciativa tuvo su inmediato reflejo en un nuevo elemento normativo de gran importancia, a saber, la Decisión 2001/792/CE Euratom del Consejo, de 23 de octubre de 2001, por la que se dotó de un cauce europeo a la cooperación reforzada en las intervenciones de ayuda en el campo de la protección civil, sin perjuicio de la contaminación marina accidental⁸. Esta forma de proce-

6 Como ha escrito Rubio García, “Después del 11-S, la necesidad de contar con un planteamiento europeo en la materia se hace patente. Los EE MM enseguida se dieron cuenta de que la Unión necesitaba una estrategia de intervención en caso de que alguno de ellos sufriera un atentado similar. Se presentaron las medidas para prevenirlos contra lugares vulnerables como fábricas de productos químicos o centrales nucleares, y se apuntaron los medios para coordinar la respuesta de Europa en caso de producirse tales acontecimientos. Por lo demás, se propuso cómo hacer frente a la hipotética amenaza terrorista con armas biológicas, químicas o nucleares.” (Cfr: Rubio García, Dolores, “Las cláusulas de asistencia mutua y solidaridad introducidas por el Tratado de Lisboa: el refuerzo de la seguridad y la defensa en la Unión Europea”, OPEX, Documento de Trabajo 57/2011, Fundación alternativas- Ministerio de Defensa de España, 2011, p. 50, accesible en: <http://ocw.um.es/cc.-juridicas/instituciones-y-derecho-de-la-union-europea/ejercicios-proyectos-y-casos-1/capitulo6/clusul1.pdf>)

7 Véase: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=celex:52001DC0707>

8 Véase: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:32001D0792:EN:NOT>

der daría como fruto añadido la fijación de las claves fundamentales de un Mecanismo de Protección Civil común⁹.

9 En sus Considerandos se podían leer algunas declaraciones particularmente relevantes: (3) Un mecanismo para facilitar una cooperación reforzada en las intervenciones de ayuda en el ámbito de la protección civil podría complementar el actual Programa de acción comunitaria en favor de la protección civil, proporcionando unos recursos que se puedan movilizar en caso de emergencias importantes que pueden requerir una reacción urgente; facilitaría la movilización de los equipos de intervención, expertos y otros recursos, según proceda, a través de una estructura reforzada comunitaria de protección civil consistente en un Centro de Control e Información y de un sistema común de comunicación e información de emergencia; también ofrecería la posibilidad de recoger información validada sobre situaciones de emergencia, difundir dicha información a los Estados miembros y compartir la experiencia adquirida en las intervenciones. (4) Dicho mecanismo tendría debidamente en cuenta la legislación comunitaria en la materia, así como los compromisos internacionales. La presente Decisión, pues, no deberá afectar a los derechos y obligaciones recíprocos de los Estados miembros con arreglo a los tratados bilaterales o multilaterales relacionados con los asuntos que en ella se tratan. (6) En caso de emergencia importante en la Comunidad, o de amenaza inminente de ella, que tuviera o pudiera tener repercusiones transfronterizas, o que pudiera dar lugar a una solicitud de ayuda de uno o varios Estados miembros, es preciso efectuar la oportuna notificación, en su caso a través de un común de comunicación e información de emergencia reconocido y fiable. (8) De conformidad con el principio de subsidiariedad, el mecanismo comunitario ofrecería una aportación específica en la tarea de sostener y complementar las políticas nacionales de asistencia recíproca en materia de protección civil. En caso de que la preparación del Estado miembro solicitante no bastase para responder adecuadamente a una situación de emergencia importante en lo que respecta a recursos disponibles, ese Estado podría complementar su preparación recurriendo a dicho mecanismo comunitario. (9) Un mecanismo debería permitir movilizar y facilitar la coordinación de las intervenciones de ayuda con el fin de contribuir a garantizar una mejor protección, sobre todo de la población, pero también del medio ambiente y de los bienes, incluido el patrimonio cultural, y con ello reducir las pérdidas de vidas humanas, las lesiones físicas, las pérdidas materiales y los perjuicios económicos y medioambientales y hacer más palpables los objetivos de cohesión social y de solidaridad (10) Las regiones aisladas y ultraperiféricas, así como algunas otras regiones de la Comunidad, a menudo tienen unas características y necesidades específicas por los condicionantes geográficos, orográficos, sociales y económicos, que tienen una influencia adversa y dificultan el despliegue de los medios de intervención y ayuda y hacen difícil la prestación de ayuda en situaciones de grave peligro de emergencia importante. Ese mecanismo comunitario permitiría también dar una mejor respuesta a estas situaciones y circunstancias. (11) Por lo que respecta a las intervenciones de ayuda en el ámbito de la protección civil fuera de la Comunidad, podría recurrirse a un mecanismo a modo de instrumento para facilitar y apoyar las acciones emprendidas por la Comunidad y los Estados miembros dentro de sus respectivas competencias. (12) Ese mecanismo comunitario, en ciertas condiciones aún por determinar,

La construcción normativa de la UE para afrontar los devastadores efectos de las crisis CBRNE tuvo una continuidad reveladora con la publicación del Informe Barnier, en 2006, que recibió este nombre por ser, precisamente, Michael Barnier, ex- ministro de asuntos exteriores de Francia y ex- miembro de la Comisión Europea, quien dirigió con éxito el grupo de trabajo que posibilitó dicho documento. En el mismo, se incluía un listado compuesto por doce (12) medidas básicas tendentes a mejorar el estado de la UE¹⁰, que se enumeran a continuación:

- Creación de una fuerza de protección civil de circunscripción europea (EuropeAid).
- Asistencia a siete (7) regiones ultra periféricas de la UE.
- Formación de un Consejo de Seguridad Civil y refuerzo del Consejo de Asuntos Generales y Relaciones Exteriores.
- Establecimiento de una ventanilla única que responda a cuestiones humanitarias.
- Perspectiva comunitaria unificada capaz prever las crisis.
- Constitución de seis delegaciones regionales de la UE especializadas en la gestión de crisis.
- Mecanismo de información sencilla para los ciudadanos europeos.
- Intercambio y asunción de los recursos consulares.
- Instauración de equipos consulares móviles.
- Nacimiento de consulados europeos en cuatro (4) zonas piloto.

podría constituir un instrumento para facilitar y apoyar la gestión de crisis a que se refiere el Título V del Tratado de la Unión Europea. (13) Las intervenciones de ayuda se realizarán bien de manera autónoma, bien como contribución a una operación llevada a cabo por una organización internacional, en cuyo caso la Comunidad debería ampliar sus relaciones con las pertinentes organizaciones internacionales de carácter mundial o regional.”

10 Véase: Ahman & Claess (2008, pp 83-108).

- Redacción de un código consular europeo.
- Creación de laboratorios con especialidad en materia de lucha contra el bioterrorismo e identificación de las víctimas (Barnier, 2006, p. 11).

La suma de todas ellas conforma, *grosso modo*, el esqueleto conceptual sobre el que ha versado, con carácter posterior, la totalidad del desarrollo normativo en la UE en cuanto a la prevención y respuesta a ataques y accidentes CBRNE. Actualmente, estos principios se han incluido efectivamente en los tres instrumentos fundamentales que la Unión Europea ha desarrollado de cara a coordinar efectivamente las crisis CBRNE: la cláusula de solidaridad, incluida en el Tratado de Lisboa; el Dispositivo de respuesta política integrada de la UE a las crisis; y la Decisión n. 1313/2013/UE del Parlamento Europeo y del Consejo, de 17 de diciembre de 2013, relativa a un Mecanismo de Protección Civil de la Unión. Pasaremos, acto seguido, a descomponer detalladamente el contenido de estos tres textos.

La Cláusula de Solidaridad

El Tratado de Lisboa, por el que se modifican el Tratado de la Unión Europea y el Tratado constitutivo de la Comunidad Europea, firmado en la capital portuguesa el 13 de diciembre de 2007 (Unión Europea, 2007) originó cambios de gran enjundia en la estructura de la UE. Algunas de estas modificaciones resultan particularmente interesantes, en cuanto que estaban destinadas directamente a materias relacionadas con las crisis CBRNE. A mayor abundamiento, el Tratado de Lisboa incluyó en su artículo 6 el siguiente texto: “La Unión dispondrá de competencia para llevar a cabo acciones con el fin de apoyar, coordinar o complementar la acción de los Estados miembros” (Unión Europea, 2007, p. 48). “Los ámbitos de estas acciones serán, en su finalidad europea (f) protección civil” (p. 50). Con antelación, el artículo 4.2 establece (p. 49):

Las competencias compartidas entre la Unión y los Estados miembros se aplicarán a los siguientes ámbitos principales: (j) el espacio de libertad, seguridad y justicia (k) los asuntos comunes de seguridad en materia de salud pública, en los aspectos definidos en el presente Tratado.

Al mismo tiempo, el Tratado se encargó de promover la creación de dos nuevos entes: por un lado, el Alto Representante de la UE (*High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy*); y por otro lado el Servicio Europeo de Acción Exterior (en lo sucesivo, SEAE). Sobre el primero hay que destacar sus competencias, pues son notablemente superiores a las de su más cercano predecesor, el *Hight Representative for Common Foreign and Security Policiy* o Alto Representante para la Política Exterior y de Seguridad Común, cargo ocupado por D. Javier Solana durante más de diez años, toda vez que esta figura asumió también las competencias del Comisario para Asuntos Exteriores de la UE. Consecuentemente, el Alto Representante se ocupa no sólo de representar a la UE en el extranjero, sino de presidir el Consejo de Asuntos Exteriores. Es ahí donde entra el SEAE. Este organismo, compuesto por personal originario de la Comisión Europea, de la Secretaría General del Consejo y de los servicios diplomáticos de los países de la UE, trabaja con una única meta: asistir idóneamente al Alto Representante para que este cumpla con su cometido.

En cualquier caso, la innovación más importante que trajo consigo el Tratado de Lisboa fue la generalmente conocida “Cláusula de Solidaridad”, complemento efectivo de la “Cláusula de Mutua Defensa”¹¹,

11 La cláusula de defensa mutua figura en el art. 42.7 del Tratado de la Unión Europea de 7 de febrero de 1992 firmado en Maastricht (Publicado en DOUEC núm. 340 de 10 de Noviembre de 1997 y BOE de 13 de Enero de 1994), que señala lo siguiente: “7. Si un Estado miembro es objeto de una agresión armada en su territorio, los demás Estados miembros le deberán ayuda y asistencia con todos los medios a su alcance, de conformidad con el artículo 51 de la Carta de las Naciones Unidas. Ello se entiende sin perjuicio del carácter específico de la política de seguridad y defensa de determinados Estados miembros.” Véase: Tiilikainen, T. (2010). *The Mutual Assistance Obligation in the European Union’s Treaty of Lisbon*. Publications of the Ministry for Foreign Affairs of Finland, 4.

con el fin de dar lugar a un sistema capaz de no amilanarse ante ataques como los que acontecieron en Nueva York o Madrid¹². Dicha cláusula se puede encontrar en el actual artículo 222 de la Versión Consolidada del Tratado de Funcionamiento de la UE, con entrada en vigor el 1 de diciembre de 2009, y que dice literalmente lo que seguidamente se dicta (Unión Europea, 2012, p. 102):

TITULO VII

CLÁUSULA DE SOLIDARIDAD

Artículo 222

1. “La Unión y sus Estados miembros actuarán conjuntamente con espíritu de solidaridad si un Estado miembro es objeto de un ataque terrorista o víctima de una catástrofe natural o de origen humano. La Unión movilizará todos los instrumentos de que disponga, incluidos los medios militares puestos a su disposición por los Estados miembros, para:

- a. prevenir la amenaza terrorista en el territorio de los Estados miembros;
- b. proteger a las instituciones democráticas y a la población civil de posibles ataques terroristas;
- c. prestar asistencia a un Estado miembro en el territorio de éste, a petición de sus autoridades políticas, en caso de ataque terrorista;

12 Como Myrdal y Rhinard escribieron, “Para algunos miembros de la convención, la amenaza de la “agresión armada”, aunque políticamente relevante, estaba desfasada. Con el 11 de septiembre 2001 fresco en sus mentes, y con los debates en curso sobre un proyecto de Estrategia de Seguridad Europea, el espectro de la amenaza debía ampliar. Por otra parte, algunos miembros consideraron que una cláusula de defensa mutua no podría, y no aprovecharía, toda la gama de capacidad de respuesta a las crisis y los desastres que se hallaba a disposición de la UE. Se necesitaba un nuevo tipo de cláusula para complementar (o incluso para contrarrestar) la cláusula de defensa mutua. Un enfoque amplio de la solidaridad, se creía, distinguiría a la UE de una alianza militar”. (Véase: Myrdal, S. Rhinard, M. (2010, 7 June). The European Union’s Solidarity Clause: Empty Letter or Effective Tool?. UI Occasional Paper, Swedish Institute of International Affairs. Acceso en http://www.sipri.org/research/security/old-pages/euroatlantic/eu-seminar/documentation/2010_Myrdal%20Rhinard_EU%20Solidarity%20Clause_UIOP.pdf.

d. prestar asistencia a un Estado miembro en el territorio de éste, a petición de sus autoridades políticas, en caso de catástrofe natural o de origen humano.

2. Si un Estado miembro es objeto de un ataque terrorista o víctima de una catástrofe natural o de origen humano, a petición de sus autoridades políticas los demás Estados miembros le prestarán asistencia. Con este fin, los Estados miembros se coordinarán en el seno del Consejo.

3. Las modalidades de aplicación por la Unión de la presente cláusula de solidaridad serán definidas mediante decisión adoptada por el Consejo, a propuesta conjunta de la Comisión y del Alto Representante de la Unión para Asuntos Exteriores y Política de Seguridad. Cuando dicha decisión tenga repercusiones en el ámbito de la defensa, el Consejo se pronunciará de conformidad con el apartado 1 del artículo 31 del Tratado de la Unión Europea. Se informará al Parlamento Europeo.

A efectos del presente apartado, y sin perjuicio del artículo 240, el Consejo estará asistido por el Comité Político y de Seguridad, con el apoyo de las estructuras creadas en el marco de la política común de seguridad y defensa, y por el comité contemplado en el artículo 71, que le presentarán, en su caso, dictámenes conjuntos.

4. Para asegurar la eficacia de la actuación de la Unión y de sus Estados miembros, el Consejo Europeo evaluará de forma periódica las amenazas a que se enfrenta la Unión.”.

La especialidad de esta cláusula radica en la creación de un nuevo contexto, que prevalece sobre el Derecho de los Estados, fundado en el principio de solidaridad. Esta idea comprende, a su vez, una asistencia mutua, aspecto capital en la nueva forma de entender la UE que viene en camino. En este sentido, el Parlamento Europeo declaró:

La cláusula de solidaridad puede proporcionar el impulso a la influencia de la UE entre los ciudadanos europeos, ofreciendo evidencia tangible de los beneficios de una mayor cooperación de la UE en materia de gestión de crisis y de capacidad de respuesta a desastres. (Parlamento Europeo, 2012, p. 7)

De esta manera, de entre las obligaciones que devienen de los artículos de la cláusula, destacan estas tres:

1. La obligación a los Estados miembros a “actuar conjuntamente con espíritu solidario”, lo que lleva necesariamente a promocionar la cooperación entre los mismos y las instituciones europeas (Fuchs-Drapier, 2011, p. 184);

2. La obligación de la UE de distribuir todos los medios de los que disponga, sin exclusión de aquellos medios militares que hayan aportado los Estados. Dicho de otro modo, la UE deberá poner a disposición en la lucha por erradicar toda crisis (Fuchs-Drapier, 2011, p. 184) sus instalaciones, infraestructuras y cualesquier medio ofrecido por terceros Estados miembros;

3. La obligación a los Estados miembros a proporcionarse ayuda mutuamente de forma proactiva cuando hayan padecido una grave incidencia natural o esta hubiera sido originada, voluntaria o involuntariamente, por la mera actividad humana.

Habida cuenta de todo lo anterior, la cláusula supuso, *ab initio*, una herramienta indispensable de cara alcanzar un funcionamiento coordinado de las instituciones de la UE y sus Estados miembros en caso de que acaezcan crisis CBRNE. A partir de su aprobación es suficiente con que un Estado afectado por uno de estos eventos traiga a colación la cláusula para que la UE y los demás Estados tengan la obligación jurídica de intervenir¹³. Esto no quiere decir, empero, que no haya habido controversias significativas sobre su definición real. Ya desde el primer momento de su entrada en vigor, múltiples autores formularon sus dudas sobre cuestiones tan variadas como el

13 Véase a este respecto la Declaration de James Brokenshire en la Cámara de los Lordes británica (Cfr: House Of Lords European Union Committee, Civil Protection and Crisis Management in the European Union, 6th Report of Session 2008–09, Ordered to be printed 3 March 2009 and published 11 March 2009, at: <http://www.publications.parliament.uk/pa/ld200809/ldselect/lducom/43/43.pdf>, point 7, p. 230).

verdadero sentido del concepto “solidaridad”¹⁴, el marco geográfico (internacional o no) aplicable a la cláusula (Fuchs-Drapier, 2011, p. 187), la pertinencia de imponer sanciones sobre aquellos Estados que hicieran caso omiso a sus compromisos adquiridos (Fuchs-Drapier, 2011, p. 186), el dudoso nexo existente entre la Cláusula de Solidaridad y la de Defensa Mutua¹⁵ Todas estas dudas ponían en entredicho que fuera suficiente, por sí sola, para solucionar definitivamente las discrepancias internas entre los agentes de la UE y para evitar las reticencias de los Estados en el momento de hacerse cargo de responsabilidades plenas sobre solidaridad¹⁶.

14 Como han señalado Myrdal y Rhinard, “para algunos, la solidaridad se mide por la cantidad de apoyo que fluye a un país necesitado. Para otros, la solidaridad significa que cada uno haga sus propios “deberes” para evitar la necesidad de asistencia en primer lugar. Más aun, hay quienes creen que la solidaridad frente a los riesgos y amenazas de hoy en día se persigue mejor fuera del marco de la UE.” (Véase: Myrdal, Sara and Mark Rhinard, “The European Union’s Solidarity Clause: Empty Letter or Effective Tool?”, p. 1). De hecho, la Resolución del Parlamento Europeo de 22 de Noviembre de 2012 titulada «La defensa mutua y la solidaridad de la UE: dimensiones política y operativa» (2012/2223(INI), Consideración 21) destaca la necesidad de que los Estados Miembros de invertir en sus propias capacidades de seguridad y respuesta a los desastres y no confiar excesivamente en la solidaridad de los demás; hace hincapié en la responsabilidad primordial de los Estados miembros para la protección civil y la seguridad en su territorio.

15 Como declaró el Dr. Strickland, “Aunque la Cláusula de Solidaridad incluye una referencia a los recursos militares, la medida en que la aplicación de esa Cláusula podría integrar instrumentos civiles y militares sigue siendo muy incierta.” (Véase: House Of Lords European Union Committee, Civil Protection and Crisis Management in the European Union, 6th Report of Session 2008–09, Ordered to be printed 3 March 2009 and published 11 March 2009, at: <http://www.publications.parliament.uk/pa/ld200809/ldselect/lddeucom/43/43.pdf>, p. 136). En el mismo documento se recogen las palabras de James Brokenshire a este respecto, quien declaró: “Creo que tiene razón, y, obviamente, soy consciente de la Cláusula de Solidaridad del Tratado de Lisboa, que incluye una referencia a los recursos militares, y de que en buena medida no está claro que su ejecución pudiera integrar instrumentos civiles y militares” (p. 224).

16 Como señalaron Nicolai Von Ondarza y Roderick Parkes, “El Artículo 222 no ofrece una solución a este dilema, sino que más bien deja las preguntas más difíciles a las decisiones adoptadas en la fase de ejecución: ¿Cómo se debe activar el mecanismo de manera que sea posible preservar la soberanía y, al tiempo, su fiabilidad? ¿Cómo se implementarán los medios necesarios de manera que se respete la soberanía, a la par que se consigue aumentar la velocidad y la eficacia?”. Como ha subrayado Fuchs Draper, en estas circunstancias,

Los entes europeos no han sido ajenos a esta coyuntura, lo que ha motivado, en estos últimos años, el desarrollo de una gran labor enfocada a disipar los apartados más controvertidos de la cláusula. Esta iniciativa tuvo su máximo exponente en dos momentos. Su primera escenificación fue la *Joint Proposal from the Commission and the High Representative of the Union Foreign Affairs and Security Policy to the Council of the European Union (Joint Proposal for a Council Decision non the arrangements for the implementation by the Union of the Solidarity Clause)*¹⁷, al amparo de la orden reproducida en el párrafo tercero del artículo 222, en base a la que se insta tanto a la Comisión como al Alto Representante a presentar ante el Consejo una proposición de acuerdos destinados a instaurar la cláusula en el territorio de la UE. La segunda fue la Decisión del Consejo de 24 de junio de 2014, relativa a las modalidades de aplicación por la Unión de la Cláusula de Solidaridad (2014/415/UE)¹⁸, producción normativa encargada de aunar gran parte de las sugerencias formuladas a este respecto.

Ciertamente este último texto es más relevante, en tanto en cuanto se centra en subsanar las particularidades más discutidas de la cláusula, para lo que se articula una interpretación vinculante. Algunas sus declaraciones a subrayar son las siguientes:

“Hay dos opciones destacables: o bien establecer un marco de coordinación flexible a nivel de Bruselas basado en la alerta y el intercambio de información, que ofrezca la posibilidad de que los Estados miembros aporten recursos militares disponibles; o un marco amplio y general, que incluiría no sólo las capitales de los Estados Miembros y las instituciones de la UE, sino que también permitiera el acceso a los agentes nacionales y locales de la UE pertinentes, como las agencias de la UE, con el fin de garantizar una acción conjunta fundamentada en un espíritu de solidaridad. Es bastante difícil de adivinar cuál de estas dos opciones será finalmente adoptada, incluso si el Parlamento parece tener ya algo en mente en este sentido.” (Véase: Von Ondarza, Nicolai and Roderick Parkes, “The EU in the face of disaster”, SWP Comments 9, April 2010, at: <http://www.isn.ethz.ch/Digital-Library/Publications/Detail/?ots591=0c54e3b3-1e9c-be1e-2c24-a6a8c7060233&lng=en&cid=117492>).

17 Véase: Interinstitutional File: 2012/0370 (NLE) accessible en: <http://www.statelibrary.org/news/2013/jan/eu-com-solidarity-clause-art-222-18124-12.pdf>.

18 Véase: <http://www.boe.es/doue/2014/192/L00053-00058.pdf>.

- La Cláusula de Solidaridad sólo podrá ser ejecutada por el Estado en cuestión con carácter extraordinario, o lo que es lo mismo, cuando tras haber hecho uso de la gama de medios e instrumentos disponibles a nivel interno y externo, estima que la crisis supera, a todas luces, las posibilidades que tiene a su alcance para solventarla.
- Será el Consejo quien adoptará la dirección política y estratégica de respuesta de la UE tan pronto como se invoque la Cláusula de Solidaridad, sin que todo ello obste a las competencias de la Comisión y del Alto Representante. Junto con lo anterior, la Presidencia del Consejo deberá poner en conocimiento del Presidente del Consejo Europeo y del Presidente del Parlamento Europeo la puesta en marcha de la Cláusula de Solidaridad y, por extensión, de todo hecho reseñable.
- La decisión tasada que se pondrá en funcionamiento “en caso de ataque terrorista o de catástrofe natural o de origen humano, independientemente de que se origine dentro o fuera del territorio de los Estados miembros” (Decisión n. 415, 2014, p. 3), ya sea dentro de las fronteras de los Estados de la UE (entendiendo por tales su espacio aéreo y aguas territoriales, entre otras), sea en plataformas que formen parte de su área de delimitación económica.
- Por cuanto antecede, la Cláusula de Solidaridad supone la última ratio, por lo que no releva a otras vías, siguiendo los dictados de la Joint Proposal. Esta aconsejaba una práctica en la que debía ocurrir lo que ya se ha adelantado: “La implementación de los acuerdos relacionados con la Cláusula de Solidaridad no sustituyen a los instrumentos o políticas existentes y los procedimientos específicos para su activación. Proporcionan un marco general para las situaciones de amenazas extraordinarias o daños que superen la capacidad de respuesta del Estado miembro afectado(s).”

- Con idéntica motivación restrictiva, la actuación se dejará al albur de las estructuras contemporáneas o de aquellas que pueden generarse próximamente para otros fines, desechando así dar lugar a nuevos entramados para la aplicación de la cláusula.

Como conclusión, es evidente que la Cláusula de Solidaridad tendrá, como se preveía, preponderancia cuando se esté en presencia de las situaciones de crisis que requieran su aplicación. Sin embargo, este instrumento jurídico no se superpondrá, en ningún caso, a la actuación de los Estados miembros, primeros garantes en la detención de las crisis que puedan suscitarse. Cabe decir que ninguno de ellos podrá hacer dejación de sus mecanismos de control ante las crisis, esperando que sea la UE la que medie facilitando los recursos precisos para enfrentarse a un percance CBRNE. Y es que la existencia de la cláusula no supone –de hecho es un efecto que se intenta evitar a cualquier precio– que los Estados puedan hacer dejación de sus responsabilidades en lo que atañe a la prevención y respuesta frente a esta clase de crisis. La idea de solidaridad radica en la creencia en un deber de ayudar cuando todo lo que estaba previsto resulta insuficiente ante la magnitud de una catástrofe, no en liberar al Estado afectado de sus responsabilidades en cuanto que garante de la vida o la salud de sus ciudadanos y el cuidado de su propio territorio. Dicho esto, conviene reiterar que, en todo caso, cada día se extiende con más fuerza el convencimiento de que la esfera jurídica e institucional de la Cláusula de Solidaridad resulta de la máxima relevancia, por lo que no cabe sino esperar que, al final, se convierta en el remedio jurídico de contrastada utilidad que el legislador europeo tenía en mente cuando le dio cabida en el ordenamiento jurídico de la Unión.

Precisado lo anterior, es preceptivo hacer mención al verdadero problema que, bajo nuestro punto de vista, supone el caballo de batalla de la cláusula, que no es otro que la ausencia de verdadera voluntad política que permita aplicarla sin ningún tipo de cortapisa. Como es bien sabido, esa voluntad es capital, ya que sin su concurso

resulta imposible pensar en un constructo legal capaz de articular una respuesta eficiente¹⁹. Y, en este sentido, conviene subrayar que las ideas de solidaridad y soberanía siguen estando en constante pugna, sin que hoy en día las inclinaciones políticas arrojen luz sobre la fórmula adecuada para desbaratar este conflicto. Este hecho, por sí mismo, es capaz de dar al traste con la eficacia de la Cláusula, embarrancada en las constantes disputas entre los Estados miembros y la Comisión en torno a la división de competencias concretas.

Nuestra mayor esperanza para superar este dilema se encuentra, sin duda, en el apoyo unánime de los ciudadanos comunitarios a la acción europea en materia de respuesta a catástrofes, lo que es, cuanto menos, esperanzador. Así lo corroboran las estadísticas, ya que las encuestas practicadas reflejan que la nada desdeñable cifra del 90% de los europeos se muestra partidario de que la UE ostente un mayor papel en este asunto (European Commission, 2009). Por ello puede predecirse que quizá corresponda a las voces públicas la tarea de trabajar en el fortalecimiento de una mayor interconexión europea en el ámbito de la resolución de crisis CBRNE²⁰, máxime cuando no se dejan de suceder nuevas crisis y actitudes poco ejemplares por parte de algunos Estados miembros, como en el caso de España ante el reciente brote de ébola.

19 “Aunque la adopción de acuerdos ambiciosos puede verse sobre todo obstaculizada por aspectos políticos, más que por cuestiones legales, es necesario ir más allá de hipótesis sobre política e identificar opciones concretas para la futura evolución de la cláusula de solidaridad en caso de un ataque terrorista, centrándonos en las oportunidades que crea, sus ventajas y limitaciones, así como en las preguntas que aún permanecen abiertas sobre ella.” (Véase: Fuchs-Drapier, M., “The European Union’s Solidarity Clause in the Event of a Terrorist Attack: Towards Solidarity or Maintaining Sovereignty?”, p. 185).

20 En este sentido, compartimos las palabras de Boin, Ekengren and Rhinard, cuando escriben que: “el contraste entre las declaraciones políticas entusiastas y su aplicación vacilante se ha traducido en capacidades desiguales a nivel de la UE. Sin embargo, al mismo tiempo, y curiosamente, el proceso político de la UE continúa inexorablemente produciendo nuevas actividades de gestión de crisis transfronterizas” (Véase: Boin, Ekengren and Rhinard, *The European Union as Crisis Manager. Patterns and Prospects*, cit., pos. 3000).

El dispositivo de respuesta política integrada de la UE a las crisis

Descripción

El Dispositivo de respuesta política integrada de la UE a las crisis (IPCR, por sus siglas en inglés: Integrated Political Crisis Response arrangements) fue aprobado por el General Affairs Council (GAC) de 25 de Junio de 2013, que actualizaba el Mecanismo de coordinación de emergencias y crisis de la UE (EU Emergency and Crisis Coordination Arrangements, CCA). Según el Consejo, fue diseñado con el fin de “reforzar la capacidad de los estados miembros de la UE para tomar decisiones en el momento oportuno cuando se enfrentan a grandes emergencias que requieren una respuesta a nivel político de la UE.” (Consejo de la Unión Europea, 2013, p. 17)

El IPCR se ha creado con el firme propósito de evitar las deficiencias que habían afectado al CCA, enfatizando el papel que deben desempeñar tanto el Comité de Representantes Permanentes (COREPER), que actúa como representante de los Estados miembros, como el Consejo y sus diferentes organismos y agencias en las principales situaciones de crisis. Este cambio implica un mensaje fundamental, en la medida en que el Consejo se considera, generalmente, una institución mucho más política que la Comisión²¹.

El procedimiento de activación de la IPCR puede comenzar de dos formas diferentes. La primera viene caracterizada porque un

21 Como Boin, Ekengren y Rhinard han dicho, “se trata de una clara señal de que los Estados miembros no ven la gestión de crisis sólo como un esfuerzo sectorial tecnocrático; más bien, la gestión de la crisis es política, y requiere el compromiso de los gobiernos de los Estados Miembros al más alto nivel.” (Véase: Boin, Ekengren and Rhinard, “Making Sense of Sense-Making: The EU’s Role in Collecting, Analysing, and Disseminating Information in Times of Crisis”, Research Report Presented to the Swedish Civil Contingencies Agency (Myndigheten for Samhällskydd och Beredskap), March 2014, p. 22, en: http://www.societalsecurity.eu/uploads/Articles/2014_Boin%20Ekengren%20Rhinard_Sense-making_FHS%20Book.pdf)

país lanza una alarma de crisis a través del sistema correspondiente (esto dependerá de la naturaleza de la crisis), que llega a la Comisión y al SEAE. La segunda ruta se inicia con la invocación de la cláusula de solidaridad por un Estado miembro. En caso de que el IPCR sea activado por una alarma de crisis, el procedimiento funciona de esta manera: en primer lugar, la Comisión, el SEAE y la Secretaría General del Consejo analizarán la situación y asesorarán sobre ella. A continuación, la Presidencia formará una mesa redonda para recibir más apoyo y asesoramiento, reuniendo en ella a un representante de la Secretaría General, la Comisión Europea, el SEAE, la oficina del presidente del Consejo Europeo, el coordinador antiterrorista de la UE, en su caso, y otras partes interesadas y / o expertos de los Estados miembros o de órganos de la Unión²². La Secretaría General es la responsable de apoyar la organización de estas reuniones. Posteriormente, la Presidencia decidirá sobre la activación o no de la IPCR. Si lo hace, se reunirá una nueva mesa redonda, que trasladará propuestas concretas sobre la posible gestión de la crisis, propuestas que se presentarán al COREPER. El funcionamiento concreto de este mecanismo, un tanto tortuoso, ha sido bautizado como la “serpiente IPCR”.

Si el IPCR se pone en marcha a través de la invocación de la cláusula de solidaridad, el procedimiento funciona de manera distinta, porque, en este caso, la Presidencia no puede evitar la activación de la IPCR. De acuerdo con la Decisión del Consejo de 24/6/2014, en cuanto a las modalidades de aplicación por la Unión de la cláusula de solidaridad, la Presidencia está obligada a utilizar el IPCR después de que un Estado miembro haya invocado dicha cláusula con el fin de coordinar su respuesta en el plano político, a la vez que debe garantizar la dirección política y estratégica de la respuesta de la Unión a la invocación de la cláusula de solidaridad.

22 La composición final de esta mesa no es, no obstante, fija, sino que dependerá de las preferencias expresadas por la Presidencia.

Características principales

El IPCR constituye una iniciativa novedosa debido a las características que muestra y que contribuyen a pensar que se ha conceptualizado como un mecanismo encaminado a dar respuesta efectiva a las grandes crisis CBRNE, mejorando la coordinación de los distintos órganos involucrados y creando nuevas e interesantes herramientas capaces de ofrecer medios solventes de ayuda a la toma de decisiones. Así, y para empezar, el IPCR refuerza la cooperación entre los distintos agentes relevantes en respuesta a una situación de crisis: los Estados miembros, la Secretaría General del Consejo, la Comisión, el Servicio Europeo de Acción Exterior (SEAE), etc., gracias a un mayor rango de la participación de todos estos cuerpos en el proceso de respuesta.

En segundo lugar, la mejora general del marco se basa también en los nuevos órganos y herramientas creadas por el IPCR para acelerar la coordinación de respuesta a la crisis de la UE. El mejor ejemplo de esto es una nueva capacidad, una Herramienta de Análisis Integrado (Integrated Situational Awareness and Analysis, ISAA), desarrollado por la Comisión y el SEAE a partir de los medios existentes (no se han introducido, de hecho, otros nuevos, sino que se ha reordenado y optimizado lo que se tenía), que apoya la toma de decisiones de la Presidencia y del Consejo²³.

A ello hay que añadir que el IPCR ha establecido una nueva plataforma web, propiedad del Consejo, permanentemente disponible, aunque sobre la base de acceso restringido. La información añadida procede de los Estados miembros, la Comisión, el SEAE, y las agencias de la UE. La plataforma web IPCR permite además el intercambio de información fuera de los tiempos de crisis, en particular, para fines de preparación. El IPCR establece que, en tiempos de

23 De hecho, la misión fundamental de la ISAA consiste en ofrecer a los organismos encargados de gestionarla una visión general de la situación, así como su posible evolución y consecuencias tras la activación de la IPCR.

crisis, se pueden generar una o varias páginas de crisis, dependiendo de la situación y de las necesidades políticas. Por lo tanto, se puede concluir que “el sistema de gestión de la información de la CCA ha sido totalmente reformado.” (Boin, Ekengren, & Rhinard· 2014, p. 26-27) Esto tiene sentido completo si tenemos en cuenta lo que el Consejo de la UE declaró en 2010 sobre la web CCA: “Se necesita un trabajo serio para que sea más fácil de usar” (Council of the European Union, 2010). Parece que el IPCR es el camino correcto para lograr este importante objetivo.

Otra novedad importante, esta de carácter conceptual, es que el IPCR se basa en un proceso de progresividad, lo que añade a su funcionamiento una flexibilidad significativa. De esta manera, la naturaleza de la crisis va a determinar el nivel en el que se tomarán las decisiones. Esto significa que la responsabilidad final de la gestión de crisis importante podría ser asumida por el Consejo o incluso por el Consejo Europeo, si la gravedad de la situación indica que sería recomendable proceder de esta manera. Sin embargo, hay siempre que tener bien presente que el IPCR se adhiere plenamente al principio de subsidiariedad, de manera que respeta escrupulosamente las competencias de los Estados miembros. Esto, que encaja perfectamente con la dinámica de la acción de la EU en tiempos de crisis, es no obstante una tara que puede socavar su potencial de desempeñar un papel decisivo en la coordinación de las respuestas a la crisis. Por otra parte, el IPCR también compatible con el principio de la utilización de los procedimientos existentes, de modo que no hay presupuesto financiero asignado al IPCR, lo que podría ser una cuestión problemática en la práctica.

Finalmente, nos gustaría señalar que la carta fundacional del IPCR incluye como uno de sus objetivos fundamentales el apoyo a la cláusula de solidaridad, lo que garantiza una respuesta coherente, eficiente y oportuna a nivel político de la UE en caso de activación (un solo conjunto de acuerdos para hacer frente a las crisis). De hecho, el vínculo entre el IPCR y la cláusula de solidaridad se ha visto

reforzado después de que el Consejo adoptara una decisión sobre las modalidades de aplicación por la Unión de la cláusula de solidaridad, la Decisión del Consejo de 24 de junio de 2014, relativa a las modalidades de aplicación por la Unión de la Cláusula de Solidaridad (2014/415/UE)²⁴. El IPCR se menciona, explícitamente, en los artículos 1 y 5. El artículo 1 establece que los acuerdos IPCR servirán como la herramienta adecuada para ser utilizada por el Consejo, con el fin de coordinar a nivel político la respuesta a la invocación de la cláusula de solidaridad. El artículo 5 regula que la IPCR es el medio por el cual la Presidencia del Consejo velará por la dirección política y estratégica de la respuesta de la Unión a la invocación de la cláusula de solidaridad, teniendo plenamente en cuenta la Comisión las competencias en materia de recursos humanos. Por lo tanto, hay que concluir que, de acuerdo con el nuevo marco legal, el IPCR juega un papel clave en la aplicación de la cláusula de solidaridad.

La Decisión N° 1313/2013/UE del Parlamento Europeo y del Consejo de 17 de diciembre de 2013 relativa a un Mecanismo de Protección Civil de la Unión y las instituciones creadas a su sombra²⁵

Antes de dar por finalizado este estudio pormenorizado sobre los recursos jurídicos de los que dispone la UE en relación con la reacción ante crisis CBRNE, es obligado explicar, siquiera sucintamente, un documento reciente pero de vital importancia. Concretamente, fue en diciembre de 2013 cuando se aprobó la Decisión N° 1313/2013/UE del Parlamento Europeo y del Consejo de 17 de diciembre de 2013, relativa a un Mecanismo de Protección Civil de la Unión y las instituciones creadas a su sombra. Este texto es el resultado final de un prolongado trabajo normativo, cuyos pasos más relevantes vinieron marcados por textos como la *Council Conclu-*

24 Véase: <http://www.boe.es/doue/2014/192/L00053-00058.pdf>.

25 Véase: <http://www.boe.es/doue/2013/347/L00924-00947.pdf>

*sionson Reinforcing the Union's Disaster Response Capacity – Towards an integrated approach to managing disasters, 2878th General Affairs Council meeting, Luxembourg, 16 June 2008*²⁶, o la “Comunicación de la Comisión Al Parlamento Europeo y al Consejo. Una mejor reacción europea en caso de catástrofe: el papel de la protección civil y de la ayuda humanitaria”²⁷.

Con la aprobación de la Decisión, la UE ha dado un paso fundamental en la coordinación de la Protección Civil en el ámbito de la UE, a través de la inclusión de una regulación adecuada del Mecanismo de Protección Civil de la Unión (*the Union Mechanism*), dependiente al día de hoy de la Dirección General de Ayuda Humanitaria y Protección Civil de la Unión Europea, B1, Respuesta a Emergencia²⁸.

En cuanto a su función, hay que citar el propio texto del documento, que declara explícitamente cuál es su objetivo básico:

reforzar la cooperación entre la Unión y los Estados miembros y facilitar la coordinación en el ámbito de la protección civil con el fin de mejorar la eficacia de los sistemas de prevención, preparación y respuesta ante catástrofes naturales o de origen humano. (Decisión n. 1313, 2013, p. 1)²⁹

Y, con mayor precisión aclara que:

el Mecanismo de la Unión constituye una clara expresión de solidaridad europea, al garantizar una contribución práctica y oportuna a la prevención de las catástrofes y la preparación y respuesta ante las mismas, sean o no inminentes, sin perjuicio de

26 Véase: http://www.eu2008.si/si/News_and_Documents/Council_Conclusions/June/0616_GAERC-Disaster_Response.pdf

27 Véase: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/ES/TXT/HTML/?uri=CELEX:52010DC0600&from=ES>.

28 Véase: http://ec.europa.eu/echo/files/about/ECHO-organigramme_2014_en.pdf

29 Véase el artículo 1 de la Decisión n. 1313/2013/UE.

los principios y disposiciones rectores pertinentes en el ámbito de la protección civil. Por consiguiente, la presente Decisión no debe afectar a los derechos y obligaciones recíprocos de los Estados miembros en virtud de tratados bilaterales o multilaterales relacionados con las materias que regula la presente Decisión, ni a la responsabilidad de los Estados miembros de proteger a las personas, los bienes y el medio ambiente en su territorio. (Decisión n. 1313, 2013, p. 1)³⁰

El mecanismo dispuesto, en suma se presenta como el coordinador general legitimado para acometer la suma de las acciones que encabeza la UE, tanto en aspectos preventivos como en aspectos resolutivos de la crisis que conforme amenazas para la raza humana, ya sean en el territorio de la UE, ya sean en otros Estados no comunitarios³¹. Entre ellas se encuentran las siguientes: la coordinación de ofertas de asistencia y su visto bueno por medio del Sistema Común de Comunicación e Información de Emergencia («Sistema de Comunicación e Información»); la puesta en conocimiento de equipos de coordinación y evaluación; el proporcionamiento de la coordinación, utilizando para ello videoconferencias periódicas con los Estados miembros cuyas situaciones sean catalogadas de emergencia; la cooperación con otras organizaciones internacionales (por ejemplo, la Organización de las Naciones Unidas); y la sencillez del transporte, entre otros.

30 Considerando 5.

31 De acuerdo con el Considerando 14 de la Decisión, “Por lo que respecta a las intervenciones de ayuda en respuesta a catástrofes fuera de la Unión, el Mecanismo de la Unión debe facilitar y apoyar las acciones emprendidas por los Estados miembros y la Unión en su conjunto para fomentar la coherencia de las actividades internacionales de protección civil. ... La mejora de la coordinación de la ayuda en materia de protección civil mediante el Mecanismo de la Unión es una condición previa para apoyar el esfuerzo de coordinación global y garantizar una contribución general de la Unión al esfuerzo de asistencia global. En aquellas catástrofes en las que se preste asistencia tanto en virtud del Mecanismo de la Unión como del Reglamento (CE) n° 1257/96 del Consejo (a), la Comisión debe velar por la eficacia, la coherencia y la complementariedad de la respuesta general de la Unión, respetando el Consenso Europeo sobre Ayuda Humanitaria (b).”.

Con el fin de engarzar adecuadamente todas las iniciativas señaladas se ha creado un engranaje en el que confluyen diversas instituciones, como el Centro de Coordinación de la Respuesta a Emergencias («Centro de Coordinación»), la Capacidad Europea de Respuesta a Emergencias (CERE) y el anunciado Sistema Común de Comunicación e Información de Emergencia («Sistema de Comunicación e Información»).

A modo de síntesis, se podría decir que el Mecanismo crea una vía alternativa que estimula la colaboración de las instituciones europeas con los Estados miembros. Para posibilitar que esto sea así, se permite a los Estados miembros acceso pleno a este instrumento a objeto de “complementar sus propios recursos de protección civil y otros recursos de respuesta a desastres” (Decisión n. 1313, 2013, p. 3)³², con arreglo al principio de subsidiariedad que rige la UE³³. En esta misma línea, la Decisión crea un entramado de puntos de contacto de los Estados miembros con la Dirección General de Ayuda Humanitaria y Protección Civil de la Unión Europea (DG ECHO), persiguiendo la idea de mejorar constantemente la funcionalidad del procedimiento. De este modo, se consigue una innovación elemental en aras de garantizar la correcta viabilidad de todo el sistema³⁴. De nuevo, no obstante, es de suma importancia poner de manifiesto que esta construcción legal no debe, bajo ningún concepto, catalogarse como una forma de desplazar la capacidad de los Estados miembros, sino que debe clasificarse como un complemento cuya concurrencia se necesita, en cumplimiento del principio de proporcionalidad.

32 Considerando 24.

33 De acuerdo con el Considerando 25, “Dado que los objetivos de la presente Decisión no pueden ser alcanzados de manera suficiente por los Estados miembros, sino que, debido a las dimensiones o los efectos de la acción, pueden lograrse mejor a escala de la Unión, esta puede adoptar medidas, de acuerdo con el principio de subsidiariedad establecido en el artículo 5 del Tratado de la Unión Europea. De conformidad con el principio de proporcionalidad establecido en el mismo artículo, la presente Decisión no excede de lo necesario para alcanzar dichos objetivos.”.

34 Art. 9.7.

En todo caso, hay que hacer notar que este instrumento sólo podría aplicarse para el caso en el que un Estado miembro hiciera la petición pertinente. Este límite deja entrever que la UE no goza de facultades competenciales suficientes para ejecutar, *motu proprio*, una decisión de esta índole. Como no podría ser de otra manera, esto maniató a la UE de forma importante a la hora de responder, al quedar la iniciativa dentro de lo que decida el Estado perjudicado, que deberá, primero, dar su consentimiento a través de la solicitud, a pesar de que la crisis pueda poner en serios apuros a otros Estados miembros. Y es que no se puede sino reconocer, que tristemente la Cláusula de Subsidiaridad de la UE sigue viéndose como un peso pesado en materia de seguridad, en relación a cómo se reparte el poder en el continente europeo.

Observaciones críticas

La conclusión más acertada de la descripción trazada en las páginas anteriores de este texto será, forzosamente, que la Unión Europea ha experimentado un cambio radical en lo que se refiere a su papel frente a las crisis CBRNE. Si en sus orígenes carecía de toda capacidad y competencia para ocuparse de este espinoso asunto, la notoria certeza de que los nuevos tiempos requieren de soluciones necesariamente supranacionales ha producido un giro radical en la mentalidad europea. Su consecuencia más inmediata ha sido la adopción de un papel mucho más relevante de la UE en esta materia, una política amplísimamente respaldada por la población de la Unión. El mejor reflejo de esta nueva concepción política ha sido la creación de unos instrumentos jurídicos novedosos, que responden eficazmente al reto de proveer las infraestructuras normativas necesarias para hacer efectiva la acción de respuesta frente a las crisis. La “Cláusula de Solidaridad”, el Mecanismo de Protección Civil de la Unión y el Dispositivo de respuesta política integrada de la UE a las crisis conforman un excelente marco en este sentido.

Ahora bien, esta evidencia no debe esconder la certeza de que será la voluntad política la que, a largo plazo, determine cuál será la efectividad real de la UE como institución encargada de coordinar la prevención y respuesta de las crisis CBRNE. No debemos olvidar, a este respecto, algunos datos absolutamente determinantes. El más revelador, probablemente, es que, a pesar de que la cláusula de solidaridad sea normativamente vinculante, es más que dudoso saber cuáles serían las consecuencias prácticas de su invocación, por un motivo muy simple: es cada Estado soberano quien decide, después de la invocación, qué tipo de ayuda está dispuesto a prestar. Por eso mismo, si un Estado como Alemania decide responder a un supuesto de este tipo enviando una ayuda que podría calificarse de muy escasa, cuando no meramente testimonial, no habría forma alguna de apelar a consecuencias jurídicas en forma de sanciones frente a su conducta. De ahí que resulte más que complicado pensar en que lo que ahora mismo rige en la Unión Europea vaya mucho más allá de un espíritu de solidaridad que, en la evidencia de una crisis, difícilmente dará lugar a mayores obligaciones que las que los propios Estados quieran asumir voluntariamente.

Y es que, a fin de cuentas, la persistencia de cláusulas como la de subsidiariedad, unidas a la pertinaz reticencia de muchos de los Estados miembros a poner en manos de la Unión la soberanía a la hora de tomar decisiones políticas que les afectan directamente constituyen obstáculos en absoluto livianos para la buena marcha de todo el proceso. Y eso a pesar del hecho evidente de que la toma de decisiones en el ámbito estatal contradice completamente la lógica de la lucha frente a unas crisis que a menudo cruzan las fronteras con suma facilidad. La reacción frente al ébola debería alertarnos de lo absurdo de esta visión: una eficiente cooperación internacional hubiera erradicado de raíz en sus primeras fases y a un coste relativamente escaso una amenaza que, en ausencia de esta respuesta, ha causado indecible daño a la salud de miles de personas y enormes costes materiales. Y, sin embargo, es más que complejo que esta

evidencia llegue a imponerse, por cuanto quienes han de tomar las decisiones fundamentales siguen manteniendo una mentalidad que les lleva a considerar, antes que todo, en términos de sus votantes nacionales, que a menudo carecen de una visión global del problema. Es esa, no tengamos duda, la auténtica raíz del problema que atañe a la gestión de las crisis plurinacionales y que la Unión Europea, de momento, no ha sabido resolver.

No quiera pensarse que no nos resultan positivas las reformas realizadas en los últimos años. De hecho, a nuestro juicio no cabe sino alabar la construcción de unos mecanismo en principio mucho más solventes a la hora de proporcionar una respuesta rápida a grandes crisis en la UE, que los que existían antes. No obstante, eso no excluye la opinión de que los medios nunca serán suficientes si no existe voluntad de utilizarlos, aunque en principio pueda resultar sumamente impopular.

El futuro, en suma, dependerá de la creación de una conciencia colectiva razonable, capaz de superponer los intereses generales a los particulares, los internacionales a los de cada Estado. Sólo de esta forma conseguiremos certificar que el esfuerzo emprendido en el marco jurídico-institucional ha logrado aquello a lo que aspira: la máxima efectividad a la hora de minimizar el daño producido por las crisis CBRNE.

Referencias

Ahman, T. & Claes, N. (2008). The Community Mechanism for Civil Protection and the European Union Solidarity Fund. In S. Olsson (Ed.), *Crisis Management in the European Union: Cooperation in the Face of Emergencies* (pp 83-108). Berlin/Heidelberg: Springer.

Barnier, M. (2006). *For a European civil protection force: Europe Aid*. Acceso en http://ec.europa.eu/archives/commission_2004-2009/president/pdf/rapport_barnier_en.pdf

Boin, A., Ekengren, M., & Rhinard, M. (2014). *Making sense of sense-making: The EU's role in collecting, analysing, and disseminating information in times of crisis*. Estocolmo: Swedish Defence University.

Consejo de la Unión Europea. (1987, 25 de junio). Resolución del Consejo y de los representantes de los gobiernos de los Estados miembros reunidos en el seno del Consejo, de 25 de junio de 1987, relativa al establecimiento de una cooperación comunitaria en materia de protección civil. Diario Oficial C 176, 04/07/1987 P. 0001 – 0001. Acceso en <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:41987X0704:ES:HTML>

Consejo de la Unión Europea. (1989, 13 de febrero). Resolución del Consejo y de los representantes de los Gobiernos de los Estados miembros, reunidos en el seno del Consejo, de 13 de febrero de 1989 relativa a los nuevos progresos de la cooperación comunitaria en materia de protección civil. Diario Oficial C 044, 23/02/1989 p. 0003 – 0004. Acceso en <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:41989X0223:ES:HTML>

Consejo de la Unión Europea. (1990, 23 de noviembre). Resolución del Consejo y de los representantes de los gobiernos de los Estados Miembros reunidos en

el seno del Consejo, de 23 de noviembre de 1990, relativa a la cooperación comunitaria en materia de protección civil Diario Oficial C 315, 14/12/1990 p. 0001 – 0002. Acceso en <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:41990X1214:ES:HTML>

Consejo de la Unión Europea. (1991, 08 de julio). Resolución del Consejo y de los representantes de los gobiernos de los Estados miembros, reunidos en el seno del Consejo, de 8 de julio de 1991, sobre la mejora de la asistencia recíproca entre Estados miembros en caso de catástrofes naturales o tecnológicas Diario Oficial C 198, 27/07/1991 p. 0001 – 0003. Acceso en <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/ES/TXT/HTML/?uri=CELEX:41991X0727&from=ES, 98/22/CE>

Consejo de la Unión Europea. (1997, 19 de diciembre). 98/22/CE. Decisión del Consejo de 19 de diciembre de 1997 para la creación de un programa de acción comunitaria en favor de la protección civil. Acceso en <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/ES/ALL/?uri=CELEX:31998D0022>

Consejo de la Unión Europea. (2013, 25 de junio). *Comunicado de Prensa Sesión n. 3251 del Consejo*. Acceso en <http://data.consilium.europa.eu/doc/document/ST-11443-2013-INIT/es/pdf>

Consejo de la Unión Europea. (2013, 20 de diciembre). Decisión n. 1313. Relativa a un mecanismo de protección civil de la Unión (Texto pertinente a efectos del EEE). Parlamento Europeo y el Consejo de la Unión Europea. *Diario Oficial de la Unión Europea L 347/924*. Acceso en <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/ES/TXT/PDF/?uri=CELEX:32013D1313&from=EN>

Consejo de la Unión Europea. (2014, 24 de junio). Decisión n. 415. Relativa a las modalidades de aplicación por la Unión de la cláusula de solidaridad. Consejo de la Unión Europea. *Diario Oficial de la Unión Europea L 192/53*. Acceso en <http://www.boe.es/doue/2014/192/L00053-00058.pdf>

Council of the European Union. (2010, 28 October). EU Emergency and Crisis Coordination Arrangements - CCA exercise 2010 (CCAEX10) - *Draft Evaluation Report*, 15529/10. Acceso en <http://register.consilium.europa.eu/doc/srv?l=EN&t=PDF&gc=true&sc=false&f=ST%2015529%202010%20INIT&r=http%3A%2F%2Fregister.consilium.europa.eu%2Fpd%2Fen%2F10%2Fst15%2Fst15529.en10.pdf>

European Commission. (2009, November). *Special Eurobarometer: Civil Protection*. Acceso em: http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_328_en.pdf

Fuchs-Drapier, M. (2011, December). The European Union's Solidarity Clause in the Event of a Terrorist Attack: Towards Solidarity or Maintaining Sovereignty?, *Journal of Contingencies and Crisis Management*, 19(4), 184-197.

Parlamento Europeo. (2012). *Resolución del Parlamento Europeo*, de 22 de noviembre de 2012, sobre las cláusulas de defensa mutua y de solidaridad de la UE: dimensiones política y operativa (2012/2223(INI)). Acceso en <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+TA+P7-TA-2012-0456+0+DOC+XML+V0//ES>

Unión Europea. (2007, 17 de diciembre). Tratado de Lisboa por el que se modifican el Tratado de la Unión Europea y el Tratado constitutivo de la Comunidad Europea, firmado en Lisboa el 13 de diciembre de 2007. *Diario Oficial de la Unión Europea*, C 306/01. Acceso en <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/ES/ALL/?uri=OJ:C:2007:306:TOC>

Unión Europea. (2012, 26 de octubre). Versión consolidada del Tratado de Funcionamiento de la Unión Europea. *Diario Oficial de la Unión Europea*, C 326/4. Acceso en <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/ES/TXT/PDF/?uri=CELEX:12012E/TXT&from=ES>

Capítulo 10

¿Qué es la bioseguridad? Lo biótico y los regímenes de vitalidad¹

Enrique Baleriola, Francisco Tirado,
Tiago M. do A. Giordani y Pedro Torrejón

Verus, verdadero, se utiliza en latín en el sentido de real y de regular o correcto. En cuanto a *sanus*, sano, viene del griego... dotado también de dos sentidos: intacto o bien conservado, e infalible o seguro... El reconocimiento de la salud como verdad del cuerpo en el sentido ontológico no sólo puede sino que debe admitir la presencia, en los bordes y, hablando con propiedad, como resguardo, de la verdad en el sentido lógico, es decir, de la ciencia. (Canguilhem, 2004, p. 53)

Introducción

Como señala la cita de Canguilhem, nuestro presente ha anudado irrefutablemente salud, verdad (científica) y vida. Al respecto, probablemente Michel Foucault (2006, 2007) es el autor que mejor ha descrito tanto la emergencia de las condiciones históricas de ese

1 Este trabajo se ha realizado en el marco del programa de doctorado Persona i Societat en el Món Contemporani de la Universitat Autònoma de Barcelona y del proyecto de investigación Salud y tecnociencia. La participación ciudadana en los procesos de apropiación social del conocimiento y diseño tecnológico (Ref: CSO2014-59136-P)

encuentro como el encaje de esa tríada en el complejo económico, tecnológico y sanitario.

Recientemente Nikolas Rose (2007) ha desarrollado dicho argumento y ha mostrado cómo hemos entrado en un momento histórico, en el que los individuos interiorizan la mencionada tríada y se tornan sujetos activos y garantes de la permanente monitorización del estado de su cuerpo.

Es claro que salud-verdad y vida se articularon bajo el paraguas de un proyecto biopolítico que creció como razón de gobierno del liberalismo y más tarde han estrechado su relación con el auge de la biomedicina y el biocapitalismo. La última etapa de este maridaje es relativamente reciente y se observa en el auge que la denominada “bioseguridad” ha alcanzado en el horizonte de nuestras prácticas institucionales y cotidianas. Efectivamente, en las dos últimas décadas la “bioseguridad” se ha convertido en un tema relevante en el espacio político, en las ciencias sociales y en el imaginario popular.

Como primer ámbito de análisis encontramos una multitud de instancias internacionales y nacionales que han declarado que la bioseguridad delimita un espectro prioritario para la legislación e intervención política. En ese sentido, resulta interesante recordar la declaración que hizo la Unión Europea en el año 2002 (European Union - EU, 2002) estableciendo que existen tres grandes campos de riesgo en que los países integrantes deben establecer sólidos protocolos de bioseguridad: (a) amenaza bioterrorista, (b) investigación en laboratorios y (c) transmisión de vectores infecciosos. También, merecen especial atención los documentos que ha elaborado la Organización Mundial de la Salud (World Health Organization - WHO) estableciendo categóricamente la posibilidad de aparición de riesgos en bioseguridad como una necesidad prioritaria de alcance mundial.

WHO redactó en el año 2007 el primer protocolo genérico titulado “Communicable disease alert and response for mass gatherings: key considerations” con la pretensión de ayudar a los países con

problemas de bioseguridad en la elaboración de programas de intervención, reglas de coordinación con la propia WHO y otras instancias internacionales y planes de prevención futura (WHO, 2008a, 2008b). De manera similar, la Organización Mundial del Comercio (World Trade Organization - WTO) reconoce que la bioseguridad se ha tornado un tema fundamental en el concierto global en la medida en que el movimiento de especies, enfermedades y patógenos se ha incrementado con la aceleración que han experimentado las transacciones económicas. Esta organización maneja todo un Codex propio de medidas de bioseguridad que se recomiendan a todos los países implicados en grandes movimientos comerciales (WTO, 2008).

La Organización de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentación (Food and Agriculture Organization of the United Nations - UNFAO) también ha jugado un papel esencial en la promoción del concepto de bioseguridad enfatizando tanto las limitaciones que puede generar una legislación muy estricta en materia de bioseguridad para los países en vías de desarrollo como la necesidad de crear estrategias globales e integrales de bioseguridad (UNFAO, 2007). Además de estas instituciones se pueden mencionar otras muchas relacionadas con la defensa del medio ambiente y la preocupación ecológica. Por ejemplo, la International Union for the Conservation of Nature (IUCN, 2000) y la Convention on Biological Diversity (CBD, 2011) han desarrollado desde hace muchos años importantes protocolos y planes de actuación para prevenir riesgos de bioseguridad en ecosistemas tan específicos como ríos, embalses, etc. Por ejemplo los grupos ecologistas como Greenpeace tienen sus propios planes de acción y denuncia para situaciones de amenaza biológica (Greenpeace, 2010).

En base los esfuerzos institucionales antes señalados, se puede afirmar que existe una agenda legislativa global que exige la creación de protocolos de bioseguridad, su implementación y la coordinación de estas medidas con instancias internacionales. A pesar de diferencias en el énfasis y puntos de interés, la agenda establece tres grandes áre-

as de actuación: (a) el problema que genera la interacción entre seres vivientes que pertenecen a nichos ecológicos muy diferenciados; (b) los problemas de salud que se derivan de una agricultura y ganadería industrial afectada por grandes transformaciones bióticas; y (c) la salud humana.

En el segundo ámbito de impacto de la bioseguridad encontramos una serie de investigaciones y trabajos realizados recientemente que han conformado lo que se ha denominado “el campo de los estudios sobre bioseguridad” (Lakoff & Collier, 2008). El que a su vez está atravesado por un numeroso grupo de corrientes y propuestas teóricas diversas. Entre ellas destacan:

- Los estudios que vinculan la bioseguridad a la gobernanza y la biopolítica (Braun, 2007; Collier & Lakoff, 2008; Collier, Lakoff & Rabinow, 2004; Cooper, 2006; Dillon & Lobo-Guerrero, 2008);
- La sociología que analiza cuestiones relacionadas con el riesgo, la incerteza y la indeterminación en situaciones de amenaza biológica (Donaldson, 2008; Hinchliffe, 2001; Fish et al., 2011);
- La sociología del conocimiento científico que examina la producción de redes, materialidad, circulación y movilidad de vectores infecciosos (Ali & Keil, 2008; Barker, 2010; Clark, 2002; Wallace, 2009);
- El pensamiento social que investiga procesos de creación de fronteras y límites espaciales a partir de riesgos bióticos (Mather & Marshall, 2011; Tomlison & Potter, 2010);
- Los estudios geopolíticos interesados por la generación de procesos de globalización y producción de relaciones de desigualdad entre países (French, 2009; Sparkle, 2009).

Los estudios sobre bioseguridad son novedosos en las ciencias sociales y suponen una fuerte interdisciplinarización porque en ellos

se encuentran profesionales de ámbitos como la sociología, la politología, la historia y geografía, la antropología y la psicología social. Su agenda de investigación gira alrededor de cuatro grandes ejes: (a) la conceptualización del término “bioseguridad” y su impacto en el pensamiento social actual; (b) el examen de cómo se implementan y operan las prácticas de bioseguridad; (c) el análisis de los efectos sociales, geopolíticos y psicológicos de las mencionadas prácticas; y (d) el desarrollo de un pensamiento crítico sobre las actuales políticas internacionales de bioseguridad.

El tercer ámbito es el imaginario popular. Es claro que en los últimos años han proliferado imágenes en los medios de comunicación, literatura y cine sobre amenazas biológicas, la velocidad de su transmisión y sus efectos devastadores sobre los grupos humanos, las consecuencias para la vida humana de las relaciones entre diferentes especies vivas, amenazas medio ambientales, etc. Este material de entretenimiento se suma a las prácticas profilácticas que diversas pandemias (especialmente las de gripe) han popularizado y a la información y campañas de pedagogía que grupos y colectivos de activistas ecologistas han realizado sobre alimentos transgénicos, vacunas, etc. Algunos análisis han denominado al mencionado imaginario “nueva cultura del Apocalipsis” (Van Loon, 2002). Y más allá de lo llamativo de esta etiqueta, lo que resulta interesante destacar es la aparición en todo ese material de nuevas categorías y metáforas populares para entender: (a) la naturaleza y nuestra relación con el medio ambiente; (b) las enfermedades infecciosas y su impacto en el grupo humano; (c) la seguridad y su papel en la organización de la sociedad; o (d) las relaciones entre especies vivas.

Las consecuencias de este auge ya son completamente visibles. En el caso del primer ámbito hemos visto proliferar en multitud de instituciones (universidades, hospitales, grandes corporaciones...) la aparición de oficinas especializadas en riesgos y amenazas biológicas. En segundo, ha emergido en el último lustro un interés analítico y reflexivo que ha sido denominado paradigma de la securitización

y en el tercer ámbito hemos asistido a una curiosa concientización del gran público en relación con los problemas vinculados con los vectores infecciosos.

A pesar del auge mediático de la bioseguridad, existe todavía un amplio debate sobre su definición. Como veremos en los siguientes apartados, su conceptualización tiende a localizarse en el lexema “seguridad” y se insiste en los cambios y transformaciones que la bioseguridad supone para nuestros sistemas de vigilancia, detección, prevención. Sin embargo, se soslaya sistemáticamente que las transformaciones afectan precisamente al prefijo “bios”. Es decir, la bioseguridad supone un cambio esencial en nuestra manera de conceptualizar la vida y lo viviente en nuestra inmediata cotidianidad.

En este texto mostraremos la transformación que ha experimentado el concepto de bioseguridad y argüiremos que la única definición posible tiene que ver con una nueva propuesta de lo que debe entenderse por “bios”. Que pasa por estructurar la vida a partir de un conjunto de reglas y normas que denominaremos “régimen de vitalidad”. Para ello, en primer lugar examinaremos en qué consiste el denominado paradigma de la securitización, a continuación revisaremos las definiciones al uso del concepto de bioseguridad y por último, a partir de un estudio de caso realizado en los dos últimos años sobre situaciones de emergencia biológica, como puede ser la más reciente que ha generado el brote de Ébola, la gripe estacionaria o las medidas de contención establecidas por la Unión Europea; mostraremos cómo se articulan los denominados regímenes de vitalidad.

La bioseguridad y el paradigma de la securitización

El interés por la bioseguridad ha conformado en las ciencias sociales una visión general que algunos autores denominan “paradigma de la securitización” (Dobson, Barker, & Taylor, 2013). Según éste,

muchas de las prácticas que actualmente contribuyen a la generación de bioseguridad, así como las amenazas sobre las que se establecen, no son en realidad una novedad histórica. Lo que marcaría, sin embargo, una diferencia en el discurso actual sobre bioseguridad es la necesidad de afrontar una masiva y acelerada movilidad biológica a través de la agricultura-ganadería, la nueva gestión del medio ambiente y la salud humana y animal.

La securitización del “bios” se ha convertido, en la respuesta histórica a la incerteza que genera la movilidad masiva vinculada a los procesos de globalización. Las prácticas de securitización en diferentes contextos establecen nuevos controles fronterizos, regímenes de vigilancia y monitorización desarrollados a partir de las últimas novedades en tecnologías de la información y la comunicación, formas de identificación biológica, protocolos de actuación nacionales e internacionales estrechamente coordinados y la aparición de bases de datos biológicos. Por tanto, el gobierno y la gestión del futuro a través de un régimen de incerteza, urgencia y amenaza es un rasgo claramente distintivo de la securitización (Anderson, 2010a, Carduff, 2008). Lo que insta a algunos autores afirmar que ha comenzado a desarrollarse un nuevo esquema de gobierno general basado en “los estados de inseguridad” (Brown, 2011; Lentzos & Rose, 2009; Lo Yuk-Ping & Thomas, 2010).

Por otra parte el paradigma de securitización también sostiene que los temas relacionados con la bioseguridad han sido tradicionalmente analizados y administrados a partir del examen de probabilidades y cálculo de riesgo. Identificar y seleccionar movimientos de especies que implican alguna amenaza para la salud de otros animales o seres humanos y determinar el nivel de intervención apropiada y de financiación requerida para la misma, constituyó hasta hace poco el modelo general que dictaba la relación entre instituciones y bioseguridad.

No obstante, el análisis de riesgo per se ya no es considerado como una manera adecuada para responder a los acontecimientos futu-

ros desconocidos. Así, hablar de bioseguridad implica cada vez con mayor frecuencia una gestión que exige la elaboración de escenarios y modelos que gravitan sobre la incerteza y la inseguridad. Antes que la elaboración de listas con epidemias probables, vectores infecciosos, especies contaminantes y trastornos que se vinculan a determinados porcentajes de riesgo, el paradigma de la securitización muestra que estamos abocados a una realidad en la que hay que valorar la aparición de emergencias biológicas completamente inesperadas e inciertas.

Dado los actuales escenarios de incerteza e inseguridad, la producción de tablas de riesgo se deben elaborar escenarios contemplando como eje directriz la irrupción de lo inesperado. Como señalan algunos autores (Zylberman, 2013), no debemos olvidar que este paradigma además de transformar nuestra concepción de la bioseguridad encierra profundas transformaciones para el propio pensamiento social. Por ejemplo implica proceder de manera interdisciplinar en la reflexión, porque ahora es necesario conectar niveles micro, meso y macro en sus análisis, la inclusión de actores no humanos en sus propuestas y una revisión de lo que significa la creación de lazos sociales y su gobierno.

Un elemento que llama la atención en este paradigma es la asunción de que la bioseguridad detenta una definición ambigua y su tematización pasa más una observación de las prácticas implicadas en sus protocolos de actuación que por una atención al contenido que recoge el concepto. Así, dentro de bioseguridad se alude a vectores infecciosos peligrosos para los seres humanos y la producción agrícola; riesgos de atentados con material biótico; estructuras económicas que deben protegerse (explotaciones agrícolas...) etc. La razón de tal ambigüedad es clara, a pesar del auge de la noción, no existe una definición concisa de lo que supone la bioseguridad.

Definiciones de bioseguridad

Las diversas definiciones de bioseguridad que existen se pueden agrupar en tres grandes categorías. En primer lugar, tenemos las que insisten en la necesidad de regular la proliferación de determinadas

tecnologías. Éstas supondrían un riesgo de transformación para la calidad de vida de los seres que pueblan el planeta, a través de un posible impacto en el medio ambiente. Así, López Herrera (2008) propone conceptualizar la bioseguridad como: “el conjunto de normas que regulan el manejo de las innovaciones tecnológicas para asegurar el menor riesgo en la salud humana, animal o en el medio ambiente” (López Herrera, 2008, p. 21).

La segunda categoría de definiciones pone el acento en el riesgo que suponen las plagas de ciertas especies animales para la economía y el medio ambiente humano. Un buen ejemplo sería el siguiente: “The exclusion, eradication or effective management of risks posed by pests and diseases to the economy, environment and human health” (Biosecurity Council, 2003, p. 5). Por último, tenemos las definiciones que insisten en las implicaciones sociales que suponen los dispositivos de bioseguridad. Al respecto, Collier, Lakoff y Rabinow (2004) no dudan en considerar tal enfoque como una verdadera y novedosa forma social, asociada a la definición de nuestra contemporaneidad y que exige a las ciencias sociales una reflexión de urgencia sobre el calado de las transformaciones que acarrea.

Todas ellas comparten, sin embargo, varios elementos. En primer lugar, establecen una relación directa entre amenaza-futura y vida-presente. La segunda debe conformar su actuación y ejes de desarrollo en función del cuerpo y contenido que adquiere la primera. Este ejercicio de seguridad se vincula directamente a la creación de protocolos y guías de actuación que son elaborados por expertos en la materia. Ellos establecen las coordenadas de la actividad presente a partir del futuro probable.

Por último, dichos protocolos establecen qué debe entenderse como vida segura y qué no. Por tanto ofrecen una valoración directa de lo vivo, atendiendo a la ejecución que éste realice en función de los parámetros prescritos. Tal ejecución tiene la forma de una vigilancia o monitorización permanente del presente en función de un futuro todavía no acaecido. Por tanto, las prácticas de bioseguridad:

An emergent threat, according to Cooper (2006, p. 124), is a threat whose actual occurrence remains irreducibly speculative, impossible to locate or predict, yet always imminent, the ‘not if, but when’” (Dobson, Barker, Taylor, 2013, p. 9).

En definitiva, como se expresa en la cita el conjunto de definiciones mencionadas comparten la definición del presente como un constante estado de *preparedness* (preparación). O sea vivir es prepararse para el futuro, para enfrentarse a la amenaza que está por llegar. Lo que es posible porque la bioseguridad convierte la vida o lo viviente en un régimen de vitalidad.

Regímenes de vitalidad

Una de las revoluciones más importantes que ha sufrido la medicina en las últimas décadas es la aparición de la denominada “Medicina Basada en la Evidencia” (Evidence-Based Medicine) (Knaapen, Cazeneuve, Cambrosio, Castel, & Fervers, 2010). Este movimiento reivindica esencialmente un fortalecimiento científico de los fundamentos de las actividades de cuidado y las prácticas clínicas. Teniendo como punto de partida el diagnóstico de una situación de debilidad de la práctica médica, que se caracteriza por tres graves problemas:

- En primer lugar, multitud de estudios clínicos muestran la continua diferenciación de criterio y aplicación en las prácticas clínicas, evento que conlleva una pérdida de credibilidad de las mismas.
- En segundo, la calidad del cuidado y la clínica parecen resentirse de la anterior proliferación permanente de patrones de atención. Por último, se acumulan gastos redundantes y se pierde el control del coste de tales prácticas (Sackett, Rosenberg, Gray, Haynes, & Richardson, 1996).

La principal herramienta que aporta la medicina basada en la evidencia para solventar los problemas mencionados es la implementa-

ción masiva del uso de protocolos y guías de actuación. De hecho, diversos autores caracterizan este giro en la medicina a partir de tres elementos que tienen como común denominador el papel central que jugaría el protocolo o la guía. El primer elemento es el movimiento de la patofisiología a la epidemiología guiada, a partir del establecimiento de nuevos protocolos y guías de investigación y actuación; el segundo es la creación de protocolos-guías para la propia práctica clínica; y el tercero, la relación que se establece entre profesionales y legos a partir de las pautas que dictan tales protocolos o guías.

Los protocolos y guías ofrecen instrucciones detalladas sobre el proceso de diagnóstico, las pruebas que se deben realizar, cuándo, cómo, y qué intervenciones quirúrgicas se derivan de las anteriores pruebas. También establecen cuánto tiempo deben pasar los pacientes en el hospital, seguir un tratamiento o como retirárselo. La elaboración de un protocolo la realiza un grupo de expertos. Éstos evalúan la literatura científica que existe sobre un problema o circunstancia determinada, la analizan, sintetizan y ofrecen consejos y recomendaciones sobre esa temática atendiendo a la mayor evidencia científica que toda esa información reúne.

De tal forma los grupos de expertos determinan la audiencia del protocolo o guía, su rango de aplicación, los beneficios que suponen y los problemas o riesgos que implica. No obstante, la construcción de estos protocolos y guías no obedece a un orden lineal, ni mucho menos siempre consensuado. Como señalan Knaapen et al. (2010) sus pautas de producción no pueden ser reducidas al intercambio de argumentos y a la búsqueda de acuerdos entre intereses profesionales pre-definidos. La producción de un texto involucra, por un lado, su construcción en sentido literalmente material: sentencias, párrafos, estamentos y formulaciones, que se reajustan y reordenan hasta el cierre obedeciendo a diversos intereses. Y, por otro, diversos actores que participan en el surgimiento y estabilización de la configuración del conocimiento y sus prácticas asociadas estableciendo formatos de ensayos clínicos y/o prácticas clínicas.

Los primeros protocolos y guías que se elaboraron de manera sistemática hace varias décadas consistían en simples listados con la secuencia de pasos que se debía seguir para establecer un diagnóstico clínico, un procedimiento de atención y un pronóstico. Éstos imitaban abiertamente los protocolos de investigación que se utilizan en laboratorios y centros de análisis clínicos (Timmermans & Berg, 1997).

Tal simplicidad ha desaparecido en la actualidad. Los nuevos protocolos difieren ampliamente de los antiguos en dos grandes aspectos. En primer lugar, han alcanzado un nivel de complejidad tan elevado que son capaces de construir nuevos objetos, en sus páginas redefinen la propia noción de patología y son capaces de convertir en problema nuestra normalidad presente y dictar la futura (Tirado, Gálvez, & Castillo, 2012). En segundo lugar, se han desagregado y dispersado por todo el tejido social, pues si hace unos años los protocolos eran objetos más o menos complejos que se ubicaban físicamente en centros sanitarios, instituciones o lugares de investigación, ahora están disponibles y al alcance de todos los ciudadanos en páginas específicas de la red, bibliotecas, compañías privadas, centros de atención primaria, etc.

Como queda de manifiesto, el viejo esquema que regía el compendio físico del protocolo, es decir, la conformación de un manual uniforme, compacto y homogéneo en su estructura e instrucciones se ha desagregado. Ahora los protocolos se dividen en diversas partes, se expresan sintéticamente en carteles que tienen un fuerte impacto visual y permiten que algunas partes de los mismos se manejen de manera autónoma e independiente sin hacer referencia al corpus central del mismo. Así, se pueden hallar en colegios de enseñanza primaria, empresas o supermercados, advertencias visuales que son partes de un protocolo mayor pero que realizan una labor informativa al margen de éste.

Los protocolos son capaces de crear sus propios objetos médicos. De ese modo, un protocolo sobre el cáncer de mama establece las

coordinadas para entender tal patología al margen de las que pueda establecer otro dedicado a prevenir el contagio de gripe. Debido a esta lógica, no resulta arriesgado afirmar que la protocolarización de la medicina tiene tres consecuencias muy específicas. La primera y más evidente es que se redefine la noción de enfermedad, en tanto se deshomogeneiza y se torna específica para cada protocolo, siendo redistribuida entre los innumerables y diversos actores que aparecen en las páginas; En segundo lugar, los protocolos prescriben y reorganizan las relaciones entre todas esas entidades, estableciendo el tipo de relación, su intensidad, su ubicación jerárquica, etc.; Por último, esa reorganización supone una re-estructuración y un realineamiento de la dicotomía patología-normalidad, en tanto que la enfermedad y la curación se definen y reordenan a partir de la interacción de nuevas escalas y nuevos valores en cada protocolo de forma particular, esto es, cada protocolo establece su propio canon para reubicar la mencionada dicotomía.

A los juegos de relaciones resultantes en cada protocolo los hemos denominado “regímenes de vitalidad” (Tirado, Gálvez, & Castillo, 2012). Éstos suponen un re-enfoque de nuestra vida cotidiana, re-activan vínculos, construyen otros nuevos, planifican y desarrollan estrategias para desenvolverse en diferentes niveles de acción e interacción. Constituyen lo que Thévenot (2009) ha denominado una “gramática del vivir-en-común”. Pero con una salvedad: los regímenes de vitalidad, en tanto que se fundamentan en un protocolo o guía médica, establecen un juego de verdad.

En tales regímenes no se trata únicamente de establecer qué hacer y qué no, qué está bien y qué no lo está; no hay, tampoco, una mera tecnificación de lo viviente, hay, eso sí, un canon que aspira a ser cada vez más verídico sobre qué relación debemos establecer con el acontecer cotidiano que supone la enfermedad y la salud, y, por supuesto, con el conocimiento biomédico. Los regímenes de vitalidad son verdades sobre ciertos aspectos de nuestra vida cotidiana y sobre cómo vivirla.

Los regímenes de vitalidad establecen contratos de veridicción (Foucault, 2007) que posicionan al sujeto en el eje de lo correcto e inapropiado en el desarrollo de su actividad diaria. Prescriben cómo debe cuidarla y conducirla y los límites que no se deben atravesar para no ponerla en riesgo. En cierto sentido suponen una transferencia de poder, en tanto que la salud deja de ser un ámbito exclusivamente médico, dando paso al autocuidado y automonitorización. Es decir, nos dotan con herramientas para la realización del mismo y para el auto-diseño de actividades futuras.

Los mencionados regímenes, por tanto, generan una sensación de seguridad y tranquilidad, una percepción de combate contra la amenaza existente (que ya se ha dado) o la inexistente (que podría darse). Se podría decir, también, que de forma indirecta operan como un dispositivo móvil que distribuye y reparte por todo el tejido social los escenarios que el conocimiento experto ha creado.

La bioseguridad como régimen de vitalidad

La bioseguridad, más allá de la acepción que reciba el concepto, es un dispositivo que supone la culminación de la lógica descrita en el anterior apartado. Por un lado, su definición, implementación y regulación es absolutamente dependiente del establecimiento de protocolos nacionales e internacionales. Y, por otro, éstos hacen algo más que estandarizar y regularizar mecanismos de seguridad. Como mostraremos a continuación, la bioseguridad implica en esencia una protocolarización de la vida misma. Es decir, la bioseguridad, principalmente mediante protocolos, pero también utilizando guías, normas, trípticos informativos, imágenes de avisos y prevención, etcétera; establece coordenadas muy concretas sobre cómo es la *buena* vida que debe vivirse y qué debe entenderse como vida valiosa. Esto es:

- La vida que debe protegerse de infecciones (porque se considera importante, buena, tiene valor por distintos intereses...).

- Qué especies o poblaciones se considera necesario curar (y por tanto, cuáles no hay que cuidar al no tratarse de vida valiosa)
- Cuál es la vida que puede ser sacrificada sin reparos o puede dejarse abandonada a su suerte.

Por tanto, la frontera entre vida valiosa y *mera* vida; vida y simple estar vivo; es establecida por las directrices que el régimen de vitalidad de la bioseguridad instruye.

De algún modo, con la bioseguridad hemos alcanzado una cima puesto que se establece una gramática del vivir-en-común de la vida misma. Y tal cosa no es un juego de palabras en tanto que lo biótico, la vida en su propia materia bioquímica, se convierte en el objeto de un régimen de vitalidad al quedar enmarcada su definición, la verdad de la vida o la auténtica vida por estos documentos

A continuación, basándonos en el material empírico recogido durante los dos últimos años en un estudio de caso centrado en situaciones de emergencia, mostraremos las direcciones que la vida valiosa debe adoptar para ser considerada como tal dentro del mencionado régimen. Éstas pasan por el establecimiento de tres tipos de relación: (a) la que debe darse con otras especies; (b) la que debemos tener con otros seres humanos; y (c) la que debemos articular con nosotros mismos.

La relación inter-especie

La bioseguridad es ante todo una batalla feroz contra la vida microbiana. Ésta debe ser eliminada para salvaguardar la vida humana o animal. En ese sentido, desde hace años proliferan por distintos centros de trabajo, escuelas, instituciones, etc., normas que determinan esa lucha y que nos dan buena muestra de cómo la vida bacteriana, microbiológica, no tiene cabida dentro del apartado de lo que se considera buena vida o vida valiosa. El siguiente extracto es un buen ejemplo extraído de un protocolo que se utiliza en instituciones penitenciarias:

Normas para la desinfección y esterilización en centros penitenciarios. Antisépticos y desinfectantes recomendados. Esterilización: Es la completa eliminación o destrucción de todas las formas de vida microbiana, incluyendo las esporas bacterianas. Se puede alcanzar mediante vapor a presión, calor seco, óxido de etileno o sustancias químicas. (Gobierno de España, 2007, p. 33)

En un segundo nivel, la bioseguridad es control de la vida animal. En ese sentido, nos muestra que la vida que puede suponer una amenaza debe estar perfectamente identificada y controlada. Especialmente se insiste mucho en la gestión del movimiento y desplazamiento de ésta. Como vemos, la vida que se enmarca totalmente en el régimen de vitalidad de los protocolos de bioseguridad es la vida humana puesto que debe ser protegida al más alto nivel. En un segundo escalón encontramos la vida animal (en este caso particular, la vida de las aves de corral), ya que si bien debe ser protegida, por ejemplo, mediante vacunación, debemos vigilarla puesto que incluso así puede suponer un foco de infección para otros animales o para los humanos.

Las aves de corral vacunadas, si bien están protegidas frente a los signos clínicos de la enfermedad, pueden infectarse, contribuyendo así a que siga propagándose la infección. Por consiguiente, la vacunación debe acompañarse de las medidas adecuadas de vigilancia y de restricción establecidas a escala comunitaria. ... Medidas que se aplicarán en las explotaciones en caso de sospecha de foco:

- la explotación quedará bajo vigilancia oficial [hay que vigilar]
- se encerrarán todas las aves de corral y otras aves cautivas en el interior de las naves de la explotación, en donde permanecerán (Boletín Oficial del Estado, Gobierno de España. Real Decreto 445/2007, de 3 de abril, 2007. Artículo 6.1)

[en otro apartado]: Cuando existan datos epidemiológicos u otras pruebas que así lo aconsejen, las autoridades competentes podrán

ejecutar un programa preventivo de erradicación que incluya el sacrificio o matanza preventivos de aves de corral u otras aves cautivas pertenecientes a explotaciones y zonas de riesgo (Boletín Oficial del Estado, Gobierno de España. Real Decreto 445/2007, de 3 de abril, 2007. Artículo 16.3)

Dado que las aves de corral están incluidas en los animales vivos que figuran en la lista del anexo I del Tratado, una de las tareas de la Comunidad en el ámbito veterinario es mejorar la situación sanitaria de las aves de corral, facilitando así el comercio de éstas y de sus productos, para desarrollar el sector. Además, al definirse y ejecutarse todas las políticas y acciones de la Comunidad se garantizará un alto nivel de protección de la salud humana. (Directiva 2005/94/CE del Consejo de la Unión Europea, p. 1)

La vida humana en el núcleo del régimen de vitalidad

Pese a vislumbrarlo en la categoría anterior, es aquí donde la vida humana se entiende como central en el régimen de vitalidad: lo humano como perfecto modelo y prototipo de la vida buena, valiosa, o simplemente vida de verdad, tal y como se aprecia en los siguientes extractos. La vida humana se considera el epicentro de la bioseguridad y exige que se movilicen todo tipo de actores e instituciones, locales e internacionales, para preservar su seguridad frente a cualquier amenaza biológica.

Curiosamente la vida humana tiene valor en tanto supone la valorización de infraestructuras nacionales, complejos económicos y disposiciones territoriales. Por tanto, no existe una declaración en abstracto sobre el Bios humano, sino más bien una vinculación de éste con una infraestructura geográfica y política. En ese sentido, se puede afirmar que estamos ante un régimen de vitalidad con un carácter amplio y dinámico: la vida que hay que asegurar no es siempre la misma, ni se da del mismo modo en todos los ámbitos.

Pese a que la protección del Estado y de los ciudadanos es clara, las estrategias de defensa son variables, por tanto hay que tener en

cuenta el territorio, la economía y algunas infraestructuras críticas como elementos no-humanos que también entran en juego y se ven modulados por el régimen de vitalidad. Así, encontramos en la esfera que soporta al régimen de vitalidad de la bioseguridad mecanismos que van desde expertos a estados, pasando por infraestructuras, comunidades o las finanzas:

La Comunidad ha asumido el compromiso prioritario de proteger y mejorar la salud humana por medio de la prevención de las enfermedades, en particular las enfermedades transmisibles, y de luchar contra posibles amenazas para la salud a fin de asegurar un alto nivel de protección de la salud de los ciudadanos europeos. Una respuesta eficaz ante los brotes de enfermedades requiere una estrategia coherente entre los Estados miembros y la contribución de expertos en sanidad pública, con coordinación a nivel comunitario ... La Comunidad debe dar a una respuesta coordinada y coherente a las preocupaciones que suscitan entre los ciudadanos europeos las amenazas para la salud pública. (Reglamento CE 851/2004 del parlamento europeo, p. 1)

El concepto de seguridad en el siglo XXI debe ser amplio y dinámico, para cubrir todos los ámbitos concernientes a la seguridad del Estado y de sus ciudadanos, que son variables según las rápidas evoluciones del entorno estratégico y abarcan desde la defensa del territorio a la estabilidad económica y financiera o la protección de las infraestructuras críticas. (Gobierno de España, Departamento de Seguridad Nacional, 2013).

No obstante lo expresado en la cita, como se observa en el siguiente extracto, no cualquier forma de vida humana debe ser protegida o merece el calificativo de vida valiosa: la que atente de forma masiva contra otras personas no satisface el umbral del régimen de vitalidad (por ejemplo, grupos terroristas o criminales).

Si bien es evidente que el desarrollo científico en ciertos sectores presenta ventajas superiores a las cuestiones de seguridad que puedan plantearse, el desarrollo mundial de las ciencias biológicas y la bio-

tecnología puede poner a disposición de organizaciones políticas criminales y de terroristas tecnologías y conocimientos de doble uso que permitan a un grupo llevar a cabo atentados biológicos de graves consecuencias. Paralelamente, las enfermedades de origen natural, los accidentes en los laboratorios o la emisión involuntaria de agentes infecciosos o patógenos representan amenazas que también pueden crear problemas en nuestras sociedades y dañar nuestras economías. (Comisión Europea, 2007, p. 3)

El cuidado de sí

Permítasenos mostrar al lector las siguientes imágenes:



Fonte: <http://pacienterenal.general-valencia.san.gva.es/PublishingImages/Entradas/2012/5/SeguridadAsistencial.jpg>



Fonte: <http://www.elmundo.es/elmundosalud/2009/10/19/medicina/1255951383.html>

Todas las campañas publicitarias que se han citado comparten un denominador común: prescribir cómo debemos comportarnos en situaciones de alerta biológica. A la vez tal prescripción se centra en el cuidado que debemos tener con nuestro cuerpo, con la gente de nuestro entorno, y cómo debemos manejarnos en ciertas situaciones sociales para no ponerlo en riesgo.

Sobre la base de los ejemplos expuestos, se puede afirmar que en las dos citas resulta sencillo aprehender las imágenes como la inmanencia o la cara visible del régimen de vitalidad de la bioseguridad. En tal sentido la circulación de este tipo de contenidos en distintos medios cotidianos y accesibles para la población (e.g. la imagen que ilustra una noticia en un periódico digital, la portada de un tríptico informativo, la estampa de un cartel en un centro médico) introducen esta gramática del vivir-en-común en la cotidianidad de un gran abanico de personas y así, el régimen de vitalidad consigue *salir fuera* o traducirse más allá de esferas expertas, técnicas y políticas; expandiendo su acepción acerca de cómo debe entenderse la vida valiosa, la buena vida, o la vida de verdad a un imaginario social más amplio

Conclusiones

La bioseguridad es mucho más que un conjunto de reglas para mejorar la seguridad humana. Constituye un verdadero dispositivo que está transformando nuestra vida cotidiana y nuestras concepciones de la salud, la prevención y el riesgo. Las definiciones que existen de ella insisten en poner el acento sobre el lexema “seguridad”. Enfatizan, así, su papel de mejora y cambio en la misma y su orientación hacia riesgos biológicos que hasta el momento no habían sido considerados. No obstante, todas ellas olvidan que uno de los grandes cambios promulgados por la bioseguridad reside, precisamente, en su prefijo “Bios”.

El “Bios”, en sus prácticas y regulaciones, propone una nueva conceptualización de lo biótico y de la relación que debemos establecer con la vida misma. En ese sentido, consideramos que si de algún modo se puede definir la bioseguridad es como “régimen de vitalidad”. O sea, como un sistema de reglas y prescripciones, una gramática, que delimita qué debe considerarse cómo vida valiosa, susceptible de protección, y qué no.

Dos líneas recientes de investigación han descrito profundas transformaciones en la medicina, impregnándolas de una completa reorganización de nuestra manera de entender la vida y lo vivo. La primera de ellas es la propuesta de Alberto Cambrosio (Cambrosio, Keating, Schilich, & Weisz, 2006) quién ilustran muy bien cómo la medicina se ha convertido en biomedicina y la vida se ha articulado a partir de lo que denomina “plataformas biomédicas”. En ellas lo vivo es atendido a partir de variables bioquímicas y re-estructurado sobre parámetros biométricos muy precisos y establecidos en los laboratorios. En la segunda tenemos todo el trabajo de Nikolas Rose (2007). Estudios que han subrayado cómo las nuevas tecnologías de la información y la comunicación han transformado la medicina, al punto de actuar en el nivel de la vida misma. Su mirada se ha tornado completamente molecular y actúa sobre los mecanismos más básicos que hacen de lo vivo algo diferente de lo inánime.

La bioseguridad como régimen de vitalidad apunta en una dirección similar. Muestra cómo la vida experimenta una re-organización y una reconceptualización en el seno del saber experto sobre amenazas biológicas. Esta vez, sin embargo, a partir de la producción de una gramática del vivir-común que subsiste, en buena medida, por el desarrollo exacerbado de protocolos y guías de actuación médica.

Existen, dos importantes diferencias entre nuestra propuesta y las anteriores. La primera tiene que ver con la atención que prestamos a la materialidad misma de esta re-organización. Aquí sostenemos que algo tan sencillo como un protocolo, un cartel publicitario, un folleto, etc., es el pivoto central de la mencionada rearticulación. Lo que evidencia que las grandes transformaciones de los hospitales o de los centros de salud son importantes en la práctica médica, dado que la transforman generando efectos insospechados.

Por otro lado, los avances en el procesamiento y gestión de la información suponen cambios en los procedimientos de diagnóstico, tratamiento e incluso en la comercialización de productos sanitarios, por lo que no es menos relevante la aparición de pequeños elementos como puede ser una guía o un decálogo de procedimiento, ya que sus efectos son tan profundos y ampliamente transformadores como los anteriores. En ese sentido no deben descartarse a priori y deben formar parte de nuestro análisis social.

La segunda diferencia remite a la diversidad o multiplicidad. Los análisis de Cambrosio y Rose señalan grandes y homogéneas reorganizaciones que afectan por igual a todo el espectro médico. En el caso de la bioseguridad estaríamos ante una realidad diferente. Ésta constituye un régimen que en su materialidad se dispersa y disgrega por una multitud de espacios diversos y utilizando formatos de comunicación y transmisión también muy diferenciados. Mientras que en centros hospitalarios existen protocolos terriblemente complejos, en centros de atención primaria, empresas o establecimiento populares, aparecen fragmentos de los mismos o imágenes que pretenden sintetizar en una mirada rápida su contenido.

Referencias

Ali, H. & Keil, R. (Eds.). (2008). *Networked disease: Emerging infections in the global city*. West Sussex: Wiley-Blackwell.

Anderson, B. (2010). Preemption, precaution, preparedness: Anticipatory action and future geographies. *Progress in Human Geography*, 34(6), 777-798.

Barker, K. (2010). Biosecure citizenship: politicizing symbiotic associations and the construction of biological threat. *Transactions of the Association of British Geographers*, 35, 350-363.

Biosecurity Council (2003). *Tiakina Aotearoa Protect New Zealand: the biosecurity strategy for New Zealand*. Wellington, New Zealand: Autor.

Boletín Oficial del Estado, Gobierno de España. Real Decreto 445/2007, de 3 de abril. 2007. Artículo 6.1. Acceso em [http://www.agrodigital.com/upload/l_01020060114es00160065\[1\].pdf](http://www.agrodigital.com/upload/l_01020060114es00160065[1].pdf)

Braun, B. (2007). Biopolitics and the molecularisation of life. *Cultural Geographies*, 14, 6-28.

Brown, T. (2011). Vulnerability is universal: Considering the place of security and vulnerability within contemporary global health discourse. *Social Science and Medicine*, 72, 319-326.

Cambrosio, A., Keating, P., Schilich, T., & Weisz, G. (2006). Regulatory objectivity and the generation and management of evidence in medicine. *Social Science & Medicine*, 63(1), 189- 199.

Canguilhem, G. (2004). *Escritos sobre medicina*. Buenos Aires: Amorrortu.

Carduff, C. (2008). Anticipations of biosecurity. In A. Lakoff & S. J. Collier (Eds.), *Biosecurity interventions: Global health and security in question* (pp. 257-277). New York: Columbia University Press.

Comisión de las Comunidades Europeas (2007). *Libro verde sobre la preparación frente a amenazas biológicas*. Bruselas: Autor.

Convention on Biological Diversity - CBD. (2011). *Considerations for implementing international standards and codes of conduct in national invasive alien species strategies and plans*. Montreal: Secretariat of the Convention on Biological Diversity, United Nations Environment Programme.

Cooper, M. (2006). Pre-empting emergence: the biological turn in the war on terror. *Theory, Culture and Society*, 23(4), 113-135.

Clark, N. (2002). The demon-seed: Bioinvasion as the unsettling of environmental cosmopolitanism. *Theory, Culture and Society*, 19(1-2), 101-125.

Collier, S. J., Lakoff, A., & Rabinow, P. (2004). Biosecurity. Towards an anthropology of the contemporary. *Anthropology Today*, pp. 20(5), 3-7.

Cooper, M. (2006). Pre-empting emergence: The biological turn in the war on terror. *Theory, Culture and Society*, 23(4), 113-135.

Dillon, M. & Lobo-Guerrero, L. (2008). Biopolitics of security in the 21st century: An introduction. *Review of International Studies*, 34, 265-292.

Dobson, A., Barker, K., & Taylor, S. L. (2013). *Biosecurity, the Socio-Politics of invasive species and infectious diseases*. New York: Routledge.

Donaldson, A. (2008). Biosecurity after the event: Risk politics and animal disease. *Environment and Planning A*, 40(7), 1552-1567.

Directiva 2005/94/CE del Consejo de la Unión Europea. (2005, 20 diciembre). Acceso en http://www.magrama.gob.es/es/ganaderia/legislacion/1_tcm7-5819.pdf

European Union - EU. (2002). Reglamento (CE) No. 178/2002 del Parlamento Europeo y del Consejo, de 28 de enero de 2002. *Official Journal of the European Communities*, L. 31, pp. 1-24.

¿Qué es la bioseguridad? Lo biótico y los regímenes de vitalidad

Fish, R. et al. (2011). Uncertainties in the governance of animal disease: An interdisciplinary framework for analysis. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, 366, 2023-2034.

Foucault, M. (2006). *Seguridad, territorio y población*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Foucault, M. (2007). *El nacimiento de la Biopolítica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

French, M. A. (2009). Women of war-time fabrics: The globalization of public health surveillance. *Surveillance and Society*, 6(2), 101-115.

Gobierno de España (2007). *Normas de Higiene y Recomendaciones para la Prevención y Control de Enfermedades Transmisibles en Instituciones Penitenciarias*. Acceso en http://www.institucionpenitenciaria.es/web/export/sites/default/datos/descargables/descargas/Manual_Higiene.pdf

Gobierno de España, Departamento de Seguridad Nacional (2013). *Qué es la Seguridad Nacional*. Acceso en <http://www.dsn.gob.es/es/sistema-seguridad-nacional/qu%C3%A9-es-seguridad-nacional>

Greenpeace. (2010). *Efectos de los transgénicos para el medio ambiente*. Acceso en <http://www.greenpeace.org/espana/es/Trabajamos-en/Transgenicos/Transgenicos/Problemas-de-los-transgenicos/Efectos-de-los-transgenicos-para-el-medio-ambiente/>

Hinchliffe, S. (2001). Indeterminacy in-decisions: Science, policy and politics in the BSE (bovine spongiform encephalopathy) crisis. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 26, 184-204.

International Union for Conservation of Nature - IUCN. (2000). *Guidelines for the prevention of biodiversity loss caused by alien invasive species*. Gland, Switzerland: Author.

Knaapen, L., Cazeneuve, H., Cambrosio, A., Castel, P., & Fervers, B. (2010). Pragmatic evidence and textual arrangements: A case study of French clinical cancer guidelines. *Social Science & Medicine*, 71(4), 685-692.

Lakoff, A. & Collier, S. (2008). *Biosecurity interventions: Global health and security in question*. New York: Columbia University Press.

Lentzos, F. & Rose, N. (2009). Governing insecurity: Contingency planning, protection, resilience. *Economy and Society*, 38(2), 230-254.

López Herrera, A. (2008). Biotecnología y biodiversidad agrícola en México. *Artículos y Ensayos de Sociología Rural*, 5, 20-29.

Lo Yuk-Ping, C. & Thomas, N. (2010). How is health security issue? Politics, responses and issues. *Health Policy and Planning*, 25(6), 447-453.

Mather, C. & Marshall, A. (2011). Biosecurity's unruly spaces. *The Geographical Journal*, 177(4), 300-310.

Reglamento CE 851/2004 del Parlamento Europeo y del Consejo, de 21 de abril de 2004, por el que se crea un Centro Europeo para la Prevención y el Control de las Enfermedades. Acceso en <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/ES/TXT/?qid=1467328741650&uri=CELEX:32004R0851>

Rose, N. (2007). *The Politics of Life Itself: Biomedicine, power, and subjectivity in the Twenty-First Century*. Princeton: Princeton University Press.

Sackett, D. L., Rosenberg, W. M., Gray, J. A., Haynes, R. B., & Richardson, W. S. (1996). Evidence based medicine: what it is and what it isn't. *BMJ:British Medical Journal*, 312(7023), 71-72.

Sparkle, M. (2009). On denationalization as neoliberalisation: Biopolitics, class interest and the incompleteness of citizenship. *Political Power and Social Theory*, 20, 287-300.

Timmermans, S. & Berg, M. (1997). Standardization in Action: Achieving Local Universality through Medical Protocols. *Social Studies of Science*, 27(29), 273-305.

Tirado, F., Gálvez, A., & Castillo, J. (2012). Movimiento y regímenes de vitalidad. La nueva organización de la vida en la biomedicina. *Política y Sociedad*, 49(3), 571-590.

Thevenot, L. (2009), Biens et réalités de la vie en société. Disposition et composition d'engagements pluriels. En M. Breviglieri, C. Lafaye y D. Trom (Eds.). *Compétences critiques et sens de la justice* (pp. 37-55). Paris: Economica.

Tomlison, I. & Potter, C. (2010). "Too Little, too late"? Science, policy and Dutch elm disease in the UK. *Journal of Historical Geography*, 36(2), 121-131.

¿Qué es la bioseguridad? Lo biótico y los regímenes de vitalidad

UNFAO. (2007). *FAO biosecurity toolkit*. Rome: FAO.

Van Loon, J. (2002). *Risk and technological culture*. London: Routledge.

Wallace, R. (2009). Breeding influenza: The political virology of offshore farming. *Antipode*, 41(5), 916-951.

World Health Organization - WHO. (2008a). *International health regulations: Guidance for national policy-makers and partners*. Acceso en www.who.int/ihr/lyon/WHO_CDS_EPR_IHR_2007_2EN.pdf

World Health Organization - WHO. (2008b). *Communicable disease alert and response for mass gatherings*. Acceso en http://www.who.int/csr/Mass_gatherings2.pdf?ua=1

World Trade Organization - WTO. (2008). *Understanding the WTO Agreement on Sanitary and Phytosanitary Measures*. Acceso en www.wto.org/english/tratop_e/sps_e/spsund_e.htm

Zylberman, P. (2013). *Tempêtes microbiennes. Essai sur la politique de sécurité sanitaire dans le monde transatlantique*. Paris: Gallimard.

Sobre os autores

Andrés Gomez Seguel é pesquisador da Universidad Autónoma de Barcelona - Programa Juan de la Cierva. É doutor em Sociologia pela Universidad del País Vasco (España) com estágio pós-doutoral na University of California, San Diego. USA. Magíster (DEA) en Sociología y Ciencias Políticas (2001, Universidad del País Vasco-Euskal Herriko Uniberstitatea). Licenciado en Antropología (1998, Universidad de Chile).

Arthur Arruda Leal Ferreira é doutor em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Realizou estágio pós-doutoral na UNED (Madrid) em 2010 sobre História da Psicologia e na Universidad Janveriana (Bogotá) em 2014 sobre Produção de Subjetividade. É professor associado I da Universidade Federal do Rio de Janeiro, participando dos programas de Pós-Graduação em Psicologia (UFRJ), Psicologia Clínica (UFF) e em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992) e graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988). Bolsista de produtividade CNPq.

Cleci Maraschin é mestre doutora em Educação (1987 e 1995) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo realizado estágio pós-doutoral na Universidade de Wisconsin-Madison/EUA. Atualmente é professora colaboradora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, credenciada como docente e orientadora nos Programas de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional e em Informática na Educação.

Édio Ranieri da Silva é doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Professor de Psicologia Social no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

Enrique Baleriola é doutor em Psicología Social pela Universidade Autônoma de Barcelona (Persona y Sociedad en el Mundo Contemporáneo). É licenciado em Psicologia pela Universidade de Almería e Consultor, técnico e pesquisador na Universidade Autônoma de Barcelona - Departamento de Psicología Social.

Ekain Payán Ellacuría é bolsista da Universidade de Deusto (Cátedra Derecho y Genoma Humano).

Francisco Javier Tirado Serrano é doutor em Psicologia Social pela Universidad Complutense de Madrid - UCM (1977). Especialista em análise da relação entre ciência, tecnologia e sociedade. É professor titular de Psicologia Social da Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha) e integrante do *Barcelona Science and Technological Studies Group* (STS-b). Seus interesses de investigação estão voltados para a análise do impacto da biomedicina e dos dispositivos de biossegurança em nossa vida cotidiana. Catedrático de Arquitectura y Tecnología de Computadores. Licenciado em Ciências Físicas pela UCM (1973).

Frédéric Keck estudou filosofia na Ecole Normale Supérieure da Universidade Lille III e antropologia na Universidade da Califórnia.

nia, Berkeley. Publicou uma série de trabalhos sobre a história da antropologia francesa nas suas relações com a filosofia (Comte, Lévy-Bruhl, Durkheim, Bergson, Levi-Strauss). Depois de ingressar no CNRS em 2005, ele realizou estudos etnográficos de crises de saúde ligados às doenças animais: “Suína”, BSE, SARS, gripe “pássaro”. Seus trabalhos, situados no cruzamento da história da ciência, sociologia do risco e da antropologia da natureza, são em geral voltados aos padrões de “biossegurança”, aplicados aos seres humanos e animais, e as formas de antecipação que eles produzem contra desastres ambientais e de saúde. Desde 2014 dirige o Departamento de pesquisa e ensino do Museu do Quai Branly.

Iñigo de Miguel Beriain é doutor em Direito pela Universidade Nacional de Educação a Distância – UNED, Madri (2003), tendo complementado sua formação na Universidade de Pisa (Italia). É pesquisador da Cátedra interuniversitaria de Direito e Genoma Humano - Universidade de Deusto e Universidade do País Basco. Atualmente é professor nos cursos de Especialização em Biodireito, em Direitos Humanos, em Imigração e no Mestrado de Comitês de Ética da UNED.

Jose A. Cañada é doutorando em Ciências Sociais pela Universidade de Helsinki. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona. Pesquisador do Ministério da Economia e Competitividade da Espanha, atuando no projeto *Salud y tecnociencia: La participacion ciudadana en los procesos de apropiacion social del conocimiento y de diseño tecnológico*.

José Luis González Quirós é licenciado e doutor em Filosofia pela Universidade Complutense, Madri (1986). Atualmente é professor titular da Universidade Rey Juan Carlos, área de Filosofia, Departamento de Ciências da Educação, linguagem, cultura e artes. Participa do Seminário de Investigação da Escola Contemporânea de Humanidades (ECH,) em Madrid.

Luis Artur Costa é doutor pelo Programa de Doutorado Interdisciplinar do PPGIE - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou estágio de doutoramento sanduíche (CAPES) no departamento de Psicologia Social da Universidade Autônoma de Barcelona (2010-2011). Mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. Professor Adjunto do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) da UFRGS. Colaborador no Centro de Referência em Direitos Humanos NUPSEX. Colaborador no Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas (NUCOGS). Colaborador no grupo de pesquisa Corpo, Arte e Clínica.

Marcos Adegas de Azambuja é mestre e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006 e 2012), com período de doutorado sanduíche na London School of Economics (LSE). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Santa Maria e desenvolve pesquisas no campo da produção da subjetividade, saúde mental, neurociências e políticas públicas.

Neuza Maria de Fátima Guareschi é mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991) e doutora em Educação pela University of Wisconsin-Madison (1998). Realizou pós-doutorado no Institute of Education na University College of London (2014). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordena o grupo de pesquisa Estudos Culturais e Modos de Subjetivação e o Núcleo E-politics - Estudos em Políticas e Tecnologias Contemporâneas de Subjetivação. Desenvolve estudos na linha de pesquisa Políticas Públicas, Trabalho, Saúde e Produção de Subjetividade.

Pedro Torrejón Cano é doutor em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona.

Tiago Melgarejo do Amaral Giordani é mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2010). Atualmente é docente do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realiza Doutorado (Bolsa Capes) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisa, principalmente, os temas nomadismo, biossegurança, subjetividade e políticas públicas.

Sergio Flores Carrasco é doutor em Ciências Biomédicas pela Universidade do Chile (2005). Atualmente é Diretor Acadêmico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade do Chile.

Swen Seebach é doutor pelo Programa de Doutorado Sociedade da informação e do conhecimento da *Universitat Oberta de Catalunya* – UOC (2013). É pesquisador do Programa Juan de la Cierva, da UAB. Suas investigações se voltam ao estudo das dinâmicas e relações sociais, das emoções e da moral, e ao estudo de novas formas de governamentalidade vinculadas com epidemias, terrorismo e outros campos que geram uma política da emergência.